

# Itaytera

“Inaugurada a Vila (Crato), foram logo criados, para o fim de administrar a justiça, os dois primeiros juizes, cuja escolha recaiu nas pessoas do capitão Francisco Gomes de Melo e do índio José Amorim, prova que os ex-missionários capuchinhos, realmente iam se tornando aptos à colaboração com os brancos, na administração da pequena comunidade que todos haviam criado, num período de 25 anos. Criou-se também, um corpo de cavalaria, cujo comando coube ao coronel Antônio Lopes de Andrade. O cargo de capitão-mor, deteve-o Arnaud de Holanda Correia, de Recife, parente e coevo do principal fundador da atual cidade de Missão Velha, capitão João Correia Arnaud.

“Assim, evoluiu, no campo político, a Missão que Frei Carlos Maria de Ferrara, fundara” (Padre Antônio Gomes de Araújo).

N.º 15

ANO 1971

# Thomaz Osterne de Alencar S. A.

COMÉRCIO - INDÚSTRIA - AGRICULTURA

RÁDIOS

RADIOFONES.

LIQUIDIFICADORES

CONJUNTOS PARA SALA E COPA

MÁQUINAS DE COSTURA

ESCREVER

E

LAVAR ROUPA

E

UMA INFINIDADE DE BONS ARTIGOS

PARA O CONFORTO DO SEU LAR !!!

*TELEVISORES DAS MELHORES MARCAS*

MOTORES E MOTO-BOMBAS - MÁQUINAS FORRAGEIRAS

E DE DESCASCAR ARROZ - UM MUNDO DE ARTIGOS

PARA USO NA AGRICULTURA E NA INDÚSTRIA !

*MATERIAL ELÉTRICO EM GERAL*

M A T R I Z :

RUA Dr. JOÃO PESSOA Ns. 405/419 — TELEFONE : 583

F I L I A L :

RUA BÁRBARA DE ALENCAR N.º 796 — TELEFONE : 505

TELEGRAMA : "O S T E R N" — CAIXA POSTAL, 16

O MAIS BEM ORGANIZADO SISTEMA DE

CREDIÁRIO NO INTERIOR NORDESTINO

N. 15 - ANO 1971

**I  
T  
A  
Y  
T  
E  
R  
A**

CRATO — CEARÁ

**DIRETORIA**

DO

**INSTITUTO CULTURAL DO CARIRI  
ELEITA PARA O ANO SOCIAL ENTRE  
OUTUBRO DE 1970 A 1971**

**PRESIDENTE :**

**JOSÉ ALVES DE FIGUEIREDO FILHO**

**VICE-PRESIDENTE :**

**PE. ANTÔNIO GOMES DE ARAÚJO**

**SECRETÁRIO GERAL :**

**JOÃO LINDEMBERG DE AQUINO**

**2.º SECRETÁRIO :**

**ZULEIKA PEQUENO DE FIGUEIREDO**

**TESOUREIRO :**

**ANTÔNIO CORREIA COELHO**

**COMISSÃO DA REVISTA "ITAYTERA" :**

**J. DE FIGUEIREDO FILHO**

**PE. ANTÔNIO GOMES DE ARAÚJO**

**J. LINDEMBERG DE AQUINO**

**COMISSÃO DE CIÊNCIAS, LETRAS E ARTES :**

**DR. RAIMUNDO DE OLIVEIRA BORGES**

**PROF. JOSÉ NEWTON ALVES DE SOUSA**

**DR. JEFFERSON DE A. E SOUSA**

**COMISSÃO DE SINDICÂNCIAS :**

**DR. JOSÉ DE PAULA BANTIM**

**PROFA. EDMÉIA ARRAIS DE ALENCAR**

**PROFA. MARIA DE LOURDES ESMERALDO**

**SÓCIOS QUE TOMARAM POSSE EM  
CADEIRA COM PATRONO, NA  
SECÇÃO DE LETRAS :**

**N.º 1 — João Lindemberg de Aquino**

**PATRONO — Padre Iblapina**

**N.º 2 — Dr. Raimundo de Oliveira Borges**

**PATRONO — Bruno de Menezes**

**N.º 3 — J. de Figueiredo Filho**

**PATRONO — José Alves de Figueiredo**

**N.º 4 — Profa. Edméia Arraes de Alencar**

**PATRONO — Alexandre Arraes de Alencar**

**N.º 5 — Profa. Maria de Lourdes Esmeraldo**

**PATRONO — Mons. Pedro Esmeraldo**

**N.º 6 — Pe. Antônio Gomes de Araújo**

**PATRONO — Irineu Nogueira Pinheiro**

**N.º 7 — Cap. Otacílio Anselmo e Silva**

**PATRONO — Barbosa de Freitas**

**N.º 8 — Prof. José Newton Alves de Sousa**

**PATRONO — Álvaro Bomilcar**

**N.º 9 — Mons. Rubens Gondim Lóssio**

**PATRONO — D. Francisco de Assis Pires**

**N.º 10 — Tomé Cabral**

**PATRONO — Pe. Emílio Leite Cabral**

**N.º 11 — Pedro Gomes de Matos**

**PATRONO — Raimundo Gomes de Matos**

**SECÇÃO DE CIENCIA :**

**N.º 1 — Dr. Napoleão Tavares Neves**

**PATRONO — Dr. Barreto Sampaio**

# ÍNDICE

Pág.

15 Anos de Luta .....	3
Necrológio de Ilustre Vulto do Crato .....	4
Posse do Escritor — Pedro Gomes de Matos .....	9
Gomes de Matos: O Advogado Que Marcou Época .....	13
Um Grande Cratense — Francisco José de Macêdo .....	29
Carta Sôbre "Patativa do Assaré" .....	30
Aspectos Interioranos .....	31
Reflexões .....	32
Psiquismo Hermafrodita .....	33
Guerras Platinas no Segundo Reinado — Projeção de Caxias na Guerra Contra o Governo do Paraguai .....	37
Os Lanceiros Negros Farroupilhas e a Abolição .....	54
A Divina Comédia, O Cruzeiro do Sul e Os Lusíadas .....	57
Alguns Aspectos do Artesanato e da Arte Popular no Cariri .....	65
Sôbre Euclides da Cunha .....	75
Estórias para a História .....	77
A Propósito de José de Alencar .....	79
Relembrando o Tempo de Lampião .....	82
Cariri Sob Diversos Aspectos .....	84
Antroponímia Patriótica da Independência .....	92
Antigos Inventários do Crato — Francisco Leão da Franca Alencar (I) Prece à Solidão .....	94
De Veríssimo de Melo a Otacílio Anselmo e Silva .....	96
De Veríssimo de Melo a Otacílio Anselmo e Silva .....	98
Euclides da Cunha, um Civilizador do Sertão .....	101
Um Sertanejo — Um dos Maiores Soldados do Brasil .....	111
Monsenhor Rocha .....	119
Discurso do Superintendente da SUDENE em Crato .....	121
Coisas de Ontem e de Hoje .....	125
Nertan Macêdo Enfrenta a Tentaçào do Romance .....	131
Academia Tem Nôvo Imortal .....	136
Folguêdos Infantis .....	137
Livros da Minha Estante .....	138
Mistérios dos Mistérios do Universo .....	141
Patrimônios de Capelas .....	147
O Granja, Seu Dudu e os primeiros automóveis chegados a Crato .....	151
Debandada Geral .....	157
Fran Martins e o Crato .....	161
Contribuição do Cariri Cearense à Historiografia do Nordeste .....	165
Os Vales do Sul do Estado e a Serra do Araripe .....	185
Euclides e o Sertão .....	196

CONTABILIDADE

**Francisco Hélio de Sousa**

CONTABILISTA

Contabilidade em Geral

Escritório:

Rua Cel. Luís Teixeira, 1111

Telefone: 678

CRATO-Ceará

**Cooperativa de Crédito Caixeiral do Crato Ltda.**

CERTIFICADO DE AUTORIZAÇÃO B. C. B. N.º 316

END. TELEGRÁFICO : CAIXEIRAL

REGISTRO DACOR N.º 9

CRATO - CEARÁ

Capital subscrito e realizado . . . . Cr\$ 71.887,26

Reservas . . . . . Cr\$ 26.320,18

RUA BÁRBARA DE ALENCAR

ESQUINA COM

TELEFONE: 340

RUA Dr. JOÃO PESSOA

# Enfim, chegámos!

## Cerâmica Noronha S. A.



### DIRETORIA :

Dir. Presidente	-	FRANCISCO MARTINI
Dir. Vice-Presidente	-	JOSÉ FERNANDES DE CARVALHO
Dr. Industrial	-	OSCAR MARTINI
Dir. Comercial	-	FRANCISCO A. DE CARVALHO NETO
Dir. Financeiro	-	RAIMUNDO FERNANDES CARVALHO
Dir. Secretário	-	WALDOMIRO GIRARD JACOB
Conselho Fiscal	-	CRESTES COSTA ERNANI BRÍGIDO E SILVA MACÁRIO DE BRITO MONTEIRO

Colaboração : PREFEITURA MUNICIPAL DO CRATO

SUDENE

BANCO DO NORDESTE DO BRASIL S.A.

COMP. DO DESENVOLVIMENTO ECONÓMICO DO CEARÁ

DEPTO. AUTÓNOMO DE ESTRADAS DE RODAGEM

desgraçados mortais, amparando-os sempre.

Tais qualidades que lhe eram naturais e as manifestava, cada dia, nos seus atos, sem artifícios nem subterfúgios, fizeram-no figura respeitabilíssima na vasta zona do Cariri, onde seu nome era, com justa razão, circundado por uma auréola de intensa simpatia pública, se o acatando como a um nome tutelar.

Só teve uma religião — a do trabalho — ao pé de cujos altares viveu genuflexo, sem se preocupar absolutamente com os acontecimentos de além túmulo.

Senhor e possuidor de poucas letras, mas muito inteligente, observava êle, com argúcia, os fenômenos do Cosmos, ou das leis que regem o Universo, concluindo por si mesmo, no meio rude em que vivia, que a morte é o termo definitivo da nossa existência e que, depois dela, nada mais há...

Sem nunca ter lido autores importantes ou ouvido falar sequer nos vários sistemas da Filosofia, que ilustram os homens e os separam, colocando-os em pontos de vista diferentes, no tocante ás nossas crenças, o illustre varão nasceu e criou-se ateuista, materialista puro, traduzindo com expressões próprias, muito suas, conceituações elevadas, como aquela de Lavoisier — “de que nada se perde, nada se cria, tudo se transforma na natureza”.

Isso, não obstante descender de pais e avós sabidamente católicos, tementes a Deus.

Dotado de apurada educação doméstica, exibindo um cavalheirismo a antiga, o Coronel Nelson da Franca Alencar era da têmpera do “antes quebrar do que torcer”; tinha palavra de rei, a qual uma vez proferida, valia mais do que escrituras de hipoteca.

Falava pouco, expendendo conceito ligeirissimo sôbre os assuntos que tinha em discussão.

Dizendo ‘sim’ ou ‘não’, era de todo inútil insistir para modificá-lo de seu propósito.

Muitas vêzes sua fortuna, adquirida com esforço e sóbria economia, sofreu notáveis desfalques, que podia perfeitamente evitar, porque em tempo era advertido sôbre certos compromissos assumidos verbalmente.

Porém, não, preferia perder, a faltar ao prometido.

Narram-se, no tocante a êste traço do seu caráter, feito de ouro de lei, vários casos atestadores dessa afirmação e sobremodo interessantes.

Figura de real relêvo e de grande prestígio moral, seu aprasível sítio “Lameiro”, a três quilômetros de distância daquela cidade, encravado no sopé da serra do Araripe, foi durante seu longo viver, nas grandes convulsões políticas do Cariri, nos seus diversos movimentos armados, uma espécie de Suíça inatacável, um território sagrado, onde ja-

mais faltou acolhida a quem quer que precisasse se acautelar de uma injustiça ou ameaça emanada das autoridades arbitrárias.

Nos fastos da história do Crato, não consta que diligências judiciárias ou policiais tenham penetrado, algum dia, na formosa herdade que é conhecidíssima pela gente da região não só, como pela legião de viajantes que foram levados até ali por seus interesses.

Em 1903, quando no Crato travou-se forte tiroteio de três dias entre centenas de combatentes para a fragorosa deposição do Coronel José Belém de Figueiredo, que era chefe político de vasta fama e terceiro vice-presidente do Estado, o "Lameiro" foi o abrigo protetor e seguro de muitas famílias que lá chegaram correndo apavoradas e lá se mantiveram até que se restabelecesse a ordem, quase um mês depois.

Cena idêntica repetiu-se em 1914, quando as hostes de Juazeiro, sob o comando do Dr. Floro Bartolomeu, visando a derrubada do então presidente do Estado, Coronel Marcos Franco Rabelo, puseram cerco à cidade, dominando as tropas legais após 24 horas de luta.

Nunca pediu favores a ninguém, não obstante os prestar vêzes inúmeras. Não fazia passeios nem visitas a quem quer que fôsse, nem mesmo aos parentes próximos; nunca foi visto

tomando parte em manifestações de qualquer feitio; nunca se o viu penetrar numa igreja.

Habituará-se no "Lameiro", onde nasceu e onde, ao pé de frondosa mangueira, que lá existe, ao lado direito da boa vivenda, desejava ser sepultado.

Por tais razões e outras, chamavam-no de — esquisito.

Vai para cinco anos, cego, viúvo e assim ateu, morando só num casarão onde reinava a monotonia, num momento de neurastenia forte, tentou contra a existência.

Sem ter nascido de pais alcaides, sem ter soltado os primeiros vagidos no berço de púrpura dos príncipes, foi êle, todavia, com uma conduta assim ilibada, inatacável, debaixo de qualquer aspecto, o tipo representativo do fidalgo, portador de maneiras distintas que não são peculiares aos que vivem na labuta áspera do campo.

O O POVO, tomado de reverencial respeito à borda da sepultura que se abriu para recolher o corpo do cidadão verdadeiramente benemérito que foi o Coronel Nelson, envia sentidas condolências à sociedade cratense e à família do malogrado extinto, notadamente ao seu digno filho, Sr. Aderson da Franca Alencar e Dr. Antônio de A Araripe, casado com uma sua neta.

(Transcrito d'O POVO de 16 Setembro de 1933, de Fortaleza pelo JORNAL DO COMÉRCIO, do Rio, de 19 de Out. de 1933).

# 15 anos de luta

Circula "ITAYTERA", pela 15a. vez, em edição com média de 200 páginas. É prova de vitalidade bem exuberante e que, cidade encravada em pleno interior nordestino, pode desenvolver-se intelectualmente, como qualquer outra do litoral, guardando-se as devidas proporções.

Nossa revista começou vitoriosa, sendo recebida com os maiores aplausos nos centros mais cultos do país. Seus números posteriores não nos fizeram vergonha. Penetraram no exterior até por pedidos diretos de grandes bibliotecas e de universidades, incluindo as principais dos Estados Unidos da América.

O intercâmbio com as entidades culturais do Brasil assume proporções avultadas e através de nossas páginas, trazemos transcrições, que nos enaltecem, como podemos ver frequentemente.

Não só a revista coloca o Instituto Cultural do Cariri, no setor intelectual a estender-se pelo Brasil afora e até no exterior. Cumprimos fielmente os Estatutos. Para demonstrarmos isso, tomamos a liberdade de transcrever trecho do relatório que foi enviado ao Ministério da Educação e Cultura pelo atual presidente do I.C.C.

"O ano social que passou, apesar de calamitoso para a Zona, em consequência da sêca, foi dos mais profícuos, em atividades, no Instituto Cultural do Cariri. Continuamos o mesmo ritmo de trabalho dos anos anteriores, mesmo arrostando as dificuldades da hora presente.

A nossa Biblioteca foi enriquecida com valiosas doações de livros, sobressaindo-se a Biblioteca que pertenceu ao escritor cratense Manuel Monteiro, falecido em Fortaleza, onde residia.

Consta a mesma de dois mil volumes, incluindo obras de autores clássicos gregos, latinos, franceses, ingleses, italianos, portugueses e brasileiros. Mas, nos chegaram também livros de autores atuais, adquiridos por compra, ou presenteados pela Universidade Federal do Ceará, Instituto Nacional do Livro, Conselho Estadual de Cultura de São Paulo, Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais de Recife, e Faculdade de Filosofia do Crato.

O Museu do Crato, por nós fundado, conforme convênio firmado com a Prefeitura Municipal, tem, agora, como sede, edifício condigno, onde antigamente funcionava a Municipalidade. Foi ali instalado e inaugurado

# Necrológio de ilustre vulto do Crato

## Faleceu, no Crato, o Coronel Nelson da Franca Alencar

### *Ligeira Biografia dêsse Valoroso Patriarca do Cariri*

Anteontem, pelas 12 horas, no seu sítio "Lameiro", no município do Crato, entre pesarasas homenagens do povo e as bênçãos de quantos com êle tiveram a felicidade de privar mais de perto, conhecendo a grandeza extraordinária de seus sentimentos, o primor de suas virtudes, seu espírito de renúncia pelas coisas terrenas, sua prestimosidade incomparável que a todos cativava ao primeiro encontro, sua modéstia encantadora, desapareceu do renque dos vivos, o mais venerando cidadão da tradicional estirpe dos Alencares, talvez a maior do Brasil, espa-

lhada por todos os recantos do país, tendo dois fortes núcleos, no Ceará e em Pernambuco.

A morte o colheu na idade propecta de mais de oito décadas, após uma existência verdadeiramente edificante pelos exemplos quotidianos de uma austeridade sem par, de uma bondade incomum entre os indivíduos egoístas de hoje, que só têm estômago, de uma honestidade que nunca, em instante algum, foi objeto de mínima dúvida entre os contemporâneos, de uma simplicidade evangélica, que o fazia comunicar atenciosamente com os mais humildes, com os mais

---

na nova sede em 7 de Setembro do ano passado. Agora é das instituições culturais mais visitadas da Cidade.

Convém frisar que os militantes no Jornalismo local, sócios do Instituto Cultural do Cariri, deram o máximo de cooperação em defesa dos flagelados, na última seca, destacando-se o Presidente do Clube de Imprensa do Crato, jornalista J. Lindemberg de Aquino, nosso Secretário Geral.

Essa campanha estendeu-se ao movimento para a distribuição de sementes aos trabalhadores

rurais, sem recursos, no reinício das chuvas.

Editamos no ano de 1970 o 14o. número da nossa revista "TAYTERA", com mais de duzentas páginas, e, com repercussão em todos os meios cultos do Nordeste e do próprio país.

O Presidente do Instituto Cultural do Cariri lançou o livro, de caráter folclórico, "PATATIVA DO ASSARÉ" edição da Imprensa Universitária do Ceará, comentários à obra poética de um dos maiores versejadores populares do Nordeste atual".

# Pedro Gomes de Matos

Foi das mais brilhantes a cerimônia de posse do escritor Pedro Gomes de Matos, na cadeira que tem como patrono o seu tio — Dr. Raimundo Gomes de Matos, dos mais brilhantes advogados que o Ceará possuiu e filho de Crato. Após jantar, no Crato Tênis Clube, realizou-se a sessão solene, no salão Nobre da Faculdade de Filosofia, gentilmente ofertado pelo diretor daquela Escola, Prof. José Newton Alves de Sousa, socio efetivo do I. C. C. O salão estava repleto de famílias e estudantes. A reunião foi presidida pelo vice-presidente do instituto Cultural, em virtude do presidente J. de Figueiredo Filho ter de pronunciar o discurso de saudação ao novo sócio efetivo. Após a leitura da ata anterior de outra reunião extraordinária, o pequeno Coral São João Bosco exibiu-se com vários números, sob a direção da Professora Divani Cabral, hoje tão conhecido, em todo o Nordeste. Serviu como secretário, J. Lindemberg de Aquino. Publicamos os dois discursos, o de saudação e o do novo sócio a ocupar a cadeira N.º 11 :

Como prelúdio de meu discurso de saudação ao ilustre conterrâneo, que toma posse da Cadeira número 11, que tem como Patrono o escritor Raimundo Gomes de Matos, preciso dar-lhe os traços biográficos e bibliográficos, já que abandonou nossa terra, muito cedo:

“Pedro Gomes de Matos nasceu em Crato, a 12 de Maio de 1909, filho de Pedro Gomes de Matos e Josefina Pedroso de Matos. Fêz o curso de humanidades no Colégio São João, de Fortaleza, matriculando-se, em seguida, na Faculdade de Farmácia e Odontologia do Ceará, da qual recebeu o título de farmacêutico a 13 de Dezembro de 1948. Escolhido orador da turma, discorreu sobre “O PA-

DEL SOCIAL DO FARMACÊUTICO”. Estudou por esforço próprio. Quando acadêmico, redatoriu a revista “POLIMÁTICA”, órgão do DIRETÓRIO ACADEMICO RAIMUNDO GOMES, em cujas páginas versou assuntos atinentes à Química, à Farmácia e à Biologia. Iniciou a vida profissional na cidade de Maranguape, onde é proprietário da FARMÁCIA SANTA TERESINHA. Exerceu as funções de Inspetor Escolar no governo do Desembargador Faustino de Albuquerque.

Em 1953, deu a lume “CAPISTRANO — VIDA E OBRA DO GRANDE HISTORIADOR” trabalho premiado em 1o. lugar no Concurso instituído pela Lei n.º 1.869 de 2 de Ju-

lho de 1953. Teve como concorrente, com um ensaio bibliográfico, o Dr. Hélio Viana, renomado mestre de História Nacional, cujo trabalho, também premiado, foi posteriormente publicado pelo SERVIÇO DE DOCUMENTAÇÃO DO MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO.

A Comissão Julgadora foi constituída pelo Sr. Barbosa Lima Sobrinho (Relator) e os professores José Honório Rodrigues, Marcus Carneiro Mendonça, Pedro Calmon, Edgardo de Castro Rabêlo e Américo Jacobina Lacombe (voto vencido).

**PUBLICAÇÕES: FITOTERAPIA** (Separata da revista POLIMÁTICA) 1948; **AFRO TAVARES CAMPOS** (O Homem e Descendência), 1956; **O ENSINO NOS DESTINOS DA NACIONALIDADE** (Oração de Paraninfo), 1957; **MARANGUAPE** (Aspectos Históricos-Geográficos), 2a. edição, 1966; **RODRIGUES DE ANDRADE** (Conferência), 1968; **GOMES DE MATOS — TRAÇOS E EPISÓDIOS DE SUA VIDA** (Conferência), 1969; **A POESIA EMOCIONAL DE PEDRO MA-VIGNIER** (Ensaio), 1970.

É membro da Associação Cearense de Imprensa; da Associação Cearense dos Jornalistas do Interior; da Sociedade Capistrano de Abreu e da Academia Cearense de Letras (sócio correspondente).

Recusou convite para ocupar uma cadeira no Instituto do Ceará.

Com a tese a **IMPRESA COMO ATIVIDADE JORNALÍSTICA** obteve diploma de JORNALISTA, pelo Instituto Cultural Monteiro Lobato.

É correspondente da Rádio Uirapurú e dos **DIÁRIOS ASSOCIADOS** de Fortaleza.

Em 1938, casou com Salaberga

Torquato Gomes de Matos. Filhos: Lúcia, Ângela, Ofélia, Carmem, Maria das Graças, Pedro e Raimundo Gomes de Matos".

Srs. e Sras. Caros consócios do Instituto Cultural do Cariri;

O Instituto Cultural do Cariri é entidade eminentemente dinâmica. Tem por finalidade a difusão da cultura no Cariri, dentro de suas fronteiras e mobilizar todos os seus valores quer vivam em nosso meio ou fora dêle em tórno do engrandecimento desta terra. Não cultuamos o bairrismo estreito. Nosso setor principal de combate, mesmo com os defeitos que possuímos, é o da inteligência. Na revista "ITAYTERA", mobilizamos até os escritores filhos de outras paragens para êsse movimento renovador, que se passa nestes Cariris Novos e começa êle a chamar a atenção dos ambientes mais evoluídos de fora.

Nossa revista não é fechada, especialmente para o conterrâneo que reside em outras terras. É laço indestrutível que une a todos os que nasceram nestes pés de serras do Araripe e que beberam a água do Granjeiro ou alimentaram-se com a carne vegetal do piqui, ou mesmo daqueles que sentiram a hospitalidade acolhedora do caririense. Pedro Gomes de Matos, escritor primoroso, observador de escol, jornalista, colaborador, dos bons, de "ITAYTERA", enterrou o umbigo nestes rincões. Reside na simpática cidade de Maranguape onde constituiu família com neta de cratense. A farmácia é campo fecundo de observações e, em breve, escrevia na imprensa. Não custou a tornar-se escritor de primeira, surgindo vencedor, no país inteiro, com o lançamento da biografia do maior historiador nacional, Capistrano de Abreu, nascido em Maranguape.

Pedro Gomes de Matos ainda de-

dicou-se a muitos estudos biográficos e fez belo e oportuno estudo de sua cidade adotiva. Veio a Crato, revê-lo após vários anos de ausência, a fim de ocupar a cadeira que tem por patrono seu tio, outro eminente filho destas plagas — o inesquecível advogado — Raimundo Gomes de Matos. O Patrono da Cadeira N.º 11 estava vinculado ao Instituto Cultural do Cariri. Em 1955, sob seu patrocínio, por ocasião do Centenário do periódico "O ARARIPE", fez, em Crato, bela e bem fundamentada palestra sobre o seu fundador e dirigente — o jornalista e historiador João Brígido dos Santos. A conferência, muito viva, com frequência desusada, se deu no salão de honra da Associação dos Empregados no Comércio, ainda hoje dirigida pela abnegação do Prof. Pedro Felício Cavalcanti.

Razões de ordem sentimental ligam-me a Pedro Gomes de Matos e à sua família. Sua infância passou-se nos pés-de-serras do Araripe, no sítio Lopes, prolongamento da Bebida Nova, antigamente de seu bisavô — o original e inteligente agricultor — o velho Bembem. Aquêlê pedaço fascinante de terra, cheio de canaviais, com levadas, bicas e árvores frondosas, exerceu fascínio sobre Pedro, como aconteceu com tôda a criança que viveu ali.

Nossas famílias, sem qualquer parentesco, se davam entre si. Pedro Gomes, Sênior e Josefina, meu pai — José Alves de Figueiredo e minha mãe — Emilia, eram duplos compadres, apadrinhando respectivamente um filho de cada casal. Antes de adquiri-lo, por compra, minha família passava temporada gozando das delícias da Bebida Nova, sob a feuz hospitalidade daquela boa gente, assistindo moagem ou desmancha de mandioca. Foram dias inolvidáveis para nós.

A casa grande era um solar com todo o conforto, com quartos forrados e assoalhados, jardins e fruteiras a produzirem com fartura. Tudo no sítio estava arrumadinho, até com bancos espalhados debaixo das mangueiras. A família formava orquestra de flauta, violão, bandolim e cavaquinho, além de enriquecida com voz bonita, não me lembra de quem. Não poderia haver ambiente mais cheio de alegria do que aquêlê.

O proprietário chegara recentemente do Rio, ou por outra, como se dizia, da Capital Federal. Animava sempre tôda a conversação com os episódios da cidade grande, tão longínqua, naquelas priscas eras. Associado a seu compadre José Alves de Figueiredo, ou simplesmente Zuza da Botica, comprara bilhete da loteria, com prêmio de quinhentos contos para o Natal. Saiu em branco. Pela animação e esperanças, proporcionadas às duas famílias, valeu bem à pena. Pedro Gomes escondia-se e surgia, de repente, diante da roda de amigos e familiares, na mesa, ou debaixo de fruteiras, gritando a todos os pulmões:

— QUINHENTOS CONTOS DE RÉIS!

A gargalhada estrugia, ecoando nas quebradas.

Meu pai, sempre inclinado à faina agrícola, acabou por comprar o sítio Lopes. Pedro Gomes que apreñdera com o compadre a prática de farmácia, com tôda a família, mudou-se para Santana do Cariri, onde se estabeleceu, começando a viver na nova profissão, em que se tornou mestre consumado. Marcou assim a carreira de todos os filhos da linha masculina. Daquêlê recanto do Cariri todos êles se disseminaram pelo Brasil afora, à maneira cearense.

Pedro que era pequenino, na Bebida Nova, acabou em Fortaleza, formando-se em farmácia e localizando-se na aprazível cidade de Maranguape. Marcou o seu destino sobre esta terra. Casou-se com a educadora Salaberga formando um lar modelo.

Começou a escrever em jornais, sempre aproveitando motivos sérios, em defesa da coletividade. Não era homem para ficar em círculo fechado. Visitou a Europa.

Da colaboração de jornais, passou a escrever livros. Estreou com galhardia, lançando biografia de CAPISTRANO DE ABREU, obra laureada que o tornou conhecido em todo o país. Transformou-se no defensor intemerato de sua terra adotiva. Fez biografias de homens ilustres e enalteceu Maranguape, com sua história, bem comentada e bebida nas fontes autênticas, na qualidade de bom historiador que realmente é. Crato, porém, não saía de sua memória, pois quem viveu a infância ao sopé da serra do Araripe, com aquêlê sortilégio perene de sua natureza, não pode esquecê-lo.

Com minha esposa, fui, em certa feita, bater em sua residência, em Maranguape, naquele lar abençoado, sob a varinha de condão de Dona Salaberga. Tão longe de Bebida Nova, revivi o passado e impregnei-me de saudades. Encontrei Santa, casada e morando em Picos. Josefina a mãe da família, a dona da casa grande do sítio Lopes ainda vivia, lúcida, embora doente. Era simplesmente Fina como a chamavam, afetivamente: Helvécio o mais velho dos filhos, já não existia, mas a viúva e filhos estavam naquela reunião. O melhor é que, naquele ambiente, existia também orquestra, apenas com alguns instrumentos mudados, piano, violino, violão e acordeão.

Não faltavam canções entoadas por bonitas vozes.

Após o almoço, com pratos que relembavam também a cozinha cariense, tive outra feliz surpresa. Pedro Gomes transportou-nos, em seu carro, até propriedade que possuía, nas vizinhanças da cidade. Era como a miniatura do sítio Lopes, nos pés-de-serras do Araripe. Fizemos a sesta entre bonitas árvores e gozando temperatura mais amena. Recordamos a vida na Bebida Nova, com seu encantamento. Santa disse que transportara para a propriedade que possuía nos arredores de Picos, a disposição das árvores do sítio Lopes, copiando-lhe igualmente a planta das respectivas construções secundárias do pátio.

Transbordei meu coração, recordando aquêlê delicioso dia em Maranguape, nas páginas de jornal, em Fortaleza. Pedro Gomes de Matos mandou transcreever a crônica noutro órgão de imprensa e difundí-la melhor entre os seus, por êste Brasil a fora.

O duplo colega de farmácia e de imprensa e bom amigo está agora em nossa terra comum, a ocupar a cadeira 11, patrocinada pelo seu tio — o incomparável Raimundo Gomes de Matos —, que êle reviverá com tôda a pujança. A família Gomes de Matos, desde o inesquecível Celso Gomes de Matos faz parte desta casa. Este também patrocina outra poltrona, que em breve, se Deus quiser, será ocupada pelo inteligente jornalista e seu parente — José Jêser de Oliveira, atualmente nas lides do CORREIO BRASILIENSE, da Capital da República. Embora dando o brilho de sua inteligência a outras terras, a família Gomes de Matos continua a integrar a vida cultural da cidade de Crato, com o fulgor de sua privilegiada inteligência.

# GOMES DE MATOS:

## O Advogado que marcou época

Palavras de posse no  
Instituto Cultural do Cariri

“Há em todos, no profissionalismo, nas atividades normais que exercemos, um acontecimento ou supremo instante emocional, que marca o ápice de uma carreira; o cirurgião que realizou uma operação magistral; o pintor que deu a última pincelada no quadro que julga ser sua obra-prima; o poeta que concluiu a última estrofe do poema que lhe dará a imortalidade.”

Isso escreveu Menotti del Picchia, em artigo publicado sob o título “Os Esponsais da Morte”, como paráfrase que foi, a convite do Governador de Minas, do enlace simbólico do poeta Tomás Antônio Gonzaga e Maria Dorotéia de Seixas, imortalizada no mais comovido dos nossos poemas — Marília de Dirceu.

Senhores, sem sombra de dúvida, é este o supremo momento da minha vida; o que jamais se apagará da minha memória; o que mais me emociona e toca a minha sensibilidade: primeiro, porque venho ocupar uma cadeira no Instituto Cultural do Cariri, sodalício onde pontificam altas inteligências, e, segundo, porque a dita cadeira tem como patrono um homem que, em vida, foi meu segundo pai — o professor Raimundo Gomes de Matos.

Aqui me tendes, pois, não por mim, mas porque irreconhecido para com a memória do professor Gomes de Matos seria eu se convosco neste momento não estivesse para trazê-lo à presença do nosso espírito.

Dentre os da sua geração — Matos Ibiapina, Andrade Furtado, Dolor Barreira, Beni Carvalho, Matos Peixoto, Fernandes Távora, Eduardo Girão, Olavo Oliveira, Leiria de Andrade e outros, — a maioria dos quais com os seus nomes já insculpidos pela morte nas páginas da história, — foi Gomes de Matos dos que mais se distinguiram, não somente pelo seu caráter, pelo fulgor da sua inteligência, como sobretudo pela bondade do seu coração.

Desambicioso, fez da advocacia um apostolado. Que não o diga eu, mas um seu ilustre conterrâneo, o Dr. Quixadá Felício:

“O prazer dêle era viver amado pela massa. Dar a cada um os mil benefícios da sua ação defensora de oprimidos, abrir a bôlsa e socorrer, com o que tivesse, qualquer pessoa realmente necessitada.

No seu antigo escritório, no 10. andar do velho Excelsior Hotel, várias vêzes o surpreendi a desfazer-se do último tostão para servir a quem batia à sua porta generosa, sabendo que não voltaria com as mãos abandonando. E presenciei, certa manhã, Gomes de Matos redigir um cartão a um serventuário da justiça, autorizando-o a dar andamento a um processo-crime contra um motorista de praça.

Os autos chegavam naquele momento a uma encruzilhada que exigia despesa maior no Cartório. Gomes de Matos não dispunha da im-

portância suficiente, mas através do cartão que pôs nas mãos do seu auxiliar de escritório, responsabilizava-se por tudo, prometendo para o dia seguinte o devido resgate, e, como percebeu que, com o rabo do ôlho, vi o que fazia, virou-se, tirou uma baforada do charuto, subiu os óculos para a testa, e me disse: Faço isso como simples obrigação. Esse homem só ainda está na cadeia porque é pobre. Ele matou para não morrer, e matou um elemento perniciosíssimo, que, se estivesse vivo, já teria roubado a vida de muitos." ("Gomes de Matos — Homem Sem Egoísmo", UNITÁRIO).

Fatos como êstes são uma constante na vida de Gomes de Matos. Daí a afirmativa de José Alcyr Paiva ("O POVO no Judiciário") de que advogado como êle, com larga vivência profissional e absoluta afinidade com os problemas jurídicos que o cercavam, e sabendo, de um modo todo seu e muito objetivo, impor-se à confiança do cliente — vai se tornando cada vez mais raro.

Amigo êle o foi, e dos melhores, tanto nas horas incertas como nos momentos de alegria.

Quantos o conheceram atestam essa sua característica.

Aos perseguidos, aos que tinham fome e sede de justiça, soube dar Gomes de Matos a maior de tôdas as assistências: a assistência moral. Fazia-o por cartas, e através de visitas aos constituintes que porventura no cárcere se encontrassem.

## UM PERFIL DO MESTRE

Foi Gomes de Matos um incentivador de inteligências não apenas na cátedra como no seu escritório de advocacia, onde alunos seus recém-formados — e não foram poucos — prepararam-se para o exercício profissional e, conseqüentemente, para a carreira da vida.

Registrando o desaparecimento

de Gomes de Matos, Clodomir Teófilo Girão fez do Amigo e do Mestre o seguinte perfil:

"Cerrou os olhos para a vida terrena o Dr. Gomes de Matos. Com a morte do amigo tão querido, que fôra a personificação da alegria, é imensa a tristeza de quantos o estimávamos e lhe queríamos bem.

Aos 83 anos, eis que se lhe apaga a luz do áureo espirito. Abrira os olhos pela primeira vez à vida, em 10 de outubro de 1886, no Crato. Não havia, já, escravos no Ceará. E isso foi bom porque êle jamais admitiria a escravidão.

Muito pequeno ainda, foi levado à escola do prof. José Joaquim Teles Marrocos, que lhe foi, assim, o primeiro mestre. Com êle aprendeu um pouco de latim e muita coisa mais. Transferiu-se logo depois para a Capital da Paraíba, onde concluiu o curso primário. No Recife obteve tocos os preparatórios, ficando habilitado para encetar ali o curso superior. Acontece porém que, nessa época, foi inaugurada a nossa Faculdade de Direito. Êste o motivo, por que, sem perda de tempo, vem para Fortaleza, e, aqui, em 1904, inicia o curso jurídico, que conclui em 8 de dezembro de 1908. Foram-lhe colegas de turma, entre outros, José Carlos de Matos Peixoto, Antônio Galeno da Costa e Silva, Álvaro Eomílcar da Cunha, José Pompeu Pinto Acióli e aquêle que foi o orador da turma, notável Matemático, que seria mestre dos mais queridos: Henrique de Alencastro Autran. Além dêsses, mais uma dúzia de que Gomes de Matos estava sempre a falar.

Formado aos 23 anos, já jornalista, preparado para as lutas forenses, montou sem perda de tempo e com coragem o seu escritório de advocacia, consagrando-se de alma e corpo à sua profissão. Apareceram as primeiras causas, que, complexas embora, êle aceitou sem relutância, e as soube vencer com galhardia. Ad-

vogado em todos os recantos do Ceará, no Piauí e noutros Estados, não lhe foi difícil granjear renome. Se, nos seus primeiros tempos de causídico, não lhe era ampla e profunda a cultura jurídica, elle sabia suprir as falhas com o poder do seu talento robusto com o seu inusitado bom humor, com o seu desprendimento, com a sua intrepidez, numa palavra, com o valor mental que Deus lhe deu.

Em 1910, aos vinte e cinco anos apenas, com fama de excelente advogado, fêz-se professor substituto da nossa Faculdade de Direito, para a qual foi nomeado em 1913, Professor de Direito Commercial. Em 1916, integrou a Banca Examinadora do primeiro concurso que se realizou em nossa Escola Jurídica, ao lado do seu colega de turma Matos Peixoto. A Cadeira era de Direito Civil. Os concorrentes: Luís Morais Correia, Jorge Severiano Ribeiro e Eduardo Henrique Girão, conquistando este o primeiro lugar. Durante mais de trinta e cinco anos o examinador e o examinando vitoriosos foram membros da Congregação da nossa Faculdade de Direito.

Se foi notável Gomes de Matos como "homem das boas rodas", maior ainda e mais admirável o foi na qualidade de chefe de família. Teve a ventura — faz quase meio século — de encontrar no caminho de sua longa e benfazeja existência uma criatura boníssima que lhe foi o anjo da guarda desde a sua mocidade ao instante derradeiro: D. Léa Pompeu Gomes de Matos. Ela e os filhos, os netos e as noras, cercaram o ente querido de todo o carinho a que fazia jus.

Professor durante 37 anos da nossa Escola Jurídica, de que foi director, o mestre que agora nos deixa era acima de todas as coisas ADVOGADO. Durante quase cinquenta anos, lutou, batalhou, galvanizou as suas energias todas na defesa de um sem-número de causas, cuja comple-

xidade nunca o atemorizou. No nosso Fôro, onde se elevou à condição de pontífice, ninguém o excedeu em zêlo, em esforço, em dedicação às causas que patrocinava.

A nossa Faculdade de Direito, que em pouco mais de um lustro perde uma dúzia dos seus mais eminentes catedráticos, com a morte do prof. Gomes de Matos, vê-se desfalcada de mais um dos seus valores que lhe foi aluno dos mais estudiosos, professor dos mais insignes, e Director dos mais queridos ("Professor Raimundo Gomes de Matos", artigo no O POVO).

#### VIVEU PARA A FAMÍLIA E PARA OS AMIGOS

Com as palavras que se seguem, Osmundo Pontes registrou o falecimento de Gomes de Matos:

"Depois de uma longa vida de brilhante atuação no fôro, no magistério, no jornalismo e na política acaba de falecer o eminente e culto mestre Raimundo Gomes de Matos, em quem sempre vimos um homem que desmentia a velha sentença: ninguém é profeta na sua terra. Esse impoluto advogado surgiu nas letras jurídicas de nosso Estado, pregando novas doutrinas, apontando novas idéias; e embora tivesse de lutar com a indiferença de um meio aferradamente tradicionalista, e o desdém com que costumam ser acolhidos todos os conterrâneos que procuram fazer inovações e reformas, a verdade é que não esmoreceu, antes persistiu no seu trabalho honesto, e triunfou em toda a linha.

O prof. Gomes de Matos, cuja inteligência, saber e autoridade sua geração soube respeitar e admirar, teve a mais destacada atuação em nosso Tribunal do Júri. Não encontrou competidor, e chegou a rivalizar com os mais notáveis penalistas nacionais.

Democrata convicto, contava

com uma numerosa roda de amigos, e foi sempre distinguido por quantos de perto privaram de sua amizade. De sentimentos bondosos, tinha gestos filantrópicos não esquecendo a pobreza envergonhada. De feitio modesto, fugia a honrarias e a manifestações que envolvessem o seu nome. Viveu para a família, e para os amigos que, pelo trato, à sua volta criou. Cumpre recordar as suas qualidades mais notórias: rapidez de assimilação e concisão da palavra.

Tendo-se mantido sempre fiel aos altos valores que formaram a sua personalidade de intelectual e de jurista, morre o mestre Gomes de Matos com a consciência plena de ter dado generosamente à sua terra uma vida de trabalho contínuo e operoso, a par de muita coragem, coerência, retidão, autenticidade e idealismo.

Perdoai o excelso Mestre a pobreza das palavras que lhe endereçamos, singela lembrança de uma das mais belas almas que conhecemos, pois elas jamais poderão corresponder às preclaras virtudes que exornam a inívilgar personalidade de uma das mais relevantes figuras do Ceará." (O POVO, 15.5.68).

#### NÃO SE OMITIA

Gomes de Matos nunca se omitiu.

Se a omissão, consoante o inciso do padre Antônio Vieira, é pecado para o qual não há indulgência possível, dêle se não penitenciou Gomes de Matos.

Na verdade, o que mais honra, enobrece e dignifica a sua memória é a presteza com a qual sempre se disse presente a tôdas as situações e acontecimentos que envolvessem amigos seus, ocorrências de ordem político-administrativa, inclusive, frente às quais, por cômoda, para se não criar embaraços e dificuldades, para se não ferir suscetibilidades ou

descontentar os poderosos do dia, a norma é "deixar como está para ver como fica."

#### A ESTATURA MORAL

Gomes de Matos era um homem forte, e, como nenhum outro, possuía espírito de luta.

A carta que se segue testifica o asserto:

"Rio, 7.5.1969

Caríssimo Amigo Dr. Pedro Gomes de Matos

Pax in Christo

Registro, com indizível aprêço, seu testemunho de bondade retratada na homenagem com que me ofereceu seu belo folheto "Gomes de Matos — Traços e Episódios de Sua Vida".

Mergulhado no tumulto desta cidade absorvente, só nesta data, forçando um pouco a agenda, pude ler o seu trabalho. Já no caso do falecimento daquele pranteado amigo, somente dois meses após foi que soube de tudo por carta do meu cunhado Tomé Cabral. Que o digam dona Léa e filhos, a quem então escrevi, assinalando, entre outras conotações, o humanismo inefável daquela alma de eleição.

Guardando eu o intuito de rever o Ceará muito em breve, se possível haverei de encontrar-me com tôda essa boa gente do Gomes, cuja memória, para mim, tem o sentido místico de uma alegoria santa.

Dêle conservo, juntamente com alguns livros que me ofereceu, uma preciosa coleção de cartas relativas à nossa campanha, quando, no "caso Fidélis", (1) a Ordem dos Advogados do Brasil me levou a arrostar com o péso da impostura clericalista

(1) Fidélis Silva.

que desgovernava o Ceará na década 1934-1944. Que bravura! que fibra! quando a maioria dos que me deveriam amparar procurava esquivar-se ao cumprimento da solidariedade ético-profissional reclamada em casos tais.

A despeito de tudo, nunca me faltou o seu apoio, nunca deixamos de nos corresponder, esgrimindo-se êle naquela dialética valente que lhe marcava a estatura moral.

Lamento não têmos prosseguido em nossa campanha, transportando-a para o âmbito nacional.

De qualquer jeito, quanto aos seus bonitos "Traços e Episódios" do meu dileto e saudoso amigo, já que melhor coisa não lhe posso dar, devolvo-lhe, em troca, o cordial abraço

José Teles da Cruz"

Além de professor da Faculdade de Direito do Ceará, Gomes de Matos foi Secretário de Polícia e Segurança Pública, Consultor Geral do Estado, Delegado de Polícia de Fortaleza, Deputado Federal, Promotor Público e Juiz Substituto em Jardim e Barbalha, respectivamente, cidades nas quais iniciou a sua carreira.

Ao deixar Barbalha, onde — ins-tado — ensinou Português e Francês a alguns rapazes de famílias dali, dirigiu ao povo barbalhense pelo jornalzinho CETAMA uma mensagem que começava assim:

"Despeço-me dos barbalhenses em sua generalidade. Abraço, com a mesma efusão, o mais opulento que se refestela na sociedade e o pobre que vegeta no recesso humilde da choupana." ("Gomes de Matos na Intimidade", Nery Camelo. O POVO).

Esta saudação demonstra o alto apêço que, já àquela época, evidenciava ter Gomes de Matos para com os anônimos e os desprotegidos.

Interinamente, lecionou Geografia na Escola Normal e respondeu pelo expediente da Fazenda.

Foi Juiz do Tribunal Regional E-

leitoral do Ceará; e quando, em 1937, se afastou das ditas funções, a Presidência da entidade dirigiu-lhe a seguinte carta:

"Fortaleza, 31 de maio de 1937

Exmo. Sr.

Dr Raimundo Gomes de Matos

Tenho a satisfação de levar ao conhecimento de V. Exa. que êste Tribunal Regional na sua sessão ordinária do dia 25 do expirante, proposto pelo Exmo. Sr. Presidente Desembargador Faustino de Albuquerque e Sousa, aprovou, por unanimidade, um voto que se consignasse na ata de louvor à atuação justa e brilhante com que se houve V. Exa. no exercício das elevadas funções de Juiz dêste Tribunal de que se exonerou por incompatibilidade legal.

Devo acrescentar que, ao espontâneo e unânime apoio que mereceu de todos os juizes a proposta do seu ilustre Presidente, precederam referências de pesar pelo afastamento de V. Exa. dêste Tribunal, associando-se a essa justa homenagem o Sr. Dr. Pio Jardim, Procurador Regional, que, igualmente, salientou, com expressões honrosas, as atividades de V. Exa. no serviço da Justiça Eleitoral.

Como fôsse agora definitivo o afastamento de V. Exa., S. Exa. em nome do Tribunal que preside manifesta por êste meio, os seus melhores agradecimentos pelo valioso concurso que emprestou V. Exa. às suas decisões na qualidade de seu conspícuo membro.

Atenciosas Saudações

DR. THOMAZ POMPEU

Diretor-Secretário

Tôda a imprensa de Fortaleza registrou o falecimento de Gomes de Matos em extensos e sentidos necrológios.

Da TRIBUNA DO CEARÁ é a nota que segue:

"Faleceu sexta-feira última, nesta capital, o Dr. Raimundo Gomes de Matos, professor da Faculdade de Direito da Universidade do Ceará.

O sepultamento do Dr. Gomes de Matos, que em vida foi um dos advogados mais brilhantes deste Estado, realizou-se às 17 horas daquele dia, saindo o féretro de sua residência na rua 24 de Maio.

Antes de seguir para o Cemitério de São João Batista, o cortejo fúnebre fêz ligeira parada na Faculdade de Direito, onde se fêz ouvir, em nome dos Professores daquela casa de ensino superior, o Dr. Geraldo Lemos.

No Cemitério, antes de baixar o corpo à sepultura, falaram: o nosso companheiro Dr. Hilário Gaspar de Oliveira, professor da Faculdade de Direito, em nome da Secção Cearense da Ordem dos Advogados do Brasil; o Dr. Vicente Silva Lima em nome do povo de Fortaleza; e o Dr. Pedro Gomes de Matos, interpretando os sentimentos da família do ilustre morto.

O sepultamento do professor Gomes de Matos foi bastante concorrido, notando-se a presença de muitos professores da Faculdade de Direito, membros da Magistratura e do Magistério, o Magnífico Reitor, Dr. Fernando Leite, o Dr. José Wálter Cavalcante, Prefeito de Fortaleza, e inúmeras outras pessoas gradas.

O professor Gomes de Matos durante mais de meio século teve atuação destacada e brilhantíssima entre nós, como homem de cultura e de alto saber jurídico, conhecido como advogado dos mais respeitados nos auditórios de Fortaleza e do interior do Estado.

A enlutada família as nossas mais sentidas condolências."

Nessa oportunidade, chamou-o O POVO de "o fabuloso Gomes de Matos", "advogado e homem público dos mais ilustres que o Ceará já produziu."

E após destacar-lhe os méritos de criminalista, de professor, de comercialista, de político, de articulista, e os atos de coragem de que deu provas, e as amizades que cultivou com os mais destacados vultos políticos da velha geração do Ceará e do Brasil (Nereu Ramos e Batista Luzard, Agamenon Magalhães, Demócrito Rocha, Ademar de Barros e Fernandes Távora), e a atuação brilhante que teve em bancas examinadoras de Faculdades de Direito de diversos Estados da Federação, — acentua:

"Assim sendo, o Ceará perde um dos seus maiores filhos e está de luto a comunidade cariense pelo desaparecimento deste seu membro, que embora contasse 83 anos de sacrificios, lutas e vitórias, era por todos querido. É grande a lacuna que causa o seu desaparecimento. As suas famosas réplicas e tréplicas ficarão sempre na lembrança dos cearenses, e a história, fazendo justiça, louvará sempre a sua memória."

Tanto a Ordem dos Advogados do Ceará, a Câmara de Vereadores e a Assembléia Legislativa do Estado, como o Ideal Clube e a A.C.I. consignaram em atas dos seus trabalhos votos de pesar pelo falecimento de Gomes de Matos.

Sua memória foi comovidamente reverenciada no 30o. dia da sua morte.

Dessa homenagem é a notícia que se segue:

"O Dr. Raimundo Gomes de Matos teve sábado último, 10 do corrente, homenagem póstuma que reuniu numeroso público no Salão de Conferências da CASA DE JUVENAL GALENO num culto à sua memória.

Abrindo a sessão, a Diretora da Casa, Nenzinha Galeno, disse algumas palavras, comovidas e sinceras, a respeito daquele seu amigo querido e freqüentador habitual do sodalício. Convidou para presidir a mesa dos trabalhos o prefeito José Walter Cavalcante e para ladeá-lo o Capelão

do Exército, padre Gurgel, representante do General Comandante da 10a. Região Militar, o Dr. Wagner Earreira, Diretor da Faculdade de Direito, e os Professores da referida Escola Drs. Aderbal Freire, Heribaldo Costa e Clodoaldo Pinto; senador Fernandes Távora, Drs. Parsifal Barroso, Antônio Uchôa, Pinheiro de Sousa, Gomes de Freitas; Gal. Pinheiro Monteiro, Dr. Tomás G. de Matos, escritores Otacílio Anselmo, Pedro Gomes de Matos, Albano Amora, Carlyle Martins e Nery Camelo.

O Dr. José Walter concedeu a palavra ao orador da noite, escritor Pedro Gomes de Matos, que, conhecendo de perto, como conheceu, o homenageado, apresentou-o ao vivo aos amigos, admiradores, ex-alunos, e colegas de magistério e de advocacia, que lotavam o salão. Muito equilibrado, muito bem feito, sobretudo verdadeiro, o estudo biográfico que Pedro Gomes de Matos fez do seu tio, o inolvidável Dr. Gomes de Matos.

Em seguida falou de improviso a educadora Maria Gonçalves da Rocha Leal, que representou naquela homenagem a Ala Feminina de maneira expressiva e brilhante.

O escritor Nery Camelo, amigo e frequentador assíduo do homenageado, leu bela página de sua autoria intitulada "Gomes de Matos na Intimidade". O prefeito José Walter Cavalcante, ao encerrar a sessão, disse da influência exercida por Gomes de Matos na escolha da sua profissão de Engenheiro; e louvou a Casa de Juvenal Galeno, homenageando não somente os vivos, como também os que já se foram desta vida, geralmente tão cedo olvidados pelos contemporâneos." (CORREIO DO CEARÁ).

Pelo telefone, em cartas e telegramas, a Gomes de Matos nunca faltaram demonstrações de estima em todo o curso da sua doença. Ao sabê-lo doente, o deputado Armando

Falcão dirigiu-lhe o seguinte telegrama:

"Ciente enfermidade querido amigo envio meus votos pronto restabelecimento. Ceará ainda muito espera seu talento brilhante cultura. Recomendações toda família. Afetuosos abraços.

Armando Falcão".

#### DADOS GENEALÓGICOS

O professor Raimundo Gomes de Matos era filho de Raimundo Gomes de Matos e Claudina de Matos Leite, e teve os seguintes irmãos (na ordem cronológica de nascimento dos homens e mulheres, respectivamente):

— Francisco Gomes de Matos (Bacharel em Direito); Dirceu Gomes de Matos; Pedro Gomes de Matos (Farmacêutico); Alfredo Gomes de Matos (Tenente da Força Pública do Estado do Ceará); Artur Gomes de Matos (Funcionário da R.V.C.); Celso Gomes de Matos (Jornalista); Eduardo Gomes de Matos (Inspetor Federal do Ensino); Jorge Gomes de Matos.

— Raimunda Gomes de Matos (Mundoca), casou com Joaquim Bezerra de Menezes; Maria Gomes de Matos (Mariinha), casou com o Dr. Eduardo Dias Nogueira; Adélia Gomes de Matos, casou com Antônio Cândido de Figueirêdo; Cecília Gomes de Matos, casou com Joaquim da Silva Pimentel; Otília Gomes de Matos; Julieta Gomes de Matos.

#### HOMENAGENS PÓSTUMAS

Hilário Gaspar, Vicente Roque, Rocilda Pimentel Magalhães, Caio Cid e Carlyle Martins, entre outros, apontaram a vida de Gomes de Matos como "uma seqüência de ações generosas e de benefícios a seus semelhantes".

Quando o Prefeito de Fortaleza, Dr. José Walter Cavalcante, propôs

à Câmara Municipal fôsse dado à 14 de Julho o nome de Avenida Prof. Gomes de Matos, a homenagem, sem demora traduzida na Lei n.º 3.566, deu ensejo a que fôsem feitos pela imprensa os seguintes comentários que valem como juízos críticos sôbre quem, como êle, Gomes de Matos, se fêz digno de viver na lembrança e nos lábios do povo:

Laurindo Fonseca disse:

“O prefeito José Walter Cavalcante vem de enviar mensagem à Câmara Municipal de Fortaleza, propondo a mudança do nome da avenida 14 de Julho para Professor Gomes de Matos — o Gomez, o nosso saudoso e querido Gomez, recentemente falecido.

Não sei de medida mais justa e oportuna. Gomes de Matos amou o povo e viveu para êle, razão por que se explica e deve ser louvada a providência do Chefe da nossa Municipalidade.”

Blanchard Girão registrou:

“A Câmara Municipal, atendendo a um pedido do prefeito José Walter Cavalcante, deu o nome do inesquecível advogado e professor conterrâneo Gomes de Matos, à 14 de Julho. Homenagem a cujo merecimento ninguém será capaz de fazer a menor restrição. Gomes de Matos, o velho Gomez, foi figura querida desta cidade e de sua gente. Criminalista emérito, jornalista, político, Gomez jamais perdeu a sua condição de homem simples, de humana figura do povo. Boêmio, gostando imensamente de uma cerveja bem gelada e da anedota do dia, Gomes de Matos tinha livre trânsito desde as altas esferas governamentais, até ao mais baixo nível social, pois todos o abraçavam e o tratavam de amigo nas rodas do antigo Majestic e do Banco do Povo, na Praça do Ferreira. Ninguém melhor do que êle para receber a perpetuação do nome num logradouro.” (“Gomes de Matos e a 14

de Julho”, artigo no CORREIO DO CEARÁ).

Com o título “Nomes de Ruas”, Themístocles de Castro e Silva escreveu no CORREIO DO CEARÁ (edição de 14.1.69):

“Sempre fui contrário à mania de certos governantes de darem o nome de pessoas vivas a escolas, praças, etc. No fundo, a coisa não passa de uma bajulação, a mehos que a obra tenha sido construída com o dinheiro particular do homenageado. Porque o sujeito é o Deputado do Município ou porque o Governador, apenas cumprindo sua obrigação, influiu na construção do prédio, conseguindo ou liberando verbas, a obra toma logo o nome da autoridade.

O governante deve ter o máximo cuidado em assuntos dessa natureza, a fim de que um Ginásio, por exemplo, não receba o nome de quem nunca foi nada em matéria de educação ou, ao contrário, até a tenha comprometido.

Diante de tais considerações, não poderia ter sido mais feliz o prefeito José Walter Cavalcante em dar o nome do professor Gomes de Matos a uma das grandes avenidas que asfaltou e que antes fôra batizada com uma data muito mais paulista do que cearense.

Na verdade, o nome do professor Gomes de Matos ocupa lugar de merecido destaque entre aquêles que, nas diversas funções que exerceu, sempre soube ser digno do respeito, da consideração do povo cearense. Advogado de projeção nacional, foi o maior criminalista de sua época, cuja cultura era por todos admirada.

Na vida pública, ocupou vários cargos, de Secretário de Estado inclusive, desempenhando-os com aquêlê equilíbrio e aquela sensatez que marcaram sua personalidade.

Como político, nunca foi um vira-fôlha, mantendo-se fiel, enquanto vivo, ao seu amigo Ademar de Barros, ao contrário de muitos outros que

abandonaram o ex-governador para a conquista de maiores posições.

Pertencendo a uma geração de políticos que desgraçadamente está desaparecendo da vida nacional, a honestidade pessoal era a mais forte característica do velho Gomez. Por isso, morreu pobre, deixando à sua família apenas a honra de seu nome, que na verdade é o que mais vale.

A dimensão da Avenida coincide, assim, com a dimensão moral do Professor.

A Vida do velho Mestre foi mais dedicada ao Estado do que ao Município. Mas aquêle ainda não se lembrou dêle, apesar de o atual Chefe do Executivo ter sido durante muitos anos seu companheiro de lutas partidárias. A homenagem da Prefeitura, porém, cobriu a omissão do Estado, merecendo o prefeito José Walter, assim, todos os nossos aplausos pelo reconhecimento do que Gomez de Matos representou para o Ceará, no campo da política e da cultura jurídica."

### "PREFEITURA FAZ JUSTIÇA"

Sob a epígrafe "PREFEITURA FAZ JUSTIÇA", escreveu-se:

"Chama-se Professor Gomez de Matos a avenida 14 de Julho, uma das mais longas e movimentadas de Fortaleza.

Trata-se de homenagem justa ao Dr Raimundo Gomez de Matos, figura que marcou época em nossa sociedade, homem de incomum inteligência, espírito comunicativo, de muita verve, bonachão e boêmio ao seu modo, desprendido e servidor, advogado com profundos conhecimentos de Direito, e que se notabilizou sobretudo no Júri em casos de excepcional repercussão, professor erudito e jornalista contundente e brilhante, contemporâneo de João Brígido, ao lado do qual teve atuação das mais destacadas nesta Capital".

### AUTO-RETRATO

Concorrendo à Câmara Federal nas eleições de 2 de dezembro de 1945, fê-lo Gomez de Matos através de uma publicação na imprensa sob o título "TAMBÉM SOU CANDIDATO".

É um auto-retrato.

Ei-la na íntegra:

"Candidato do Partido Sindicalista a deputado federal, venho pedir votos. Se fôr eleito, serei o mesmo democrata de sempre, o mesmo amigo do povo, cujas causas sempre defendi com desinteresse, em juízo, no jornal, na oratória de rua, no júri, nas delegacias de policia.

Quem chega aos 59 anos de idade, como eu, já cristalizou o caráter. Assim, não encontra mais oportunidade para mudar de conduta. Assim irá ao tûmulo. Possuo, misturados, os vícios e as qualidades que formam o "abstractum" do caráter de minha gente, com a qual tão identificado estou que dela jamais poderei afastarme, e é por isso que conto esteja agora comigo. Sempre estive ao lado dos pobres, dos pequenos, dos humildes, dos simples: na defesa de seus direitos, sofrendo as suas provações ou fruindo com êles as curtas horas de alegria coletiva ou de júbilo cívico. São com êsses atributos que todo o Ceará me conhece.

Tenho trabalhado muito em vários setores. Tenho ganho bastante dinheiro. Mas é-me difícil explicar por que não sou rico. Cheguei agora ao posto de Secretário de Polícia e Segurança Pública, não por efeito de manobras políticas, mas porque o honrado Interventor, Dr. Beni Carvalho, velho colega e amigo, entendeu de me fazer auxiliar de seu governo. Contava comigo, com as qualidades de devotamento e lealdade que forram o meu espírito, para ajudá-lo a constituir um governo dentro de um incêndio, a pôr a ordem no

caos que foi o momento da deposição do Presidente Vargas, queda do Dr Pimentel, e consequente rebeldia de sua gente, que não se conformava com a derrota.

Todos sabem que fui sempre um lutador, porém péssimo político.

Nunca quis ser importante, por não ter feito para isso. E por saber de ciência certa que importância no Ceará é como gordura de cachorro: Chega numa semana, e desaparece na outra.

Já tenho concorrido para derrubar maus governos. E na hora do vazerio do triunfo, no carnaval da vitória, quando aparecem os adesistas, recolho-me à minha insignificância.

Ainda agora não me servi do importante cargo que exerço para pedir qualquer ajuda em favor de minha candidatura. Essa candidatura foi definitivamente aceita à última hora por imposição do Dr. Ojavo Oliveira, êsse homem bravo, dotado de rara vocação política, verdadeiro tipo do chefe.

Solicitando o sufrágio de meus coestaduanos, posso apenas assegurar que serei na Câmara Federal, se eleito, o seu mesmo intransigente defensor, o seu mesmo amigo de todos os momentos, nos pretórios, na imprensa, onde quer que seja chamado a atuar.

Nada de promessas mentirosas. Meu programa de ação no Parlamento será sempre o do interesse do povo, conforme as circunstâncias se apresentarem ou exigirem. Mas não devo prometer o que não poderei cumprir. Nada de prometer o que se não tem. Compromisso, tomo um, soberano e infectível: o de trabalhar incansavelmente, quanto estiver na medida de minhas forças, pelos supremos direitos dos pobres, do povo em geral e pelo progresso e grandeza do Ceará e do Brasil.

Fortaleza, 29 de novembro de 1945

R. Gomes de Matos."

## O QUE DE GOMES DE MATOS OUTROS DISSERAM

Da correspondência passiva de Gomes de Matos destacamos os tópicos que se seguem:

— "Reafirmo com prazer o que, em carta, exprimi a seu respeito. Temos divergido algumas vezes, o que não tem a menor importância entre homens de pensamento, que prezam a liberdade de opinião dos seus semelhantes, mas nunca deixei de reconhecer as virtudes que o fazem, no Ceará, um homem distinguido pela opinião pública e cuja popularidade, através de tão longa trajetória na política, na advocacia e na cátedra, se mantém no mesmo nível de favor. E ninguém, com justiça, poderia dizer o contrário."

J. Martins Rodrigues

— "Você é um desses amigos दिलetos a quem nós outros não podemos esquecer, quer nas horas de alegria, quer nas horas difíceis. Se o Ceará possuísse uma dúzia de homens do seu estofo moral e intelectual, certo não seria essa bagunça."

Monteiro de Moraes

— "Você é uma figura inconfundível pelo brilho do seu espírito, por sua valiosa cultura e pelo cavalheirismo das suas atitudes no meio cearense.

Sabe que tenho por sua pessoa a admiração desinteressada de quem preza os grandes valores, e muito desejaria que, em oportunidade indicada, resgatasse o Ceará o tratamento pouco generoso com que tem retribuído a sua atuação na esfera pública e intelectual."

R. Monte Arrais

## O EPISTOLÓGRAFO

Dentre os numerosos contemporâneos e amigos de Gomes de Matos

no Rio (ministros José Linhares e Waldemar Falcão, R. Monte Arrais, Marcial Dias Pequeno, Landri Sales e outros), era com Beni Carvalho que Gomes de Matos mais se correspondia. Aliás, as letras de Gomes de Matos eram por esse inclito cearense insistentemente reclamadas em cartas das quais destacamos passagens como estas:

— “Sempre que puder escrevame. Você é um dos maiores epistológrafos que conheço. Suas cartas dão-me a impressão de um comentário vivo, de um jornal falado, de um filme tecnicolor cearense, onde se vêem a Praça do Ferreira, as ruas, os clubes, e, até, as areias. Não falta nada”.

— “É sempre com especial prazer que leio o que Você escreve, e, nesse caso está a sua carta última, em que, com mão de mestre, mais uma vez, faz a psicologia de nossa terra e de nossa gente. Nisso, sem favor, é Você inimitável. Em poucas palavras, numa frase apenas, não raro, fotografa, por dentro, uma criatura”.

— “Foi um sucesso a maneira por que noticiou o lançamento do jornal de Pekim (2) — “Pekim vai soltar um jornal. Tem inteligência, coragem e ignorância.”

#### A PSICOLOGIA DO DR. MENEZES PIMENTEL

Numa página digna de antologia, pelo estilo, e sobretudo pela imagem, traçou Gomes de Matos a psicologia do Dr. Menezes Pimentel.

Disse êle:

“Meio-térmo em tudo. Caráter bom, silencioso, firme, reservado não tem o feitio comum dos adestistas desbriados. Caindo, fica no seu canto, calado, aguardando os acontecimentos; deixa as águas rolarem e, oportunamente, como o mergulhão, põe a cabeça de fora, no espelho das águas da lagoa, fitando as suas margens, espreitando se há ca-

gador por perto. Intelectualmente, não é sábio nem mediocre, mas preparado, dispondo de luzes próprias para guiar-se, e raro bom senso que dispensa o auxilio de secretário e assessores.” (Do artigo “Pés Para a Frente”).

#### “O POVO É MASSA FALIDA”

Gomes de Matos é autor de uma frase nacionalmente conhecida por seu conteúdo sociológico — “O POVO É MASSA FALIDA”.

Êle próprio, em artigo no jornal UNITÁRIO, diz como teve origem a famosa expressão.

Relata :

“No juri memorável do Dr. Virgílio Gomes, realizado em Fortaleza há 22 anos, eu, com justa razão sociológica, numa irreprimível descarga psicológica determinada por forte motivo íntimo do momento, explodi da tumba, vibrando de indignação contra Kerginaldo Cavalcante, auxiliar da acusação, ora senador.

Proferi, então, bem alto, a frase:

#### O POVO É MASSA FALIDA.

A multidão que me ouvia soltou com tôdas as fôrças imenso brado de protesto. Avançou para mim vociferando, bracejando, ameaçando. Sem temê-la, meti o dêdo no gatilho do revólver que se achava na pasta dos papéis, e repeti, gritando, a mesma expressão, então tida como injuriosa pelos inconscientes que me quiseram agredir, e hoje considerada como a mais lídima expressão da verdade.

Olavo Oliveira, meu companheiro de defesa, valente como um leão, solidarizou-se comigo. Ficou firme a meu lado. Presidia ao júri o depois desembargador Gabriel Cavalcante. A guarda policial tremeu de medo. Cheguei a marcar certa cabeça para

(2) Péricles Moreira da Rocha

arrembentá-la com uma bala. O réu, tido erroneamente como covarde, foi entretanto de admirável correção, nunca deu prova de fraqueza em qualquer hora, em qualquer instante. Enfrentou com dignidade as graves consequências do delito de que era acusado: — a morte de Antônio Drumond, figura de projeção da nossa sociedade, jornalista ardoroso, advogado notável, Procurador Fiscal dos Feitos da Fazenda Estadual, fundador e diretor da GAZETA DE NOTÍCIAS, casado na importante família Teixeira, de Itapipoca. (Unitário, 24-6-52).

### "MATUTOS, NÃO SEJAM BÊSTAS, VENDAM SEUS VOTOS"

Uma das páginas mais fortes, mais veementes e rica de indignação que Gomes de Matos ainda produziu, foi, sem dúvida, "MATUTOS, NÃO SEJAM BÊSTAS, VENDAM SEUS VOTOS".

É uma página de protesto, de réplica, de desafio à insensibilidade dos que, em certas latitudes, se desorientam no comando da coisa pública.

Vejamo-la:

"Foi interessante o comício dos meninos protestando contra o último ato do Legislativo Estadual. A falta de homem, menino serve. A imoralidade dos indivíduos que se dizem representantes do povo não está passando em branco.

O sexo forte está se liquidando pelo desânimo, pela covardia. Daí a tores das atividades masculinas, nos vitórias do feminismo em todos os empregos públicos, no comércio.

Ai de centenas de milhares de maridos fracos, impotentes, incapazes, se não fôra o amparo das espôsas dignas que trabalham para a manutenção do lar, para a educação dos Filhos.

Foi sem dúvida safado, descarado, círico, desavergonhado o gesto de ambição dos senhores privilegia-

dos da Assembléia, majorando, aliás, pela segunda vez, seus subsídios, atentando contra a Constituição, contra a moral, contra a ética política.

Os tais licurgos são legítimos 'tubarões', gananciosos vulgares, que cuidam somente de encher o bandulho. Agem protegidos pelo prestígio do mandato, sem atenção ao pensamento do Governador do Estado, nem tampouco aos chefes das facções políticas a que pertencem.

Escancarem as bocas o máximo possível. Dilatem as paredes do estômago, fabriquem mais leis infames, engulam todo o erário, devorem as economias deste povo desgraçado, faminto e nu. Escarneçam dêle, cusпам-lhe na cara, injuriem-no, sacudam-lhe a lama do seu impatriotismo.

Se não há autoridades, nem no poder Judiciário nem no Executivo, que os coiba de tantos excessos, se não há quem os reconheça como vampiros, continuem.

Sabem o que estão fazendo?

Estão abrindo caminho para a marcha do comunismo, estão cavando a ruína da Pátria. Se a doutrina de Moscou triunfar, muita gente não sofrerá grande abalo porque o comunismo não pode ser pior do que o canalhismo reinante.

Os "coveiros" da nossa dignidade, receberão mais cedo ou mais tarde o merecido castigo. Os eleitores saibam compreender tudo isso, subam, aumentem, dez, vinte, trinta, quarenta vezes o preço dos seus votos.

Não se conceberá que, ao abrirem-se as urnas em 1954, dada a carestia da vida e tão nojento procedimento dos deputados, o voto de cada um seja sancionado apenas por trezentos, quatrocentos, ou quinhentos cruzeiros.

Terha o matuto a devida inteligência, estimado o seu voto. Exija no mínimo pelo menos mil cruzeiros,

pagos adiantadamente. Isso de engabelar o sertanejo, a sua mulher, filhos, noras, genros e netos eleitores, simplesmente com hospedagem, almoço, janta e dormida, isso de iludí-lo com presentinhos insignificantes de sapato e vestido, isso de boa conversa às vésperas do pleito, isso não pode continuar, tem que mudar em benefício de quem elege os maíandros.

Ao eleitor assiste ainda a faculdade de cuspir no anzol, comer a isca e votar no candidato de outro partido, e se tiver um pouquinho de civismo votará em branco. É facilímo negociar o voto, uma, duas, três e até quatro vèzes. Depende só de uma certa reserva e habilidade.

Indecência nenhuma nisto. O momento nacional comporta tôdas as anomalias e mais alguma coisa porque os maus exemplos vêm do alto, do Congresso Nacional, das Assembléias Legislativas, das Câmaras de Vereadores das Capitais.

Os sertanejos são inocentes, generosos, honestos, valentes, dignos de tôda consideração. No entanto, só fazem jus às perseguições por parte dos tiranetes locais, às prisões ilegais, às surras, quando não são até assassinados impunemente, quando não têm, no campo, as casas cercadas pela Polícia e capangas do chefe local.

João Brígido os classificou, com razão, de bons, burros e bravos.

E os são realmente.

Nenhuma responsabilidade lhes cabe pelos desmandos da República, pela má gestão do Estado. Os males vêm de cima e eles vivem lá embaixo vegetando, vivendo vida miserável, vida de moluscos, vida de répteis. Não aceitem mais aquelas histórias de que no último pleito os candidatos a deputado federal, fulano e beltrano, gastaram mais de um milhão de cruzeiros. Isso é para boi dormir.

Horácio Lafer, atual Ministro da Fazenda, gastou milhões de cruzeiros

em São Paulo, e não foi eleito. Uma quantia assim já representa dinheiro e quer dizer que os eleitores pobres de Lafer foram agraciados com importância relevante. Anda muita choradeira por aí.

Compreendam que os deputados têm tudo de graça: passagem de avião, de navio, de trem. O governo lhes dá tudo que exigem, colocações para os filhos, parentes e amigos do peito.

Os matutos é que nada tem. Dão-lhes unicamente subdelegacias que só servem para a aquisição de odios, de intrigas que se transmitem aos herdeiros, repontando de vez em quando em lutas sangrentas, em emboscadas, em traições, em mortes.

Quem fôr chefe de distrito, e tiver cinqüenta ou oitenta ou cem votos, não se entregue de mãos atadas ao Prefeito. Venda seus votos diretamente aos candidatos". (UNITÁRIO, 19.12.52).

#### ONDE TEM VEZ O PATÉTICO

Poucos, como Gomes de Matos, souberam interpretar o Ceará. Da sua "sociologia cearense" é a afirmativa: "O Ceará não dá garçom, nem alfaiate, nem governador".

Além do patético, todo um extraordinário poder de análise e de síntese, de crítica, de persuassão, reponta da carta que se segue:

"Fortaleza, 27 de agosto de 1945

Prezadíssimo Beni (3):

Anteontem, sábado, 25, redigi para você o cabograma seguinte: "Cearenses expostos maiores perigos reclamam sua presença aqui como Interventor pt Suas condições de boa amizade próceres política nacional asseguram feliz nomeação pt Desgraçadamente nosso candidato General Dutra desconhece verdade respeito execrado situacionismo estadual pt Sua investidura interventoria fundi-

(3) Beni Carvalho

rá correligionários pessedistas dis-sentidos além atrair inúmeros briga-deiristas única forma vitória Gene-ral pt Abraços — Gomes de Matos”.

Não o levei porém à Western; preferi silenciar, atendendo a que se os políticos do Rio babatam no es-curo, aqui, com justa razão, o caos é muito maior.

A sociologia brasileira não é ca-paz de, examinando os fatos da atu-alidade, chegar a conclusões mais ou menos certas sôbre o que vai haver. Imagine Você, debaixo dêsse aspecto psicológico, os extremos de pobreza dos Le Bon do Ceará, uns desgraça-dos cegos de vara.

O Teles (4), chegado daí do foco, lança premissas simpáticas ao Briga-deiro, mas não chega ao fim da ta-refa com muita lógica por embara-çado nas pernas do clero, do exér-cito, do quererismo, do comunismo e de quantas coisas outras que atra-palham a êle e a todo mundo.

Mas a nossa situação aqui, enca-rada localmente, trancada entre os estados vizinhos e o Atlântico, está se tornando um drama cada vez mais aflitivo ante a expectativa da perma-rência do atual governo.

O General Dutra não conhece nem pode conhecer o Ceará nos seus homens de prestígio e de cará-ter. O caprichoso velho Washington Luiz quando por aqui andou, já pre-sidente da República, discursando num banquete oficial, disse que nos conhecia através de IRACEMA, a len-da de José de Alencar. Por isso é mais cômodo ao General deixar a coisa como está para ver como fica. Compreendemos que sua preocupa-ção é não abrir o dique das dissidên-cias. Mas nenhuma destas existe mais poderosa do que a nossa.

Você, que conhece os caboclos da aldeia e não perde o contacto com a nossa gente, deve reconhecer que o rosso elemento eleitoral é o duplo do elemento governista, sendo que o mais importante é o do Brigadeiro.

Os cofres públicos estão abertos, dando-se dinheiro a qualquer matu-to a título de fazer veredas no ser-tão, basta que o mesmo diga que tem vinte eleitores.

O DEMOCRATA, creia, tem vali-do muito mais do que êsse vil metal. Assim é que as nossas hostes aumen-taram porque o povo está cansado de tanta maroteira e injustiça, e anseia por um governo melhor, estava lou-co por um jornal independente que trouxesse à baila a esterqueira de mais de dez anos de atos improbos que têm enriquecido muitos malan-dros privilegiados.

Pelo nosso valente órgão esta-mos lançando torpedos nos adversá-rios, que, agachados, de côcoras, pa-ra não serem atingidos na cabeça, não respondem nada, certos de que sua atividade nefasta tem consistido em desrespeitar o direito alheio e, acima de tudo, em devorar os últi-mos centavos do erário. Vivem como o burro da nau, afocinhados na ga-mela do capim, na estrebaria confortá-vel, não ligando à tempestade que rugue em derredor. O povo está des-perto pelo nosso jornal.

O Olavo, homem forte, caráter seguro, vocação decidida para a poli-tica, tem deslumbrado de energia. Convites, insinuações, promessas não lhe faltam para que abandone o ru-mo traçado. Mesmo prestigiosos amigos nossos, descontentes com as desconsiderações que nos fazem, de-sejam outra rota. Mas não transigi-remos.

Você que é tão ligado ao presi-dente Getúlio, homem boníssimo, e ao General Dutra, nosso candidato; Você que é cearense ilustre por mu-itos títulos, está em ótimas condições de arrancar-nos da beira do abismo. Seu comodismo, adquirido na vida plácida daí do Rio, tem sua razão de ser, porém tenha em mente que o Ceará é o seu berço.

(4) José Teles da Cruz

Vendo o Ibiapina (5), de quem não tenho uma linha escrita há largo tempo, dê-lhe um abraço. Sei que não desprega o coração e os olhos da terra mãe, embora ressentido pela covardia da nossa gente, que lhe reconheceu os grandes méritos, notadamente os de honesta combatividade, tinha medo de qualquer manifestação. Ignoro as relações d'ele com o general Dutra, mas o sei grande admirador do presidente Vargas, como Você e eu.

Medite sobre o que lhe estou dizendo, consulte à consciência, reveja-se no seu prestígio de intelectual notável, de ex-político que não perdeu a vergonha, e dê a mão ao povo da gleba cearense, senão por civismo, ao menos por caridade. Venha ser nosso Interventor. Agüentar o que aqui está até maio, impaciente.

Sem mais, muitas recomendações à sua digníssima esposa.

Do amigo, colega e admirador,  
Gomes de Matos."

## ESPÍRITO POLIÉDRICO

Gomes de Matos não foi apenas um grande palestrador, fino humorista, "causeur" admirável. Possuía virtudes intelectuais outras. Dentre estas, imaginação inventiva.

Como diretor da Faculdade de Direito, marcou uma reunião da Congregação para o dia seguinte, às 8 horas. Tinha uma audiência, e pediu pontualidade.

Deram nove horas, e nada de Gomes de Matos. Impaciente, o professor José Vitor (de estatura muito pequena) de vez em quando ia à porta.

Ao chegar Gomes de Matos, José Vitor foi dizendo: "Mas que demora, Gomes de Matos! Estamos à sua espera há mais de uma hora!"

Gomes de Matos não se perturbou, sabia que José Vitor tinha muito medo de morrer, e disse: "Ora, José Vitor, fui dormir tarde e tive

um pesadelo horrível. Sonhei que tinha morrido um professor da Faculdade. O corpo aqui, em câmara ardente. Professores, alunos, muita gente." "Qual dos professores?" — perguntou José Vitor. E lembrou: "O Gustavo Frota Braga está muito doente." Gomes de Matos prosseguiu: "O professor, José Vitor, eu não cheguei a ver, só sei que o caixão era bem pequenininho."

Como ocorre com todos os candidatos a cargos eletivos no Ceará, um deles estava sendo estupidamente explorado pelos eleitores e cabos eleitorais. Eis senão quando, à véspera do pleito, recebe um telegrama: "Eleitores pedem rêdes". Momentos depois, encontra-se com Gomes de Matos e diz, num desabafo: "Veja se isso tem fundamento!" Gomes de Matos lê o telegrama e aconselha — sem pensar — "Responda: Promova festas".

\* \* \*

Muito conhecida é a crítica, senão a ironia, com a qual Gomes de Matos se referiu ao Telégrafo.

Estava êle numa fila para taxar um telegrama. Vendo-o muito distante do guichê, um amigo, que da mesma fazia parte em posição mais vantajosa, perguntou: "Dr Gomes de Matos, o sr. tem pressa?" Êle respondeu: "Não, se eu tivesse pressa escreveria uma carta."

\* \* \*

Gomes de Matos era dotado de uma memória assombrosa. Guardava datas e fatos. Geralmente, produzia ditando, e fazia discriminação entre as causas dos ricos e as dos pobres no sentido de sensibilizar a Justiça aos interesses destes.

Relata João Jacques:

"Durante dois anos fui seu dati-

(5) Júlio de Matos Ibiapina

lógrafo. Sete horas da manhã já estava em sua mansão, na Rua 24 de Maio, tomando café e lendo com êle as folhas do dia. Em seguida, entrávamos para o gabinete de trabalho, em meio a livros espalhados por todos os cantos. Na desarrumação material, era o homem mais organizado do mundo. Nunca deixou de encontrar, em poucos minutos, o texto que desejava citar ou intercalar num arazoado qualquer.

Ditava-me as suas defesas com uma segurança admirável. E sinal de grandeza de seu coração era o calor, o entusiasmo com que redigia oralmente, como se se encontrasse num púlpito de Tribunal, as petições das viúvas pobres, dos funcionários perseguidos pelo Governo, dos réus sem dinheiro e sem padrinhos que o convidavam para tirá-los da cadeia. Os requerimentos dos ricos eram alhinhavados, sintéticos, frios, pegados à letra da lei. Não desbordavam para a emoção e a eloquência..."

\* \* \*

Senhores, tomando o professor Raimundo Gomes de Matos como Patrono de uma de suas cadeiras, o Instituto Cultural do Cariri vem provar que nem todos morrem sobre a terra.

Doravante, Gomes de Matos estará mais do que vivo: na recordação dos cultores das belas letras e da historiografia e, em consequência, no panteão cívico deste pequeno e glorioso torrão cariense que êle engrandeceu e pelo qual sempre palpitou o seu generoso coração.

Senhores do Instituto Cultural do Cariri, eu vos digo: muito obrigado.

NOTAS COMPLEMENTARES  
CERTIDÃO DE CASAMENTO

CARTÓRIO JOÃO DE DEUS —  
O Bacharel Antônio B. de Holanda

Cavalcante Neto, Oficial do Registro Civil e escrivão dos casamentos da 1a. zona de Fortaleza, Capital do Ceará, etc. CERTIFICO que do livro B-9 de Assentos de Casamentos, à fls. 5v. sob o número de ordem 70 consta que, no dia dois (2) do mês de dezembro de mil novecentos e nove (1909), nesta Capital, perante o Dr. Francisco Joaquim da Rocha, Juiz de Direito da ..... Vara, o respectivo escrivão do seu cargo e as testemunhas Dr. Raimundo Borges, Dr. José Pompeu Pinto Acióli, Dr. Hildebrando Pompeu Pinto Acióli, Dr. Benjamim Pompeu Pinto Acióli, Dr. Antônio Nogueira Acióli Filho e outros, depois de preenchidas tôdas as formalidades legais, se receberam em matrimônio o Dr. RAIMUNDO GOMES DE MATOS, magistrado, de estado civil solteiro, domiciliado e residente em Fortaleza, Capital do Ceará, nascido em Crato do Estado do Ceará, no dia dez (10) do mês de outubro de mil oitocentos e oitenta e seis (1886), filho legítimo do Cel. Raimundo Gomes de Matos e Dona Claudiana de Matos Leite e Dona Léa Pompeu de Sousa Brasil, solteira, domiciliada e residente em Fortaleza, Capital do Estado do Ceará, nascida em Fortaleza, Capital do Estado do Ceará no dia ..... do mês de .... de mil ....., com vinte e dois (22) anos de idade, filha legítima do Dr. Hildebrando Pompeu de Sousa Brasil e de Dona Lídia Alves de Sousa Brasil. A nubente após o casamento adotou o nome de ..... OBSERVAÇÕES: O registro de que trata a presente certidão foi retificado por sentença do Dr. Péricles Ribeiro, Juiz de Direito da 1a. Vara, datada de 6 de agosto de 1936, passado em julgado. Eu Francisco B. Sousa, Escrevente Juramentado datilografei e conferi. O referido é verdade. Dou fé. Fortaleza, 6 de março de 1956. Rubrica do Juiz. Oficial do Registro Civil da 1a. Zona (Ortografia atualizada).

# Um Grande Cratense

## Francisco José de Macêdo

Nascido na vila, antigo sítio "Lameiro" hoje populoso distrito do mesmo nome, Francisco José de Macêdo, foi um dos, senão o maior, professores de então, naquelas plagas que integram o nosso município.

Filho de Francisco José de Macêdo (de quem herdou o mesmo nome) e de D. Francisca Maria da Conceição, teve o seu nascimento no dia 30 de setembro de 1862.

Fêz seus estudos primários nesta cidade do Crato, com o professor Raimundo Duarte, tendo nesse tempo sido colega do Cel. Abdon da Franca Alencar.

Aos vinte e cinco anos de

idade casou-se com D. Joana Correia Macêdo, tendo o casal os seguintes filhos: Antônio, Benedito, Maria, todos já falecidos e Vicente Correia Macêdo que ainda hoje reside na casa que serviu de berço e foi a residência do seu velho progenitor, nas proximidades da mansão Cel. Nelson da Franca Alencar.

Durante quarenta e cinco anos exerceu a árdua função do magistério, tendo sido professor particular durante 30 anos, quando então foi nomeado professor estadual, cargo que exerceu ainda durante os quinze anos restantes de sua vida. Levou assim toda a sua vida a ensinar, a desarnar, a alicerçar futuros doutores que se espalham pelo Brasil afora.

Pequeno de estatura, grande no labor e no caráter, espírito fecundo e reto, foi, na recôndita terra do Lameiro, embora com processos rotineiros, uma aurora nova, diáfana, libertadora de centenas de escravos do analfabetismo.

No começo de 1939 a morte o arrebatou, depois de meio século de trabalhos profícuos.

Dinheiro, recompensa, glória, nada disso êle teve a não ser a glória de ver se projetar fora de sua terra alguns daqueles que êle receberam as primeiras luzes da alfabetização.

Querido de todos, tendo exercido o cargo de Sub-delegado, teve a sua vida a distribuir benefícios, nunca fazendo inimigades, mas sempre trazendo conforto para quem lhe pedia, muito embora levasse uma vida de

---

### O ATESTADO DE ÓBITO

**CARTÓRIO CYSNE** — Certifico que no livro n.º 11, de Registro de Óbitos à fls. 183, sob o número de ordem 17.583, arquivado em meu Cartório, nesta cidade de Fortaleza, Capital do Estado do Ceará, consta que no dia 10 do mês de maio de mil novecentos e sessenta e oito, nesta cidade de Fortaleza, Capital do Estado, às 23,30 horas, na rua 24 de Maio, n.º 692, faleceu de Fibrilação ventricular Raimundo Gomes de Matos, de cor branca, com oitenta e três anos de idade, de profissão advogado, estado civil casado, natural do Ceará, filho de Raimundo Gomes de Matos e D.ª Claudiana de Matos Leite, tendo atestado o óbito o Dr. Francisco Edgardo Bezerra Saraiva Leão. Sepultou-se no cemitério de Fortaleza. OBS.: ————— Dou fé. Fortaleza, 27 de maio de 1968. Maria Luiza Cysne de Medeiros — Escrivã.

# “PATATIVA DO ASSARÉ”

O ilustre cearense, José Arraes de Alencar, residente no Rio, GB, onde foi alto funcionário do Banco do Brasil, filólogo, grande latinista, cujo nome esteve em evidência para a Academia Brasileira, é o impulsor das edições de *INSPIRAÇÃO NORDESTINA*, do poeta popular *PATATIVA*. Escreveu a seguinte carta a J. de Figueiredo Filho:

Rio de Janeiro, 13 de Janeiro de 1971

Caro Confrade J. DE FIGUEIREDO FILHO

1. Recebi o nôvo livro de *PATATIVA* e muito apreciei os judiciosos comentários que o distinto amigo os escreveu, a respeito desta nova manifestação do estro do bardo assaréenense, com os quais tão bem soube interpretar, não apenas a alma do poeta senão ainda a própria alma sertaneja.

2. Essa série de estudos acerca das inspiradas composições poéticas do autor de *NANAN*, o qual, em versos imortais (não hesito em assim qualificá-los), pintou, com extraordinário realismo, a tragédia espantosa

---

privação, de luta, de sacrifício, de pobreza... E assim morreu.

Tempo já é da posteridade de tão insigne mestre prestar-lhe as honras merecidas, dando-lhe o nome a uma das artérias do Crato, especialmente prás bandas que nos leva ao velho e legendário Lameiro dos Alencares.

das sêcas, essa série de estudos, repito, realça-lhes o valor e certamente transmitem um aspecto inédito ao terceiro volume de poesias do fecundo vate sertanejo.

3. Muito lhe agradeço as referências feitas ao meu nome, nascidas de sua generosidade e cavalheirismo.

4. Apreciei sobretudo a propriedade de seus conceitos, na parte em que me considera um sertanejo legítimo, eternamente enlevado com a beleza panorâmica do ambiente nativo em que me decorreram os felizes dias da meninice, entre gente simples, sincera e boa.

5. Ali é que meus olhos se abriram para contemplar os encantos da natureza. Ali minha consciência despertou para apreciar e incorporar ao meu caráter os maravilhosos ensinamentos, que, com o exemplo de suas vidas honradas e puras, nos ministraram, a mim e irmãos, meu generoso, ativo e impoluto Pai, e minha bondosa e santa Mãe.

6. Grato, pois, por haver consignado essa preponderante faceta de meu espírito — meu amor ao pequenino torrão em que nasci, cujas verdejantes serranias bem simbolizam a altitude moral da gente sertaneja e cujos vales e campinas representam a tranquila placidez de sua existência.

Cordiais cumprimentos do confrade e admirador

(a) José Arraes de Alencar

A região do Cariri, situada ao sul do Ceará, pode ser classificada, hoje, como exemplo de prosperidade, em todos os ramos de atividades humanas. O triângulo caririense é formado pelos municípios de Crato, Juazeiro do Norte e Barbalha.

No setor cultural o Crato já atingiu a sua maturidade, ocupando posição de liderança e de efetiva influência em tôdas as comunidades vizinhas, notadamente de municípios dos Estados de Pernambuco, Paraíba e Piauí. Mas o desenvolvimento da importante cidade cearense vem se processando, com maior ênfase, na área do ensino médio e superior, porquanto vários estabelecimentos especializados exercem atividades marcantes na vida social dos núcleos populacionais situados nas suas imediações.

Funciona, ali, uma entidade cultural de acentuado prestígio, espalhando na área geográfica sob sua influencia os efeitos positivos de um trabalho consideração magnífico. O Instituto Cultural do Cariri, dirigido pelo professor e sociólogo J. de Figueiredo Filho, galvanizou a opinião pública do Nordeste, através de realizações arrojadas em favor do adiantamento do imenso território sul-cearense.

Fato que define a real sensibilidade dos dirigentes da instituição é inegavelmente a publicação anual da revista "ITAYTERA" órgão oficial de categoria comprovada, repositório do pensamento e das idéias de uma gente ciosa de esforço e de dedicação à causa que lhe empolgou.

O número 14 da bem confeccionada revista representa o

atestado eloquente da ação coordenada de intelectuais identificados com a estratégia do desenvolvimento, dentro das premissas evidentemente defendidas e postas em prática pelo Governo afirmativo do sr. Emílio Garrastazu Médici, patriota convertido numa campanha de restauração da vida pública brasileira.

Os elementos de projeção da tradicional terra de "Bárbara de Alencar" atingiram, desde muito tempo, estágio sociológico integrado na sistemática nacional, estabelecendo um nôvo preceito de luta titânica contra o indiferentismo dos derrotistas. Homens da estirpe de Figueiredo Filho, Pe. Antônio Gomes de Araújo, historiador de méritos indiscutíveis; jornalista João Lindemberg de Aquino, propugnador intemerato da imprensa cearense; Zuleika Pequeno de Figueiredo; Antônio Correia Coêlho, Raimundo de Oliveira Borges, José Newton Alves de Souza, estêio em que se apoia o sistema do ensino superior da região; Jefferson de Albuquerque e Souza, velho e incansável batalhador na defesa de iniciativas de cunho social e recreativo; José de Paula Bantim, exemplo de perspicácia e amor à terra comum; Edméia Arraes de Alencar, professora que tem se conservado fiel aos princípios de tenacidade do seu falecido genitor Alexandre Arraes de Alencar; Maria de Lourdes Esmeraldo, Otacílio Anselmo e Silva, militar reformado e convertido em pesquisador de invulgar capacidade criadora.

A colaboração impressa em

# Reflexões

Imaginem só, que o Brasil, este país rico, imenso e maravilhoso continua ainda desconhecido para muitos.

Acontece, que há meses, o jornal divulgou uma notícia que, em Capão Sêco, distante 70 quilômetros de Brasília viviam 130 famílias na mais completa promiscuidade, tal a "Legião dos Esquecidos" ignorando, até mesmo, a capital federal e os seus dirigentes..

Possivelmente ali não existiam autoridades que as orientassem com verdadeiro senso democrático, nem professores responsáveis pois eu acredito se naquelas salas de aula, feitas mesmo de pau a pique, estivesse presente a bandeira nacional, a mais bela do mundo, e que é a imagem viva da Pátria e talvez não ignorassem que ela possui uma "capital espacial" conforme definiram os astronautas estadunidenses que a visitaram e é governada por homens de valor incontestável, merecedores da confiança do povo.

Felizmente, tudo mudou em Capão Sêco graças ao trabalho cívico e humanitário dos componentes do "Projeto Rondon" e dos "Militares da Guarda Presidencial" que a integraram na

---

200 páginas bem apresentadas constitui a preocupação fundamental dos responsáveis por esse empreendimento de larga significação para os meios culturais do País. Os cratenses estão experimentando um estilo diferente de ação civilizadora, caracterizada, indubitavelmente, pela grandeza da obra realizada.

(D. P., 12.12.70).

Comunidade Brasileira, dotando-a de melhores condições de vida, fornecendo roupas, alimentos e remédios, construindo escolas dentro dos modernos métodos pedagógicos, deixando ali, o marco de sua passagem. Afinal a civilização atingiu aquele rincão abandonado, descoberto por estes "bandeirantes do presente" nos quais repoussam as esperanças do futuro.

Através do milagre da "televisão" vemo-los arrastar o clima inóspito do nosso "hinterland", a aridez do "Planalto Central" e penetrarem na exótica e fabulosa Amazônia, viajando pelo Rio-Mar, admirando os igarapés, furos e paranás, as árvores seculares que parecem desafiar o infinito, os jacarés, a paisagem bárbara, ouvindo as suas lendas que nos levam a crer que "as imagens estão tatuadas nas gentes, calcadas nas pedras", nesta terra onde o binômio rio-floresta caracteriza o seu traço fisionômico, nesta terra onde tudo é grande: grande a beleza da mata virgem, grande a quantidade de pássaros que a enfeitam com a sua cantarola profusa, grande é a pororoca, grande o uirapurú, sua ave sagrada, grande, soberbo, indefinível é o encontro das águas dos rios Negro e Solimões, como é grande a vitória-régia, flor símbolo da gleba.

Tenhamos, pois, confiança no esforço dos jovens universitários a quem coube a missão patriótica de continuarem a obra dos idealizadores do "Projeto Rondon", na conquista do Brasil, trabalhando com orgulho pelo seu engrandecimento porque "ninguém mais segura este país".

# Psiquismo Hermafrodita

Quando uma pessoa encarna em si Mercúrio e Vênus, temos a triste anomalia, denominada de Hermafroditismo. Esta anomalia, que afeta o físico, pode afetar também o psíquico. Quando um ser reúne os caracteres dos dois sexos, é um hermafrodita. Mas quando seus caracteres são de apenas um sexo, e os desejos, os impulsos são do sexo oposto, temos o hermafroditismo psíquico. É dêste e não daquêle, que pretendemos falar aqui.

O estigma do hermafroditismo, de qualquer espécie, deixa a criatura envergonhada e humilhada. Seus portadores fazem tudo por ocultar seu estigma. Acontece que uma pessoa fisicamente sã, contrai o estigma psíquico. É homem e quer ser mulher, ou é mulher e quer ser homem. Suas intenções e desejos se chocam com a realidade biológica ou psíquica.

O fenômeno do psiquismo hermafrodita é cuidadosa e profundamente estudado por Adler, no livro "Le Tempérament Neveux" página 206 e seguintes.

Adler denominou o fenômeno de Hermafroditismo Psíquico e eu preferi chamá-lo de Psiquismo hermafrodita.

E como o caso deve ser ilustrado com alguns fatos práticos, digo que Adler conheceu uma jovem de pequena estatura, que se sentia inclinada para homens de grande estatura. Ele configurou isto como sinal de Psiquismo hermafrodita, porque a jovem

era portadora de um só sexo: era feminina.

Mais adiante o ilustre psiquiatra estuda outros tipos, que êle chamou de amigos do "senão". O rosário dêstes "senões" revelam sintomas da mesma anomalia psíquica. E eis, em resumo, as situações de Adler: a jovem não quer casar "senão" com um homem em plena virilidade, "senão" com quem alimenta um amor platônico, ou não quer se casar "senão" com a condição de não ter filhos. Querem um marido que lhe dê tôda a liberdade, que lhe satisfaça todos os desejos, por onde se vê que é mulher e quer ser homem. Toleram o marido somente enquanto lhe pede o sexo e mais nada, isto é, no mais, quer ser igual a seu marido, quer a licenciosidade sexual dos homens, quer o direito à infidelidade, como o marido; quer pisar por cima da castidade sem maiores consequências, como os homens fazem.

Tais imposições revelam um hermafroditismo psíquico ou melhor uma doença psíquica, sem qualquer estigma físico.

Vivem num mundo de ficção e nesse mundo sonhador, tanto o homem como a mulher vivem insatisfeitos, querendo ser o que não são, ou querendo o sexo que não têm. A mulher psiquicamente hermafrodita diz: todos os homens são brutos, são tiranos e julgam mal das mulheres: todos são uns pestes.

E os invertidos masculinos revidam nervosamente: tôdas as

# AMBIÇÃO MINHA

MARIA ELISETE MAGALHÃES

Queria ser lágrima  
para penetrar nos olhos dos que não sabem chorar.  
Queria ser riso  
para estar nos lábios dos que não sabem gargalhar.  
Queria ser paz  
para estar nos que não a conhecem.  
Queria ser voz para morar naqueles que não falam  
Queria ser sabedoria  
para residir nos leigos do saber.  
Queria ser luz  
para dissipar a escuridão das trevas.  
Queria ser amor  
para habitar nos corações dos que não amam.  
Queria ser flor  
para perfumar todos os caminhos.  
Queria ser sol  
para aquecer todos os frios.  
Queria ser planta  
para purificar o ar irrespirável.  
Queria ser alegria  
para estar com os que são tristes.  
Queria ser solução para ligar-me a todos os problemas.

Maranguape, 14 de janeiro de 1971.

mulheres são viciosas, insaciáveis, frívolas, pobres de espírito e só se preocupam com sexualidade.

Aqui estão os traços inconfundíveis do psiquismo hermafrodita.

Muitas jovens não se casam porque não encontram um bom partido, isto é, não encontram um maricas que lhes satisfaça todos os caprichos. São caprichosas e carregam no psiquis-

mo, o que Adler chamou de "protesto viril".

Acham horrível? Eu também. Mas, por toda a parte se encontram esses horríveis, esses invertidos sexuais, insatisfeitos com o sexo que têm. O invertido, o sodomita, o nojento e baixo homossexualismo, afinal o hermafrodita psíquico são manifestações de psiquismo hermafrodita.

Pe. Antônio de Alcântara

atentem para este conto. êle não é tão comum como pode parecer. ia ser integrado num "manifesto neurótico", que um grupo de recife planejou lançar. a idéia não teve meios para concretizar-se, mas quem sabe um dia ainda suba à tona. é um conto sintético para que possam ler bem rápido. se o autor desenhasse, seria uma história em quadinhos.

# O PERSEGUIDO

Tiago Araripe

Êles estavam se aproximando. Ma os via chegar, por mais rápido que movesse as pernas, e não conseguia distanciar-se daqueles perseguidores constantes. No comêço, Ma pensou que poderia vencê-los apenas se andasse um pouco mais depressa. Logo viu, porém, que teria de correr. As figuras diminutas e horrendas continuavam no seu alcance. Quando lhe passaram pelo estômago, Ma já estava em carreira vertiginosa, balançando o corpanzil. Os coisas alojaram-se, então, nas amígdalas. Não tinham pressa — arrastavam-se, mas estariam onde a vítima estivesse. Ma sentiu a garganta inchada, a dor intensa. Percebeu que os perseguidores estavam mais e mais próximos. Suas pernas espalharam-se. Os olhos pulavam-lhe no rosto suado. O corpanzil quase que voava, entre letreiros e transeuntes que olhavam intrigados. Depois, Ma segurou a cabeça com ambas as mãos e agitou-a convulsivamente. Sua bo-carra não cessou de emitir os mais pavorosos sons, até que a turma do sanatório o agarrou novamente.

Instalados definitivamente no cérebro de Ma, as minúsculas figuras estavam sentadas em círculo e palitavam os dentes.  
recife. setembro. 1970.

---

## O ESCRITOR NERTAN MACÊDO OCUPARÁ A CADEIRA DE JOÃO BRÍGIDO DOS SANTOS

Por êstes dias, ocupará, no Instituto Cultural do Cariri, secção de letras, a cadeira que tem como patrono o grande jornalista, historiador e político João Brígido dos Santos. Foi o criador da imprensa no Crato, com a fundação de "O Araripe", em 1855 e dos principais historiadores do Cariri.

Nertan é escritor conhecido e acatado em todo o Brasil, nascido em nossa cidade.

O discurso de recepção será feito pelo Secretário-Geral do I.C.C. João Lindemberg de Aquino.

Seu nome foi apresentado pelo nosso Vice-Diretor, escritor Padre Antônio Gomes de Araújo, com aprovação unânime.

# EXPORTADORA CRATENSE

— DE —

ANTÔNIO ALVES DE MORAIS JUNIOR S. A.

Agricultura, Indústria e Comércio

INSCRIÇÃO C. FEDERAL 07.174.572/001

INSCRIÇÃO D. S. I. R. 300023 — COD. 290

TELEG.: ANTALVES — INSCRIÇÃO 1 — CX. POSTAL 11

Usina e Escritório : AV. Pe. CÍCERO S/N - Bairro S. Miguel

TELEFONES : 200 e 201 — CRATO — CEARÁ

COMPRA DE ALGODÃO EM RAMA — BENEFICIAMENTO

EXPORTAÇÃO E EXTRAÇÃO DE

ÓLEOS, RESÍDUOS E RAÇÃO BALANCEADA

# ESCRITÓRIO ALMEIDA

— DE —

VICENTE RODRIGUES DE ALMEIDA

RUA Dr. JOÃO PESSOA N.º 383 — CENTRO

TELEFONE : 426 — CAIXAS POSTAIS 68 e 69

C R A T O

—

C E A R Á

---

ESPECIALIZADO EM :

CONTABILIDADE : Comercial, Industrial, Hospitalar, etc.

Fundo de Garantia, I. N. P. S., Lei de 2/3, Declarações de

Rendas, (P. Física e Jurídica), Organizações de Firms,

Registros de Firms e Serviços Datilográficos.

# Guerras Platinas no Segundo Reinado — Projeção de Caxias na Guerra contra o Governo do Paraguai

GEN. DIV. R/1 — RAIMUNDO TELES PINHEIRO  
Sócio Fundador do Instituto Cultural do Cariri  
e Correspondente do Instituto do Ceará

Palestra proferida pelo GEN. DIV. RAIMUNDO TELES PINHEIRO, no CPOR de Fortaleza, aos 18 de agosto de 1970, participando do "Programa de Integração Cultural CPOR-UFC", a convite da Universidade F. do Ceará.

## I — INTRODUÇÃO

Com humildade, desvanecimento e acentuada sensibilidade, recebemos o honroso e gentil convite, formulado pelo Departamento de Educação e Cultura da Universidade Federal do Ceará, para participar diretamente do "Programa de Integração Cultural CPOR/UFC", em proferindo uma palestra versando sobre a GUERRA DO PARAGUAI, em data que seria fixada posteriormente.

Muito embora o nosso precário estado de saúde na época, não pudemos furtar-nos à promessa de aceitar a nobilitante missão, condicionada à resposta definitiva, porém, a um prazo razoável, consentâneo com o estabelecimento da programação, ainda em estudo, e a confirmação do tema sugerido, ou modificado no seu todo ou em parte.

Consideramos cuidadosa e convenientemente a proposição, na devida oportunidade, e decidimos aceitá-la de qualquer maneira, como inclinável imposição do bem-querer e amizade, dedicados ao Estabelecimento que tivemos a subida honra e sublimada ventura de comandar com honestidade e acentuado carinho, a par da satisfação ímpar de novamente manter contato direto com a promissôra mocidade universitária do nosso querido Ceará, como fizemos também, posterior e sucessivamente

com os cadetes da saudosa Escola Preparatória de Fortaleza e com os alunos do atual Colégio Militar, cujos comandos a Providência divina, por intermédio do então Diretor-Geral do Ensino do Exército — o inclito e inesquecível Marechal Humberto de Alencar Castelo Branco — em feliz momento, para nós, nos confiou. E mais, por achar-se atualmente no comando da vossa Instituição um grande amigo, honesto e dedicado ex-comandado, excelente colaborador no exercício da nossa chefia, em época que já se apaga na poeira do tempo.

Posteriormente, renovado o atencioso convite por escrito e modificada um pouco a estrutura do assunto, assumimos o delicado compromisso e aqui vos defrontamos, neste momento, com o mesmo ardor e sincera vontade de cumprir honestamente a missão que nos foi atribuída.

Sentimo-nos à vontade e feliz em voltar a êste tablado, por nós inaugurado há doze anos, de onde inúmeras vezes nos dirigimos aos queridos comandados, e já novamente o fizemos, quando colocado no ramo descendente da parábola da vida, no pôsto de General de Divisão, e a todos os Oficiais da sempre querida Guarnição Militar de Fortaleza.

Mãos à obra, pois; motivai o vosso caridoso espírito de tolerância e empenhai a atenção no sumário, no mapa e nos croquis.

Na área Platina o Brasil — Colônia e Império — travou as mais importantes e cruentas lutas externas, em consequência natural do seu valor político-econômico. Ali, interesses múltiplos reagiram antagonicamente na colonização do Prata, desde a chegada dos primeiros europeus ao vasto estuário e às terras circunvizinhas, constituindo-se agitado teatro do choque das correntes colonizadoras hispano-lusitanas, sede da cobiça da França e da Inglaterra, quartel general do entrelopo, centro de hostilidade dos charruas, origem da civilização jesuítica-guarani, objetivo dos audazes bandeirantes paulistas e, em suma, reflexo da política das metrópoles e das suas relações na Europa.

De início, os principais focos da colonização da Ibéria no vasto continente sul-americano, ignôto e imenso, fixaram-se em Pernambuco e Peru. Posterior e paulatinamente, em consequência dos lucros propiciados por aquelas regiões, desenvolveram-se outros núcleos em outras áreas: Os espanhóis, infiltrando-se ao arripio da corrente do rio da Prata, estabeleceram-se em Assunção, enquanto os portugueses, por sua vez, o fizeram em São Vicente, à sombra da muralha da Serra do Mar. Na primeira, os colonizadores da época viviam em função das riquezas fabulosas do Peru e do Potosí, enquanto os luso-brasileiros, no parialto paulista desprovido de recursos, procuram encontrar sua vivência na caça e apresamento do silvícola. Concomitantemente, a ferocidade dos índios charruas não permite a aproximação e domínio das terras à ilharga do estuário platino; mas, finalmente, é no estabelecimento definitivo dos espanhóis na margem meridional do rio da Prata e na descida dos intrépidos bandeirantes às “reduções” do sul, que se encontram os descendentes

dos seculares e tradicionais adversários: Portugueses e espanhóis.

Vislumbrando sábia meta política, compreendeu o rei D. João IV de Portugal a imperiosa necessidade de debruçar as lindes da colônia no estuário do Prata, e, na feliz tentativa de realizar êste golpe audacioso de clarividentes consequências, encarregou a D. Manuel Lôbo, Governador do Rio de Janeiro, de levar a cabo a grande tarefa, da qual resultou a fundação, no ano de 1680, em frente a já próspera Buenos Aires, do bastião luso denominado Colônia do Sacramento.

Considerando os espanhóis que a presença dos portugueses nas margens do Prata era sobremodo inconveniente para êles, protestam sem resultado e brotam as reações que se prolongam por séculos de duras e cruentas lutas fratricidas.

No decorrer dêsses intermináveis e sangrentos entreveros, ora de maiores, ora de menores proporções, pela hegemonia da região platina, e já no século XIX um ponto de extrema criticidade firma-se no desmembramento do Vice-Reinado do Prata, resultante da ruptura da autoridade central dominante. A Bolívia e o Paraguai desgarram-se das províncias co-irmãs que se subordinavam à tutela de Buenos Aires, enquanto a Banda Oriental, atual República do Uruguai constitui-se, palco ou teatro de ingentes lutas entre lusos e espanhóis e seus descendentes e autênticos herdeiros.

Por fim, no ano da graça de 1828 a Convenção decorrente da Batalha do Passo do Rosário cria nova situação política, com o estabelecimento de um Estado independente, tampão entre o império do Brasil e as turbulentas Províncias Unidas de Buenos Aires, ao que se segue pequeno período de paz entre brasileiros e argentinos.

Nas aludidas Províncias predomina o caudilhismo desenfreado e

cruel, e no Império, consolida-se nosa formação política-social, embora enfrentando e solucionando graves e dissolventes questões internas.

### III — ORIBE E ROSAS

Em 1829, empolga o poder, nas Províncias Platinas, o violento e sanguinário caudilho Rosas, enquanto na pequenina República do Uruguai, independente pela fiança dos seus antigos e permanentes algozes, Brasil e Argentina, galga a presidência, em 1830, Rivera que, quatro anos depois, é substituído pelo seu Ministro da Guerra, Oribe.

O Jovem Império dos Pedro, sempre e necessariamente atento às constantes oscilações políticas dos seus irrequietos vizinhos, encontra-se às voltas com a angustiante luta fratricida da Revolução Farrroupilha, em extremo perigosa para a integridade nacional, principalmente pela proximidade de tão turbulentos vizinhos.

Em 1838, Rivera apeia Oribe do poder e no ano seguinte é ele, novamente eleito presidente de fato. Enquanto isso, com seus mirabolantes sonhos de reconstituição do esfacelado Vice-Reinado do Prata, Rosas é patente ameaça à independência do Uruguai, o que impõe a Rivera aliar-se à Província de Corrientes contra as desmedidas ambições do tirano; este envia uma força liderada por Fehague, em companhia de Oribe, Urquiza e Lavalleja, para combater a Aliança; essa expedição é batida na região da Caganha. Em consequência, Rivera sentindo-se ou julgando-se forte pelo êxito inicial toma a decisão de atacar a Rosas e, em 1842, transpõe o rio, mas é derrotado por Oribe.

O domínio e ambições incontrôladas de Rosas, as lutas políticas do Prata, as possibilidades econômicas das evidentes riquezas platinas interessam sobretudo às imperialistas

França e Inglaterra, que se insinuam como mediadoras; essa, quer a livre navegação da bacia do Prata, e a Independência do Paraguai e Uruguai, como de grande benefício para o seu comércio; e aquela mantém suas fagueiras esperanças de estabelecer-se em zona rica e próspera da América do Sul. E como a diplomacia dos fortes se manifesta, quando por eles julgado necessário, de armas em punho, a cidade de Buenos Aires é bloqueada às primeiras reações de Rosas.

Enquanto isso, no Uruguai de 1843, a situação apresenta Oribe vencedor sitiando Montevidéu, onde os colorados urugaios e os unitários argentinos resistem, ao mesmo tempo que a campanha está sob o domínio de Rivera.

A vigorosa ameaça franco-inglesa aproxima, naturalmente, as Províncias Platinas do Império do Norte, do que resulta uma Aliança defensiva, que é ratificada pelo governo do Brasil, porém Rosas, que julga ter atendido às pretensões dos lobos mediadores, rejeita-a sem justificações consentâneas e plausíveis, o que foi um grave erro político, exacerbado pelo truculento e inábil Rosas quando se nega a receber Ponte Ribeiro, Ministro brasileiro em Buenos Aires, e obtém da Inglaterra autorização para bloquear Montevidéu, direito esse que não é reconhecido por Sinimbu, nosso Ministro naquela cidade; Ponte Ribeiro adere à resistência e é insultado pelo desabastado gaúcho.

Esses inconcebíveis processos diplomáticos constituem afronta às gratas aspirações de aliança e boa vizinhança do Brasil. É que Rosas, desafiando a rude máscara, incontestavelmente, revela-se fanático adversário do grande Império latino-americano, pelo que, mudando esse de atitude política envia à Inglaterra a Missão Albrantes, com o objetivo de conseguir apoio e beneplácito das potências européias a uma in-

tervenção militar contra o ditador Rosas, a qual deveria pôr fim à sua política dominadora e francamente expansionista.

Françando a Missão em tela, e prosseguindo o Brasil no firme e inabalável propósito de opôr-se resolutamente às ambições rosistas, reconhece, no ano de 1844, a independência do Paraguai, que se governava por si desde 1811 e se emancipava oficialmente por Decreto do Congresso de 1842.

Em 1845, enquanto o Império respira tranqüilo após a pacificação da longa agitação farroupilha, graças ao engenho e ingente esforço do grande Conde de Caxias, o caudilho Urquiza, por determinação de Rosas, invade o Uruguai e bate definitivamente a Rivera, que se refugia no Rio Grande, deixando a Oribe, preposto do tirano Rosas, o domínio de todo o Uruguai, com exceção da situada região de Montevidéu.

Em 1846, sob a assistência moral do governo do Brasil, o caudilho Madariaga, de Corrientes, alia-se a Carlos López, do Paraguai, bem como ao antirosista General Paz, e revolta-se contra o feroz ditador buenairense mas, após rápidos encontros e combates, são batidos os aliados por Urquiza no entrevero de Protero Vences, no ano de 1847.

E, agora, as potências européias abandonam o tablado do drama: a Inglaterra convencendo-se de que não há solução militar para as suas leoninas pretensões, passa a manobrar diplomaticamente e abandona o bloqueio em 1849 e a França, cansada de subvencionar os legalistas de Montevidéu, em quase dez anos de esperanças frustradas, suspende a ação naval em águas do Prata, no ano seguinte. E Rosas sente-se senhor da arena política.

O ano de 1850 apresenta-se crítico: Rosas, na Argentina, ensaia manobras políticas com o objetivo de obter a defecção do falso Urqui-

za, cuja sombra teme e o incomoda; Oribe, no Uruguai, pratica desmandos, não reconhece propriedade de brasileiros, realiza tropelias na fronteira e instiga a luta contra os vizinhos; enquanto o governo do Brasil observa a precipitação dos acontecimentos com certa cautela diplomática e visível timidez, até que o Barão de Jacuí, sentindo diretamente o ferretear das estocadas oribistas, encabeça a desforra e invade o Uruguai em ações locais. Em consequência Rosas, através do seu embaixador no Rio, Tomaz Guido, toma satisfações disparatadas ao Império, que não lhe dá ouvidos, embora o tente fazer ao governo do Uruguai; Guido pede os passaportes e retira-se, motivando a ruptura das relações entre os dois maiores países da latinamérica.

O Congresso das Províncias autoriza Rosas a providenciar a incorporação do Paraguai, fato que impõe a quebra do marasmo da nossa política externa e surge a previsão de guerra próxima.

Iniciando sua intensa ação diplomática, o Brasil assina com o Paraguai, nesse ano crítico de 1850, um tratado de Aliança defensiva e ofensiva, enquanto o fabuloso Urquiza, que antes havia se solidarizado com as demais Províncias no apêlo dramático à continuação do ditador, que finge renunciar pela segunda vez, rebelar-se e transforma-se em fidalgo inimigo do tirano de Buenos Aires, de quem fora incansável lugar-tenente.

O Império pressionado pelos acontecimentos, em fase da ostensiva agressividade do ditador argentino, efetiva novas alianças com seus aliados compatriotas portenhos, assinando, a 29 de maio de 1851, Tratado ofensivo e defensivo com o governo de Montevidéu e o de Entre Rios, subscrito, respectivamente, pelo Ministro Silva Paranhos, por Manuel Herrera Y Obes e Antônio

Cujás e Sampêro. Esse Convênio tinha por finalidade depor Oribe, atendendo a interesses das partes contratantes e, sem demora, o Brasil se prepara para a guerra, nomeia o Marechal Conde de Caxias comandante do Corpo Expedicionário e o Almirante Grenfell para o comando Naval.

Embora improvisando seus poucos recursos bélicos, o Império dispunha no Prata em 1851 de: 4 divisões de Infantaria e uma de Artilharia, no Exército, bem como uma fragata, sete corvetas, três brigue e seis vapores, na Armada.

Urquiza, a partir do 10. de maio, prepara-se para a luta, mobilizando forças que se concentram em ponto central de Entre-Rios; Caxias, nomeado comandante a 18 de junho, chega ao T.O. da provável luta a 30 do mesmo mês e lança o Ten. Cel. Osório, futuro ídolo dos nossos soldados, para ligar-se com Urquiza.

Fôra decidido que Urquiza passaria o rio Uruguai e, marchando paralelamente à fronteira brasileira, deveria reunir-se ao grosso das tropas do Império no rio Negro, próximo à confluência com o Taquarembó. Os movimentos e transposições seriam garantidos pela Esquadra Imperial, que deveria frustrar também, as ligações de Oribe com Rosas.

Mas Urquiza, retrato perfeito do caudilho da época, tem mais de uma cara e palavra: Contando com simpatias nas tropas Oribeistas e não querendo usar a tutela do Brasil, a não ser em caso de fracasso, monta sozinho sua planejada operação, da qual resulta, após alguns encontros e combates, em negociações aceitas por êle sem consulta aos demais aliados, as quais finalizam com o Convênio de Capitulação, que, posteriormente, foi como de seríssimas e danosas consequências para a política do Império.

Caxias, que realizou penosa marcha de 500 Km, avista-se com Urqui-

za a 14 de de outubro, assentando as bases iniciais das futuras operações contra Rosas.

A Esquadra brasileira cooperou eficientemente, de vez que o bloqueio impediu que Oribe recebesse reforços e que Rosas invadisse Entre-Rios.

A 20 de setembro de 1851, a "Sala dos Representantes da Província de Buenos Aires" declarou a guerra contra Urquiza, antes, portanto do seu encontro com o Conde de Caxias já citado, aos 14 de outubro, após a derrota de Oribe.

E, em 21 de novembro, foi definitivamente negociado o Tratado entre os aliados para firmar as bases da guerra contra o famigerado Rosas, que procuraremos sintetizar quanto possível, a seguir. Em consequência, constituiu-se o "Grande Exército Libertador da América do Sul", composto de forças brasileiras, uruguaias, entrerrianas e correntinas, que deveria ser comandado por Urquiza, no território argentino. O Plano da Campanha coube à clarividência do Conde de Caxias, assim delineado: O grosso daquela força expedicionária, conduzido pela Esquadra brasileira, subiria o Paraná até o ponto mais conveniente, onde seria desembarcado, a fim de marchar contra o reduito de Rosas, enquanto o chefe brasileiro, com a maior parte dos nossos efetivos, permanecería em Colônia, em condições de, na devida oportunidade e se necessário, atacar Buenos Aires, na hipótese de o Ditador oferecer séria resistência ou vencer aquela expedição.

Pôsto aludido plano em execução, a 17 de dezembro, a Esquadra, sob o comando de Grenfell, forçou a passagem fortificada de Toneleros, desembarcando no pórtico de Diamante o Exército que transportava, do qual participava a Divisão brasileira comandada pelo Brigadeiro Marquês de Souza, futuro Conde de Pôrto Alegre. Dessa cabeça de

ponte partiu o ataque às forças de Rosas, que foram vencidas na Batalha de Caseros, travada a 5 de fevereiro de 1852, pondo fim à campanha e provocando a fuga do inclemente ditador para o estrangeiro.

Com a entrada dos aliados vencedores em Buenos Aires, foi organizado novo governo Argentino sob a direção de Urquiza, que, pouco depois, restabeleceu relações diplomáticas com o Império do Brasil.

A seguir, recolheram-se nossas tropas aos seus quartéis e, ultrapassadas algumas dificuldades da política interna da Confederação, celebrou esta com o governo brasileiro, em 1856, um Tratado de Amizade, Comércio e Navegação.

No crepúsculo das operações, para honra e glória dos nossos antepassados conduzidos sábiamente pelo inclito Caxias, a "Honrada Sala dos Representantes" proclama: "Os orientais e brasileiros se retiram, deixando os seus mortos no campo e levando sobre os seus ombros as armas que trouxeram, laureadas pela vitória, e sobre suas cabeças as bênçãos de um povo agradecido".

Estava assegurada a independência política de três nações irmãs e firmada a doutrina do pan-americanismo.

#### IV — INTERVENÇÃO NO URUGUAI DE AGUIRRE

Em que pese a vitória dos aliados brasileiros, argentinos e uruguaios — contra o caudilho Oribe e o famoso ditador Rosas, não foi conseguida plena tranquilidade política no Uruguai, culminando com a invasão do seu território pelo revolucionário Flôres aos 12 de abril de 1862. E a fronteira Brasil-Uruguai, sob a presidência de Berro e posteriormente de Atanázio Aguirre, virou autêntico barril de pólvora, em virtude de constantes perseguições a brasileiros.

Aguirre enfrentava, com dificul-

dade, as forças revolucionárias de D. Venâncio Flôres e os "blancos", partidários dos aludidos chefes de Estado, insistiam em exterminar os brasileiros da fronteira e do interior, forçando o governo imperial a apresentar sucessivas listas de brasileiros assassinados, de estâncias incendiadas, de extorsões de dinheiros e de gado, de afrontas à nossa bandeira, etc., reclamações essas que permaneceram pendentes de solução.

Os atentados contra brasileiros multiplicavam-se, e eram muitas vezes praticados por agentes do governo, cujos atos acarretavam a responsabilidade do próprio Estado, que não os ordenava, mas tolerava-os e procurava encobri-los com pretextos irrisórios, peculiares a governos fracos, com apoio em influentes chefes fronteiriços.

Não havendo interesse, mas omissão das autoridades uruguaias e protelando o governo imperial, passaram esses brasileiros a armar-se, a fim de fazerem justiça por conta própria.

Dominava na época, a ala mais radical do partido "Blanco", e ódios mortíferos lavravam entre esses e os "Colorados", e o governo uruguaio sentia que o dito argentino de Mitre, apoiando os revolucionários de Flôres, provia-os de armamentos, munições, etc., e vários incidentes quase o confirmam.

Daí voltarem-se aquêles governistas para Solano López, junto ao qual urdiam solertes intrigas, como ocorreu em 1863, quando Herrera e Las Carreras insistiram para que êle interviesse na Argentina e tentaram forçar a ocupação da ilha de Martin Garcia pelos Paraguaiois, o que não conseguiram.

O Império não desejava intervir no Uruguai, nem no conflito, apesar do agravamento da situação da fronteira riograndense; mas, pduco a pouco, o quadro fronteiriço evoluiu para o aspecto de desdouro ao brio

nacional, conduzindo à exaltação dos ânimos.

Os riograndenses começaram a armar-se, como já assinalamos, com a finalidade de executar retaliações, com a possibilidade de mobilizar forças no valor de sete a oito mil homens, e mandaram, antes de invadirem o Uruguai, ao Rio de Janeiro, o General Antônio de Souza Neto, a fim de levar ao conhecimento do governo de sua Majestade a decisão dos seus companheiros.

Esse "ultimatum" criou um dilema: Intervir ou arcar com a guerra civil, na qual tôda a razão estava com os insurgentes; e o governo cedeu.

Enquanto isso, os "blancos" agiam, procurando compençar sua fraqueza interna com uma aliança e o grupo radical aproxima-se de Solano López, a fim de atraí-lo para o seu lado, através da sua vaidade megalômana e por ser possuidor de forte Exército. Ciente do despeito de Urquiza, da sua aspiração de derrubar Mitre, também dêle se aproxima, tratando, então, de constituir um bloco sólido formado pelo Paraguai, Uruguai, Entre-Rios e Corrientes, com o que "o General Mitre estaria isolado ou neutralizado e o Brasil poderia ser contido"; o numeroso Exército de López seria suficiente para derrotar Mitre, mormente reforçado pela valorosa Cavalaria de Urquiza.

Entretanto, um imponderável acontece e precipita os acontecimentos: É que o Brasil, premido pelo "ultimatum" dos riograndenses, já assinalado, e cansado de apresentar reclamações que não foram atendidas, enviou a Montevidéu, Saraiva em missão especial, com a finalidade de colocar ponto final na perseguição aos brasileiros no território uruguaio e fronteiriço; enquanto nesse território, inevitavelmente, os brasileiros, em face do dilema de morrer combatendo ou de braços cruzados, aderem ao General Venâncio Flôres.

Saraiva leva como pontos capitais das exigências imperiais: "Castigo dos delinquentes até aí impunes, indenização das propriedades extorquidas aos brasileiros, por autoridades civis e militares orientais, destituição e responsabilidade dos agentes de polícia criminosos, libertação dos brasileiros engajados à força no Exército da República".

Nos primeiros contatos, convenceu-se Saraiva de que a omissão de providências em defesa dos brasileiros era mais resultante da fraqueza que do desinteresse do governo; e compreendeu imediatamente que a melhor solução seria fortalecê-lo por meio de uma pacificação, para o que seria reformado o Ministério, afastando da administração os nomes que ostentavam uma bandeira de guerra.

Havia um grande obstáculo a remover: Flôres, chefe dos "colorados", que chefiava uma revolução com visus de vitória. Saraiva não desanimou, e contando com a valiosa colaboração da Inglaterra e da Argentina, que desejavam a paz tanto quanto o Brasil, e seus representantes, Thornton e Elizalde, apoiam calorosamente o ponto de vista de Saraiva, e acertaram um encontro com Flôres em Punta del Rosário, do qual resultou a aprovação do caudilho ao apêlo no sentido de que se pusesse fim àquela conflagração, com uma honrosa pacificação (18 Jun 1864).

Aguirre aceitou o resultado das conversações, depois de convencer seus companheiros, e decretou dando como aceitas as condições (23 Jun 1864); a 5 de julho, Lamas e Castellanos comunicam aos mediadores, da parte de Aguirre, que seria reorganizado o Ministério depois do desarmamento dos chefes militares contendedores Flôres e Moreno; no dia 7 seguinte Aguirre comunica aos mediadores o propósito de substituir os ministros, e passou a apontar nomes, todos radicais, que não alterariam a

situação.

Saraiva, então, declara encerrada a missão dos mediadores, de vez que dêse modo não conseguiria o desarmamento de Flôres, em se lhe faltando a promessa de que Aguirre seria o chefe de todos os orientais e não chefe de um partido.

Malogradas as tentativas de paz, regressaram os mediadores a Buenos Aires, para onde, a 8 de julho seguiu também Saraiva.

Porque recuou Aguirre? Fôra informado da decisão de López de impedir a intervenção Imperial e a certeza de que o Paraguai interviria a seu favor e de que seu Exército estava mobilizado com cerca de 80.000 homens, impediram a pacificação já estabelecida.

Saraiva em Buenos Aires, continuando o seu trabalho, procurou e conseguiu assegurar o apoio de Mitre, e a 6 de agosto expediu o "ultimatum" que provocou grande irritação no governo uruguaio.

Tinhamos no Prata uma Esquadra comandada pelo Almirante Tamandaré, e êste recebendo ordens para executar represálias, deslocou a 3a. Divisão para Paissandu; nas proximidades da foz do Rio Negro verificou-se o incidente com o navio Vila del Salto, e da tentativa para capturá-lo resultou o rompimento do Uruguai com o Brasil a 30 de agosto de 1864, e a 31 tôda a nossa delegação abandonou Montevidéu.

Solano López ofereceu-se para mediador, mas, o Imperador declinou do oferecimento, e daí a Nota ameaçadora de El Supremo, datada de 30 de agosto, onde está consignado "... que o Governo da República do Paraguai considerará qualquer ocupação do território oriental por forças imperiais... como atentatória do equilíbrio do Prata".

No decorrer desses graves acontecimentos tínhamos, disseminados por todo o território nacional, um Exército que não ultrapassava o to-

tal de 18.000 homens, e em organização, sob o comando de João Propício Mena Barreto, o Exército do Sul com 6.000 homens.

Não dando o Governo Imperial importância ao oferecimento do Paraguai e determinando a Tamandaré que realizasse represálias, pela segunda vez feria-se o orgulho e desmedida vaidade de López.

Enquanto isso, Flôres, a par dos acontecimentos e vislumbrando vantagens para os seus planos, aproximase de Tamandaré, do que resulta o pacto de 20 de outubro de 1864 entre os dois chefes.

O Exército do Sul, embora ainda não estivesse pronto, ao mesmo tempo que operava Tamandaré recebeu ordens para operar o mais cedo possível, e uma Brigada penetrou no território uruguaio e ocupou a Vila de Melo, a 14 de outubro; e, consequência do pacto entre Tamandaré e Flôres, a vila de Paissandu foi sitiada pelas forças de ambos.

Diante dessa sucessão de fatos, Don Francisco Solano López, aos 12 de novembro declara guerra ao Império do Brasil, captura o navio "Marquês de Olinda", aprisiona o governador, nomeado para Mato Grosso, Carneiro de Campos e determina a invasão dessa província brasileira. Depois, viola o território argentino, do que resulta o Tratado da Tríplice Aliança. E deflagra a guerra cruenta, que se prolongaria até 10. de março de 1870, nos custaria 613.183 contos de reis, 23.917 mortos, feridos e extraviados, dos 139.000 combatentes que levamos ao T.O., bem como a morte do megalômano Ditador, o aniquilamento da nobre e brava nação guarani, e, em compensação, a vitória, duríssima vitória asseguraria a consolidação da hegemonia política do Império; a assinatura de vários tratados, inclusive de paz e limites; influenciaria a alma brasileira para a mais rápida supressão da escravidão africana e a explosão dos ideais

republicanos em todos os quadrantes do território pátrio.

## V — PROJEÇÃO DE CAXIAS NA GUERRA CONTRA O GOVÊRNO DO PARAGUAI

### A — MANOBRA DE HUMAITÁ

Irrompida a guerra denominada da "Triplíce Aliança contra o govêrno do Paraguai", tóda a nação brasileira se concentra na surprêsa dos acontecimentos, e o govêrno toma as primeiras providências políticas e militares para debelar o conflito, enquanto a política interna, refletida no antagonismo entre liberais e conservadores, entrava a rapidez das decisões. E o Marquês de Caxias, o maior dos nossos Generais, apesar de ter sido consultado acêrca dos planos de organização do Exêrcito, concentração e de campanha a serem adotados, e de ter apresentado famoso plano, é marginalizado. Ele é conservador, e o govêrno liberal.

Com o desastre de CURUPAITI, que abala a opinião pública nacional, o grande cabo de guerra é convidado e nomeado Comandante-Chefe das forças terrestres e navais do Impêrio aos 10 de outubro de 1866, e o assume na cabeça de ponte de TUIUTI aos 18 de novembro seguinte.

Na oportunidade depara-se Caxias com as Forças Armadas da Triplíce Aliança na seguinte crítica situação:

— Exêrcitos detidos face a CURUPAITI e ESTERO ROJAS, com o flanco esquerdo e retaguarda colados aos rios Paraguai e Paraná

— A Esquadra, face a CURUPAITI, bombardeando esporádicamente e sem resultados práticos a região fortificada;

— Moral deteriorada pelos insucessos de CURUPAITI;

— Desânimo e quebra de disciplina, decorrentes da ociosidade;

— Serviços em desordem;

— Desarmonia entre os chefes, repercutindo sobremodo no estado disciplinar.

E qual a do fanático e valente adversário?

— Está bem organizado nas regiões de CURUPAITI, SAUCE, ROJAS E HUMAITÁ, ligadas entre si por trincheiras formando um grande "quadrilátero", que possibilita a defesa organizada em tódas as direções, com um efetivo da ordem de 25.000 homens de tódas as armas;

— Continua a receber suprimentos pelo rio Paraguai e pela estrada TAYISÃO SOLANO;

— Aumenta e melhora suas organizações, inclusive na região de PASSO PUCU.

E tem as possibilidades de:

— Manter as atuais posições, particularmente ROJAS, SAUCE e HUMAITÁ;

— Atacar nas direções de SAUCE-TUIUTI e PASSO PUCU-SÃO SOLANO;

— Resistir novamente na região de PASSO PUCU;

— Retrair para o N e resistir nos cortes dos rios Tebicuari e Piquiciri.

Imediatamente após assumir o comando, o insuperado organizador e administrador Marq. de CAXIAS reorganiza o Exêrcito, remonta-o supre-o de material, de rações regulares e de forrageamento, instrui-o apropriadamente, apesar do grave surto de letal cólera morbus; melhora as instalações do campo fortificado de TUIUTI, e prepara, para as futuras operações, novos elementos, particularmente a observação aérea com balões cativos e linhas telegráficas; enquanto no Rio Grande do Sul, sob a vigorosa impulsão de Osório, é organizado e instruído o 3o. C Ex.

Embora agindo com muita prudência, tendo em vista o surto de cólera citado, a distância entre as forças em posição e as suas bases de suprimento, e mais a incerta situa-

ção política das Repúblicas Aliadas, o ingente trabalho de CAXIAS é coroado de êxito e fica em condições de operar, após o desembarque do 30. C Ex aos 16/18 de julho de 1867.

E temos a nova situação amiga:

— 1o. C Ex em TUIUTI, com efetivo de 12.364 homens

— 2o. C Ex em CURUZU, com 10.331 homens;

— 3o. C Ex em PASSO DA PÁTRIA, com 7.656 homens;

— Argentinos e uruguaios face às linhas de SAUCE, com 7.316 homens.

O terreno é coberto de matas, sarças e banhados; apresenta poucas e precárias vias de acesso, com exceção do rio Paraguai e há indigência de cartas geográficas apropriadas.

A missão imposta é conquistar a região de HUMAITÁ, a fim de permitir o acesso dos Ex e da Esquadra ao interior do Paraguai para derrotar López e as forças que o apoiam.

Em face do exposto, quais as nossas possíveis linhas de ação?

— Aferrar o inimigo, em TUIUTI, com 1 C Ex, e com o grosso das forças desbordar as posições de ROJAS por E e estabelecer o cêrco do inimigo em TUYU CUÉ-SÃO SOLANO e TAYI, em ligação com a Esquadra;

— Conquistar PASSO PUCU, atacando com 1 C Ex na direção de CURUZU-CURUPAITI, em ligação com a Esquadra; em seguida, ainda em ligação com essa, conquistar HUMAITÁ.

Analisadas essas linhas de ação, idealisa, planeja e decide brilhantemente CAXIAS:

— Desconhecendo em parte o terreno e a verdadeira situação do inimigo ao N do ESTERO ROJAS, desbordar as suas posições por E e, em TUYUCUÉ, tomar uma atitude de expectativa, enquanto aguarda o resultado dos reconhecimentos man-

dados proceder e ao mesmo tempo procurar atingir o rio Paraguai em TAYI. Para a execução desse plano coerente, atribui missões aos subordinados:

— o grosso, sob o comando do próprio CAXIAS, deslocar-se pelo passo do TIO DOMINGOS a fim de operar ao N do Estero Rojas;

— O 1o. C Ex de Pôrto Alegre (mais elementos argentinos) manter a região de TUIUTI e PASSO DA PÁTRIA, bem como as comunicações com o grosso e com CORRIENTES; pressentindo o ataque de flanco, atacar na direção que melhor lhe parecer; se desguarnecido ROJAS, atacar o inimigo pela retaguarda, partindo de TUIUTI, se mantida as posições ao N do ESTERO ROJAS, conservar as posições de TUIUTI até ordem em contrário.

— A Esquadra: subir o Paraguai, quando o Ex estiver ao N de ROJAS; quando alcançar a região N de HUMAITÁ, estabelecer ligações com o Ex e cortar a retirada do inimigo no rio Tebicuari; guardar a posição de CURUZU, enquanto o inimigo estiver em CURUPAITI; vigiar o rio Paraná.

A 9 de fevereiro de 1867, Mitre retira-se para a Argentina e CAXIAS assume o comando geral dos Ex em campanha, e a 22 de julho inicia a marcha pelo S do ESTERO BELLA-CO, passando por TIO DOMINGOS com o 30. C Ex de Osório na vanguarda, precedido pela DC de Mena Barreto, seguindo-se-lhe o 1.º C Ex de Argolo, enquanto pela margem N marcham os argentinos sob o comando de Gelly Y Obes e os uruguaios sob o do Gen Henrique Castro; o 2o. C Ex de Pôrto Alegre permanece em TUIUTI; a Esquadra, atenta aos movimentos do grosso, em condições de atuar, quando o Cmt Joaquim Inácio julgar conveniente.

A 31, após dez dias de marcha e percorridos 40 Km através de cami-

nhos pontilhados de esteros e pântanos, a vanguarda choca-se com as resistências dos PASSOS DO ESPE-  
NILHO e do ÂNGULO, forçando-as ao retraimento para o interior das posições, enquanto o grosso do Ex acampa em TUICUÊ, com o 3o. C Ex e argentinos à esquerda, tomando posição face àquêles passos, e parte do 1o. C Ex estacionou em SÃO SOLANO.

A 1o. de agosto Mitre, que regressara ao T.O., assume o comando dos Ex aliados, e que decisão tomar? Mitre concordava com o plano do cêrco do "quadrilátero" de CAXIAS, quanto ao emprêgo da Esquadra, mas divergia em parte, inclusive mas o grande CAXIAS, com serena humildade, tolerância e espirito de disciplina, envida esforços para sanar o óbice criado pela cláusula do "Tratado da Tríplice Aliança" referente ao Comandos em Chefe e após muitas discussões e protelações, determina que a Esquadra force passagem de CURUPAITI, ficando o prosseguimento das operações dependendo do resultado ali obtido.

Na manhã de 15 de agosto de 1867, a Esquadra Imperial transpõe galhardamente CURUPAITI e vai fundear em frente a HUMAITÁ, entre fogos das duas posições fortificadas, isolada de suas bases, pelo que o Cmt. Joaquim Inácio propõe a CAXIAS a retirada para o S, com o que não concorda Mitre.

CAXIAS não era contrário à idéia geral de Mitre, apenas desejava que os Ex se aproximassem do rio Paraguai, cortassem as ligações com o interior, estreitassem o cêrco enfraquecendo os defensores, possibilitando, assim, maiores facilidades à ação da Esquadra na subida do rio, completando o cêrco, em vez de atuar simultaneamente ou antecipadamente aos movimentos dos EX.

A 20 de setembro, elementos do 1o. C Ex, atingem a região de PILAR e lançam reconhecimentos até o Te-

bicuari; a 2 de novembro, apossam-se de TAYI, onde se instalam, em condições de barrar a navegação do rio. A 3 seguinte, ameaçado por todos os lados, o inimigo decide atacar TUIUTI pela 2.º vez, sendo recalcado, com pezadas baixas, para o interior das suas posições, graças à firmeza e energia de Porto Alegre no cumprimento da missão que lhe fôra atribuída.

Em consequência dêsse fracasso, toma López as primeiras providências para a evacuação do "quadrilátero", removendo para o interior de HUMAITÁ e para as trincheiras de PASSO PUCU, quase a totalidade dos canhões que guarneciam SAUCE, CURUPAITI, ROJAS e PASSO ÂNGULO, transformando-as em simples linhas de vigilância, ao mesmo tempo que determina a construção de fortalezas no TIMBÚ e no ESTABELECIMENTO, à margem do rio, a fim de assegurar a sua retirada.

A 13 de janeiro de 1868, Mitre regressa definitivamente à Argentina e CAXIAS assume o Comando Geral; na madrugada de 19 de fevereiro, parte da Esquadra força as defesas de HUMAITÁ e do TIMBÓ, atinge TAYI e liga-se com o Ex, enquanto CAXIAS conquista a região de ESTABELECIMENTO.

Cinco dias depois, 3 dos nossos navios desfilam em frente a ASSUNÇÃO, a tremularem nos seus mastros a bandeira do Império, anunciando a vitória que se aproximava.

As garras da tenaz se fecham a-celeradamente: A 3 de março, após desesperados porém infrutíferos esforços para assaltar elementos da Esquadra, López francamente batido e desanimado, põe-se em fuga para ASSUNÇÃO através do CHACO, acompanhado por 12.000 combatentes da guarnição, após ter entregue a defesa das posições a Barrios, Resquin e Burguez, bem assim a do recinto ao Cel Alen.

CAXIAS, permanentemente pre-

vidente, percebendo os inusitados movimentos do inimigo, determina o ataque às posições de ROJAS e às trincheiras em frente a TUYU CUÊ, desde o PASSO ESPINILHO até o PASSO ÂNGULO, ataque convergente que força o inimigo a retirar-se para o interior de HUMAITÁ, abandonando a idéia inicial de retardamento ali.

Em consequência, todo o Ex aliado progride concêntricamente sôbre o recinto de HUMAITÁ: o 2o. C Ex ocupa posição a SW de PASSO BENITEZ, o Ex Argentino ocupa PASSO PUCU, e o 3o. C Ex acampa em PARE CUÊ, estreitando o cêrco, ôbviamente.

Concomitantemente, dois destacamentos são lançados para cortar a retirada dos 10.000 paraguaios, que estavam no interior da posição, pelo mesmo caminho por onde fugira López; o primeiro, composto de brasileiros sob o comando do Cel Barros Falcão, parte do ESTABELECIMENTO, transpõe o rio Paraguai e desembarca num ponto fronteiriço; o segundo, composto de argentinos sob o comando do Gen Rivas, partindo de CURUPAITI, transpõe, também, o rio Paraguai, desembarcando acima do riacho D'ORO, e reúnem-se em ANDAÍ, onde se organizam, fechando ao inimigo o único caminho que restava.

Esse inimigo, entretanto, não se intimida: Força a passagem e se bate valorosamente contra a nossa guarnição, que resiste com coragem à fúria e à violência dos guaranis.

CAXIAS, então chefe do enfraquecimento da defesa de HUMAITÁ, ordena o ataque à fortaleza, que é desencadeado e Osório, quase simultaneamente com as tropas de Argolo e de Gelly Y Obes, penetra no interior da posição a 25 de julho, na qual são hasteadas as bandeiras dos aliados.

Os fugitivos, comandados pelo bravo Cel Martinez, batiam-se herôic

camente contra as nossas forças que os detinham no CHACO; mas, a 5 de agosto, atendendo a apêlo de CAXIAS feito a Martinez, rende-se aquê le punhado de bravos às tropas si-tiantes.

E está, assim, aberto o caminho para ASSUNÇÃO. E o insigne e grande CAXIAS tra manobra para a conquista de HUMAITÁ:

— agindo com prudência e segurança;

— atribuindo missões e repartindo meios no tempo e no espaço, atendendo perfeitamente às necessidades da manobra;

— obedecendo aos princípios da massa e da economia de forças;

— combinando corretamente atitude, direção e conjugação de esforços, apresenta tôdas as características de uma manobra de ala: aferramento no centro e ações convergentes sôbre os flancos da posição, coordenadas no tempo e no espaço, para a conquista do mesmo objetivo: HUMAITÁ.

Em síntese — “conduziu-se CAXIAS exemplarmente à testa dos Ex Aliados: apesar de velho e adoentado, manifestou eloquentes provas de resistência física, capacidade profissional, inteligência e acendrado amor à carreira das armas”.

### B — MANOBRA DO PIQUICIRI

Conquistada HUMAITÁ a 5 de agosto, ter-se-ia que prosseguir para o N, na permanência da missão, de vez que o bravo e indomável inimigo, embora vencido, não estava aniquilado.

E, pelos reconhecimentos sucessivos realizados, bem como pela informação de prisioneiros, sabia CAXIAS que:

— o Ex inimigo sob o comando de López, forte de 15.000 a 20.000 homens, está ao N do rio TEBIQUARI;

— neste e ao lado do rio Paraguai havia fortificações com baterias

contra a Esquadra e defendendo a passagem contra o Ex;

— o terreno entre TUYUCUÊ e o TEBIQUARI, era uma planície baixa, alargada e cortada de arroios, lagoas e rios, com extensão de aproximadamente 60 Km.

Em face disso, decide o chefe CAXIAS:

— transportar para HUMAITÁ, de PASSO DA PÁTRIA e CORRIENTES, todos os depósitos, hospitais, repartições e tribunais, até então ali estacionados, e lá montar sua base de operações;

— deixá-la guarnecida com o 20. C Ex, sob o comando do Gen Argollo, e os argentinos sob o de Gely Y Obe; (cêrca de 12.000 homens);

— marchar para o N com os 10. e 30. C Ex, com o efetivo aproximado de 25.000 homens, à procura do inimigo, em combinação com a Esquadra.

A 19 de agosto, após transpor o arroio NEMBUKU ao N de Vila do PILAR, os 10. e 30. C Ex organizam-se em longa coluna, tendo o 30. como vanguarda, o 10. como grosso e a Brig de Cav de Vasco Alves, como retaguarda.

Nessa marcha até o TEBICURI, o inimigo ofereceu resistência; a 26 no arroio YACARÉ, afluente da margem esquerda do TEBIQUARI e a 28, num reduto estabelecido na margem esquerda do mesmo TEBIQUARI, ambas reduzidas facilmente pela vanguarda comandada pelo bravo Andrade Neves.

O TEBIQUARI, afluente da margem esquerda do rio PARAGUAI, embora com uma largura de 300 a 400 metros, apresentava ponderáveis inconvenientes à defesa: margens baixas, facilmente batidas pelos fogos da Esquadra e desprovidos de apoio no seu flanco esquerdo, pelo que decidiu López mandar estudar e fortificar o corte do rio PIQUICIRI, também afluente da margem esquerda do PARAGUAI, e, no dia 26 de

agosto iniciar a retirada para a linha dêsse rio.

Dai ter Andrade Neves, transposto o TEBIQUARI a 10. de setembro, encontrado o acampamento de SÃO FERNANDO abandonado, porém juntado de cadáveres das vítimas do tirano. O grosso, por meio de monitores da Eq e de uma ponte sobre canoas, debaixo de chuvas torrenciais e palmilhando margens inundadas, fez a transposição de 2 a 8 de setembro, quando a Vg inicia a perseguição na direção N, seguida por êsse, através de terrenos baixos, cortados por numerosos arroios.

A 23 de setembro a Vg chora-se com um destacamento inimigo no rio SURUEY-HY, e depois da sua transposição encontra-se CAXIAS face às linhas do PIQUICIRI, contra cuja posição concebe e executa o nobre Patrono do nosso Exército a mais bela manobra de toda sua longa e brilhante vida de chefe militar sem pre vitorioso.

Em seguida, o Ex acampa na região de PALMAS, de onde parte o caminho que, depois de transposto o PIQUICIRI, conduz à cidade de ASSUNÇÃO; o qual é uma picada penetrando na mata densa e intransponível, pontilhada de atoleiros e pequenos banhados, até alcançar o corte do arroio com a extensão aproximada de 10 Km. É êsse arroio o desaguadouro da lagoa YPOÁ, formada pelas cheias do rio Paraguai e numerosos riachos. A sua margem N, natural escarpa ou barreira, tem correndo o arroio aos seus pés, o que constitui um fôso natural só permeável pelo caminho PALMAS-ASSUNÇÃO; ao sair êle da lagoa YPOÁ, é um banhado que se estreita à medida que se aproxima do PARAGUAI, no qual desagua com 20 mts. de largura e grande profundidade. Para torná-lo intransponível no seu único ponto de passagem possível, foi o PIQUICIRI represado por forma a ser aumentada a sua

largura e profundidade, e atrás desse obstáculo, na sua margem direita, a posição inimiga foi organizada de ANGUSTURA, no flanco direito, até a citada lagoa, com um desenvolvimento de 11 Km.

A partir do fim de setembro manda CAXIAS proceder a reconhecimentos sucessivos, por terra e pelo rio, participando êle próprio de um deles, ficando constatado que a linha fortificada ANGUSTURA-YPOÁ, coberta pelo fôssô do arroio com algumas centenas de metros de largura e grande profundidade, seguindo por densa linha de abatisses e pelo parapeito de escarpas à pique, defendida por 25.000 homens, equipada com 100 canhões e apoiada nos dois flancos em obstáculos intransponíveis, contraindicavam evidentemente, um ataque frontal.

Quais, então, as formas operativas possíveis? O envolvimento pelos flancos esquerdo e direito do inimigo, comprovadamente fanático e combativo. Pelo esquerdo, com vários Km inundados pelas águas da lagoa YPOÁ nas direções E e S, com inúmeras dificuldades do terreno e dos abastecimentos, torna-se impossível a operação; restando o envolvimento pelo flanco direito do adversário que se apoia nas barrancas do rio PARAGUAI. Como realizá-lo?

CAXIAS manda reconhecer a margem do GRÃO CHACO e, apesar das inumeráveis dificuldades apresentadas, decide por êle mandar construir uma estrada, para materializar o magistral plano de manobras que concebe: "Pela estrada a ser construída no CHACO, o grosso do Ex, depois da travessia do rio PARAGUAI entre PALMAS E SANTA TERESA, marchará pela margem direita até à foz do arroio VILETA, atravessando o rio novamente para S. Antônio, contornando, assim, o flanco direito fora do alcance dos canhões de ANGUSTURA, para o ataque pela retaguarda do Ex inimi-

go e das linhas do PIQUICIRI".

É o envolvimento estratégico integral por O, para desembarcar em S. ANTÔNIO, e atacar pela retaguarda, fixando os defensores.

Em resumo, consiste a brilhante manobra:

— em conduzir a massa das forças aliadas para o N do PIQUICIRI com a finalidade de atacar o inimigo pela retaguarda, para o que transpor o PARAGUAI entre PALMAS e SANTA TERESA;

— seguir daí por terra, pelo CHACO, até à foz do arroio VILETA;

— novamente embarcada, daí seguir para S. ANTÔNIO, a fim de marchar para o S, com o flanco apoiado no rio PARAGUAI, ocupando a região de VILETA.

(Isso porque os 30 navios da Esq não tinham capacidade para transportar o grosso de uma só vez, sob os fogos das baterias de ANGUSTURA).

Quais as possibilidades do inimigo, para opôr-se à operação dos aliados?

— atacá-los durante a travessia do CHACO; operação difícil, por não dispor do domínio do rio e pela natureza do terreno.

— atacar na direção de PALMAS, enquanto o Ex se deslocasse pelo CHACO; operação que apresenta as mesmas dificuldades da operação contrária, a nossa de S para N;

— abandonar a posição do PIQUICIRI e retirar-se para o interior;

— finalmente, manter a posição que foi a linha de ação adotada por Solano López.

Vejamos sumariamente a execução da MANOBRA:

Começando as chuvas em meados de dezembro, a estrada do CHACO, com a extensão de 11 Km, deveria ser construída no menor prazo possível.

Para colimar êste objetivo, decide CAXIAS:

— transformar PALMAS em ba-

se avançada do Ex, para onde transportaria as forças argentinas de HUMAITÁ, empregando para isto parte da Esq, enquanto a outra, após o forçamento das baterias de ANGUSTURA, cortaria as comunicações do inimigo com ASSUNÇÃO;

— Escolher a barranca de S. TERESA para início da estrada do CHACO, aos 10 de outubro, após vários reconhecimentos, inclusive mais de um realizado por ele próprio;

— transportar para essa região, na mesma data, um destacamento composto por 2 Bts de Inf, uma ala do Btl de Eng, 1 Esq de Cav e 2 bocas de fogo, sob o comando do bravo Ten Cel Tibúrcio;

— transportar de HUMAITÁ, aos 15 de outubro, o 2o. C Ex e confiar ao Gen Angulo a direção da construção da estrada que exigiria ingentes sacrifícios.

Construída a estrada após 23 dias de duríssimos trabalhos, (11 Km de extensão, nos quais se empregaram 30.000 troncos de palmeira carandá, construíram-se 8 pontes, desbastaram-se longos espaços cobertos de mata virgem, limpavam-se 10 Km de vegetação aquática que cobria o arroio VILETA, etc.) decide sábiamente CAXIAS;

— guardar sua base, em PALMAS, com um destacamento forte de 10.000 homens das 3 armas e 1 Sec de pantoneiros (Div brasileira sob o comando do Gen Paranhos, os 6.000 argentinos e uruguaios, tudo sob o comando do Gen Gelly Y Obes);

— transportar sua massa de manobra (1o., 2o. e 3o. C Ex e 4o. DC) com o efetivo de 25.000 homens, a partir de 27 de outubro e até 27 de novembro, para a região de S. TERESA, e daí, pela estrada do CHACO, marchar para a confluência do arroio VILETA, que é atingida a 4 de dezembro;

— a partir da noite desse dia, transportá-la por navio da Esq (com exceção da Cav que seguiria por ter-

ra até S. HELENA) para S. ANTÔNIO.

No fim da jornada de 5, o 1o. escalão constituído pelo 2o. Ex de Angulo, estabelece a cabeça de ponte naquela barranca (surpreendendo o inimigo e proporcionando o esforço necessário ao chefe para conduzir a operação sem ser hostilizado), cobrindo o desembarque dos 1o. C Ex do Gen Bittencourt e do 3o. C Ex de Osório.

Sabedor da construção da estrada embora julgando impossível o deslocamento pelo CHACO e desconhecendo o ponto de desembarque de CAXIAS, modifica López sua estrutura para VILETA e constituindo uma reserva móvel de 5.000 homens em ITÁ IVATÉ, onde organiza uma linha de defesa. O efetivo do seu Ex é da ordem de 18.000 homens, com a artilharia muito superior à dos aliados, além de 4.000 combatentes em ASSUNÇÃO, CERRO LEON e outros pontos.

Estabelecida a nossa cabeça de ponte em SANTO ANTÔNIO e estrategicamente envolvido o ditador López, poderia o Ex de CAXIAS lançar-se para o S, sobre as defesas do PIQUICIRI, numa ação bélica magnífica, que passaria à História com a denominação de "A DEZEMBREADA", cujo desenvolvimento apreciaremos, sumariamente, a seguir.

ITORORÓ — 6 de dezembro

Determinara CAXIAS ao 2o. C Ex que procurasse ocupar a ponte sobre o arroio ITORORÓ logo após o desembarque em S. ANTÔNIO, a fim de evitar que o inimigo nela tomasse posição e nos disputasse o passo. Não tendo sido cumprida essa ordem, na manhã de 6 estava a mesma ocupada, impondo-se uma ação em força para dominar a linha; Osório foi lançado com o 3o. C Ex para abordar o flanco direito da defesa, despontando o arroio, enquanto o 2o. C Ex faria uma ação de fixação; porém o mesmo em vez de

fixar as forças comandadas por Cabalero, engaja-se a fundo, sendo repellido com violência pela defeza inimiga, havendo fluxo e refluxo, com a morte de Fernando Machado, e ferimentos em Angôlo e Gurjão, e nossa infantaria dizimada, quando CAXIAS, à testa do 1o. C Ex, desembainha a espada, faz o famoso apêlo: "Sigam-me os que forem brasileiros", e herôicamente condú-lo à vitória. O inimigo, deixando 1.200 mortos e feridos, retira-se sem ser vigorosamente perseguido, enquanto Ovírio é retardado em meia hora pela distância e por fracas resistências em seu movimento envolvente; nossas baixas atingem a 2.416 homens fora de combate.

O 2o. C Ex permanece na ponte nos dias 7 e 8, enquanto o grosso 2o. e 3o. C Ex estaciona em Monte IPANE; no dia 9 todo o Ex marcha para porto IPANE, onde evacua os feridos, recebe abastecimentos por meio da Esquadra e cobre o desembarque das DC de João Manoel e de Andrade Neves.

AVAHI — 11 de dezembro

Na manhã de 11 marcha o Ex aliado contra o Gen Cabalero, assinalado em posição nas margens do arroio AVAHI, onde recebeu ordem para deter CAXIAS, dispondo do efetivo de 8 Btl de Inf, 5 RC e 18 canhões, perfazendo o total de aproximadamente 8.000 combatentes.

Onde pretendia o ditador paraguaio travar a batalha decisiva? No AVAHI? Em ITA-IVATÉ?

Informado pela Vg de que estava defendida a linha do arroio AVAHI, determina CAXIAS que a posição seja abordada em tôda a frente, atacando no estilo napoleônico: fixar os paraguaios frontalmente, o que faz com o 3o. C Ex, e desbordá-los por ambos os flancos, a fim de cortar a retirada, o que faz lançando sucessivamente os 1o. e 2o. C Ex e 5a. DC pelo flanco direito e a 1a. DC pelo esquerdo, acarretando a derro-

ta completa dos defensores, que perderam 4.800 homens; do efetivo empenhado.

Em consequência, VILETA é ocupada, são restabelecidas as ligações com a Esq e CAXIAS reorganiza suas Unidades nessa região.

LOMAS VALENTINAS — 21/27 de dezembro

Nessa fase final, qual o dispositivo das forças paraguaias?

— guarnecem ANGUSTURA 2.000 homens sob o comando de Thompson;

— defendem o corte do PIQUICIRI 3.000 homens;

— ocupam a posição organizada de IVATÉ os 9.000 restantes, sob o comando de Resquin.

Para dominar essa nova articulação de López, decide CAXIAS:

— cobrir-se na direção de ANGUSTURA com a 5a. DC;

— atacar a linha do PIQUICIRI com a 1a. DC, reforçada, ligando-se às forças de PALMAS;

— atacar com o grosso das Forças terrestres a posição de ITA-IVATÉ chave de todo o dispositivo paraguaio, (solução sábiamente coerente, observados os princípios do objetivo, da economia de forças, da massa e da segurança).

Para dominar e aniquilar definitivamente o adversário, são montados 3 ataques violentos:

— O primeiro, desemboca a 21, quando ataca Andrade Neves, com seu grupamento de Cav (2a. e 3a. DC, e 9a. Bda Cav) o inimigo de PO-TREIRO MARMOL, para cobrir o ataque principal, que desemboca a 1500 horas contra ITA-IVATÉ, ao mesmo tempo que faz a cobertura face a ANGUSTURA e Mena Barreto ataca a linha do PIQUICIRI, que obtém pleno êxito, enquanto o ataque dos 1o. e 2o. C Ex adentra-se pela noite obtendo pouco êxito, diante da heróica resistência dos guaranis;

— O segundo, é realizado a 25 contra os paraguaios reforçados de

1.600 combatentes procedentes de ASSUNÇÃO, e pouco progride;

— O terceiro, finalmente, golpe decisivo desfechado a 27, que bate completamente os remanescentes das forças de López, que consegue escapar, em seguida, por uma picada, acompanhado por um pequeno grupo de 60 paraguaios que o defendia.

A 30, depois de intimada, rende-se a guarnição de ANGUSTURA, composta de 1.200 homens e 16 bôcas de fogo.

CAXIAS, a seguir, encaminha embarcada, sem demora, a Brigada Cel Hermes da Fonseca para ocupar ASSUNÇÃO, que o faz a 1.º de janeiro de 1865, e a 5 de janeiro todo o Ex aliado, saído de VILETA, entra em ASSUNÇÃO. E estava acabada a guerra para o insigne Chefe que, alquebrado pela idade e achaques, solicita substituto para o comando e regressa à Pátria a 10 de janeiro, coberto de glórias, consideração e respeito.

## VI — CONCLUSÃO

A — A campanha de 1851/52 contra ORIBE e ROSAS constitui importante fator nos anais políticos sul-americanos, uma vez que possibilitou o delineamento definitivo de dois países, URUGUAI e PARAGUAI, em face das ambições de Buenos Aires e de potências européias; ao mesmo tempo que permitiu inaugurar-se nova era política, cujas arestas são definitivamente eliminadas em 1864, quando a sua sedimentação dá sentido de soberania às nações nascentes. Estava inteiramente afastada a hipótese do restabelecimento do Vice Reinado do Prata.

B — Completou-se indubitavelmente CAXIAS, nessa cruenta campanha externa como Chefe e Conductor de homens: respeitando e aplicando todos os princípios de guerra; prudente quando necessário; rápido, audacioso e heróico, ao perceber que o fator tempo era decisivo

para o aniquilamento total do inimigo; repartindo judiciosamente seus meios, por forma a torná-los flexíveis, em condições de atender aos imponderáveis das flutuações do combate. Em suma: concebendo coerente e brilhantemente seus Planos e executando com precisão suas Manobras, alcançou-se CAXIAS à condição de grande capitão, da estirpe invulgar de ANIBAL, NAPOLEÃO, FOCH, MOLTKE, LUNDENDORF, MARSHAL e MACARTUR.

A sua comprovada capacidade intelectual, além-se os altamente evidentes dotes de caráter que ornavam a personalidade do grande cabo de guerra nunca vencido, e teremos a resplender a imagem do cidadão impoluto, do vexilário da Pátria.

E, para concluir, ofereçamos nosso carinhoso preito de admiração e respeito e a mais pura e sincera homenagem ao glorioso Pacificador, atual Patrono do nosso querido Exército — o insuperado e insigne Marechal DUQUE DE CAXIAS.

Fortaleza, 18 de agosto de 1970  
— Gen Raimundo Teles Pinheiro

### BIBLIOGRAFIA:

— HISTÓRIA DA GUERRA ENTRE A TRÍPLICE ALIANÇA E O PARAGUAI, Gen Tasso Fragoço, 1960.

— LUTAS MILITARES NO PRATA, DA FUNDAÇÃO DA COLÔNIA DO SACRAMENTO ATÉ O TRATADO DE S. ILDEFONSO, Maj Germano S. Vidal, 1959.

— A CAMPANHA DE 1851/52, CONTRA ORIBE E ROSAS, Maj Germano S. Vidal, 1960.

— A MANOBRA DE HUMAITÁ, Maj Manoel Thomaz Castelo Branco, 1954.

— ASPECTOS POLÍTICOS DA GUERRA DO PARAGUAI, Gen Raimundo Teles Pinheiro, 1967.

— DEZEMBREADA, Gen Raimundo Teles Pinheiro, 1968.

— HISTÓRIA DO BRASIL, Hélio Viana, 1967.

Os

# Lanceiros Negros Farrroupilhas e a Abolição

Major CLAUDIO MOREIRA BENTO

Por ter coincido em maio, o aniversário da Abolição com a inauguração no R. G. S. do Parque Histórico Mal. Osório, homenagem ao lanceiro legendário do Brasil, e no interior do mesmo introduzida uma réplica do barco "Seival" da Revolução Farrroupilha, por ordem expressa do Presidente Médici, ex-lanceiro como oficial de Cavalaria.

Aproveito o fato, para contar aos leitores de ITAYTERA uma história que resultou da associação de idéias de, ABOLIÇÃO, OSÓRIO LANCEIRO LEGENDÁRIO, GEN. MÉDICI O LANCEIRO PRESIDENTE e REVOLUÇÃO FARROUPILHA, história inédita, ao menos do ponto de vista que será por mim abordada.

Ao escrevê-la pretendo justiça histórica, ao mesmo tempo que prestar uma homenagem à raça negra, por sua contribuição à evolução social do Brasil.

Escreverei sobre a contribuição maiúscula e precursora, prestada por numerosos pretos gaúchos, escravos ou libertos, para que se concretizasse a Abolição, através da Lei Aurea.

Esta contribuição que a muitos custou a vida, não foi prestada por terem seus protagonistas implorado a liberdade de joelhos erguendo aos céus em prece, mas por terem saído para as coxilhas, para de lança em punho, lutar e correr, uns para conquistá-la, outros para conservá-la.

Me refiro aos célebres CORPOS DE LANCEIROS NEGROS FARROUPILHAS, como o do bravo cangaceiro Cel. Teixeira Nunes, todo integrado ou de escravos mandados por seus amos para representá-los no combate e assim fazer jus a liberdade, ou de escravos fugidos de patrões imperiais, para lutarem pela República, que vitoriosa, lhes asseguraria a liberdade e, finalmente, por pretos libertos, que após conquistá-la lutavam por preservá-la.

Eram na grande maioria 'campeiros' e 'domadores' e como tal AMANTES DA LIBERDADE, acostumados que estavam por contingência funcional, a se movimentar na larguêza de horizontes dos "coxilhames" gauchos.

Excelentes combatentes como cavaleiros, se entregavam ao combate com grande denôdo, por saberem como verdadeiros filhos da LIBERDADE, que esta, para si e seus irmãos de côr e de luta estaria em jôgo a cada combate.

Manejavam com grande habilidade sua arma predileta, a LANÇA, e por êles usadas mais longas que o comum.

Combinando estas características, com sua disposição para o combate, eram usados como tropa de choque, uso hoje reservado aos blindados, razão porque infundiam um certo terror a muitos adversários.

De rusticidade e obediência a tôda prova, faziam a guerra à base de recursos locais, comendo se houvesse alimentos e dormindo em qualquer local.

Montavam a cavalo quase que em "pêlo", seu vestiário, sandálias de couro rústicas, "chiripá" de pano grosseiro, um colete recobrimdo o tronco, e na cabeça uma "vincha" tricolor com as côres da República Rio Grandense usada à guisa de uniforme.

Seu armamento, a "adaga" (faca longa), a lança, e em certos casos armas de fogo, distribuidas pelos melhores atiradores do corpo.

Como lanceiros não fizeram o uso de escudos de proteção, tão comuns na História Militar das cavalarias dos povos.

O seu grosseiro "poncho de lã" (Bichará) lhe protegia do frio e, quando enrolado no braço esquerdo, lhe protegia a cavalo, de um 'lançaço', e desmontado, e em 'corpo a corpo', de um golpe de adaga.

Eram hábeis no manejo da adaga, prática adquirida no "JOGO do TALHO", nome pelo qual o gaúcho denomina a sua esgrima.

Na surpresa de Porongos, entre os 100 cadáveres que junca-ram o campo de batalha, 80 eram de bravos lanceiros de Teixeira Nunes "O Cel Gavião".

O prêto também contribuiu no mar, pois quando do naufrágio do barco 'Farroupilha II' companheiro do 'SEIVAL', do qual se salva Garibaldi, morreu o prêto Procópio, que já havia salvo se não a vida de Garibaldi, ao menos sua liberdade, para que se pudesse tornar, "O HERÓI DE DOIS MUNDOS", O HOMEM DE AÇÃO DE SEU SÉCULO ou se quiserem, A VIDA REAL MAIS ROMANESCA.

Procópio salvou Garibaldi ao atingir com certo tiro um dos braços do Barão de Jacuí (Chico Pedro), quando êste brilhante e eficiente chefe imperial atacou o Estaleiro Farrapo da barra do Camaquã, fato que obrigou o Barão a se retirar.

Na Europa, Garibaldi referiu a fidelidade e coragem invulgar de Procópio.

A Revolução Farroupilha, justiça histórica se faça, sempre se preocupou com a triste sorte dos escravos.

Bento Gonçalves em seu manifesto justificando a revolução escreveu: "E VIMOS IMPUNES A ESCANDALOSA INTRODUÇÃO DE AFRICANOS, TERRÍVEL AÇOITE NESTA MALFADADA PROVÍNCIA" (25/SET/1835).

O tratado de paz de PONCHO VERDE, que pôs fim a 10 anos de REVOLUÇÃO FARROUPILHA explicitava: "IV — SÃO LIVRES E COMO TAL RECONHECIDOS, TODOS OS CATIVOS QUE SER-

VIRAM À REPÚBLICA, confirmação da conquista da liberdade, e de lança, em punho, pelos bravos lanceiros negros.

A paz de Poncho Verde assinada por Caxias "O PACIFICADOR", representando o Império, teve lugar no ano em que a Inglaterra decretou o acintoso "Bil Aberdeen", e cêrca de meio século antes das leis dos SEXAGENÁRIOS, VENTRE LIVRE e ÁUREA.

Este ato precursor realçado pela história, está para a Lei Áurea, como a Inconfidência Mineira está para a Independência e a República.

O espirito libertário de Poncho Verde foi para os campos do Paraguai nos corações de Caxias, de Osório e de seus bravos comandados gauchos, de lá retornando nos corações de todos os soldados, e se espalhando pelo Brasil. até ser por influência do Clube Militar decretada a Lei Áurea, pela princesa Isabel, espôsa do Conde D'Eu, o último comandante dos brasileiros na Campanha do Paraguai.

Garibaldi que convivera bastante com os lanceiros negros de Teixeira Nunes na expedição à Laguna-SC, deve ter dêles se recordado ao escrever: "EU VI BATALHAS MAIS DISPUTADAS, MAS NUNCA E EM NENHUMA PARTE, HOMENS MAIS VALENTES, NEM LANCEIROS MAIS BRILHANTES, DO QUE OS DA CAVALLARIA RIO GRANDENSE GAUCHA, EM CUJAS FILEIRAS COMECEI A DESPREZAR O PERIGO, E A COMBATER PELA CAUSA SAGRADA DAS GENTES".

É possível que em alguma cidade gaucha ou mesmo no Parque Histórico Osório, igual que em Pôrto Alegre ao LAÇADOR, seja erguida uma estátua "AO LANCEIRO NEGRO FARRAPO" ou "AO FILHO GAUCHO DA LIBERDADE".

O prêto contribuiu não só com a "ESPADA" (lança e adaga) mas também com o 'LIVRO' pois o jornal farroupilha 'O POVO, editado em PIRATINI por ROSSETI, teve como tipógrafo entre outros, o prêto RICARDO, o mesmo que no sobrado que fôra sede da REAL FEITORIA do LINHO CANHÂMO em Canguaçu-RS, acionava em 1856 "TIPOGRAFIA O CAMPONÊS". (J. Simões Lopes Neto — Bosquejo Histórico de Canguaçu — 1912).

Esta história a dedico ao bravo povo cearense que decidiu libertar seus escravos no ano de 1884, quatro anos antes que o Império o decidisse através da Lei Áurea. Este ato precursor de humanidade repercutindo no Sul, contribuiu decisivamente para que fôsse abreviado o tempo de sofrimento de muitos irmãos brasileiros, e à medida que evoluimos socialmente, êle adquire maior valor por ter sido expontâneo, e a grande democracia racial que se tornou o Brasil, jamais esquecerá esta contribuição do Ceará, na luta pelos sagrados direitos do homem.

O CIVISMO É O VIGOR MORAL DE UM POVO, É NETO DA HISTÓRIA E FILHO DA TRADIÇÃO.

A HISTÓRIA É A MESTRA DA VIDA E A TRADIÇÃO A ALMA DE UM POVO, PORTANTO! PELA HISTÓRIA, TRADIÇÃO E CIVISMO, TUDO!

# A Divina Comédia,

## O Cruzeiro do Sul

### e Os Lusíadas

(JOSÉ ARRAES DE ALENCAR)

1. Dante Alighiere foi um dos mais altos espiritos que a humanidade já conheceu.

2. Seu admirável poema tem uma feição única, inconfundível, estando nêles inscritos os mais belos versos de amor, à sua Beatriz, assim como gravadas se acham as mais causticantes sátiras, dirigidas a muitos de seus contemporâneos, fustigando-lhes os erros, as ambições, a violência, a hipocrisia, a gula, a adulação, a fraude, a ladroagem e tôdas essas repugnantes chagas, que corroem o coração dos homens.

3. Patriota devotado, tomou parte em muitas campanhas políticas e seus concidadãos, em vez de lhe reconhecerem o mérito e os bons intuitos, cominaram-lhe multas, encarceraram-no, escorraçaram-no para o exílio e, por fim, condenaram-no à morte, a que escapou, então, materialmente e, para sempre, espiritualmente, atravessando as idades como um astro de primeira grandeza, na constelação dos gênios da humanidade.

4. Errou por diversas cidades da Itália e faleceu, aos 48 anos, levando à pátria sua obra imperecível e a própria língua, em que ela se expressa, pois o dialeto florentino, realçado pela Comédia Divina, sobrepujou os restantes e tornou-se o verdadeiro idioma italiano.

5. Mas, a DIVINA COMÉDIA pode e deve ser estudada, sob vários ângulos: — “Proclamer les desseins de Dieu sur les hommes et sur le monde et révéler à l’humanité ses fins dernières, temporelles et spirituelles, tel est son objet suprême” — diz Henri Longnon, no prefácio de sua tradução francesa. E acrescenta: “— Dante n’était le premier qui eût une ambition de ce genre”. Após referir-se à Odisseia, à Eneida, ao Sonho de Cípião (antevisão surpreendente de Virgílio, o profeta da écloga IV), ao apocalipse e a outras obras eternas, termina por asseverar: “— Aucun de ces prophètes de l’au-delà, ni par l’ampleur de la conception, ni par la profondeur de l’inspiration, encore moins par la force du génie, ne peut passer pour lui avoir servi de guide au “siècle immortel”

6. Neste pequeno trabalho, de caráter meramente filológico, estudaremos o vocabulário de Dante apenas em seu aspecto etimológico, semântico e fonético, fazendo um paralelo com o português, o francês, o espanhol e mesmo com outras línguas, quando oportuno fixar-lhes a semelhança ou a dessemelhança.

7. O próprio poeta, acompanhando a mentalidade de seu tempo, diz, em sua obra *CONVÍVIO*, que todo escrito comporta quatro sentidos superpostos: o literal, o alegórico, o moral e o anagógico. E adita que, ao ser feita tal demonstração, há mister se exponha o sentido literal, em primeiro lugar, porque é aquêle que contém em si os outros e sem o qual impossível seria, e irracional, procurar compreender os outros, sobretudo o alegórico. ("Longnon", prefácio, página XVIII).

8. Muito se há discutido, aêrca do seguinte trecho, em que Dante parece fazer uma referência divinatória ou premonitória ao nosso Cruzeiro do Sul, constelação do hemisfério meridional, que, por força de sua posição, sômente se tornou conhecida, após a descoberta do Nôvo Mundo:

"LO BEL PIANETA CHE D'AMAR CONFORTA  
FACEVA TUTTO RIDER L'ORIENTE.  
VELANDO I PESCI, CHI ERANO IN SUA SCORTE.  
I'MI VOLSI POLO, E VIDI "QUATRO STELLE"  
ALL'OTRO POLO, E VIDI "QUATTRO STELLE"  
NON VISTE MAI" FUOR CH'ALLA PRIMA GENTE". (grifo nosso)  
(Purg., 1, 19/23)

cuja tradução damos, a seguir: "— O belo planêta que nos convida a amar, fazia rir todo o oriente, ocultando "Peixes", que estava em sua escolta. Voltei-me para a direita e olhando para o outro polo, contemplei QUATRO ESTRÉLAS jamais antes vistas senão por aquela primeira gente" (Isto é: Adão e Eva).

9. O "outro polo", a que alude o poeta, é o antártico, o polo sul, em que rebrilha o nosso Cruzeiro. Como poderia, então, mencionar uma constelação que a situação geográfica do continente europeu não permitia contemplar?

10. Eis o comentário de Giuseppi Vandelli, na 19a. edição completa da *DIVINA COMÉDIA*, "testo critico della Società Dantesca Italiana:

"Dante uscito dall'aura morta d'Inferno, si diletta di contemplare il cielo sereno e color di zaffiro, il pianeta d'amore e quatro brillantissime stelle, non viste mai se non da Adamo ed Eva, che davanno aspetto di letizia a tutto il firmamento austrae. Queste di certo simbolicamente figurano le vartu cardinali: prudenza, giustizia, fortezza e temperanza (cfr. PURG. XXXI, 106); ma é certo dei pari che Dante intende parlare di stelle reali. Potrebero, ha detto qualcuno, essere le 4 stelle formanti la "Croce del Sud", di cui in opere astronomiche mediavali era data notizia. Ma il "non viste mai" sembra proprio alludere a stelle sconosciute, e sarà da credere che il Poeta immaginasse lui di dare a 4 stelle australi, che lasciò ideterminate, una special luentezza e un significato allegorico". (Purg. I, 19/24). TRADUÇÃO: "— Dante, saído da aura morta do Inferno, deleita-se em contemplar o céu sereno e côr de safira, o planêta do amor e QUATRO ERILHANTISSIMAS ESTRÉLAS, jamais vistas senão por Adão e Eva, as quais davam um aspecto de Alegria a todo o firmamento austral. Elas, de certo, representam simbolicamente as virtudes cardiais: prudência, justiça, fortaleza e temperança; mas, é certo igualmente que Dante pretende falar de estrélas reais. Poderiam ser, disse alguém, as quatro estrélas que formam o Cruzeiro do Sul, a respeito do qual era dada notícia, em obras astronômicas medievais. Mas, a expressão JAMAIS VISTAS parece exatamente aludir a estrélas desco-

nhecidas e é de crer que o Poeta imaginasse dar a quatro estrêlas austrais, que deixou indeterminadas, um brilho especial e um significado alegórico”.

11. Apreciando essa mesma passagem, Longnon mostra-se muito mais seguro, a respeito da antevisão de Dante, quanto ao Cruzeiro do Sul:

“— Vers le pôle austral, ou Dante aperçoit les quatre étoiles qui Nul de l'hémisphère boréal ne les a vues, dit-il, depuis Adam et Eve, qui forment la Croix du Sud, la plus brillante constellation du firmament. les purent contempler du Paradis terrestre. Symboliquement, ces quatre étoiles représentent les quatre vertus cardinales: prudence, justice, force et tempérance”. — “Em direção ao polo sul, onde Dante percebe as quatro estrêlas que formam o Cruzeiro do Sul, a mais brilhante constelação do firmamento. Pessoa alguma do hemisfério boreal as viu, desde Adão e Eva, que as puderam contemplar do Paraíso terrestre. Simbolicamente, essas quatro estrêlas representam as quatro virtudes cardinaes: prudência, justiça, fortaleza e temperança”.

12. É um problema de difícil solução, sôbre o qual poderíamos citar outras opiniões, parecendo, entretanto, a mais acertada aquela de que há referências às QUATRO ESTRÊLAS (Cruzeiro do Sul), em mapas da Idade Média, donde se pode inferir que o grande florentino aludia mesmo à brilhante constelação, que viria, séculos depois, figurar em nossa bandeira.

13. O que é certo é que as estrêlas exerciam um grande fascínio no espirito de Dante e nem poderia deixar de ser assim (como já se comentou) para quem baseou a sua imortal Comédia, exatamente em assuntos relacionados com o Paraíso, Purgatório e Inferno, que constituem as três grandes divisões (cântica) do imortal poema, as quais terminam uniformemente pela palavra STELLE:

INFERNO: e quindi uscimo a riveder le STELLE.

PURGATÓRIO: puro e disposto a salire alle STELLE.

PARAÍSO: l'amor che move il sole e l'altre STELLE.

14. A respeito dessa singularidade assim se manifesta Giuseppe Vardelli: “— Come l'Inferno, così anche le altre due cantiche finiscono con questa parola, che designa il termine cui è diretto il viaggio di Dante e la mèta última della vita umana; il cielo, dove solo è la vera, immutabile felicità; parola, dunque, ammonitrice e augurale.”

15. O imortal épico dos Lusíadas, cujos audaciosos navegantes já haviam ultrapassado o equador e conquistado, com suas assombrosas façanhas, o direito de contemplar novos céus, refere-se claramente à constelação austral, cuja descoberta simboliza, certamente, o arrojo do homem, na busca do desconhecido. (Lusíadas, Canto V, Estrofe 14):

“JÁ DESCOBERTO TINHAMOS DIANTE,  
LÁ NO NÓVO HEMISFÉRIO, NOVA ESTRÊLA,  
NÃO VISTA DE OUTRA GENTE, QUE IGNORANTE  
ALGUNS TEMPOS ESTEVE INCETRA DELA:  
VIMOS A PARTE MENOS RUTILANTE  
E POR FALTA D'ESTRÊLAS MENOS BELA  
DO POLO FIXO, ONDE INDA SE NÃO SABE  
QUE OUTRA TERRA COMECE OU MAR ACABE”.

16. Francisco de Salles Lencastre comenta, da seguinte maneira, esse passo: "A constelação chamada "Cruzeiro do Sul" e que é composta de quatro estrêlas em cruz; descobre-se ainda antes de se chegar ao equador e, no hemisfério sul, serve de principal guia aos navegantes. Só os portugueses, com Bartolomeu Dias, tinham visto esta estrêla; antes deles, nenhum navegante doutra nação chegara àquelas paragens".

17. Mas, após o encontro desses dois semideuses nas regiões estelares: do firmamento, voltamos ao globo terráqueo, onde outros fenômenos, não cinemáticos ou luminosos, mas sonoros, fisiológicos, psicológicos, se vão desenvolvendo, dentro da harmonia global que rege o universo. Queremos referir-nos às leis que presidem à evolução da linguagem, em seu duplo evoluer: material e espiritual. E assim como admiramos as estrêlas, na glória das alturas, acompanhemos sua marcha e a de outros vocábulos, através dos caminhos sonoros da voz e no milagre de suas transfigurações semânticas.

18. Passemos, portanto, à análise filológica de algumas palavras constantes do texto transcrito, iniciando-a por aquela que era da predileção do Poeta:

STELLA: — Pertence a uma das mais fecundas raízes do mundo indo-europeu (STER), de quádruplice acepção, duas das quais se relacionam com STELLA. Vejamos sua evolução, através de alguns idiomas, fazendo-o, o mais sucintamente possível.

a) — Grego — Dentre numerosos derivados e compostos, citaremos: ASTER e ÁSTRON: astro; ASTÉRIAS: estrelado; ASTERÍZO: transformar em constelação; ASTÉRIOS: estrelado; ASTERÍSKOS: pequeno astro, estrelinha, asterisco (estrelinha, que serve de sinal gráfico); ASTERODÍNÉTOS: arrastado pelo movimento dos astros; ASTEROEIDÉS: que tem a forma de astro, asteróide; ASTEROSKOPIA: observação dos astros; ASTRONOMEÓ: estudar os astros; ASTRONOMIA: estudo dos astros; ASTRÓNOMOS: astrônomo; e muitos outros.

b) — Latim — Ástrum: astro; ASTRALIS: astral; STELLA (do diminutivo STÉR(U)LA, stélla, stélla): estrêla; CONSTELLATIONEM: constelação; STÉLLIFER: estelífero, estrelado.

c) — italiano — Stella, Stelleta, Stellone, Constellare, Constellazione; Disastro. Stellionato. Astrolatria, Astrografia, astronomia.

d) — Espanhol — Astro, Estrella, Estrellar, Constellación, Desastre.

e) — Francês — Astre, ÉTOILE, Stellaire, Consteller, Constellation.

f) — Inglês — Star, Disaster, Disastrous, Constellation, Constellate. No setor anglo-saxônico, há grandes variações: inglês médio: STERRE; anglo-saxônico: STEORRA; holandês: STER; antigo-alto-alemão: STERRO; sueco: STJERNA; dinamarquês: STJERNE; gótico: STAIRNO e alemão STERN.

g) — Alemão — STERN: estrêla; GESTIRN: constelação. O prefixo GE um dos mais empregados na língua alemã, exprime a idéia de composição, de pluralidade, da mesma forma que o prefixo COM e CON do latim e línguas derivadas. Alguns compostos: ABENDSTERN: estrêla da tarde; MORGENSTERN: estrêla da manhã; STERNDEUTER: astrólogo; STERNKUNDE: astronomia; STERNWARTRE: observatório astronômico. (Duas observações desejamos fazer, antes de passarmos ao estudo de outras palavras: I — Veja-se como exatamente um diminutivo (stélla) é que teve mais vitalidade e maior prole nos idiomas novilatinos. Trata-

se de fato relativamente comum, para o qual concorrem, ora causa; de ordem material, ora de natureza psicológica: OVELHA provém do diminutivo OVÍCULA e não do positivo ÓVIS, que produziria OVE, rejeitado pela fala popular; VELHO origina-se de VETULUS, diminutivo, expressão de carinho, como ocorre atualmente com VELHINHO, que é empregado, quando se quer exprimir afetividade. II — a segunda observação é a respeito da forma ÉTOILE, francesa, que difere bastante do português e do espanhol ESTRELA e do italiano STELLA. Nada há de extraordinário, porquanto tal modificação decorre da evolução normal da pronúncia francesa: — “É” libre se diphtongue et donne d’abord la diphtongue ascendante “EI”; puis, à partir du XIII siècle, devant les consonnes autres qu’une nasale ou une “L” mouillée, “EI” devient “OI” ...: de TELA dimana TOILE, de VELA: VOILE, de STELLA: ÉTOILE. E, assim, vemos que o ÁSTRON grego e a ÉTOILE francesa são irmãos, (embora de feição completamente diversa), por força dos milagres que, na mecânica do universo, regem a revolução dos astros no firmamento e, pelas leis da evolução linguística, governam os mesmos astros, enquanto vocábulos, através dos tempos e das regiões.

19. Prosseguindo, estudaremos apenas duas palavras mais, para não nos tornarmos prolixo:

A) — BEL — “Lo BEL planeta che d’amar conforta” — Está aí uma abreviatura do adjetivo BELLO, usada antes de nome que principia por consoante. Fato semelhante observa-se no francês e, em menor escala, no português. Tais processos podem ocorrer, por contaminação ou por via paralela. O francês, seguindo tendência que lhe é peculiar, transformou o BELLUM latino em BEAU, com a evolução BELLUM, BEL, BEAU, a qual começou, no século XII, prosseguindo no século XIV e terminando na forma atual (BEAU), que logo reverte à primitiva, na formação do feminino (BELLE) e em certas expressões; estratificadas, como: BEL et BON e BEL et BIEN. Compare o português BEL prazer. No inglês, observam-se vários descendentes do latim BELLUM, através do francês: a) — BEAU, “a fine, dressy man”; b) — BEAUTY, “fairness”; c) — BEAUTIFUL, “full of beauty” e ainda outros. Como STELLA é oriunda do diminutivo STÉRULA, o adjetivo latino BELLUS provém de uma forma diminutiva BÉNULUS (de BÓNUS, bom). Por último, desejamos mencionar uma particularidade: o paralelismo existente entre as idéias do BOM e do BELO, expresso na linguagem de três povos, sob forma diversa, mas atingindo o mesmo fim: o BÓNUS (bom) latino, transformando-se inserivelmente em BELLUS (belo); o BOM, da língua portuguesa, originando BONITO, beleza física; e KALÓS, grego, significando, simultaneamente, beleza física e beleza moral (kalós, beau, en parlant de la beauté physique — beau d’aspect — et en parlant de la beauté morale: noble, honnête, honorable”). Vê-se, dessarte, que a linguagem é a mesma, em qualquer idioma: as diferenças materiais anulam-se, quando estudamos os processos psicológicos. Diverso é o modo de falar, mas idêntica a alma humana. A matéria pode diferir; o espírito, não.

B) — MAI — (“Non viste MAI fuor ch’alla prima gente”): Mai, isto é, NUNCA, JAMAIS. Trata-se de uma abreviatura de GIAMAI, em que o primeiro elemento (GIA) desapareceu, permanecendo, entretanto, a força de negação forte, que pertencia ao conjunto. MAI provém do latim MAGIS (raiz MAG), que, sob as formas positiva, comparativa e superlativa, possui inumerável prole. Tinha, no latim, a mesma significa-

ção de PLUS: êste porém, applicava-se, sobretudo, com a idéa de número ou quantidade. Empregado na expressão SED MÁGIS "pour indiquer une action qui s'accomplit de préférence à une autre, MÁGIS en est venu à remplacer SED, dans la langue parlée et est passé, dans les langues romanes, avec le double sens de PLUS et de MAIS. Chegamos, assim, ao italiano MAI, ao francês MAIS e, subsequentemente, a GIAMMAI, italiano, JAMAIS, francês, e JAMAIS, português. Vimos, finalmente, que GIAMAI (jamais) perdeu o elemento GIÀ, ficando reduzido a MAI, conservando, porém, esta parte supérstite tôda a fôrça negativa do composto. Nessas três letras, portanto, acham-se condensados e subentendidos vários processos psicológicos, que se vieram desenvolvendo, desde o latim: elementos que se agrupam; contaminação de sentido de um dos componentes; desaparecimento dêsse componente, materialmente, permanecendo, entretanto, a sua potência semântica; bifurcação de sentido (mais e mas); tôda uma série, enfim, de recursos espontâneos, que atestam a fôrça do espírito humano, nesse eterno milagre da linguagem. — Seria imensa a lista completa dos derivados dessa fecundíssima raiz (MAG). Vamos apenas documentar a sua extraordinária difusão, através de um número considerável de formas, às vêzes, totalmente diferentes, mas com uma ligação qualquer, material ou espiritual, que lhes comprova o encadeiamento, o parentesco, a afinidade, no curso largo do tempo e no longo trajeto por inúmeras regiões:

a — SÂNSCRITO: MAHAS, grandeza; MAHAT, grande, com duas a três centenas de compostos, dos quais citaremos apenas: MAHADEVÁ, grande divindade; MAHARAJÁ, grande rei; MAHATMATRI, grande mãe; MAHATBHU (MAHAT, grande e BHU, ser, tornar-se) tornar-se grande, tornar-se cheia (a lua). (Nota n.º 1).

b — GREGO: MEGAS (m), MEGALE (f), MEGA (neutro), com inúmeros derivados e compostos: MEGARON, grande sala, salão; MEGETHOS, grandeza; MEGALÚNO, tornar grande, poderoso, fortificar; MEGALÓNIOIA, grande inteligência, gênio; e muitíssimos outros.

c — LATIM: Magnús, magnitúdo, magnánimis, májor, majéstas, maiúsculus, mágis, máximus, magister, magistérium, magistrare, magistratus, magistralis.

d — FRANCÊS: Magne, magnanime, magnifique, magnificence; maire, majeur, majorear, majesté, majestueux, majucule, maxime; mais, désormais, jamais; maitre, maitrise, maitriser, magistrat, magistrature, magistral, mistral.

e — ITALIANO: magno, magnitudine, magnanimo, magnificenza; maggiore, maggiordomo, maestá, massimo, massima; ma, MAI, maestro, maestria, maestrare, magistrale, magistrato, magistratura.

f — ESPANHOL: magnitud, magnanimo, magnifico, magnificencia; mayor, mayordomo; majestad; maximo, maxima, MAS, maestro, maestria, maestrar, maestral, magistral, magistrado, magistratura.

g — INGLÊS: Magnitude, magnanimous, magnify, magnific, magnificence, majesty, majestic, master, mastery, magistrate; mister, mistress, miss.

h — ALEMÃO: Majestat, major, meiser, meistern.

i — PORTUGUÊS: Magno, magnitudo, magnífico, magnânimo, magnanimidade, major, majorar, majestade, majestoso, maiúsculo, máximo, máxima, mestre, maestro, magistrado, magistério, magistratura, magistral, mordomo, MAS, MAIS, JAMAIS.

20. Após essa longa enumeração, que nos mostra a fertilidade espanhola do espírito, capaz de extrair de uma unidade mínima como MAG tão amplos recursos, desejamos reverter a OS LUSÍADAS, pelo fato singular de haver o máximo vate lusitano empregado, em sua epopéia, no delicioso episódio da Ilha dos Amores, uma frase em italiano:

“NÃO CANSES, QUE ME CANSAS; E SE QUERES  
FUGIR-ME, PORQUE NÃO POSSA TOCAR-TE,  
MINHA VENTURA É TAL QUE INDA QUE ESPERES,  
ELA FARÁ QUE NÃO POSSA ALCANÇAR-TE.  
ESPERA: QUERO VER-TE, SE TU QUISERES,  
QUE SUTIL MODO BUSCA DE ESCAPAR-TE,  
E NOTARÁS, NO FIM DÊSTE SUCESSO,  
TRA LA SPIGA E LA MAN QUAL MURO É MESSO”.

21. A respeito desse verso de Petrarca, excepcionalmente inserido no poema camoneano, é apenas interessante notar que o verbo *MÉTTERE*, italiano, oriundo do latim *MÍTTERE* (supino *MÍSSUM*) tem o particípio passado *MESSO*, assim como o francês *METTRE* possui o particípio *MIS*, ambos irregulares, o que não acontece no português e no espanhol, idiomas, em que a formação é regular: *METIDO*. Os quatro verbos são irmãos, oriundos todos do latim *MÍTTERE*, que significa *ENVIAR, REMETER*, tendo havido especialização de sentido nas línguas neolatinas: no português, *meter, introduzir*; no francês, “*mettre: poser, placer*”; no espanhol, “*meter, introducir o incluir una casa dentro de otra o en alguna parte*”; no italiano, “*porre, generalmente con idea di moto, ma acquista i significati dalle preposizioni espresse o sottintese, e dalle particolari situazioni*”.

22. Antes de terminar, devemos declarar que, para não tornar fastidioso o assunto, se é que já não o está, deixamos de citar nomes de autores (suas obras e páginas) junto a quem buscamos subsídios para este trabalho, que muito pouco tem de nosso. Fornecemos, entretanto, no final, uma relação bibliográfica, com esse objetivo. Os livros contêm tudo, sendo apenas mister que os leiamos, para deles sairmos as maravilhosas lições que eles encerram. É o que fizemos sempre e é o que ainda fazemos, em nossos estudos filológicos, onde pouquíssimo há de nós próprio e muitíssimo dos outros. Para consultar esses sábios conselheiros, embora, muitas vezes, através de dificuldades quase insuperáveis, tivemos de aprender rudimentos de sânscrito, grego, latim, hebraico, árabe, russo, francês, espanhol, italiano, inglês e alemão, a fim de, quando possível, deletreando cinco alfabetos, soletrarmos algumas obras fundamentais, diretamente em suas fontes e não através de intermediários. Esta foi a nossa grande recompensa.

NOTA N.º 1: A respeito dessa raiz (BHU) e da raiz ES, que depois de longuíssimo itinerário, figuram na formação de nosso verbo SER (no perfeito, no presente etc.), escrevemos em nosso livro ZERO OU O ETERNO MILAGRE DA LINGUAGEM, páginas 14 e 15: “— No entanto, aquelas duas raízes (BHU e ES) tiveram originalmente grande poder de expressão, indicando ações eminentemente objetivas, trazindo situações, acontecimentos e fenômenos que, quotidianamente, se verificam, no desenrolar da existência. A primeira delas (BHU), que através de mil acidentes, no curso dos séculos, se acha transformada em nos-

so FUI, significa o despontar do vegetal que, na alquimia maravilhosa da natureza, germina sob a terra e surge triunfalmente para a vida; é **DESPONTAR, SURDIR, NASCER, VIVER**. No grego, acha-se representada pelo verbo **PHÚO** ou **PHYO**, com a transmutação do grupo **BH** em seu homorgânico **PH**. **PHYO** tem exatamente a acepção de **DESPONTAR, NASCER, CRESCER**, assumindo ulteriormente inúmeros outros significados correlatos e possuindo copiosa descendência: **PHYSIS**, é natureza, o conjunto das coisas que **NASCERAM**; **PHYSIKÓS**, relativo à natureza, físico, natural e, como substantivo, **PHYSIKÉ**, a física, a ciência que estuda a natureza. Essa potentíssima raiz, que significa o desabrochar da própria vida, é que, depois, no desgaste do uso multimilenar, se reduz a mera sombra, sem sentido específico, simples elemento de ligação, no coordenar dos membros da oração. Daí, dêsse fulgurante passado é que proveio o **INSIGNIFICANTE** pretérito perfeito de nosso verbo ser (**FUI**). Vejamos agora a sua companheira (**ES**), que também desfrutou de vida própria e conheceu sua áurea época de atividade semântica, antes de atingir a etapa atual de decadência e esvaziamento.”...

NOTA N.º 2: Dante enxertou também numerosas frases de outro idioma em sua **DIVINA COMÉDIA**. Citaremos apenas:

**INFERNO, 34, 1:**

**VEXILLA REGIS PRODEUNT INFERNI  
VERSO DI NOI; PERÒ DINANZI MIRA.**

(Os estandartes do rei do inferno vêm em nossa direção; olha em frente): os estandartes são as seis asas de Lúcifer — “sono le sei ali de Lusifero.”

**PURGATÓRIO, 19, 50:**

**“QUI LUGENT” AFFERMANDO ESSER BEATI**

(Aquêles que choram afirmando serem felizes)

**BEATI QUI LUGENT: QUONIAM IPSI CONSOLABUNTUR”:**

“Bem-aventurados aquêles que choram, porque serão consolados.”

**BIBLIOGRAFIA:**

La Divina Commedia — Testo Critico della Società Dantesca Italiana;

La Divine Comédie — Tradução de Henri Longnon;

Vocabolario della Lingua Italiana — Zingarelli

Dizionario Italiano Portoghese — Carlo Parlagreco

Dizionario Etimologico Italiano — Dante Olivieri

Dictionnaire Général de la Langue Française — Hatzfeld-Darmesteter

Dictionnaire Etymologique de la Langue Latine — Ernout/Meillet

Sanskrit-English Dictionary — Monier/Williams

Dictionnaire Étymologique de la Langue Grecque — Boisacq

Diccionario Etimologico de la Langue Castellana — Joan Corominas

Deutsches Etymologisches Wörterbuch — Kluge

Dictionnaire des Racines des Langues Européennes

Dictionnaire Sanskrit-Français — N. Stchoupak, Nitti, Renou

Etymological Dictionary of the English Language — Walter W. Skeat

Lexicon Totius Latinitatis — Forcellini

Dictionnaire de la Langue Latine — Freund

# Alguns aspectos do Artesanato e da Arte Popular no Cariri

Francisco de Vasconcellos

## CONSIDERAÇÕES PRELIMINARES

O presente trabalho, resultou da pesquisa direta por mim realizada em Crato e Juazeiro, sem dúvida os dois maiores centros da riquíssima cultura popular do Cariri Cearense.

Os primeiros contatos com o campo de estudo, foram tomados em janeiro de 1964, quando, guiado pelo esforço e pelo espírito lúcido de José de Figueiredo Filho, Presidente do Instituto Cultural do Cariri, dei os passos iniciais dentro do emaranhado etnográfico da região, procurando buscar alguns objetivos que pudessem mais tarde transformar-se em contribuições, senão valiosas, pelo menos honestas e autênticas, para o estudo de alguns aspectos da cultura popular do meridional cearense.

Em junho daquele ano, voltei àquelas cidades, oportunidade em que terminei pesquisas sobre autos e danças do povo caririense e outra muito especial versando sobre o Reisado de José do Pau Sêco, trabalhos que foram publicados respectivamente nos Ns. 11 e 12 desta Itaytera.

Em dezembro de 1967 e novembro de 1969, empreendi novas viagens à terra de Bárbara de Alencar, para levar a cabo investigações acerca de certos aspectos do artesanato e da arte popular da região.

E, é justamente essa matéria, que trago à lume nas páginas que se seguem.

As pesquisas de campo que a ensejou, foram todas custeadas pelo meu bolso, sem apoio financeiro de entidades oficiais ou não.

Para os que me lançarem a pecha de visionário ou de desapegado das coisas materiais e dos sucessos baratos, respondo com a inexcedível página de Mestre Cascudo, inserida em "O Tempo e Eu", edição da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, comemorativa de seus cinquenta anos dedicados desinteressadamente à cultura popular do Brasil. Aí vai a íntegra do que se contém às págs. 219/220 da obra citada:

"As realizações culturais não merecem recompensas correspondentes. As profissões altamente remuneradas são de duração rápida, rutilante e efêmera. Ninguém inveje os sucessos que têm o espaço de uma apoteose teatral, trovejante e passageira. Não me foi possível semear o meu campo preferencial porque devia levar meus braços para outros e diversos terrenos. Assim, quase todos. O segredo da realização em proporção relativa e duradoura, é a fidelidade interior à vocação. Cumprir o dever oficial, exato e fiel, e retomar em casa, nas horas de folga, o direito da personalidade criadora, animado pela alegria íntima do trabalho favorito.

Pela satisfação espiritual, recatada e secreta, obstinada e tranquila. Certamente essa missão estará distante do aplauso, da compensação, do prêmio consagrado. Mas se é real-

mente vocação, pagará, no silêncio e na solidão, todos os esforços ignorados pela multidão. Missão das árvores que se cobrem de frutos nas várzeas descampadas e das águas que correm sem utilidade aparente. Desde que a energia individual dependa de estímulo, como um motor de combustível, não é energia, é máquina a serviço da popularidade impositiva. Trabalhe no que ama e sua árvore subirá, lenta e segura, até a constatação pelos displicentes, pelos distraídos, pelos indiferentes. E se a árvore precisa de escoras, gradeados e pontos de apoio para a ascensão, será mimosa e florida trepadeira, indispensando auxílio generoso das árvores independentes. A crítica ou a inconcordância não influirão no movimento da seiva vital. Gounod ensinava que a posteridade era uma superposição de minorias. Se o trabalho, no próprio e único ato de praticá-lo não o satisfaz, é que sua vocação não é essa. A vocação é o suficiente, a constância ecológica, a moeda que salda todas as nossas angústias. O resto é escravidão ao demônio da utilidade financeira. Nunca o dever ao trabalho. Direito de sonho”.

## CRATO E JUAZEIRO

Sem medo de errar, posso dizer que Crato e Juazeiro, distantes uma da outra menos de 20 km., são os dois polos de atração do Cariri Cearense. E, justamente nestes dois municípios, está concentrada a vida artesanal da região, com grande supremacia de Juazeiro sobre Crato. Explica-se.

Vamos buscar as luzes necessárias para aclarar o assunto, na obra de Sylvio Rabello — Os Artesãos do Padre Cícero — edição do IJNPS — Recife — 1967, às págs. 71 e segs.

“Ocorreu em Juazeiro um fato curioso: o artesanato não visava apenas utilidades, mas também objetos

de culto religioso. Ao lado dos sapateiros, dos ferreiros e dos marceneiros, surgiram os medalheiros e os imaginários, para atender ao crescente mercado de fiéis, o qual cedo se estendeu a todo o Nordeste. Esses artesãos do serviço religioso, é que se transformaram em ourives — os famosos ourives de Juazeiro, que se avolumaram em número jamais conhecido em cidade do interior do país. (O grifo é meu).

É possível que além dos artesãos originariamente aglomerados em torno do Padre Cícero, outros tivessem vindo de lugares diferentes, do Nordeste, atraídos certamente pela fertilidade do Cariri e pela fama do Tatumurgo. Explica-se, assim, certa especialização da mão de obra em tipos de artesanatos, como a ourivesaria, o fabrico de armas e de relógios. Rui Facó também acredita na convergência em Juazeiro de artesãos antes dispersos pelos Estados vizinhos. Certamente por isso é que eles, a princípio concentrados na fabricação de objetos místicos e de utilidade imediata, tornaram-se melhor aparelhados para a manufatura cada vez diversificada de objetos de adorno e de uso próprio dos moradores da área urbana”.

E, quem como eu conviveu naquele meio, não tem medo de afirmar que têm razão Sylvio Rabello e Rui Facó. Sem dúvida a onda de misticismo que inundou o Juazeiro através do Padre Cícero, trouxe para ali artesãos de todos os recantos nordestinos e que se entregaram aos mais variados misteres, desde os trabalhos de cunho religioso até os de utilidade doméstica, pessoal, etc. E, no decorrer do presente ensaio, tal verdade estará sobremaneira demonstrada.

Não obstante esta supremacia de Juazeiro sobre Crato, pelos motivos adrede expostos, nesta cidade e em seus arredores também se encontram artesãos, notadamente no setor de couro (seleiros, sapateiros, etc.).

ARTESANATO CARIRIENSE  
SEGUNDO A MATÉRIA PRIMA  
EMPREGADA

Palha  
Earro  
Madeira  
Couro  
Ouro

Sôbre êsses cinco elementos se dirige o presente trabalho, assim também sôbre os principais artistas e artesãos que os empregam.

1.º — OS CHAPEUS DE PALHA  
DE CARNAUBA

Sylvio Rabello em sua obra citada, diz ás págs. 105 e seguintes, que de acôrdo com os dados fornecidos pela Delegacia do Instituto de Geografia e Estatística em Fortaleza, dos 13.005 artesãos residentes em Juazeiro do Norte, 5.974 usam a palha para a confecção dos mais variados artefatos, predominando as mulheres nesse campo (89,2 para 10,8 homens).

Sem dúvida um mundo de gente em Juazeiro, principalmente mulheres de todas as idades usam a palha para múltiplas finalidades.

O longo e penoso caminho morro acima, vereda pela qual se atinge o famoso Horto juazeirense, é praticamente, de ambos os lados, reduto de famílias, cujas mães e filhas e até rapazolas, se dedicam à confecção de chapéus de palha de carnauba.

E, na dita rua do Horto N.º 782, encontrei minha informante, jovem de 16 anos, Maria do Socorro Germano, chapeleira das boas, que me relatou o seguinte:

O olho da carnaúba é comprado a Cr\$ 0,06 cada um; e, com um ôlho, três pacotes de anilina verde, outro tanto de rosa e ainda outro de roxa, fazem-se cinquenta chapéus, em média.

A carnaúba é desolhada e depois ripada a canivete, para que se façam as tiras. A tinta é preparada em

água fervente, na qual a palha é mergulhada para apanhar a côr. Depois de sêca, começa-se o chapéu. Primeiro faz-se a copa, depois a aba. Em seguida, pela-se e amarra-se. "Embainha-se" com linha. E, finalmente engoma-se com pano molhado e ferro quente.

Em épocas normais cada chapéu é vendido a Cr\$ 0,14 e nas ocasiões de festas e romarias o preço atinge Cr\$ 0,20. Há compradores viajantes, que compram diretamente nas portas das artesãs. Mas o grosso da produção é vendido nas feiras. Para estas, os chapéus são transportados nas cabeças das mulheres. E na feira não há encaixe, pois começa-se a vender ao preço normal da praça e chega-se ao fim do dia a qualquer ninharia, desde que nada sobre, pois a volta para casa, compreende certamente carregar nos ombros gêneros e mantimentos, adquiridos com o produto da venda dos chapéus.

CERÂMICA LÚDICO-FIGURATIVA

Quase nada se escreveu acêrca de cerâmica lúdico-figurativa do Cariri, assim também sôbre seus principais artifices. Em 1969, veio a público o livro de Hermílio Borba Filho e Abelardo Rodrigues, edição da Campanha de Defesa do Folclore Brasileiro, com o título genérico e elástico "Cerâmica Popular do Nordeste".

Depois de explorar exaustivamente o assunto na área de Pernambuco, os autores fazem verdadeiro passeio turístico pelos outros Estados, pois nada trazem de substancioso em torno da cerâmica potiguar, paraibana ou alagoana. No Ceará a falha é de tal monta que até faz crer que não houve por aquelas bandas, verdadeira pesquisa de campo. Vejamos algo do que dizem sôbre a terra alencarina:

Pág. 193 — "Nosso campo de trabalho se estendia por toda esta vasta região que vai do Ceará a Sergipe e, terminada tarefa em Pernambuco

voamos para Fortaleza, onde tivemos todas as facilidades graças à boa vontade e inteligência de Milton Dias, Nertan Macedo e Otacílio Colares.

...Todas as nossas buscas reduplicaram em nada e somente em Fortaleza fomos encontrar trabalhando num escritório de arquitetura um rapaz de Goiana, Manoel Miguel da Costa, que lutava para expôr os seus bonecos dentro daquêlê espírito do popular acadêmico de que já falamos”.

Em suma, nada pesquisaram no Ceará, pois se ao menos tivessem feito uma pequena excursão ao Cariri, outras teriam sido as conclusões.

Nas imensas feiras de Crato e Juazeiro, qualquer transeunte desavisado pode notar em alguns cantos de rua inúmeras peças de cerâmica lúdico — figurativa, ao lado daquela tipicamente utilitária, de barro cozido, que vai da quartinha ao pote.

Os fabulosos artistas anônimos, via de regra mulheres e residentes no Juazeiro, jazem no esquecimento de todos. São verdadeiros párias sociais, vivendo em condições sub-humanas, talvez os mais miseráveis de todos os artesãos caririenses.

O artesanato da chamada louça de barro, hoje quase verdadeira indústria, tem, segundo Sylvio Rabello, pág. 81 de sua obra citada, um de seus principais redutos, em termos caririenses, no Juazeiro, na localidade denominada Estrêla, onde é encontrado tanto o barro de côr escura, como o alvamento. O primeiro é mais empregado no fabrico de jarras e potes e o segundo, mais poroso, na confecção de quartinhas e bilhas, para esfriar água.

E, o mesmo Sylvio Rabello à pág. 105 de seu “Artesãos do Padre Ciceiro”, revela que é de 291 o número de pessoas ocupadas em artigos de barro, sendo segundo dados da amostragem fornecidos pelo Instituto de Geografia e Estatística de Fortaleza, 84,2 mulheres para 15,8 homens

dedicados ao fabrico de artefatos de cerâmica.

Mas, no setor lúdico-figurativo, nada temos de palpável. As pesquisas acima, são voltadas para a esfera utilitária e os dados referidos são globais.

Mas, o que é certo é que no Juazeiro se desenvolve um artesanato fino e cuidadoso, objetivando o brinquedo da criança pobre ou mesmo os enfeites das casas menos favorecidas. Por isso talvez sejam as peças muito baratas, daí a condição de verdadeira miséria em que vivem os inigualáveis artistas populares.

De todos os artesãos de bonecos e bichinhos de barro, radicados no Juazeiro do Norte, destaco aqui Ciceira Maria de Araújo, juazeirense de nascimento, filha de pai de Garanhuns e de mãe de Quipapá. Nasceu em março de 1915 (não se lembra do dia), foi casada três vezes, vivendo, segundo sua expressão, apartada do último. De côr parda, mal assina o nome, lê muito pouco, é eleitora, mas nada escreve. Mora num barraco de um só cômodo, cercado e coberto de palha de coqueiro. É verdadeiro esconderijo enganchado entre duas casas simplórias na Av. Salgueiro. Seu barraco não tem número, mas como referência, é vizinho ao número 252. Tem dois filhos, um casado e uma menor do segundo casamento.

Só se alimenta uma vez por dia. De manhã como feijão e a noite toma o caldo com café. Raramente come carne.

Em sua mocidade vivia da venda de capim. Depois de casada, resolveu por sua conta a fazer bonecos e bichinhos de barro. Fazia-os para brinquedo de menino e para enfeites. E, nunca mais deixou seu ofício, que se constitui atualmente na sua única fonte de renda.

Apesar de nunca ter convivido em meio de ceramista, trabalha com uma perfeição extraordinária. O que sa-

be aprendeu sozinha e não consegue ensinar a ninguém.

Trabalha com o barro cru vindo das Malvas, arrabalde do Juazeiro, distante meia légua de seu barraco. O barro é o mesmo usado para o fabrico de telhas e tijolos. Compra uma lata de barro (dessas de 18 litros) por semana a Cr\$ 0,10. Ela mesmo transporta a carga do barreiro ao seu tugúrio.

Não usa fôrma nem fôrno. Nenhum instrumento é utilizado na confecção das peças. Apenas suas mãos privilegiadas trabalham na modelagem e nos detalhes do acabamento. As peças são via de regra pintadas. Usa pinceisinhos feitos de palito com algodão na extremidade. Usa alvaiade e tintas comuns empregadas na pintura de casas. A cola é indispensável e as medidas são colheres de chá. As quantidades de tintas variam de acordo com os trabalhos a executar. Costuma comprar uma quarta de alvaiade por Cr\$ 0,50. As tintas compra "de mercado" à base de Cr\$ 0,20 a quantidade e a cola idem.

Não sabe entretanto explicar quantas peças é capaz de fazer empregando o montante de material acima descrito. Sabe somente, que fatura em cada feira entre Cr\$ 1,00 e Cr\$ 3,00. Costuma trabalhar às segundas na feira de Crato e aos sábados na do Juazeiro. Às vezes aparecem encomendas, geralmente de fora mas são casos esporádicos.

Em 1964, quando pela primeira vez vi Cícera Maria de Araújo na feira de Crato, adquiri um conjunto de reisado e uma coleção de pássaros em cores vivas, que ainda conservo em minha coleção, deixando boquiabertos quantos têm visitado meu pequeno museu de arte popular.

E, o Juazeiro, rico em barro e em artífices especializados, precisa ser melhor pesquisado do ponto de vista da cerâmica lúdico-figurativa. Nem só em Estrela e nas Malvas es-

tá a preciosa matéria prima. Também em Santa Teresa e Pedra de Fogo está ela e a seu lado algumas olarias caseiras. E Cícera Maria de Araújo, não é a única artista dos bonecos e bichinhos. Também Maria Geralda da rua José Marrocos e Cícera Cândida de Lyra da Vila Tiradentes, se dedicam aos mesmos mistérios.

## ARTESANATO E ARTE POPULAR EM MADEIRA

Os santeiros, os imaginários e os trabalhadores em clichês de umburana ou de cajá, ainda se espalham pelo Juazeiro do Padre Cícero e deles, destaque nesta oportunidade as figuras de :

### MANOEL LOPES

Nascido em União, Estado de Alagoas, em 1.º de maio de 1910, veio para Juazeiro em 1912, "numa carga de meninos, dentro de caçuás".

Casado pela segunda vez, com D. Carmelita, tem, entretanto, três filhas do primeiro matrimônio.

Aos dez anos de idade, começou a trabalhar a madeira, tendo sido aprendiz de Neso, atualmente afastado por cegueira. Lembra-se que naquela época, havia outro grande artesão, João Pereira, hoje também tendo deixado a arte.

Manoel Lopes, foi sempre mestre em esculpir imagens de santos, assim também em restaurar e encarnar as antigas peças, chegadas à sua oficina. Sempre viveu e continua vivendo exclusivamente do ofício.

A madeira que emprega em seus trabalhos é a umburana, comprada no Juazeiro a Cr\$ 30,00 o m<sup>3</sup>. Somente a metade da madeira é aproveitada. O resto perde-se. Usa ainda purpurina para pintar as imagens, via de regra aquelas compradas pelas casas de artigos religiosos. Gasta uma média de Cr\$ 20,00 por mês em tinta.

Usa como ferramentas, além das faquinhas, sem dúvida as peças mais importantes, o serrote, o tórno, formão, enxó e plaina.

Trabalha primordialmente por encomenda, partida ou das casas de santos da cidade (Joaquim Mansinho — para quem trabalha há 40 anos, José Bezerra e José Francisco) ou de particulares, até estrangeiros. Há sempre uma supremacia das encomendas das firmas comerciais, sobre as dos particulares. Além disso, restaura e encarna santos, trabalho que lhe rouba muitos dias, pois exige muita perícia e muita paciência. Entretanto a margem de lucro costuma ser maior. Há serviços até de Cr\$ 50,00. Vale notar, porém, que nas restaurações, nunca há interesse em conservar as características antigas da peça. Sempre a mando dos donos, as imagens aparecem como novas, pintadas de purpurina gritante, fazendo assim desaparecer a pátina do tempo, sempre a realçar a beleza e a marcar a autenticidade do objeto.

Seu faturamento mensal é muito elástico. Oscila em tórno de Cr\$160,00.

Os preços das peças oscilam entre Cr\$ 10,00 e Cr\$ 20,00.

Sua produção diária é incerta. Pode fazer de 1 a 6 peças por dia. Depende do tamanho e dos detalhes.

Reside em casa própria, de pau a pique, constando de dois quartos, sala, onde se encontra sua tósca oficina e cozinha.

Sua mulher também conserta santos e dora molduras de quadros. Fatura cerca de Cr\$ 30,00 por mês.

Vivendo somente os dois debaixo daquêle pobre teto, consomem praticamente os ganhos mensais na alimentação. Comem quase que só uma vez por dia. Alimentação frugal, tipicamente sertaneja. Toda semana fazem feira, gastando nela de Cr\$ 6,00 a Cr\$ 10,00. Carne só não comem às 6as. e sábados, por questões religiosas. Dona Carmelita é chegada às

coisas da Igreja e faz parte de algumas irmandades.

## MESTRE NOZA

Inocência da Costa Nick, é o verdadeiro nome do hoje internacional Mestre Noza, um dos mais conhecidos e estudados artesãos do Juazeiro.

Nascido em Itaquaritinga, Estado de Pernambuco, chegou ao Juazeiro em 2 de setembro de 1912, contando na época 17 anos. Viajou 16 dias a pé, em companhia da mãe, da irmã e de alguns parentes. Vieram a passeio e acabaram ficando definitivamente. Conta êle: "Me peguei com os santos e butei roça". Depois durante 5 anos exerceu o ofício de funileiro. Em 1918, começou a fazer santos de madeira. E daí até 1963, quando veio ao Rio participar de uma exposição de artesanato nordestino, produziu abundantemente naquêle setor. Ultimamente são raros os santos de sua lavra. Prefere as imagens do Padre Cícero, às quais se dedica desde 1925, os cabos de revólver, que produz em massa, já num sistema semi-industrial, desde 1949, e as tósocas figurações de Lampião e Maria Bonita, que vem trabalhando desde 1960.

Vive exclusivamente de seu ofício. Casado, tem duas filhas maiores, residentes em São Paulo. Reside em casa própria. Sua oficina à rua Santo Antônio, 265, está instalada em prédio de sua propriedade. Além disso, possui mais 6 casas dentro do Juazeiro, alugadas à base de Cr\$ 5,00 ao mês.

Nunca empatou dinheiro na aquisição de imóveis. Estes vieram ter às suas mãos através de permuta.

Ultimamente, dedica-se às imagens do Padre Cícero e aos cabos de revólver. Aí consiste o grosso de sua produção. Trabalha para satisfazer às encomendas das casas de santos assim também para os compradores avulsos. Sua média mensal de fatu-

ramento gira em torno dos Cr\$ 240,00. Cada imagem do Padre Cícero de 15cm., vende a Cr\$ 3,00, idem cada cabo de revólver. A produção semanal de imagens oscila muito, não podendo êle fazer uma estimativa. Quanto aos cabos de armas costuma produzir 14 semanalmente.

Mestre Noza não trabalha só. Com êle funcionam quatro moças: Josefa Francisca, de Natal, RN., que há dez anos auxilia o velho artesão, é especializada em cabos de revólver, ganhando por tarefa, faturando em cada um Cr\$ 0,70; Maria das Graças Alves, de Patos, PB., Zilda Lustosa de Caririaçu, CE., e Francinete Pereira de Porteirias, CE., trabalham no serviço bruto das imagens, traçando-lhes os primeiros contornos, ficando os detalhes, os arremates e a impressão do artista por conta de Mestre Noza. Ganham respectivamente Cr\$ 3,00, Cr\$ 6,00 e Cr\$ 5,00 por semana.

Para fazer imagens, usa o Mestre somente umburana. Para os cabos emprega primordialmente pereiro o amargoso.

Compra madeira a granel, numa base de Cr\$ 10,00 a Cr\$ 15,00 por semana. Para se ter uma idéia, relatou que com Cr\$ 1,00 de amargoso faz quatro dúzias de cabos de revólver.

Para fazer as imagens, usa unicamente canivete. Para os cabos emprega tórno, lima, máquina de furar e máquina de frisar, estas tocadas a mão.

Mestre Noza, com toda sua arte sabe apenas assinar o nome. Mas, depois que na França se publicou obra sobre seus trabalhos, quer aprender francês, para melhor saber o que foi dito sobre êle.

#### ANTÔNIO LINO

Apenas como referência, trago aqui o nome do moço Antônio Lino, filho do veterano folhetinista José Bernardo da Silva, rapaz consciente

das tradições artesanais do Juazeiro, por isso teimoso em não deixar morrer um dos aspectos mais ricos desse campo: o clichê de umburana ou de cajá.

Juazeiro do Norte, um dos maiores centros nordestinos de irradiação da chamada literatura de cordel, teve sempre ao lado desta, incontáveis artifices, especializados em clichês para ilustrar as capas dos folhetos. Esculpidos nas madeiras acima mencionadas, eram verdadeiras obras de arte, tal a riqueza de detalhes, tal a expressão das figuras, talhadas a canivete por mãos tóscas e anônimas. De todos êsses artesãos, o que mais apareceu foi sem dúvida João Pereira, que muito trabalhou para José Bernardo da Silva, encontrando-se atualmente afastado da velha lida.

Em verdade, a clicheria juazeirense está desaparecendo. É verdadeira letra morta, levada pela evolução das coisas, pela invasão dos clichês de chumbo e até pelo desmantelamento das tipografias de folhetos, à sombra das quais floresceu.

Mas, José Lino, um pouco pelo aspecto turístico, já que clichê de umburana hoje virou peça de colecionador, um pouco para ajudar o pai na teima por manter a Tipografia São Francisco, vem trabalhando a madeira com muita arte, tirando alguns proveitos pecuniários. É o tipo do artista popular já com fumaças de erudição. Tem consciência do valor de seus trabalhos e sabe do interesse que estes despertam entre estudiosos e meros colecionadores. Apesar disso, tudo que faz é autêntico no fundo e na forma.

#### ARTESANATO DE COURC

Diz Sylvio Rabello às págs. 72/73 de seu "Artesãos do Padre Cícero":

"Houve um tempo em que os ourives tomavam conta de uma rua inteira. Os sapateiros e os seleiros igualmente se encontravam em todas

as ruas. Hoje esses tipos de artesanato decaíram". (O grifo é meu).

A moderna invasão do plástico e de outros produtos sintéticos, a atual facilidade de transporte de tais mercadorias, oriundas dos centros industrializados e ainda o gosto pelas novidades, vão matando o artesanato do couro em seu verdadeiro habitat, num meio em que tradicionalmente, do couro se fazia "de um tudo".

Segundo Sylvio Rabello à pág. 97 de sua obra citada, em 1956 o Banco do Nordeste do Brasil, registrou em Juazeiro a produção de 842.550 pares de sapatos e 76.500 artigos feitos em peles. A pág. 105 informa que a população que se ocupa em couro no Juazeiro orça em torno de 1.200 almas. Segundo a amostragem do Instituto de Geografia e Estatística, Delegacia de Fortaleza, são 96,6 homens para 3,4 mulheres ocupados com o couro.

Em Crato, onde concentrei o grosso de minha pesquisa nesse setor da atividade artesanal, registrei alguns nomes famosos e com um deles fiz entrevista.

Pedro Seleiro, especialista em selas, José Ferreira da selaria São José, localizada na rua Monsenhor Esmeraldo, Zuca, artifice da sela e do gibão e Zé Newton, o mais versátil de todos, são os procurados para encomendas de artefatos de couro.

Com o último fiz a entrevista que se segue.

### ZÉ NEWTON

Seu verdadeiro nome é José Corrêa de Holanda. Mas o povo o conhece por Zé Newton. Natural do Sítio Pai Mané, distante três léguas de Crato, viveu até 18 anos na roça, tendo sido vaqueiro e agricultor. Depois abriu no mundo. Rolou por esses brasis, como autêntico cearense. Sua vida é um exemplo de luta e tenacidade. Senão vejamos:

Trabalhou na obra da ponte Juazeiro/Petrolina. Subindo o rio São

Francisco, alcançou o sertão goiano e foi parar nos garimpos do Pachorel em Mato Grosso. Em São Paulo foi empregado da Sapataria Ali Babá. Em serraria e armazém também trabalhou, até que com a idade de 28 anos voltou a Crato. Nessa altura já trabalhava com o couro.

Nas lidas de vaqueiro, acabou conhecendo moça de responsabilidade, com quem se casou em 16 de novembro de 1955. Tomando estado, veio para a cidade trabalhar com o mestre Zé Barbosa, residente no Pimental. Ao cabo de um ano botou oficina por conta própria, à rua Bárbara de Alencar. Iniciou seu negócio com cinco mil cruzeiros antigos. A sêca de 1958 matou seu negócio. Teve que voltar a ser vaqueiro no sítio Malhada de propriedade de seu sogro.

Em 23 de dezembro de 1961 matou um menino por acaso. Desesperado rumou para Caririçu. Três dias depois abrigou-se no sítio Timbaúba no Juazeiro. Em seguida viajou para a Fazenda de Raimundo Pinheiro no Sangradouro, Estado de Pernambuco. E conta: "Defendi-me alugado na agricultura". Fez duas mil braças de cêrca e sessenta tarefas de palma forrageira. Aos domingos a diversão era caçar abelha. Nessa lida andou seis meses. Veio então para a fazenda de Chico Gomes no Município de Crato, onde foi feitor.

Em 1964, por intermédio de Virgílio Xenofonte resolveu entregar-se à Justiça. Esteve preso, foi a Juri e conseguiu absolvição. No tempo em que esteve na cadeia, montou oficina, fazendo botas, alpercatas, etc. Foi nessa ocasião, que o vi pela primeira vez, encomendando-lhe um par de botas de vaqueiro.

Livre das grades foi residir à rua José Marrocos. E, logo depois, comprou por Cr\$ 600,00 o pedaço de chão, onde localizou casa e oficina, à rua Santos Dumont, 187. Isto deu-se em 1965.

Dois anos após, tirou diploma de

prático em veterinária, durante a Semana Ruralista de Crato. Ficou contratado pelo Município, com esperanças de passar a funcionário do Inda. Nesses misteres ganha Cr\$ 86,00, fora as gratificações por serviços executados.

Como seleiro e artesão do couro de modo geral, fatura média de Cr\$ 300,00 por mês.

Trabalha unicamente à base de encomenda. Sua maior produção é de calçados (alpercatas, chinelos e botas), vendidos respectivamente a Cr\$ 10,00, Cr\$ 3,00 e Cr\$ 25,00 a unidade. Em menor escala faz roupa de vaqueiro a razão de Cr\$ 160,00 cada uma. Costuma fazer uma roupa por semana e vinte pares de botas por mês.

Usa vaqueta e sola para os calçados e vaqueta e botão para as roupas. O couro é comprado no Crato.

Um quilo de sola custa Cr\$ 3,00 e dá para fazer um par de alpercatas, que ainda consome dois cruzeiros de vaqueta Cr\$ 1,00 de cola e mais pregos e linha. Uma roupa completa leva sete couros a Cr\$ 15,00 a peça de metro e meio.

Usa as seguintes ferramentas: Faca, suvela, vasador, marcador, martelo, torquesa, alicate, pé de ferro, grosador e facão. Emprega ainda máquina de costura familiar.

Tem um ajudante, menino cria da casa. Recebe Cr\$ 10,00 por semana e participa da metade nos consertos de sapatos, etc.

Além da mulher, que é exclusivamente doméstica, tem sete filhos menores.

Calcula em Cr\$ 200,00 seu gasto mensal com alimentação.

#### A OURIVESARIA DECADENTE

Ainda é Sylvio Rabello, nosso inigualável informante, quem às págs. 72/73 de sua obra citada diz: "Houve um tempo em que os ourives tomavam conta de uma rua inteira". E

mais adiante: "Hoje, esses tipos de artesanato decaíram. Vão rareando os ourives, que não suportam o alto custo do ouro e a concorrência das "fantasias" fabricadas em série no sul do país".

E, quem anda no Juazeiro de hoje, vai encontrar raros ourives, de trabalho fino em bom material. Entretanto encontrará muita malotinha pelas esquinas e mesmo nas feiras, onde é exposto um mundo de bugingangas de péssimo gosto feitas em metal vagabundo imitando ouro barato.

Em Crato, houve em épocas passadas uma ourivesaria tipicamente sertaneja, voltada para joias e adornos, completamente desvinculada da onda de misticismo que invadiu Juazeiro.

Teopisto Abath, natural de Crato onde nasceu em 14 de agosto de 1879, e faleceu em 5 de julho de 1957, manteve durante toda a sua vida, ourivesaria à rua José Carvalho n.º 80. Foi dos ourives mais consagrados e requestados de toda a região. Não foi sem razão que o povo cratense, através do Lions Clube local, colocou ainda em vida de Teopisto uma placa de bronze, na parede externa de sua oficina, com os seguintes dizeres:

"Nessa casa nasceu há precisamente 77 anos e nela ainda vive exercendo de sol a sol o ofício de ourives, ao qual se dedica desde o ano de 1893, Teopisto Abath, exemplo singular de homem visceralmente honrado, cujo apostolado moral deve ser conhecido e imitado pelas gerações moças. Iniciativa do Lions Clube do Crato. 14.8.1956".

Nota: — As cifras referidas no correr do presente ensaio foram tomadas em 1969.

#### CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho que teve a preocupação de mostrar alguns aspectos do rico artesanato caririense, chamando

a atenção sobre determinados artifices, não terá por certo os méritos de uma pesquisa nitidamente sociológica, mas tenho a certeza que fornece dados e informes sobre a vida artesanal da região sul cearense, numa determinada época de sua história. Por outro lado, creio que a valorização do artista ou do artesão, mostrando aspectos de sua existência no meio onde desenvolve sua atividade, fixa um ponto de partida para pesquisas mais alentadas, levadas por outras aspirações.

Ficou patente nessas páginas, como é incerta a vida do artesão do Cariri. Homens de poucas letras, na sua maioria, vivem empiricamente. O dom inato, mais curto aprendizado geralmente no meio familiar, torna-os aptos para o trabalho artesanal, dentro de um tipo de vida arcaico, num sistema econômico puramente de subsistência, salvo algumas exceções.

As pesquisas nesse campo insidioso, quer pessoais, quer sociais, têm que ser à base de estimativas. Nada é exato e as informações claudicam muito. Creio que aqueles homens chucros não concientizam os vários problemas que envolvem suas vidas, não traçam planos, não obedecem a normas e divisão de trabalho, não evoluem em suas técnicas, não pensam em termos de economia estável e de multiplicação de seus rendimentos. A maioria prende-se a encomendas do mercado interno, via de regra sujeito a crises periódicas, a maior parte não chega a capacitar-se da grandeza de sua obra, espantando-se mesmo com as nossas manifestações de júbilo deante das belezas que exibem.

Dos artesãos caririenses, parece ter ficado demonstrado, vivem melhor os ourives e os que trabalham com couro e madeira. Chegam a ser pequenos proprietários, têm rendimentos outros, além daquele que lhes provem em função do ofício. Os

# Um Poema de Amor

Sampaio de Alencar

Nasceu

o filho

do amor e do ódio...

— estas duas paralelas

que se encontram no coração!

Nasceu

o filho

da amizade e do desejo...

— estas duas

tangentes

que se cruzam

no sexo!

Nasceu

o filho

do "uno" com a solidão...

— híbrido ser

do não ser;

verbo que se fez

palavra;

palavra

que gerou poesia;

— que morreu

no arcabouço

de uma vida vazia!

Recife, abril de 68

---

mais modestos são os dedicados à cerâmica lúdico figurativa, verdadeiros párias a reclamarem melhor sorte, já que são donos de uma arte inigualável.

# Sôbre Euclides da Cunha

Com o título acima e na seção CORTINA do jornal recifeense — “DIÁRIO DA MANHÃ”, publicou o emérito jornalista e grande médico dr. Ferreira dos Santos, no dia 18 de Janeiro de 1971, a crônica que se segue, em torno de recente monografia de J. de Figueiredo Filho, separata da REVISTA DE HISTÓRIA, de S. Paulo :

“Recebo de meu prezado confrade e amigo J. de Figueiredo Filho, cratense de largos costados, e de muitas luzes, sobretudo sôbre assuntos de História e do riquíssimo folclore de sua região, uma bem feita monografia sôbre a influência que Euclides da Cunha exerceu nas letras brasileiras, por muito tempo apegadas a influências exóticas.

Esse seu trabalho é separata do número 83 da REVISTA DE HISTÓRIA, São Paulo, e chega em boa hora, ressaltando a obra dêsse verdadeiro gênio que foi Euclides, valendo-se dos privilégios da sua multi-facetada cultura. Se de um lado, ressaltam-se as suas qualidades de pesquisador, geólogo e sociólogo; de outro lado, temos que reconhecer-lhe a autoridade como criador de um estilo e de um vocabulário próprios, não às custas das influências Gautierianas mas hauridos na fonte pura da terra sertaneja.

J. de Figueiredo Filho vale-se da obra de Araripe Júnior sôbre o nosso grande sertanista. Sem dúvida, Araripe Júnior mergulhou profundamente na obra de Euclides da Cunha, buscando tudo, quanto possa ter influido para que êle nos desse “OS SERTÕES”, em tôda a grandeza da

sua expressão científica e, sobretudo, estética. A forma que, para Araripe Júnior se constituía num valor, Euclides a forjou de maneira incomparável.

Diz muito bem o Figueiredo Filho sôbre a influência que Euclides exerceu não só na ciência sileira, afirmando que êle foi um néo-bandeirante, um devassador mas também na literatura brasileira de nossos ignotos sertões, forçando-nos a desprezar as referências de fonte Saint-Hilaireana acêrca dos motivos que estavam latentes mais exuberantes no coração do Brasil. E, com a inevitável compreensão das seduções que Euclides nos apontou, tivemos, sem contestação, os primeiros movimentos que, de 1922 para cá, se esboçaram nas ciências, nas artes e nas letras nacionais que, por sua vez, motivaram êsse trabalho, de integração, descobrindo-se um Brasil inteiro, Brasil fugindo do litoral e entrando na força pujante e inexgotável das nossas regiões centrais.

Esse remoto precursor que foi Euclides da Cunha está muito bem revivido por Figueiredo Filho, numa hora oportuna de desbravamento nacional.

Euclides está presente na revolução literária do Brasil de hoje. Está presente com muita oportunidade, através da pena ilustre dêsse cratense jovial que dignifica os seus trabalhos intelectuais, dando-nos belas lições de História, de Sociologia e do Folclore nordestino.

Obrigado, Figueiredo. Sua monografia está na minha cabeceira.

Obrigado F. S.

# F. C. Pierre & Filhos

TELEVISORES, RÁDIOS E RADIOLAS PHILIPS

REFRIGERADORES CONSUL

MÁQUINAS DE COSTURA VIGORELLI

CHAPAS DE FORMICA PARMA E CONTOUR

COLCHÕES E CONJUNTOS ESTOFADOS PROBEL

MÓVEIS E ELETRO-DOMÉSTICOS EM GERAL

PEÇAS E ACCESSÓRIOS PARA BICICLETAS

RUA SANTOS DUMONT, 60

TELEGRAMA: "PEÇAS"

TELEFONE: 232

CRATO — CEARÁ

# Antônio Almíno de Lima

VENDA DE COMBUSTÍVEIS POR ATACADO PARA  
VÁRIAS REGIÕES

— MANTÉM 8 POSTOS —

SENDO: 3 EM CRATO — CEARÁ

2 EM JUAZEIRO DO NORTE — CEARÁ

1 EM MILAGRES — CEARÁ

1 EM JATI — CEARÁ

1 EM BARRO — CEARÁ

DEPOSITÁRIO E DISTRIBUIDOR DOS PRODUTOS ESSO

MANTÉM OS MELHORES PREÇOS EM PNEU E BATERIA

MATRIZ: RUA ALMIRANTE ALEXANDRINO N.º 1.014

TELEFONE: 531

— CRATO — CEARÁ

# ESTÓRIAS PARA A HISTÓRIA

Dizia-me o Emérito Historiador Caririense Pe. Antônio Gomes de Araújo, do Instituto Cultural do Cariri, esmerado pesquisador dos fatos nas fontes exatas, que a história tem o seu valor, pela citação correta da base, ou do documento donde ela se originou, com a segurança de um exame judicioso e único verdadeiro.

Entretanto, os apressados escrevinhadores assim não procedem, e logo são contestados fragosamente.

Da velha guarda dêsses escrevinhadores, andei remexendo papéis velhos nos arquivos da casa paroquial e no velho primeiro cartório de Farias Brito, colhendo algo de estória que me chamou a atenção e logo corroborado pela consulta aos mais velhos do lugar.

Notando alguns dêsses casos, se alguém encontrar a verdade, noutra expressão, muito bem. Eu, conto os fatos como estória. Assim, sem dar a fonte, notei que a 4 de Janeiro de 1768, foi criada a freguesia de N. S. da Penha de França, no Crato, estendendo-se o seu território nêstes rincões circunvizinhos, á Serra do Araripe, até muito além, na Serra do Quincuncá.

Colhi, que o Sítio "Valério", que fica nesta serra e vizinho á cidade de Altaneira, já no ano de 1832, pertencia ao Município de Crato. Naturalmente da freguesia.

Li, também, que a 26 de Agosto de 1838, setenta anos depois, foi criada a freguesia de Santana do Brejo Grande, com os territórios de Araripe, Assaré e Quixará.

## J. CALIOPE

O primeiro Vigário desta nova freguesia, foi o Pe. José Galvão Teixeira.

Este infortunado sacerdote, dizem, foi assassinado e o fato deu lugar a decretação da Lei N.º 520, de 4 de Dezembro de 1850, transferindo a séde da freguesia para a Capela de N. S. das Dôres de Assaré, que ao tempo era uma povoação, sendo Vigário o Padre José Tavares Teixeira, que para ali foi. Sômente em 1886, o Sr. Bispo Dom Joaquim José Vieira, segundo a informação, atendendo a um pedido do povo de Brejo Grande e por considerar êste lugar mais populoso, fez voltar as residências dos vigários para Santana, ficando a capela com os fóros de Matriz. Foi nomeado vigário o Padre José Carlos Augusto.

De 1893 a 1903, ainda dizem, foi vigário, o Padre Inácio de Moura, nessa nova fase.

Em 1917, então, a 30 do mês de Janeiro, foi criada a freguesia de Assaré, com o território de Quixará, dêsse que os vigários da nova freguesia, curavam êste território, daí em diante.

O Cel. Francisco José Leite, que nasceu e viveu em Quixará, sem dali sair, nem para vir ao Crato, foi no fim da vida bom Congregado Mariano. Nesta qualidade foi assistido, em sua morte por mim, com as orações apropriadas, dêsse que o vigário estava ausente e era eu, o Presidente da Associação, achando-me, na hora presente, com seus familiares.

Êste senhor, em tempos atrás, dizia-me que houve tempo em

que os limites do município de S. Mateus, hoje Jucás, chegavam á alguns poucos metros do oitão norte da Matriz de Quixará. Ele e outros contaram-me que entre 1850, a 1860, demorava-se algum tempo, no lugar "Barreiros" do Cariús", hoje vila Nova Betânia, um cidadão, irmão do Barão de Aquiraz, que mandou construir naquêlê lugar, uma capela dedicada a N. S. das Graças.

Depois de terminada a capela na primeira noite, a senhora de dito cidadão, ouviu vários está-los para o lado da Capela.

Chamando a atenção do marido, disse-lhe êste serem as madeiras que se reajustavam. Ao amanhecer, constataram, então, que a capela caíra totalmente.

Reconstruída depois, tornou a cair. Sômente reconstruída por um reverendo Pe. Sousa, ficou ereta até os tempos atuais, sendo da Paróquia de Quixará.

Dizem mais que D. Luiz Antônio dos Santos, missionando pela paróquia de S. Mateus, vinha até aquela capela, onde crismava e celebrava os atos religiosos.

Não vinha á Quixará, bem perto, porque não havia capela, naquêles remotos tempos. Destarte, alguns senhores do sítio "Escondido", vizinho á Quixará, fizeram pequeno apartamento de tijolo e têlha, em pequena praça da povoação, afim de que o Sr. Bispo viesse até aquêlê lugar, onde poderia crismar muitas crianças.

O quartinho ficou sendo chamado pelo povo, de Nicho e era para ser dedicado a S. Pedro, como padroeiro.

Em 1933, então os vicentinos o reconstruíram, aumentando-o, e ficando Capela, dedicada a S. Vicente de Paulo.

A freguesia de Farias Brito, conta já com uma dezena de boas

# Genealogia dos Gomes Leitão

DEUSDEDIT LEITÃO

Meu caro Figueiredo:

Ainda ando preocupado com a genealogia dos Gomes Leitão, agora com maior razão porque já comecei a por em ordem os elementos que me foram possível reunir, graças a excelente contribuição de Joaryvar Macêdo e Pe. Antônio Gomes.

Com o delineamento que já pude imprimir a êsse meu trabalho senti a necessidade de esclarecer alguns pontos obscuros. Entre os filhos do meu trisavô Vitório Gomes Leitão há alguns de quem nada conseguí saber e, a esta altura, lembrei-me de recorrer à Zuleica porque, nas notas que ela me mandou, falou de Ana Fernandes Pegueno, neta mais velha de João Vitorino Gomes Leitão, que era a pessoa mais indicada para essas evoca-

---

capelas, todas melhoradas últimamente pelo ex-vigário Orlando Tavares, que deixou a vigararia espontaneamente.

O seu antecessor, Padre Raimundo Nonato, curou durante 11 anos e já se conta cerca de 9 vigários, sendo tão nova a freguesia.

Muitos dêsses vigários fizeram várias remodelações na casa paroquial, que tem mais dois prédios vizinhos, pertencentes a N. S. da Conceição.

Estes pequenos fatos, assim fracamente relatados, servirão para formar a história eclesiástica daquela zona cariense, salvo melhores estudos.

ções. Ela mesma lembrou que o seu avô tinha três irmãs, das quais ouviu falar: Vicência, Justina e Candinha.

Será que ela não poderia indicar mais alguma coisa sobre aquelas suas tias-avós? (Quero referir-me, apenas, a Vicência e a Justina, já que da Candinha obtive notícias circunstanciadas através de Joaryvar). Gostaria de saber, pelo menos, se foram casadas, ou se morreram soiteiras e, ainda, se for o caso, com quem teriam casado.

Do meu trisavô Vitório Gomes Leitão (bisavô de Zuleica) tenho já a relação dos seus filhos. Creio que está completa. E aqui vou nomeá-los para conhecimento de vocês, advertindo, porém, que a sequência não obedece a ordem de nascimento, por escassez desses dados:

a) Vitorino Gomes Leitão Júnior, meu bisavô;

b) João Vitorino Gomes Leitão, avô de Zuleica;

c) Antônia Vieira do Nascimento que casou em Cajazeiras com João Lins de Albuquerque. Deixou ali vários descendentes, entre eles, como seu bisneto, Sávio Sobreira Rolim, que adquiriu certa notoriedade como principal intérprete do Filme "Menino de Engenho". É cineasta no Rio de Janeiro.

d) Padre Bernardino Gomes Leitão. De quem Zuleica já teve notícias;

e) Pedro Gomes Leitão, que morou aí no Crato. Foi o pai do Padre João Carlos Augusto, também citado na relação de Zuleica;

f) Cândida Maria das Flores ou Cândida Gomes Leitão. É a Candinha lembrada por Ana Fernandes Pequeno. Foi casada, em Lavras, com Francisco Antônio Brasil. Foram avós do Monse-

# A propósito de José de Alencar

RACHEL DE QUEIROZ

Parece que foi bastante injusto mestre Silvio Romero ao dizer que José de Alencar, "talento essencialmente verbal", apenas

---

nhor Vicente Augusto Beserra e do Doutor João Augusto Beserra. Há outro descendente da Candinha que talvez seja conhecido de vocês: o Doutor Edward Augusto Teixeira Ferrer, Presidente do Centro Juazeirense de Cultura.

g) Vicência e

h) Justina.

Como você poderá concluir seria de suma importância obter informações sobre essas duas últimas, citadas na relação. Só assim poderia dar melhor apresentação ao meu trabalho, embora tenha como maior preocupação o ramo cajazeirense da família. Quero, porém, dar uma das nossas ligações de parentesco com os que ficaram aí pelo Ceará. Para mim mesmo foi uma surpresa saber quanto sou entrelaçado com famílias de Lavras, Crato e Aurora e, em ligações mais remotas, com algumas outras famílias de Missão Velha. São essas revelações, saborosas, que dão compensação a quem se entrega às estafantes pesquisas genealógicas.

---

— Nota: quem tiver informações seguras sobre a família Gomes Leitão por obséquio dirija-se por escrito à redação de "Itaytera". Caixa Postal, 74 — Crato.

"criava nomes". É inegável, claro, que o romancista de Mecejana criou nomes — se chegou a revolucionar os livros de batistério nacionais! Pois não são apenas "as Iracemas" e os Moacires que abundam", segundo o afirma o velho Sílvio, — imensa é a galeria dos afilhados elencarinos. Andam por aí dos milhares, de norte a sul, os Perú, Araquém, Caubi, Jacauna, Irapuan, Ubirajara, Jurandir, Jandira, Araci; nomes de coisas vulgarizados pelos romances de Alencar, são nomes próprios: Juçara, Jacira, Ubiratan. O próprio cachorro Japi tem homônimos cristãos; para não falar no mero adjetivo Diva, título de uma das novelas urbanas do cearense, ou o símbolo romântico de Luciola, ambos copiosamente incorporados à onomástica brasileira.

Mas se é portanto verdade que em certos lugares do Brasil o nome de Iracema aparece em segundo lugar, para frequência, logo após o universal Maria, não se pode negar igualmente que José de Alencar nos legou tipos que saíram definitivamente do papel impresso para o coração das gentes. Figuras a que o sentimento popular empresta carinhosamente uma existência real, — o mais real que é possível a uma personagem literária ambicionar viver na imaginação das pessoas. Peri, Ceci, Iracema, são parentes, são amigos, são figuras vivas. Com tôda a falsidade do seu indianismo romântico, o fato é que o povo não as acha falsas, ama-as e as aceita como perfeitas. Aparecem nas toadas sertanejas, nas canções de carnaval, nas anedotas, na corografia, estão difinitivamente incorporadas ao folclore, são fantasmas permanentes nos sítios onde passaram a suposta vida. Mormente Ira-

cema. Porangaba ainda é hoje a "lagôa onde Iracema se banhava"; e a praia onde a tabajara penou e morreu é a "Praia de Iracema". Trechos do poema entraram para a linguagem comum, são os clichês mais usados na imprensa. Ninguém fala nas praias do Ceará sem citar os "verdem mares bravios" e ninguém pensa em Iandaia sem ser nas "frondes da carnaúba". "Rápida como a ema selvagem" é frase feita que está na boca de todos, "talhe de palmeira", "cabelo negro como as asas da graúna" são incidências já tão banalizadas, que o escriba consciencioso as evita com cautela.

Não, não há que negar a imortalidade dos tipos que Alencar inventou. Tão maior do que êle em outros planos, Machado de Assis, por exemplo, se é o ídolo dos letrados, jamais lhe levou a palma na afeição popular. Ainda outro dia escutávamos um programa de rádio, por nome "Curiosidades Literárias", ou coisa parecida. Sessão de auditório, o programa era desses de perguntas, no qual cada resposta dada corretamente vale um substancial prêmio em dinheiro. Como se sabe, a platéia desses espetáculos compõe-se na maioria de caixeiros em folga, garçonetes, moças do subúrbio, ginasianos, soldados, empregadas domésticas, elementos das classes trabalhadoras e da chamada "pequena classe média", de instrução em geral, primária, quando a têm alguma. Na primeira pergunta que escutamos o locutor indagava "de quem eram os olhos de ressaca, olhos de cigana obliqua e dissimulada"? os minutos foram passando, alguns concorrentes falaram tímidos numa cigana que anda em voga no teatro popular, fizeram outras conjeturas

incertas, — o gongo tocou e ninguém identificou Capitu.

Logo em seguida gritou o animador: “E quem era a virgem dos lábios de mel?” Quase o auditório veio abaixo no brado unânime da assistência: “Trace-ma!”

\* \* \*

Sei que me sinto um pouco parcial para tratar de Alencar. Afinal somos parentes relativamente próximos: a sua avó, Dona Bárbara, era *minha quinta avó* e o seu avô Leonel era meu quarto avô. O primeiro romance que apanhei para ler — teria eu por aí de seis a sete anos — foi Ubirajara. Claro que não o entendi; mas me ficou na lembrança como uma sucessão fantástica de combates, tacapes e penas vermelhas, e palavras tupis como aratuba e abaté; e jamais me esqueceu Araci, a estrêla da manhã.

Ainda conheci, entre as velhas da família, as primas e contemporâneas do romancista, que contavam casos graciosos, gentilezas, debates políticos. Uma delas jamais se recuperara da mágoa causada pelo célebre discurso de Alencar no Parlamento, sugerindo a evacuação do Ceará, por ocasião de uma grande seca; aliás os cearenses todos custaram muito a lhe perdoar o gesto infeliz — e a esse gesto se atribui geralmente em nossa terra o desastre político de José de Alencar.

Recordavam as primas os séres de leitura, durante os quais o romancista lia manuscritos inéditos para a família enlevada. O famoso caso do “Guarani”, tantas vêzes repetido por minha bisavó Miliquinha, com quem ainda convivi muito, (pois morreu aos 87 anos, em 1925); diz que

na primeira cópia, “O Guarani”, terminava por ocasião do incêndio, com a morte de todo o mundo inclusive Peri e Ceci. Mas tal foi a mágoa das primas ouvindo a leitura do último capítulo, com tal pranto acolheram elas o destino trágico da donzela e do seu amante, e tais rogos fizeram ao autor para que os salvasse da desdita, que o “primo José” comoveu-se e prometeu escrever um desenlace feliz, no qual se salvariam o índio e a môça loura. Daí a origem daquêle final inesperado, a enchente do Paraíba, o desenraizar da palmeira e a salvação do casal de namorados que se “some no horizonte”.

\* \* \*

Mas não será parcialidade de “prima” e de cearense o reconhecermos aqui o lugar singularríssimo ocupado por Alencar na literatura brasileira. Verdadeiro pai do nosso romance, senão cronologicamente, pelo menos em importância e influência, é um dos nossos poucos autores que pode ser considerado um clássico — se é que possuímos clássicos. Tem sido publicado de todas as maneiras, — em folhetim popular, ou comentado por eruditos, anda em papel jornal nas edições de cordel, ou sai nas coleções de luxo destinadas a bibliófilos.

Iracema viu a luz pela primeira vez em agosto de 1865. Já lá vão noventa e seis anos mas continua jovem, formosa, desejável, “virgem dos lábios de mel”, símbolo imortal dessa idealizada beleza cabocla que por ser talvez imaginária nem por isso deixa de viver no coração de tantos homens, com uma força da realidade bem maior do que a realidade mesma.

(Do “Diário de Notícias”)

## UM POUCO DE HISTÓRIA

### Relembrando o Tempo de Lampião

J. de FIGUEIREDO FILHO

O cangaceirismo, pode-se dizer, passou quase definitivamente do cenário sertanejo. Resta ainda o cancro do pistoleiro, que se esconde covardemente à sombra, a fim de perpetrar seus crimes mercenários.

O terrorismo que outrora campeava nos sertões incultos, agora medra nas cidades mais opulentas do país, ou mesmo do universo. Bombas, roubos a mão armada, assassinios, se dão à luz do dia em pleno centro civilizado, enquanto na caatinga braba ou mesmo no meio onde impera o silvícola, pode-se dormir perfeitamente calmo.

Há poucos dias, estive em Cabo, cidade pernambucana que se modifica aceleradamente para melhor, mercê de sua intensa industrialização. É tão intenso o seu progresso que ali não se encontra um carregador, ou uma lavadeira de roupa, e de 3 anos para cá, já se erguem cinco moderníssimos hospitais.

Naquela cidade tive a ocasião de visitar a respeitável senhora Dona Maria Ferreira Magalhães mãe de família exemplar, com filha professora no grupo Luisa Guerra e outra no Curso Ginásial. É prima, em segundo grau do célebre rei dos cangaceiros — Virgolino Ferreira da Silva, vulgo Lampião. Seu pai fez parte do grupo em certo tempo, e quase ia sendo fuzilado em Souza, se não fôsse a atitude enérgica de seu primo Lampião em res-sabilizar com a pena de morte o povo souzense em pêso, pela

execução prometida e quase certa.

Dona Maria Ferreira Magalhães contou-me muitos episódios daquela época, quando o cangaceirismo era norma na fazenda de seu pai — SANTA TERESA —, encravada entre o município pernambucano de Triunfo e limites do estado da Paraíba. O grupo refugiava-se naquele recanto, onde a Família Ferreira tinha vários representantes. Repousava bem, alimentava-se do melhor e fazia festas de retumbância. Confessou isso com a maior naturalidade possível. Nunca esqueceu aquelas animadas reuniões onde pela primeira vez ouviu MULHER RENDEIRA e viu a dança do XAXADO, que êles chamavam de Parraxaxá com o inesquecível bater das al-pargatas de rabicho dos cangaceiros, no terreiro da fazenda. Nunca presenciou também tanto respeito às mocinhas quase tôdas parentes do chefe do cangaço. Ai de quem dirigisse a mais ligeira pilhéria a qualquer uma delas! Seria punido imediatamente. Era êle devoto de Nossa Senhora da Conceição e não queria gente acanhada em seu grupo.

Só atacava fazendeiros após intimá-lo a dar certa quantia e não recebia resposta favorável. Sempre gostava de fazer caridade aos pobres.

Epifânio, pai de Maria Ferreira Guimarães, Luiz Leão e Pedro Tiburtino, daquela zona de Santa Teresa, incorporados ao grupo, fizeram parte do fracassado ataque à cidade paraibana de Souza. Os três foram capturados, enquanto o resto do bando, mais aguerrido, conseguiu escapular. Luís Leão e Pedro Tiburtino foram imediatamente passados pelas armas dos polici-

# Letras Cearenses

CARLYLE MARTINS

ais. Epifânio ficou para outra ocasião. Lampião soube do ocorrido e mais do que depressa mandou intimação para Souza responsabilizando a pagarem em igual medida todos os habitantes da cidade incluindo mulheres e crianças pela vida do primo. Epifânio foi poupado e submetido apenas a processo judicial. Isso valeu-lhe o gasto de tudo quanto possuía para libertar-se da cadeia. Até as jóias que Lampião deu de presente às moças parentes foram vendidas. Livrou-se, empobreceu e nunca mais quis saber de meter-se no grupo, passando a criar a família no trabalho, na escola, e de acôrdo com os mandamentos de Deus e da Igreja. Dona Maria casou-se, foi morar em Triunfo, passando-se depois para o Cabo, com o fim de educar melhor os filhos.

Confessou-me sorridente com a maior pureza de coração, que nunca vira rapazes mais alegres, simpáticos, mais bem trajados e enfeitados do que os cangaceiros de Lampião. Também nunca presenciara festas mais animadas, com mais quitutes e bebidas do que aquelas. Ficaram-lhe gravadas na memória. A fazenda de seu pai muitas vêzes servira de hospital de sangue para feridos, em combates próximos com a polícia ou senhores rebeldes. Havia sempre espiões a vigiarem a redondeza, enquanto o grupo ficava em Santa Teresa e imensa era a área de coiteiros nas regiões mais afastadas, estando sempre Lampião com sua gente ao abrigo de qualquer surpresa. Mesmo com os males que disseminou em tôda a parte o rei do cangaço também possuía seus partidários e ainda não foi totalmente esquecido.

“Diário da Manhã”  
Recife, 13 . 4 . 70

Da autoria de Pedro Gomes de Matos, amigo dos melhores e publicista dos mais conceituados, tivemos a satisfação de receber e ler o folheto intitulado “Gomes de Matos”: O Advogado Que Marcou Época”, palavras proferidas no Instituto Cultural do Cariri, quando de sua posse numa das poltronas do venerando sodalício.

Trata-se de uma dissertação realmente magnífica, descrevendo a vida trepidante do notável causídico e renomado professor, de quem tivemos a honra de ser discípulo de Direito Comercial quando do nosso Curso Jurídico, na tradicional Salamanca de nossa terra.

Através de 57 páginas, Pedro Gomes de Matos, que é pesquisador de paciência beneditina, tracejou o perfil moral e intelectual do seu ilustre tio, cuja atuação foi das mais firmes e seguras, como mestre proibido, causídico de largos recursos, político de rara envergadura e jornalista brilhante e combativo.

O autor de tão valioso opúsculo rememorou aspectos da vida trepidante e movimentada do antigo catedrático da Faculdade de Direito, pondo em relêvo o seu desprendimento sem par, vivacidade ruidosa, simplicidade de atitudes e formosura moral.

Regosijamo-nos com o ingresso de Pedro Gomes de Matos na Casa da Cultura do Crato, assim como pela excelência do trabalho que nos ofereceu, o qual arejou o nosso pensamento e deleitou a nossa sensibilidade.

(“Unitário”, 17.2.71)

# Cariri sob Diversos Aspectos

É o Cariri uma das partes mais características e conhecidos do território cearense. Irineu Pinheiro assim o designou: "O Cariri é a zona que compreende, in totum, ou em parte, os seguintes Municípios no extremo sul do Ceará: Crato, Barbalha, Juazeiro do Norte, Missão Velha, Milagres, Mauriti, Brejo Santo, Jardim, Santanópolis, São Pedro, hoje, Caririaguçu, Quixerá. É assim que o povo caririense entende a região em que mora, sem dar-lhe limites exatos de rios, relêvos geográficos, etc".

— De "O Cariri", Irineu Pinheiro, edição 1949, Fortaleza) A área caririense é mais ou menos a mesma, 21 anos depois dessa nomenclatura. Só que Santanópolis hoje é Santana do Cariri e se subdividiu em outro Município, Nova Olinda, — o Quixerá é Farias Brito, de Milagres saiu Abaiara, de Jardim saíram Jati e Penaforte, também, e de Brejo Santo, Porteiras.

Já o escritor **Figueiredo Filho** classifica: "Não fica satisfeito o caririense quando alguém o chama de sertanejo, o seu Cariri de sertão. Não toma a palavra sertão em sentido mais amplo, na acepção de zona do interior, afastada da faixa litorânea. O Cariri, do Ceará, é uma espécie de Zona da Mata, pernambucana, ou dos brejos, na Paraíba. É o verdadeiro oásis cearense, como muitos o denominam. É uma ilha verdejante, cercada da zona sertanêja criadora. No tempo da estiagem é que o contraste da natureza se torna bem flagrante. Dos pés de serra do Araripe brotam dezenas e dezenas de fontes perenes, que derramam a fertilidade na região. As quedas pluviométricas, graças, também, á proteção carinhosa do Araripe, são das melhores do Nordeste. Mas há zonas de serras e outros mais baixas, sem águas regadias, férteis também, que não se prestam á lavoura canavieira. São utilizadas noutras culturas, completando, assim, a riqueza agrícola da terra.

A importância do Cariri, tem como alicerce principal e desde os tempos coloniais o cultivo da cana e seus engenhos" (J. de

## J. LINDEMBERG DE AQUINO

Figueiredo Filho, em "Engenhos de Ropadura do Cariri", edição do S. I. A., do Ministério da Agricultura, Rio, 1958).

A Serra do Araripe, ao sul do Cariri, fronteirando a região com Pernambuco, é um colosso de arenito em decomposição. Tem, em média, 18 léguas (128 K) de comprimento por 7 de largura — entre 7 e 12 léguas de largura. Dêsse colosso se originou, embaixo, ao seu sopé, dependendo de suas águas que jorram das fontes, o Vale do Cariri, e, por acepção, a zona do Cariri. Foi formada, assim, zona geográfica diferente, em geral, do panorama cearense, inclusive com seus tipos populares e sua civilização sui gêneris: nem é de sertão nem de litoral, mas recebendo a influência de ambos.

Existe tão notável simbiose entre a Serra do Araripe, ou chapada ou planalto do Araripe, e a região do Cariri, que esta desapareceria, se não existisse aquela. O Cariri é resultante da Serra, como dissemos, e vale a pena tentar descrevê-la:

"Dos sertões do Ceará e Pernambuco avista-se, distante de léguas, a Serra do Araripe, na sua imponente altitude, a separar-se do espaço por uma regular, extensa e nítida linha horizontal. Dá-nos a impressão de uma paisagem em que, ao longe, se encontram réu e mar. Todos os importantes núcleos populôsos do Cariri são mui perto do Araripe, cujo nome primitivo foi Rari (Irineu Pinheiro, obra citada).

Capanema, que visitou o Cariri, integrando a Comissão Científica, no tempo do Império, dizia que a "Chapada do Araripe era mais comprida do que larga, de direção geral de leste a oeste, entre os cabeceiros do Salgado, afluente do Jaguaribe, e as do Itaim, que flui para o Parnaíba, com altitudes que vão de 900 a 1000 metros. É — acrescentou, um insignificante resto de um colosso de areias que ali foram depositadas".

Charles Frederick Hartt diz: "Que estas camadas horizontais e especialmente os

arenitos) ocuparam outrora uma imensa região do Ceará”.

A composição da Serra do Araripe foi descrita por Horácio S. Small, em “Geologia e suprimento d’água subterrânea, no Ceará e Piauí”. Dispõe de 7 camadas diferentes de solos. Imensa quantidade de água é retida sob essas camadas, tendo geólogos franceses calculado que ali existe mais água acumulada do que na Bahia de Guanabara.

O Caririense é ciente do valor dessa serra e da importância que ela representa na vida da região. O Governo mantém perto dessa Serra como reserva Florestal, a chamada Floresta Nacional do Araripe.

Ao ver de Thomaz Pompeu Sobrinho, em “Revista do Instituto do Ceará”, tomo 52, página 134, a região do Cariri abrange não só o Vale, como “se estende a toda a zona que circunda a serra do Araripe, assente sobre um terreno de arenito rico em água, que vai de Santana do Jardim, pelas encostas norte e leste da Serra”.

Muitos foram os estudos sobre o povoamento do Cariri, destacando-se os de Pedro Theberge, João Brigido, Antônio Bezerra, Gustavo Barroso, J. de Figueiredo Filho, Martins Filho, Irineu Pinheiro e, por último, Pe. Antônio Gomes de Araújo.

Atualmente, as teses mais comprovadas e aceitas pela maioria dos estudiosos dão o Cariri como tendo sido descoberto e povoado por famílias baianas e sergipanas, pelas bandeiras partidas da Casa da Torre. Com efeito, entre 1720 e 1780, mais de 400 famílias baianas aqui se fixaram, depois de atravessar o S. Francisco e os adustos sertões pernambucanos. Foram todas elas catalogadas pelo escritor caririense, ainda vivo, Pe. Antônio Gomes de Araújo.

Cientes das riquezas de sua região e do que ela representava para a sua sobrevivência, os Índios da Nação Cariri, seus primeiros povoadores, defenderam com unhas e dentes, e ferocidade admirável, o rincão que os abrigava, contra os invasores. Procediam eles, talvez, de tronco da Nação Cariri, da Serra da Borborema, na Paraíba, onde, por sinal, se situa uma outra região chamada Cariri.

Para o Cariri continuaram, sem interrupção, durante dois séculos, emigrando nordestinos de tôdas as paragens, que aqui se fixaram, cuidando da terra e desenvolvendo intensa vida agrícola.

“Tendo em vista esta importância excepcional do Cariri, para a população do sul do Ceará e dos Estados vizinhos é que a Câmara Municipal do Crato, em dez de Junho de 1828, encaminhou uma representação ao Governo, demonstrando a conveniência da criação de uma Província dos Cariris Novos. Não tendo o Governo atendido às ponderações contidas nessa representação, seis anos depois, em 1834, José Martiniano de Alencar, oferece á Câmara de Senadores de que era membro um projeto de lei no mesmo sentido” (Antônio Martins Filho, em O CEARÁ, edição de 1966) Em 14 de Agosto de 1846 também a própria assembléia provincial do Ceará recomendou ao Governo central, sem êxito, a criação de uma Província no sul do Estado.

Em 1957 — há somente há poucos anos — o deputado Wilson Roriz propôs na Assembléia do Estado um plebiscito á população, nêsse sentido, que não vingou.

O povo caririense é um povo de muito amor á terra natal, e se dedica ao seu progresso. “A organização social do povo caririense reflete o espírito comunitário de sua formação histórica e o progresso econômico e cultural do seu habitat, em cujos fatores se assenta todo o prestígio e engrandecimento do Vale” (Martins Filho, em O CEARÁ).

Assenta-se sobre a região uma estrutura agrária semelhante ao do restante do Nordeste, onde uma população pobre sofre os efeitos de uma pobreza maior do que nas fazendas de criação — apesar da riqueza do solo e das propriedades.

O Cariri, com o mais elevado percentual de população demográfica, dentro do Estado, se consideradas as suas várias regiões, fundiu-se em milhares de pequenas propriedades, onde o minifúndio é a nota característica.

Estudo da SUDENE informa: O Cariri, com seus 144.932 hectares cultivados, que representa 24,4% de sua superfície, é a

parte mais valorizada do Vale do Jaguaribe. Destacado esforço foi realizado de 1950 a 1960, período em que a percentagem da área cultivada passou de 16,7% para 24,4%, sofrendo um aumento de quase 50%, o que, sem dúvida deve prosseguir”.

Continua o mesmo estudo: Em 1960 o rebanho do Cariri era assim constituído: Bovinos, 130.000 — Suínos, 115.000 — Ovinos, 49.000 — Caprinos, 67.000 — Equinos, 29.000 — assininos, 26.000 e Muares, 18.900. Tais números dão a percentagem de carga de 4,4 por Ha por U.G.B. — o mais importante de todo o Vale do Jaguaribe. Entre 1956 e 1961 êsse rebanho aumentou consideravelmente, apresentando 51% para bovinos, 19% para suínos, 21% para ovinos e 3% para caprinos. Tais como se apresentam, esses números indicam que o Cariri é a zona mais dinâmica do que o Vale do Jaguaribe e que sua atividade agrícola está orientada não somente para as culturas tradicionais, como o algodão, milho e feijão ...” (Estudo Geral de Base do Vale do Jaguaribe” editado pelo G.V.J., SUDENE-ASMIC, vol. 6, edição de 1967, pág. 43).

O mesmo estudo revela a estrutura social da região: Em 1960 contava o Cariri com 12.507 fazendas, distribuídas de maneira seguinte: de menos de dez hectares, 5.905 — portanto, cultivadas 3,4% da área — de 10 a 100 hectares, 5.499, cultivadas, 46,9% da área — de 100 a 1.000 hectares, 1.078, cultivadas 37% da área, de 1.000 a 10.000 hectares, cultivadas 10,5% da área. De mais de dez mil hectares, zero.

A industrialização do Cariri, acrescida do êxodo crescente dos trabalhadores agrícolas para S. Paulo determinou considerável alta dos salários agrícolas. Os fazendeiros foram forçados a procurar outras soluções, e se lançaram na mecanização com um trator para 1.064 habitantes e um arado para 634 habitantes da dos de 1960”. Hoje esses dados estão relativamente bem superiores.

O homem cariariense goza de relativo conforto, nas cidades, todavia, em bens de consumo e civilização. A educação

está regularmente desenvolvida (Crato é um Município com duas Escolas de Ensino Superior, 13 Ginásios e 300 escolas primárias) e quase todos os Municípios da região são dotados de energia elétrica de Paulo Afonso. Aliás foi pelo Cariri que a energia da Chesf primeiro chegou ao Ceará.

Funcionam, na região, embora precariamente, serviços sociais e assistenciais, e quase todos os Municípios dispõem de maternidades e rédes de água. Não há nenhum dêles com réde completa de esgotos — experiência que vem sendo tentada, a título precário, em Crato, Juazeiro do Norte e Brejo Santo.

Nos campos, os salários são considerados baixos, pela população, compreendendo diversos tipos: os “moradores”, isto é, agregados que residem com suas famílias, nas propriedades, cultivam a terra e a dividam (produção) com o proprietário, ou pagam “arrendamento” anual. Não teem direito a quase nada, visto que a pobreza da zona rural é notória.

As casas da zona rural apresentam as mínimas condições de conforto, geralmente são de traipa ou de palha, de barro batido, sem iluminação, água potável e outros elementares bens de consumo. A assistência social é falha, educacional, abaixo do quociente desejado como mínimo.

Sofre a família rural de males crônicos, como desintéria e desidratação, varíola e desnutrição crônica. A mortalidade infantil alcança níveis elevadíssimos. A escolarização é baixíssima. O nível de vida média é abaixo do normal.

A Igreja, todavia, tem procurado oferecer oportunidade de promoção do homem do campo, ao lado dos sindicatos rurais, que cada dia são mais numerosos. Já se nota algo de animador nêsse ambiente.

A agro-indústria rapadureira, que detém a maioria dos moradores rurais, está em decadência, animando-se, apenas, nos anos de seca, onde a rapadura adquire preços mais elevados. Há a necessidade de dinamização da policultura, de abertura de novas frentes de culturas agrícolas, sendo considerado necessária uma Estação Experimental na Serra do Araripe, para o estudo de adaptação e desenvolvi-

mento, na região, de novas variedades agrícolas. A eletrificação rural é prometida para breve, mas, desde já, os estudos da região preveem sua pouca utilização dado o elevado preço do quilote e de sua instalação. A mentalidade agrícola ainda é muito arcaica, caminhando por métodos tradicionais e de baixa produtividade agrícola. Há, todavia, surto animador na pecuária.

Vejam o que diz o escritor Figueiredo Filho, em seu livro "Engenhos de rapadura do Cariri", edição do Ministério da Agricultura, 1958 :

"Além do morador do sítio, há o pequeno lavrador que tem terra própria. Vive aperreado e manda moer suas canas "de meio", no engenho mais próximo. Tem direito a água para regar seu canal e por isso é tão prêso ao engenho quanto o simples empregado... Sua alimentação assombraria qualquer especialista em dietética dos EE. UU. ou da Europa. Consiste em feijão-de-corda, farinha de mandioca, rapadura, e raramente, um pedaço de carne para tempero da feijoada. Graças a Deus há no Cariri muitas frutas nativas que dão ao morador caririense a ração de vitamina, indispensável para evitar-lhe o escorbuto, pelágra e bérberi. Macaúba, pitomba, caju, manga-ba e piqui, abundam em determinadas épocas do ano. Na safra, após o inverno, pode comer o feijão verde, e jerimum. Fazem beiju e tapioca da massa de mandioca e da goma. Há o milho verde, cozido ou assado. O habitante do Cariri leva desvantagem na alimentação habitual, ao comparar-se com habitante das zonas criadoras, onde abundam o leite e seus derivados. Tanto assim que a dentadura do caririense é estragada, muito ao contrário do sertanejo legítimo do Inhamuns ou do Jaguaribe.

Residindo com tanto desconforto, é natural que o trabalhador dos canais do Cariri seja acometido, de quando em vez, pelas doenças mais comuns na região: Verminoses, desenterias, boubá, sífilis, paratifo e tuberculose. O sarampo, coqueluche (tosse braba) e catapora atacam as crianças cento por cento, quando estas

conseguem escapar da fase de lactente com os golpes pesados da gastro-enterite".

Há êsse drama pungente, a exigir melhores vistas dos poderes públicos.

O Cariri é digno de melhores estudos e mais generosas pesquisas, por parte dos órgãos públicos, pois a sua sociologia pode oferecer características surpreendentes, num estudo mais aprofundado que se fizesse a seu respeito.

Cumpra que os Poderes Públicos exerçam melhor a região, dotando-a, inclusive, de uma infra-estrutura de atendimento à população e promoção dos seus habitantes, que aqui, em pleno sul-cearense, podem dar expressiva colaboração ao desenvolvimento do Nordeste e civilização dos sertões do setentrião brasileiro.

Possui o Cariri cearense uma quarta parte da área geográfica do Estado e um contingente populacional de mais de 600 mil habitantes, um quinto, portanto, da população estimada para o Estado.

Localizado em posição privilegiada, centro do Nordeste, com fronteiras para Pernambuco, Paraíba e Piauí, o Cariri teria, por força das suas coordenações geográficas e das excepcionais condições de solo e de clima, de ser região de alta produtividade agrícola, se tivesse a ventura de ser assistido, incentivado e acompanhado nos seus anseios de progresso, por uma série de medidas de ordem geral, capazes de promover o seu desenvolvimento.

Tal, entretanto, não acontece.

No setor de rodovias, temos a rodovia Crato-Araripe, que nos liga ao vizinho Estado de Pernambuco, e, por ela, ainda, aos estados do Piauí e Maranhão, compradores de nossa produção agrícola, e abastecedoras por outro lado, dos principais produtos à região, — rodovia que é fator essencial de desenvolvimento e incremento das atividades econômicas da zona sul. O seu abandono é cruel e desumano, e sua situação é de tráfego cada vez mais precário, de nada adiantando todos os apêlos que fizemos às administrações estaduais, para cuidá-la até, pelo menos à fronteira pernambucana, dando-lhe capeamento asfáltico e condições de melhor servir à região. Estradas outras, que nos li-

gam a estados vizinhos, trazendo-nos o incremento das atividades comerciais, se encontram também em péssimas condições, como a Crato-Sítio dos Moreira, Ouricuri, em Pernambuco, e a Mauriti-Conceição, que nos liga á Paraíba, e a Crato-Campos Sales-Fronteiras, que nos ligaria ao Piauí.

Em todas elas há o abandono, a falta de conserva, a ação violenta do tempo, no desgaste continuado ás mesmas: O DAER as desconhece sistemáticamente, desprezando os conceitos de suas importâncias, em termos econômicos, para a região, e, consequentemente, para o Estado.

Pleiteia o Cariri a construção da rodovia Crato-Nova Olinda-Assaré-Aiuába-Arneiroz-Tauá, de real e significativa importância. Seria a penetração da zona do Inhamuns no Cariri, com vantagem de colocação, aqui, de toda a sua produção agropecuária.

Acresce o fato de já vários trechos seus estarem concluídos, embora mal conservados, faltando apenas as ligações restantes. E sobreleva-se a condição de que essa estrada nos ligaria á Fortaleza-Brasília, já em construção, que passa por Tauá, e nos ligaria, em futuro não muito remoto, ao complexo Crateús-Piauí.

Entretanto as autoridades rodoviárias do Estado teimam em desconhecer, completamente, nossas pretensões nesse sentido.

A ligação Crato-Iguatu, concretizando a rodovia CE-55, Central do Ceará, é rodovia que se impõe pela sua extraordinária importância. O trecho construído, Crato-Dom Quintino-Farias Brito-Varzea Alegre, está em péssimas condições, talvez seja paralisado no caso de uma estação invernososa mais abundante, como se espera.

Enquanto já várias rodovias estão pavimentadas no zona norte e centro, inclusive a rodovia do algodão, permanece o Cariri pleiteando, sem ser ouvido, o asfalto desse trecho.

Pequenos trechos como Santana do Cariri-Crato, Jardim-Jati, que ligaria Jardim á BR-116, a Crato-Jardim, e outras, ante a menor importância econômica e estratégica, ficam relegados ás calendas grêgas.

O Crato pleiteia, há anos, a construção do açude Inxu ou Umari, já estudado e planejado pelo DNOCS, que, entretanto,

engavetou e olvidou, por completo, tais estudos, por muitos anos. Agora promete construir.

Situa-se o projetado açude nas cabeceiras do rio Carás, e irrigaria, por gravidade, pela contenção das águas daquele rio, a serem liberadas por sistema de barragens e comportas, nada menos de 3 Municípios sul-cearenses, Crato, Juazeiro e Missão Velha. As terras do Vale do Rio Carás são altamente produtivas e pelo menos duas safras seriam garantidas, com a concretização do açude.

Vem, por outro lado, a administração cearense, evidentemente mal informada sobre a real situação do Vale do Carás, encaminhando um projeto de construção do AÇUDE CARÁS, que não é o Inxu ou Umari, e que fica localizado no meio do comprimento geográfico daquele rio. Sem vantagens econômicas, de vez que suas águas, ali represadas, cobririam as terras mais úteis e cultivadas do Vale, para cima, produzindo sensíveis prejuízos á agricultura regional.

Pleiteia a população cratense, há anos, a instalação de uma Agência do Banco do Nordeste em nossa cidade. Somos a mais alta parcela da clientela da agência do BNB em Juazeiro do Norte, e oferecemos, em Crato, excelentes perspectivas de desenvolvimento econômico, e chefiamos uma sub-zona geográfica da mais alta importância, no sul do Estado. Entretanto, todos os anos, nos seus planos de expansão, o BNB teima sistemáticamente em nos incluir, só para suas futuras agências, malgrado tôdas as condições que o Município oferece.

Já pleiteámos por diversas vezes a instalação de agências do Banco do Estado do Ceará, em nossos Municípios, inclusive Crato, Milagres e Missão Velha. Entretanto, escolheram Mombaça, quando os dois últimos Municípios citados, notadamente, de expressiva contribuição á economia cearense, não contam, siquer, com uma agência bancária.

Divorcia-se a administração cearense do Cariri, a ponto de não vermos nossas principais pretensões atendidas.

Não podemos esconder, todavia, o as-

faltamento do trecho Barbalha-Unha de Gato, que nos liga à BR-116, realizado pela administração passada, honrosa exceção devida à doação de arrecadações de Fundo de Participação de estados do sul para o Ceará.

Os postos da Secretaria da Agricultura, na região, quase nada podem oferecer, como incremento para a agricultura e mesmo quando nos mandam as sementes para distribuição ou venda aos agricultores, já tem sido passada a estação invernos, de quase nada servindo. E repare-se que o Cariri começa a pedir sementes à S. A. desde que começa o mês de Outubro, para muitas vezes ser atendido em Fevereiro ou Março do ano seguinte...

Não procurou localizar o Estado nenhuma de suas fazendas experimentais, na zona do Cariri, deixando-as para o alto sertão, apesar da expressiva melhoria das condições genéticas do gado regional e do processo de desenvolvimento que se observa em nossa pecuária.

À Exposição Centro Nordestina de Animais e Produtos Derivados, que todos os anos se realiza em Crato, e que já tem fama inter-estadual, destina o Estado pequenas migalhas do orçamento da Secretaria da Agricultura, não se contando as vezes que tentou extinguir a mesma. Essa Exposição, responsável pela mudança da mentalidade regional, em termos de pecuária, representa assinalada contribuição para a melhoria da pecuária cearense. É realizada por um grupo de abnegados, com o esforço da Prefeitura Municipal, e a cada ano diminui a assistência, o empenho, e a colaboração da Secretaria da Agricultura. Em 1970, inclusive, chegou ao cúmulo de ser retirada do calendário das Exposições do Estado, não obstante ser das mais importantes. O Parque de Exposições há 15 anos espera a sua complementação.

As Escolas estaduais — os grupos escolares, notadamente, vivem dias de amargura e abandono, desaparelhados de tudo.

Os Colégios Estaduais de Crato e Juazeiro do Norte, abrigando mais de dois mil alunos, são inteiramente abandonados e esquecidos. Falta de tudo, inclusive

pias e banheiros, cotizando-se os alunos para a mais elementar conservação ao menos no que tange ao material escolar, haja visto que a Secretaria da Educação os esqueceu completamente.

O atraso do professorado é revoltante e clama aos ceus, sem se falar com relação ao atraso do funcionalismo público estadual, que é característica corriqueira dentro da administração.

O Crato se ressentido, ainda, de privilégios concedidos a outros Municípios, quando o produto de sua arrecadação figura em 2.º lugar, dentro do cômputo estadual, superado apenas por Sobral.

Ao nosso Município, por força de circunstâncias que não vem ao caso relatar, foi negado pão e água nos últimos 4 anos, como se peremptória decisão de se conseguir o seu esvaziamento econômico, social, político e representativo, malgrado a sua grande contribuição histórica, social e econômica, dentro do espírito da comunidade cearense. Foi ferida que, aberta, sangrou profundamente, marcando com dissabor, nossa posição dentro da conjuntura atual do Estado.

A Serra do Araripe se constitui imenso manancial, digno de melhor aproveitamento, para produzir, na parte agrícola e na pecuária, bens de consumo e aumentar a arrecadação do Estado.

Entretanto, para o planalto araripano jamais se voltaram as vistas das autoridades, num abandono significativo e de profunda e negativa ressonância.

Sabido que a falta d'água no alto da chapada se constitui o seu maior problema, caberia ao governo estimular, ali, as atividades econômicas, construindo, por iniciativa própria e em cooperação, os barreiros que reteem as águas pluviais, e que servem para abastecer de água o gado e as lavouras da serra.

Enquanto que no vizinho Estado de Pernambuco, na parte da Serra que lhe toca em território, o governo põe tratores e máquinas na construção de amplo programa de barreiros, o que se nota no Ceará é o completo esquecimento do setor.

Grande produtora de mandioca, de abacaxi, de sisal, de babaçu, de mamona e

# CÂMARA MUNICIPAL DO CRATO

CIRCULAR N.º 1/71

Apraz-nos comunicar a V. Excia. que esta Câmara em sessão solene realizada no dia 24 do mês de março, elegeu a Mesa que regerá os destinos desta Câmara no ano de 1971, que ficou assim constituída:

Presidente : Dr. JOSÉ DE PAULA BANTIM

Vice-Presidente : AMARÍLIO ESMERALDO

1.º Secretário : BERNARDINA VILAR DE ALENCAR COSTA

2.º Secretário : FRANCISCO LEOPOLDO MARTINS

Na oportunidade apresentamos a V. Excia. nossos protestos de estima e consideração.

Dr. JOSÉ DE PAULA BANTIM — Presidente

de piqui, outras culturas dariam extraordinária soma de recursos ao Estado, se ali fossem estimuladas.

Avantamos, já por diversas vèzes, a criação de um Instituto de Experimentação Agrícola, que comandaria a série de estudos e pesquisas para verificar a adaptabilidade de novas culturas na Serra do Araripe, inclusive as forrageiras para alimentação de toda a população bovina da zona sul do Ceará e vizinhança, a cultura de novas oleaginosas, como o amendoim e o gergelim, o girassol, etc.

A Serra do Araripe apresenta possibilidades incomensuráveis, dignas de estudo

análise e exploração, sendo fator seguro para estimular o nosso processo de desenvolvimento econômico, com saudáveis reflexos na economia da região do Cariri e do Estado.

Esperamos que o Governô do Estado seja o pioneiro na implantação de novas normas e estudos visando o aproveitamento integral da chapada do Araripe, cujas potencialidades adormecidas, inclusive no seu sub-solo, esperam um govêrno de audácia e decisão, capaz de imprimir novos rumos à sua problemática e fazê-la despertar para a sua contribuição à grandeza do Ceará.

## OPINIÃO

Fortaleza, 24 de dezembro de 1970.

Figueiredo Filho, meu caro amigo:

Cordiais Saudações

Retribuindo, venho augurar-lhe, bem como a todos os seus, o mais venturoso Natal e não menos venturoso Ano Nôvo já tão iminente.

Recebido anteontem, li na íntegra o seu trabalho "Euclides da Cunha — Um Civilizador dos Sertões" e, como de praxe em se tratando de produções de sua pena, a impressão recolhida foi de puro otimismo. Você escreve com alto senso de responsabilidade e também de empenho pela crescente projeção da terra que lhe deu o bêrço; e o mais digno de menção vem a ser a isenção que procura manter em cada um de seus interessantes pronunciamentos. Pena será que ainda não se vislumbre no horizonte talento capaz de preencher-lhe satisfatoriamente o lugar no dia em que uma possível invalidez o ponha fora da liça. Seria o caso de repetir, se não fôra manifesta profanação do texto sagrado: — Rorate coeli et nubes pluant virum...

Sem mais por ora, abraça-o fraternalmente o

Padre Azarias Sobreira

# OPINIÃO

## De Juarez Távora ao Presidente do I. C. C.

Ulisses Viana, nosso colaborador, envia-nos comentário sôbre a região do Cariri, em que fala de sua terra e de seu povo.

A região do Cariri, situada ao sul do Ceará, pode ser classificada, hoje como exemplo de prosperidade, em todos os ramos de atividades humanas. O triângulo caririense é formado pelos municípios de Crato, Juazeiro do Norte e Barbalha.

No setor cultural o Crato já atingiu a sua maturidade, ocupando posição de liderança e de efetiva influência em tôdas as comunidades vizinhas, notadamente de municípios dos Estados de Pernambuco, Paraíba e Piauí. Mas o desenvolvimento da importante cidade cearense vem se processando, com maior ênfase, na área do ensino médio e superior, porquanto vários estabelecimentos especializados exercem atividades marcantes na vida social dos núcleos populacionais situados nas suas imediações.

Funciona, ali, uma entidade cultural de acentuado prestígio, espalhando na área geográfica sob sua influência os efeitos positivos de um trabalho considerado magnífico. O Instituto Cultural do Cariri, dirigido pelo professor e sociólogo J. de Figueiredo Filho, galvanizou a opinião pública do Nordeste, através de realizações arrojadas em favor do adiantamento do imenso território sul-cearense.

Fato que define a real sensibilidade dos dirigentes da instituição é inegavelmente a publicação anual da revista "Itaytera", órgão oficial repositório do pensamento e de categoria comprovada, das idéias de uma gente cio-

O eminente brasileiro, Marechal Juarez Távora, enviou o seguinte cartão ao Presidente do Instituto Cultural do Cariri:

"Ao ilustre conterrâneo e amigo, Dr. J. A. de Figueiredo Filho, Juarez Távora, cumprimenta cordialmente e vem agradecer a bondosa oferta com que o distinguiu, do exemplar N.º 13, da Revista ITAYTERA, órgão do Instituto Cultural do Cariri, e valioso fruto de sua cultura e devoção á nobre terra natal — e que já está lendo com interêsse.

Rio de Janeiro, 28 . 7 . 69".

---

sa de esforço e de dedicação a causa que lhe empolgou.

O número 14 da bem confeccionada revista representa o atestado eloquente da ação coordenada de intelectuais identificados com a estratégia do desenvolvimento, dentro das premissas evidentemente defendidas e postas em prática pelo Governo afirmativo do sr. Emilio Garrastazu Médici, patriota convertido numa campanha de restauração da vida pública brasileira.

A colaboração expressa em 200 páginas bem apresentadas constitui a preocupação fundamental dos responsáveis por êsse empreendimento de larga significação para os meios culturais do País. Os cratenses estão experimentando um estilo diferente de ação civilizadora, caracterizada, indubitavelmente, pela grandeza da obra realizadora.

D. P. 12.11.1970

# Antroponímia Patriótica da Independência

FELIX LIMA JÚNIOR

Leio em Vultos do Império, de Hélio Viana, Coleção Brasileira, volume 319 :

“ Antroponímia patriótica da Independência — 1822/1824 — O nacionalismo dos brasileiros que em 1822/1824 lutaram pela dissolução do Reino Unido de Portugal, Brasil e Algarves, em favor da organização do esperado e independente Império do Brasil, assumiu alguns aspectos ocasionais e ingênuos, como o do abandono de nomes que se supunham nitidamente lusitanos e sua troca por outros que se acreditavam fossem rigorosamente nativistas”.

Cita o autor muitas figuras como “o trêfego alagoano Padre José Antônio Caldas”. Lembrando-se da Grécia passou o sacerdote a ser Cedros II, numa das muitas sociedades secretas então funcionando na Côrte. Francisco Pereira Lisboa mudou o nome para Francisco Caribé Morotova. E assim por diante, centenas de casos que seria enfadonho citar. Dom Nuno Eugênio de Lóssio e Seibnitz, primeiro Presidente de Alagoas, nomeado em 20 de Outubro de 1823, pelo Augusto Filho de Dom João VI, governou esta então província de 1.º de julho de 1824 a 3 de maio de 1826. Era, no Apostolado, no Rio de Janeiro, Zanioloxis. Um Bacharel da bôa terra trocou seu nome por outro bem “curtinho”: Benedito Próscolo Joviano de Almeida Aimbaré Militão de Souza Bariré Itaparica de Boré Fu Mi Ni Tucundura... Puxa! Seria demência, cretinice ou exibição pura? Não sei. Com tal nome extravagante não se perderia o doutor baiano...

Sobre o Padre Caldas escreveu Craveiro Costa no livro Maceió, pág. 93 :

“...José Antônio Caldas, deputado à Constituinte Brasileira, nacionalista extremado, sofrendo, no Rio, depois da dissolução do Parlamento, as consequências da sua imoderação política, na enxovia da fortaleza de Santa Cruz, donde logrou evadir-se dramaticamente, para morrer, anos depois, de repente, sem rever a terra natal, como Vigário de Itaboraí”.

Aqui outros patricios mudaram ou alteraram seus nomes. Antônio Firmiano Macedo Braga trocou Braga por Carioca, de certo por haver nascido no Rio de Janeiro. Sobre êle escreveu Viana no livro citado :

“O Capitão Antônio Firmiano Macedo Braga, Cavaleiro da Ordem de Cristo, morador nas Alagoas, fez saber que pelos bárbaros e tirânicos males que a Nação Portuguesa lhe tinha causado, “desde o ano de 1817”, resolvera “desterrar de si e de toda sua família os indignos nomes de Macedo e Braga”. Passou a ser Antônio Firmiano Brasileiro Carioca; seu filho Rodrigo, Rodrigo Antônio Brasileiro Maceió; as filhas Candida Flora e Inocência com os acrescimos Maceió. E até sua sumaca “Constituição Liberal” passou a ser “Caipira de Maceió”...

Os filhos do exaltado patriota de certo nasceram nesta capital. A sumaca, ao que tudo indica, foi construída num dos estaleiros improvisados em Pajuçara ou na ilha de Santa Rita, com madeiras de nossas matas e por operários alagoanos, como os dois barcos de guerra — corveta Maceió e brigue São Cristovão. A sumaca levava para o sul do país côco, farinha de mandioca, algodão, açúcar, arroz, madeiras de construção, regressando carregada com farinha de trigo, manteiga, tecidos, louças, calçados, azeite de baleia e outros artigos.

Para não serem confundidos com os odiados “pés de chumbo, galegos, maranhenses, calcanhares de frigideira”, e esquecidos que eles eram seus pais, avós e bisavós, patricios entoxicados pelo nacionalismo mudaram de nome, surgindo, então, as famílias Carnauba, Gitirana, Jucá, Buriti, Oiticica, Jacarandá, Quixabeira, Urtiga, Cansação, Coruripe, Cajueiro, Mangabeira, Paturi, Taboca, Pratagi, Palmeira, Tubarão, Murici, Mororó, Pitanga, Limoeiro, Gameleira e outras.

Aqui residiram : Manoel Coqueiro, alfaiate; Pedro Diniz Maceió, mestre da banda de música da Polícia; José da Silva Titara, deputado provincial; Antônio Jequitá Peroba, militar; Manoel Fabriciano Carneiro Tiririca, proprietário do Teatro Maceioense; Cantidiano Bandeira de Melo Cascavel, funcionário público; Manoel Gato Bravo; Samuel da Fonseca Barauna; Silvestre Pimenteira, tesoureiro da Alfândega; Antônio Lima Mulungú, da Guarda Nacional; Manoel Lima Pitombeira; Otávio Pau Ferro, funcionário municipal; Arthur Xexeu; Manoel Rodrigues Taquari; Major Orlando Sucupira, do Exército; José Antônio Costa Imbuzeiro; Dr. Jacinto Mendonça Jaraguá, senhor de engenho; Joaquim de Andrade Nordeste, Diretor da Cia. Trilhos Urbanos; Joaquim Bringel Melo Tempeiro; Manoel Benigno Camarão; Antônio Flôr de Baraúna; Manoel Gregório Cajazeiras; Justino Flôr do Mundaú; Américo da Costa Ouricuri; João Bagre, alfaiate; Maria Pimenta, hoteleira; Zulmira Brasiliense Messias, Regente do Asilo das Orfãs de Bebedouro; Josino Carapeba, militar.

A propósito de Carapeba : em Casa Grande e Senzala, Gilberto Freyre reproduziu, junto à página 20, retrato de “Um Fonseca Galvão que por nativismo mudou o nome para Carapeba”.

# Antigos Inventários do Crato

Francisco Leão da Franca Alencar — (I)

Antônio de Alencar Araripe

Os inventários e partilhas procedidos outrora nos termos do interior do Estado constituem, sem dúvida, preciosa fonte de dados sobre a respectiva vida econômica e social.

É isso o que francamente se evidencia com a divulgação, ora iniciada, do conteúdo de alguns processos daquela natureza aforados na comarca de Crato, cujos autos tivemos oportunidade de folhear.

Temos hoje á vista o relacionamento de herdeiros e bens, e a divisão do espólio de Francisco Leão da Franca Alencar.

Trata-se de titular da patente de Capitão da Guarda Nacional, por que era geralmente tratado, antigo proprietário do sítio Lameiro, onde encerrou seus últimos dias de vida, filho do casal Antônio de Leão da Franca Alencar e d. Inácia Pereira de Alencar, aquêle, por sua vez, néto dos sergipanos Antônio de Oliveira e sua mulher Izabel, enquanto sua esposa, d. Inácia, casada em primeiras núpcias com João Pereira de Carvalho, é irmã da heroína d. Bárbara, e ascendente do Ministro da Marinha, Almirante Alexandrino Faria de Alencar, do ex-Presidente da República Marechal Humberto de Alencar Castelo Branco, e da escritora Rachel de Queiroz.

Do casal, de que proveiu o aludido inventariado (Antônio de Leão e Inácia) também descen-

dem os padres, Joaquim Pereira de Alencar, vítima, a 15 de março de 1860, de colapso cardíaco, quando, no Rio, teve conhecimento da morte de seu primo, muito amigo, Senador José Martiniano de Alencar, e Antônio Pereira de Alencar, chefe político liberal de prestígio, parlamentar, incluído três vezes em lista tríplice como candidato à representação do Ceará no Senado do Império, professor de latim do Liceu de Fortaleza.

De Francisco Leão procede Nelson da Franca Alencar, o ante-penúltimo dono do proverbial solar do Lameiro, nascido a 11 de agosto de 1846 e falecido, com 87 anos, 1 mês e 2 dias, a 13 de setembro de 1933, de quem disse, com a sua característica probidade, o Engenheiro João Franklim de Alencar Nogueira: "Nelson é uma das figuras mais brilhantes e respeitáveis da família. Tenho por êle grande admiração e respeito. Com seu desaparecimento a família e o Ceará perdem uma das individualidades mais notáveis pela importância social e pelo caráter admiravelmente puro".

O inventário em aprêço, cuja data de processamento se aproxima de noventa (90) anos, foi instaurado ex-offício por Portaria de 24.9.1881 do Juiz de Orfãos substituto em exercício Joaquim José da Rocha.

A relação dos herdeiros do es-

pólio está assim redigida :

1. Viuva cabeça do casal : Maria Leopoldina do Monte (filha de José do Monte Furtado, de Pio Nono, Piauí).

2. Filhos :

a) Socrates, falecido, representado pelas filhas Adília, de 6 anos, e Alzira, de 4 anos;

b) NELSON, de 35 anos (casado, a primeira vez, com Bárbara Brasileira do Monte, e a segunda com Leonildes da Franca Alencar, falecida a 21.10.1914, ambas de Pio Nono, Piauí;

c) Bárbara Leopoldina de Lima, com 38 anos (casada com Ernesto Amancio de Lima, então ausente, de quem descendem, entre muitos outros, o chefe da importante firma comercial de Fortaleza, J. Aquino de Alencar, o Coronel da Polícia Militar do Estado, Ozimo de Alencar Lima e várias figuras representativas dos Municípios de Santana do Cariri e Nova Olinda);

d) Abdon da Franca Alencar, de 19 anos;

e) Hortulana de Alencar Peixoto, com 25 anos, (casada com Felismino Marques Peixoto, pais do jornalista e escritor Padre Joaquim de Alencar Peixoto);

f) Sinen Leopoldina de Alencar, de 19 anos, gêmea com Abdon (casada com Horácio Jácome Pequeno, pais do prefeito de Crato, José Horácio Pequeno).

Os bens constitutivos do espólio, avaliados por Leandro Custódio Bizarria e Francisco Libertão Correia de Alencar, constam da seguinte relação :

1.º) — OURO : Um (1) relógio com correntão, por 75 mil reis; uma bengala com cabeça de ouro, por 10 mil reis;

2.º) — PRATA : Uma libra de prata, a oitava a oitenta reis, por dez mil duzentos e quarenta reis (10,240);

3.º) — ESCRAVOS : Uma escrava “já velha” por 50 mil reis, e tres (3) escravos novos, pelo valor total de setecentos mil reis (700,000);

4.º) — SEMOVENTES : 5 bois mansos a 35 mil reis cada, 4 quartais velhos a trinta mil, cada, um dito novo, por 35 mil, uma égua velha, por 25 mil, e 2 garrotes, a 15 mil cada;

5.º) — RAIZ : Além de “poses” de terra no Condado (Piauí), na Canavieira (Pernambuco), e no sítio Bucanha (Crato), descreve-se : “Um sítio de terras denominado “LAMEIRO”, neste termo, com uma casa de tijolo e telha, duas ditas pequenas de taipa cobertas de telha, 4 de taipa e cobertas de palha, um engenho de ferro em mau estado, com seus utensílios e mais melhorias, tudo avaliado por seis contos e quinhentos mil réis.

No inventário procedido em 1915, por morte de d. Leonildes da Franca Alencar, a avaliação do “Lameiro” elevou-se a trinta contos de reis.

Entre outros haveres constantes do inventário em apreciação constam cem (100) cargas de rapaduras “ruins”, avaliada, cada uma delas, á razão de tres mil reis.

No rol das despesas figuram as que se fizeram com “Caixão e Irmandade do Santíssimo”, 15 mil reis e com o enterro e visita “solene” (40,560 reis), tocando em cada ato, ao Vigário, 6 mil reis, e a cada padre coadjutor, 4 mil reis.

O monte-mor a ser partilhado com o conjuge e herdeiros elevou-se a nove contos, trescentos e cinquenta e cinco mil, quatrocentos e quarenta reis, destinando-se a cada filho, repostos os valores recebidos como dotes, a soma de 634 mil e 198 reis.

# Prece à Solidão

Sampaio de Alencar

# BÔDAS DE PRATA

## À ADAMIR

G. LOBO

Maria :

Por que desprezas ?

— E quem diria  
que desprezasses,  
mormente  
a mim !

És, há um quarto de séc'lo, minha  
(amiga,  
Companheira de tôdas as batalhas  
Nos embates da vida, nas procelas  
És, alento de amor, que me agasalha.

Maria :

Por que fugiste ?

— E quem diria  
que tu fugisses  
tão cedo  
assim !

Nos caminhos escuros, és, estrêla  
Clara e tranquila, que meus passos guias;  
És, na tristeza, meu conforto certo  
E parceira ideal nas alegrias.

Maria :

Por que motivo ?

— E quem diria  
que tu mentisses  
comêço  
ao fim !

Como esposa fiel e dedicada,  
Dos meus louvôres és credora eterna;  
Na longa estrada que trilhamos juntos,  
Tu'alma irmã da minha é sempre terna.

Maria :

Por que não amas ?

— E quem diria  
que não me amasses...  
És tão  
ruim !

Mas, o maior de todos os teus méritos  
É — milagre do amor — divina graça,  
Teres feito brotar do nosso sangue  
Nove rebentos quais gemas sem jaça.

Que sempre os guias pelos bons

(caminhos,  
Do mais puro ideal mostrando o rumo.  
E, vejo agora que bons frutos cólho  
Com suas vidas em perfeito aprumo.

Maria :

eu te suplico :  
não me abandones,  
volta pra mim !  
O meu amor  
será só teu,  
Minha Maria,  
até o fim !

E, nossas alegrias mais aumentam  
Por vê-los bem felizes e corretos,  
Multiplicando por mil nossa ventura  
Com a chegada dos queridos netos.

Netos e filhos, que riqueza imensa !  
Da nossa vida são constelações;  
Giram serenos em tranquilas rotas  
No órbita dos nossos corações.

Dezembro de 1969

No feito funcionaram, além do Juiz Substituto de Orfãos citado, o titular efetivo do cargo dr. Manoel Rodrigues Nogueira Pinheiro, o Juiz de Direito dr. João Batista de Siqueira Cavalcanti, que a 23.5.1882 julgou a parti-

lha, o Curador Geral dos Orfãos Manoel Sidrim de Castro Jucá, e o "defensor dos direitos dos orfãos" Antônio Americano de Brito. Eis aí os pontos de maior interêsse constantes do processo do inventário acima indicado.

# Centro Juazeirense de Cultura Empossou sua Nova Diretoria

O Centro Juazeirense de Cultura, o sodalício da cultura da vizinha cidade, empossou, em sessão solene, sua nova Diretoria. Ao ato estiveram presentes autoridades e representantes de entidades de classe, tendo representado o Instituto Cultural do Cariri o jornalista J. Lindemberg de Aquino, nosso Secretário Geral, que fêz parte da mesa. Abaixo, transcrevemos o programa da posse e a nova Diretoria empossada, á qual formulamos votos de fecundas realizações :

## PROGRAMA : 28 DE MARÇO DE 1971

- I) — Abertura dos Trabalhos - Palavra do Presidente, Centrista Edvard Teixeira Férrer
- II) — Posse da Nova Diretoria e Transmissão de Cargo
- III) — DECLAMAÇÃO — Centrista Júlia de Figueiredo Rocha
- IV) — CORAL - Alunas da E. Normal Rural de Juazeiro do Norte
- V) — DECLAMAÇÃO — Centrista Mozart Cardoso de Alencar
- VI) — Palavra do Nôvo Presidente, Centrista Espedito Cornélio
- VII) — ENCERRAMENTO — HINO NACIONAL BRASILEIRO

## NOVA DIRETORIA DO CENTRO JUAZEIRENSE DE CULTURA

Presidente	— ESPEDITO CORNÉLIO
Vice-Presidente	— Pe. FRANCISCO MURILO DE SÁ BARRETO
1.º Secretário	— SILMIA SOBREIRA
2.º Secretário	— LINDALVA RIBEIRO MACHADO
1.º Tesoureiro	— MANUELITO VITORINO
2.º Tesoureiro	— ALBIS IRAPUAN PIMENTEL

---

## O L H O S

(Aos meus netinhos — ROGÉRIO, de olhos castanhos,  
e CLÁUDIA, de olhos azuis).

DANDINHA VILAR

OLHOS VERDES. AMENOS, FEITICEIROS,  
SIMBOLIZANDO A CÔR DAS ESPERANÇAS!  
OLHOS FALSOS! TRANQUILOS, TRAIÇOEIROS  
COMO O SONO SUTIL DAS AGUAS MANSAS!

RETALHOS DO VELUDO DAS ALFOMBRAS,  
TRISTES, CRUEIS, PROFUNDOS, TENEBROSOS...  
NEGROS OLHOS! TÃO NEGROS QUANTO AS SOMBRAS  
DA NOITE NEGRA EM TEMPOS INVERNOSOS.

FIRMES, SINCEROS, LINDOS, TENTADORES,  
OLHOS CASTANHOS. TERNOS, PENSADORES,  
LANÇAM DOÇURA DERRAMANDO LUZ.

OUTROS OLHOS. DIVINOS, CISMADORES,  
FEITOS DE SONHOS, DE MEIGUICE E AMORES...  
SÃO TEUS OLHOS DE CÉU, OLHOS AZUIS!

# De Veríssimo de Melo a Otacílio Anselmo e Silva

Natal, 29 de Outubro de 1970  
Eminente Mestre e Amigo  
Escritor Otacílio Anselmo:

Foi uma alegria e uma honra, o recebimento de sua carta de 6 de Outubro de 1970, assim como o volume "A Revolução de 30 no Ceará". Se já não tinha acusado o recebimento, asseguro-lhe, — foi falta de tempo. Neste mês, escrevi dois trabalhos para atender a pedidos: Um sôbre as relações entre Antropologia e História, para um curso de extensão universitária, que aqui houve, sôbre História e ciências correlatas. Outro para atender a um pedido do Pastor da Bahia, que aqui vai reunir 70 estudantes para pastores, do Recife. No último trabalho, como há de verificar, posteriormente, seu livro sôbre Padre Cícero está citado com tôdas as honras e o destaque que merece. Fiz uma síntese sôbre o nosso messianismo caboclo, incluindo os casos mais célebres, como Canudos, Padre Cícero, Pedra Bonita, Pedra do Rodeador, José

Lourenço e duas outras figuras que estão ligadas a êle, além de outras de menor importância. Por conta e risco, incluí Frei Damião de Rozzano. Creio que conhece bem esta última figura. Li o livro dêle, "Em Defesa da Fé", onde argumenta principalmente contra os protestantes, em defesa dos pontos-de-vista da Igreja. Já o achava um tipo messiânico. Agora, tenho textualmente a declaração dêle, no livro citado, quando afirma que a Bíblia só se refere à volta de Cristo no dia de Juízo Final e acrescenta: "Mas, esta seria a volta gloriosa, o que não exclui outras voltas". Aí está o milenarista Frei Damião, que eu peguei pela perna. E assim entrará na minha palestra com outros detalhes.

Como vê, andei ocupado, pois li vários livros êste mês. E mais: Li um pequeno estudo sôbre a doença do Padre Cícero, do dr. Fernandes Távora, trabalho que o sr. citou como de uma revista de um instituto daí. Mas o tra-

---

## A BANDEIRA BRASILEIRA

DANDINHA VILAR

BANDEIRA DO BRASIL QUE OSTENTAS DESLUMBRANTE  
DO RORAIMA AO CHUÍ NA IMPONÊNCIA DOS MASTROS  
RETRATAS NO TEU SEIO O FAUSTO EXUBERANTE  
E UM PEDAÇO DE CÉU PONTILHADO DE ASTROS.

TUAS CÔRES RELEMBRAM O SABOR ESTUANTE  
DAS INTRÉPIDAS "BANDEIRAS" NA BUSCA DO OURO  
NUMA TERRA VESTIDA DE TOM VERDEJANTE  
SENDO O COFRE IMORTAL DE INVEJÁVEL TESOURO

QUANTAS GLÓRIAS VIVESTE AO CALOR DA ANSIEDADE  
DE CRESCER, DE MARCHAR SOBRE UM MUNDO RIDENTE  
SENDO A DEUSA DA PÁTRIA QUE OS FILHOS ADORAM

ONDE O GRITO DE UM BRAVO TE DEU LIBERDADE  
E ONDE A PENA QUEBROU OS GRILHÕES DE UMA GENTE  
NESTA TERRA DE IRMÃOS, ONDE ESCRAVOS NÃO CHORAM.

balho está no livro "Algo de Minha Vida", que me foi emprestado aqui, pelo dr. Raul Fernandes. Gostei muito do trabalho, onde há o diagnóstico sôbre a paranoia de Padre Cícero. São os dois trabalhos citados na minha palestra com referência a Padre Cícero, o seu e o do dr. Fernandes Távora. Mais adiante, — pois pretendo publicar, com outros ensaios, — o sr. verá êsses estudos.

Ainda não li o seu livro sôbre a Revolução de 30, que aguarda oportunidade. Mas, já o emprestei a um amigo, velho mestre aqui da terra, que se mostrou logo muito interessado em conhecê-lo. Vamos aguardar a impressão dêle.

Sôbre a consulta que me fêz, a respeito do sr. Amaro Potengi da Silva, andei indagando a vários amigos. Meu irmão o conheceu, como grande jogador de futebol, do ABC Futebol Clube, há muitos anos. Outras pessoas o conheceram, mas ninguém sabe informar onde mora e se ainda é vivo. Tenho umas pessoas em campo, para descobrir a pista. Logo que tiver notícia certa, avisarei.

Fico honrado e feliz ao saber que a minha modesta impressão sôbre o seu livro monumental poderá servir para alguma coisa, nas comemorações do centenário do Pe. Cícero. Faça da mesma o uso que lhe convier.

Grato pela maneira como recebeu o meu modesto livro, **XARIAS E CANGULEIROS**. São pequenos ensaios sôbre coisas nordestinas. Acho que todos nós, do Nordeste, antes de se ocupar com temas de âmbito nacional, devemos nos ocupar principalmente do Nordeste. Há muito que estudar por aqui. O sr. já demonstrou, de maneira magistral, que

um assunto velho, como o é o do Padre Cícero, poderá assumir fôros de autêntica novidade. E deu-nos obra clássica.

Tenho falado também sôbre o seu livro aos meus alunos, no Instituto de Ciências Humanas. São mais de cem môças e rapazes. Noventa por cento são môças. 10 por cento, rapazes. Aqui as mulheres estão estudando muito mais do que os rapazes. Não há curso de extensão onde elas não sejam a grande maioria. Os homens estão cada vez mais entregando os pontos ás mulheres.

Bem, caro mestre: Vou parando por aqui. Muito obrigado pela sua carta e seu livro, que lerei com grande prazer. Estou, também, ultimando meu livro sôbre "Patronos e Acadêmicos" (Antologia - 1970). São quase cem biografias sôbre os Patronos e membros da nossa Academia Norte-Riograndense de Letras. Apesar de ser tema um pouco fora da minha especialidade, sempre desejei escrever sôbre certas figuras da terra. Chegou a oportunidade. Há grandes figuras, como o sr. verá. E outras ínfimas. Hoje, em sessão à noite, vamos eleger para o quadro efetivo da nossa Academia o conterrâneo Peregrino Júnior. É homem que sempre viveu fora do Estado, mas não nos esquece e merece a distinção.

Mais adiante, quando houver uma oportunidade, vou propor seu nome ilustre para o quadro de sócios correspondentes da Academia Norte-Riograndense de Letras. Não digo ainda quando será porque não tenho certeza da data de reunião ordinária. Aguarde a notícia oficial. E aceite um abraço do amigo e admirador fervoroso,

VERÍSSIMO DE MELO

# Organização Antônio Primo de Brito

Mantém:

Posto SHELL Santa Teresa

AV. PADRE CICERO - CRATO

Posto SHELL Perimetral

AV. PERIMETRAL - CRATO

Posto SHELL Milagres

RODOVIA BR 116 - MILAGRES

CHURRASCARIA ALGO MAIS — Crato

CHURRASCARIA CAÇULA — Milagres

**Uma organização completa a seu serviço!**

# Euclides da Cunha, um Civilizador do Sertão

J. DE FIGUEIREDO FILHO

Presidente do Instituto Cultural do Cariri

Sou autêntico filho do âmago do Nordeste Brasileiro. Nasci e criei-me, em pleno Cariri cearense, sub-região, outrora dominada por silvícolas de igual nome e povoada depois por sergipanos, baianos e pernambucanos, no tempo da civilização do ciclo do couro. É ilha de verdura, no meio da caatinga ressequida, tão bem descrita esta pelo imortal Euclides da Cunha.

Na feira semanal de minha terra, às segundas, das maiores da região nordestina, aglomera-se população sertaneja de todos os matizes, procedente da redondeza, que abrange léguas e mais léguas de diâmetros. Crato é igualmente outra ilha, mas de cunho inteiramente diverso. É oásis de cultura intelectual, viva, provando que o nordestino, mesmo isolado, é capaz de progredir e assimilar a mais requintada civilização. Não é mais aquela bisonha vila de 1850, de que nos fala Euclides da Cunha, em *Os Sertões*, quando penitentes místicos — *Os Serenos* — saíam pelas estradas a flagelar-se e a cometer distúrbios de todos os quilates.

Araripe Júnior, dos maiores críticos literários da língua portuguesa, foi dos primeiros intelectuais a reconhecer o gênio de Euclides da Cunha, ao aparecer o monumental *Os Sertões*. Possuía aquêlê sangue de cratense, em suas veias, pois era neto de Tristão Gonçalves Pereira de Alencar, herói da malograda revolução republicana de 1817 de Pernambuco, com repercussão na Vila Real de Crato. Tomou parte no movimento de 1822, para a libertação do Brasil, do cêrco de Caxias, no Maranhão, em 1823, épilogo da independência no Norte. Caiu trucidado, vítima de seu idealismo, após ter sido presidente do Ceará, em 1824, na Confederação do Equador. Foi em plagas maranhenses, na Guerra pela Independência, que adicionou ao seu nome o sobrenome nativista de Araripe. Seu pai foi outro vulto ilustre — O Conselheiro Tristão Gonçalves de Alencar Araripe, estadista do Império e historiador dos mais eméritos.

Araripe Júnior, ao ler a obra prima de Euclides, naquelas páginas fulgurantes, pressentiu o escritor que surgia, já amadurecido, vibrante e também anteviu ali a alma do Nordeste, simples, pura e brava. Naquela epopéia, ou quase tragédia, de nossa História, Euclides desvendou ao próprio país, empolgado pelo litoral, a outra face do Brasil. Sua obra não se tornou em vão.

Não foi só aquela cidade revoltada, pela ignorância e pela incompreensão dos políticos, a devorar batalhões aguerridos e mais batalhões, que impressionou a nação em geral. Naquelas frases de

fogo se retratava, em tôda a sua nudez, a terra esquecida que não fôra incorporada à civilização brasileira. Euclides atacou de rijo todos os problemas afetos à vida selvagem ainda do nordestino. Impressionou-se com as sêcas periódicas, já atenuadas, ou extintas entre povos civilizados. Essa questão vital é abordada, não sômente no seu livro máximo, como em **Contrastes e Confrontos** que, aliás tem o prefácio de Araripe Júnior, que o inicia com episódio desenrolado nos arredores de Crato. Nêle escreveu **Plano de uma Cruzada**, abordando o secular problema climático e os meios mais eficientes de combatê-lo.

Ao tratar de cientistas estrangeiros que escreveram sôbre o Brasil, disse à página 135 de **Euclides da Cunha — Obra Completa (1)**.

“Ora quaisquer que sejam os inestimáveis serviços dêste grupo imortal e abnegados, são desanimadores.

Não lhes admiremos o brilho até à cegueira. Porque é lastimável que ainda hoje procuremos nas velhas páginas de Saint-Hilaire, motivos do Brasil. Alheiamo-nos desta terra. Criamos a extravagância de um exílio subjetivo, que dela nos afasta enquanto vagueamos como sonâmbulos pelo seio desconhecido.

Dáí em grande parte, os desfalecimeños de nossa atividade e de nosso espírito. O verdadeiro Brasil nos aterra; trocâmo-lo de bom grado pela civilização, mirrada que nos acotovela na rua do Ouvidor; sabemos dos sertões pouco mais além de sua etimologia rebarbativa, **Desertus**; e, a exemplo dos cartógrafos mediévos, ao idealizarem a África portentosa, podíamos escrever em alguns trechos de nossos mapas a nossa ignorância e o nosso espanto: **Hic Habent Lones**.

Não admiram o incolor, o inexpressivo, o incaracterístico, o tolhiço o inviável da nossa arte, e das nossas iniciativas. As nossas mesmas descrições naturais recordam artísticos decalques, em que o alpestre da Suíça se mistura ba alheado ao distendido das **Londes**; nada do ar emessado impressiona dos itambés a prumo, do aspero rebrilhante... dos cerros do quartizito, do desordenado estonteador das matas, do dilúvio tranquilo e largamente esparso dos enormes rios; ou do misterioso e quase bíblico das chapadas amplas. É que a nossa história natural ainda balbucia em seis ou sete línguas estrangeiras, e a nossa geografia física é um livro inédito”.

O Brasil era assim, esquecido de si mesmo, notadamente o Nordeste. Estrangeiros, embora por amor à ciência, relatavam por aí afora e para nós mesmos, os segredos de nossa fauna, flora, geografia, etnologia, geologia, mineralogia e tudo mais que nos pertencia por direito de posse. Nas letras, artes, acontecia o mesmo. Nossos escritores e artistas não passavam de simples copiadores. Não era sem razão que os vizinhos do Prata nos apelidavam pejorativamente de **Macaquitos**.

Mesmo em minha terra natal, insulada no interior cearense, que arrebentou, por esforço próprio, os grilhões da ignorância, criando escolas, editando jornais em seus primeiros vagidos literários, ao lado também de grêmios, não se lembrou das coisas típicas da terra.

(1). — Edição da Companhia José Aguillar Editora, 1966 — Rio de Janeiro.

Poetas e prosadores nem sequer olhavam para a natureza exuberante que os cercava. Destacavam ou descreviam cotovias, rouxinóis, primavera, outono e para melhor demonstrarem erudição, descambavam para citações do paganismo greco-romano e mais recentemente, teutônico. Todos nasciam já impregnados da paisagem européia, sorvida na literatura portuguesa, francesa, inglesa, russa ou alemã. Só os cantadores dos pés-de-viola lembravam, em versos toscos e bonitos, os motivos bem vivos, existentes no ambiente onde moravam.

Só um ou outro escritor destes brasis, ocupava-se em descrever assuntos da terra, mas com repercussão restrita, embora a demonstrar talento.

Em minha zona, vivíamos em contacto direto com um dos mais ricos folclores do Nordeste, originário da bagaceira dos seculares engenhos de rapadura do Cariri cearense. Os dirigentes locais de então o julgavam mera demonstração de atraso, indigna de figurar nas feiras e em festas do perímetro urbano. José de Matos, o mais genuíno e inspirado poeta popular do interior do Nordeste, vivia metido em enxovias, ou desprezado da sociedade, pela irreverência de seus versos satíricos, a relembrarem os do vate lusitano — Bocage.

Desconheço qualquer escritor sem amarras à escola literária que o prendesse a compartimentos estanques, sociólogo, pesquisador, que tivesse exercido influência tão profunda no Brasil como Euclides da Cunha. Foi o néo-bandeirante, devassador dos sertões ignotos, não à cata de ouro, esmeraldas, ou a prear silvícolas. Sua missão foi outra, de acôrdo com o tempo, quando a nacionalidade não precisava mais alargar territorialmente, como nos tempos heróicos das bandeiras e das entradas. Redescobriu êle a própria alma nacional, em vez de gemas ou de filões de metais valiosos. Não algemou indígenas, mas procurou, com o látego de suas frases de fogo, quebrar os grilhões do sertanejo ignorante e bravo, manietado pelo inteiro esquecimento da pátria comum.

O maior mérito do autor de *Os Sertões* foi o de pôr ao nu, diante do país inteiro, o outro lado de uma nação desconhecida, mas integralmente brasileira, muito mais até do que a opulenta faixa litorânea. No seu livro máximo e igualmente dos maiores monumentos literários da língua portuguesa, apresentou-se Euclides como geólogo, antropólogo, geógrafo, sociólogo e, sobretudo, literato, na mais pura expressão do termo. Não se amarrou ao classicismo que morrera e era velha reminiscência de Portugal, nem tão pouco ao romantismo. A seu modo, ao descrever o que se passava em tôrno de sí, foi um realista. Não se confinou no estreitismo de regrinhas de gramática, ou assombrou-se diante de possíveis estrangeirismos. A gramática não poderia tolher a pujança de suas frases empolgantes. Não se transformou, porém, em destruidor das regras básicas da linguagem pura. A língua no lado de cá do Atlântico evolui, a passos acelerados. Tornou-se o precursor do modernismo, sem manietar-se, preso a qualquer escola. Personalidade inexcédível, com características próprias. Seu estilo ciclópico, enleante, ao mesmo tempo sumamente atrativo, podendo fascinar até a pessoas não muito letradas, não encontra imitadores. Isso acontece mesmo entre a onda crescente de seus admiradores.

Amante da liberdade, Euclides conseguiu libertar-se das peias que o poderiam jungir a qualquer grupo literário. Fêz obra imortal, atualíssima hoje e em futuro longínquo. O Prof. Hilário Dick, gaúcho, da Universidade de São Leopoldo, diz bem (2):

“O representante do Brasil litorâneo é Machado de Assis. O representante do Brasil sertanejo é Euclides da Cunha”.

O Nordeste e mesmo o Norte, os atraíram, não em sua parte periférica do oceano, mas unicamente na região que fica encravada em pleno interior bravo. Integrou-se de corpo e alma aos seus problemas vitais. Se alguém ignorasse onde estariam o umbigo, com sua leitura, concluiria que nascera no Nordeste brasileiro. E Euclides não se envergonharia disso.

Não se apegou a expressões regionalistas, em seus profundos estudos, mas, na realidade, foi um regionalista, por excelência. Homem dos contrastes, não se cansa de apresentá-los, em linguagem viva e vivificante, com inteira precisão, usando e abusando, sem molestar o leitor, de todos os tempos do verbo contrastar.

O pensador mexicano José Vasconcelos vaticinou que o Brasil, dada a sua miscigenação de tipos raciais e de cultura, seria, muito em breve, a pátria natural da Raza Cósmica. Euclides, pelas qualidades visceralmente nacionais, ao mesmo tempo mescladas de muitas de origem universal, era um brasileiro que se antecipou ao futuro, naquela profecia.

Na vida simples, sem artificialismo algum, da terra sertaneja, seu espírito de patriota sentiu-se sensibilizado. E empolgou-se por tudo. Embora um ser superior, podendo adaptar-se a qualquer recanto do planeta, suas raízes aprofundaram-se na terra bárbara, que precisava transformar-se.

Cansado, não somente de estreiteza física, como da espiritual, da cidade tentacular, entusiasmou-se pelos vastos horizontes, sem fim, do deserto, onde sua fecunda inteligência podia expandir-se.

Parecia um desterrado em meio à civilização artificial e naquele espaço ignorado da pátria, sem nada a tolher-lhe os movimentos, tornou-se um forjador de idéias.

Euclides, modesto, introvertido, fotografou, ou filmou, como diríamos agora, as cenas que presenciou, mesmo no fragor daquela triste guerra de irmãos contra irmãos. Mostrou tudo depois, até inibido pelo acanhamento, para o Brasil, em pêso. E êste ficou estarecido, diante de tamanho drama que julgava inexistente, dentro de suas fronteiras. Foi o toque de despertar de uma nacionalidade inteira. A pena fulgurante de um homem genial marcou alguma coisa de nôvo para o país. Compreendemos todos que chegara a hora de evoluirmos com as demais nações civilizadas do globo. Euclides, embora trágicamente assassinado, começou a influir, paulatinamente, pela sua imorredoura obra, no soerguimento nacional, como se aquêlê sangue derramado tivesse o condão de nos despertar as energias adormecidas.

De pouco a pouco, os brasileiros compreenderam que algo havia

(2). — Dick (Hilário), *Introdução à Literatura Brasileira*, pág. 69.

de nôvo na imensa interlândia, que há séculos, tanto seduzira bandeiras e entradas.

Euclides, queiram ou não queiram, foi o precursor remoto das revoluções na arte, letras e até nas ciências, que sacudiram o Brasil, da cabeça aos pés. Em 1922, veio-nos a *Semana de Arte Moderna*, de São Paulo, seguida logo depois do *Manifesto Regionalista*, de Gilberto Freyre, em Recife. O país, de liderado pelos de fora, foi se transformando em líder de verdade. Música, literatura, pintura, escultura, arquitetura voltaram-se para a terra, outrora tão desconhecida. Há séculos que seus filhos, mais aquinhoados da sorte, viviam exclusivamente embevecidos pela civilização que nos chegava do outro lado do mar. Nossos cientistas passaram a fazer pesquisas, dentro de casa e agora podem dar lições do que é nosso, mesmo ao exterior. As sêcas do polígono começaram a ser estudadas, com plano bem delineado, a fim de debelá-las, de acordo com a engenharia moderna. Programa econômico de envergadura foi traçado para modificar o panorama da região, tão magistralmente revelada pelo gênio profético de Euclides.

“Estamos condenados à civilização, ou progredimos, ou desapareçeremos”.

O Nordeste e a nação tomaram pelo caminho da primeira alternativa. Só um cego poderá contestar isso naturalmente estamos longe da meta final, mas incontestavelmente trilhamos o bom caminho. Fitemos o passado de há bem pouco, para melhor confiança no futuro. Não há razão para desânimo.

Não podemos negar que outros vultos secundaram Euclides nesse roteiro de luz. Não quero falar no sul do país, pródigo em personalidades marcantes, em nosso desenvolvimento. Sou apenas simples representante do interior nordestino. Capistrano de Abreu revolucionou totalmente os estudos históricos nacionais, demonstrando a importância dos rios no povoamento do Brasil. Outro cearense, como êle, Delmiro Gouvêia, devassou caatingas, enriqueceu a exportar couros de caprinos e instalou indústria pioneira de linha de costura, em plena selva bravia, aproveitando pequena parte da energia propulsora de Paulo Afonso, a movimentar suas máquinas. Foi outro bandeirante dos tempos modernos. A velha cachoeira romântica, decantada pelos poetas, faz parte agora dos veículos mais possantes da redenção do Nordeste. A Companhia de Eletricidade do São Francisco é realidade palpável na região que foi redescoberta e divulgada, pela fulgurante inteligência de Euclides da Cunha.

Não descreveu êle a tragédia de Canudos, naquelas páginas que jamais se apagarão, enquanto a nacionalidade brasileira existir, apenas por diletantismo literário. Não criou fantasias e nem em nada exagerou. Ao censurar os métodos de combate ao arraial do fanatismo, na qualidade de militar que também foi, de forma alguma, denegriu o heróico exército nacional. Apontou-lhe êrros que surgiram no advento da República, consequência de lutas internas e com o ressurgimento da mais desenfreiada politicagem. Igualmente havia o fator surpresa para as forças armadas, que pisavam em terreno totalmente desconhecido, mesmo em pleno coração da pátria.

O fenômeno do aproveitamento do meio, com suas defesas naturais, contra tropas regulares, é tão velho quanto o despontar da civilização. Portugal nasceu com a epopéia de Viriato que desafiou Roma, por vários anos, destruindo-lhe multiplicidade de suas agueridas e legendárias legiões. Foi abatido exclusivamente pelo punhal assassino de traidores, que há em toda parte.

Embora com certa reverência pelo autor, o escritor Dante de Melo contestou muitas das afirmações de Euclides, no livro, *A Verdade sobre os Sertões* (3). Sua defesa, aliás bem cuidada, prende-se aos brios do bravo exército nacional que achou ter sido amesquinhado por Euclides da Cunha. Chega até a diminuir o sertanejo ignorante, chamando-o de covarde, por esconder-se sempre para matar, ou a fugir após as arrancadas. Estabelece o confronto entre o nortista e o gaúcho, enaltecendo o segundo, como vencedor autêntico da célebre campanha que teve como palco o sertão inóspito da Bahia. O paralelo entre os dois tipos étnicos já está traçado, com galhardia, por Euclides nas páginas de seu pujante livro. Ninguém pode contestar que o sul rio-grandense é soldado nato, pela vigilância e defesa perene de nossa fronteira. O nortista e o nordestino atenderam, em qualquer hora, todos os chamados da pátria, em seus momentos mais angustiosos. São ambos amestrados nos embates contínuos contra a natureza hostil, quer na caatinga braba, ou na mataria sem fim da Amazônia. Domadores da terra ressequida ou dos alagadiços do Norte, têm sabido suportar, com heroísmo sobre-humano, todas as vicissitudes. O caboclo nordestino, jangadeiro no mar ou vaqueiro no sertão áspero não pode ser superado por qualquer outro, em sua inquebrantável fortaleza de espírito. O brasileiro é um só, com variantes apenas. O paulista, que foi também enaltecido por Euclides em sua atuação em Canudos, não foi unicamente o bandeirante épico de outros tempos. Sua pujança criadora não feneceu. É presentemente o forjador de riquezas, pioneiro por excelência, da industrialização do país. No dia que a nação inteira apaulitizar-se — ignoro se tal verbo está integrado à língua — o Brasil estará definitivamente salvo do sub-desenvolvimento. Cada unidade, porém, dá, na medida do possível, a sua contribuição ao todo nacional. Só a miséria é que impede muito brasileiro a desempenhar o seu verdadeiro papel, nesse imenso conjunto.

O jagunço empregou a tática que o instinto lhe ensinou, a fim de contrapor-se aos batalhões que o atacaram. Tornou-se guerrilheiro nato. Se os atuais viet-congs enfrentassem os-ultra-modernos e apetrechados norte-americanos e aliados, em terreno descoberto, desde muito estariam definitivamente derrotados. A maior luta no Paraguai não foi a de derrotar o militar inimigo e sim o de contrapor-se ao ambiente hostil desconhecido. A Retirada da Laguna foi exemplo frizante disso.

Euclides, na qualidade de sociólogo, teve êrros comuns a todos os mortais, incluindo gênios, mas, suas virtudes como escritor e observador, o projetarão, cada dia mais, no futuro.

Teve opositores e os terá sempre. Sua obra ciclópica é bem viva e ninguém permanecerá indiferente perante ela. Dante de

(3). — Lançado pela Editora da Biblioteca do Exército em 1958.

Mello, militar, em **A verdade sobre os Sertões**, com o direito que tem de zelar pela nobre classe a que, brilhantemente pertence, defendeu, com inteligência, seus pontos de vista. A verdade, porém, é que as forças armadas, após a campanha crucial de Canudos, renovaram-se radicalmente.

Os jagunços do Conselheiro da caatinga bravia constituíram sua melhor fortaleza. Desconheciam a estratégia oficial e se alguém os dirigisse, com tais conhecimentos, a derrota de Canudos seria imediata. Palmares, através de guerrilhas, aproveitando os obstáculos da natureza para defender-se, conseguiu resistir aos repetidos assédios, quase 80 anos. Exércitos regulares luso-brasileiros e até flamengos do Recife, atacaram a Troia negra a mostrar que todo ser humano, mesmo o de pele escura, sempre ansiou pela liberdade. Caiu pela estratégia do bandeirante, perito sertanista — Domingos Jorge Velho e pela tenacidade e vigor do pernambucano Bernardo Vieira de Melo, futuro martir das primeiras manifestações de independência do brasileiro.

As tropas irregulares de Antônio Conselheiro, entocadas em gro-tões, entrincheiradas em casebres destruídos, ou escondidos no mato, de vegetação xerófica, devoraram batalhões aguerridos. Mas houve lances de epopéia, com refregas de corpo a corpo, quando ambos os contendores demonstraram a fibra inata do brasileiro para as lutas mais duras. No momento em que o exército adquiriu a experiência daquela campanha, cujo desenrolar imprevisível não constava nos manuais de ensino da Escola de Guerra, o arraial de Canudos foi vencido e destruído.

No Cariri cearense, vizinho à minha terra, também houve outra cidade revoltada e orientada por misticismo quase idêntico ao de Canudos. Juazeiro do Padre Cícero não foi vencida. Circunstâncias especiais diversas da Vendéia baiana, deram-lhe o galardão da vitória. A cidade cearense não se revoltou contra o governo federal. Por incrível que seja, foi este que a atirou contra o governo estadual do Ceará. O Tenente-Coronel Marcos Franco Rabelo foi colocado no **Index** do onipotente chefe do Partido Republicano, Senador Pinheiro Machado, manojador, como se fossem marionetes, da política e da administração no governo Marechal Hermes da Fonseca, teria forçosamente de ser destituído, pela ação do próprio caudilho gaúcho, a fim de derrubar a oligarquia Acioli, negou a Franco Rabelo o apôio à candidatura à presidência da República ao antigo protetor. Assinou assim a própria destituição. Político maquiavélico, acostumado a mandar, engendrou trama terrível de vingança. Com a ajuda do Presidente e do partido aciolino, apoiou o audaz e inteligente aventureiro — médico de origem baiana — Dr. Floro Bartolomeu da Costa. Era o verdadeiro mentor do Padre Cícero Romão Batista. Euclides em seu imorredouro **Os Sertões** fala naquele sacerdote, tão conhecido no interior nordestino, em rápidas palavras :

“No Juazeiro um heresiarca sinistro, o padre Cícero congregava multidões de novos cismáticos em prol do Conselheiro”.

Juazeiro do Norte geograficamente não ocupa a mesma posição

estratégica de Canudos. É encravada em zona habitada, fértil, com intensa cultura agrícola, de clima ameno e água potável abundante. Sua natureza nada oferece de hostilidade ao homem. Se, em 1914, houvesse recursos suficientes por parte do governo cearense, com a cobertura dos poderes federais, a luta não assumiria as proporções do arraial do interior baiano. Simples cerco forçá-lo-ia a render-se sem lutas. Tudo se passou de outra maneira. A verdade, no entanto, assinala que os triunfadores daquele embate, filho exclusivo da politicagem sem freios, comportaram-se melhor do que os vencedores de Canudos.

Tomo a liberdade de citar pequeno trecho, de um meu livro (4). Após referir-me ao modo mais humano do epílogo da questão de Juazeiro do Norte, em 1914, afirmo :

" Enquanto isso sucede no município cearense, todos nós sabemos do triste epílogo do arraial de Canudos destruído impiedosamente pelas forças do governo, como por uma triste ironia do destino.

Juazeiro, portanto, é bela resposta histórica aos erros praticados pelos desmandos das tropas governistas, nos sertões baianos".

Agora é cidade próspera que está a assimilar o progresso, em todos os sentidos.

Há vários anos, com turma de alunas de Crato, passei algumas horas na segunda edição de Canudos. Era manhã clara. Ventilação acariciante soprava sobre a vila. Na entrada das ruas ainda estacionava o velho canhão 32, que os fanáticos apelidaram de *Matadeira*. No morro do Mário havia cruzeiros bem visíveis. Restavam apenas os alicerces da igreja nova, cobertos de mato daninho. O cruzeiro estava de pé, com dizeres toscos, relembrando o Conselho. Revivi na imaginação as cenas dantescas, presentes em minha imaginação pela constante leitura de *Os Sertões*. Comovi-me. Em grupo, eu e a esposa, entre jovens sorridentes, deixamos nos fotografar diante do velho cruzeiro, crivado de balas.

No retorno, em casa, a fim de extravasar a emoção de minha alma, escrevi o trabalho. *Brasileiro, aqui está Canudos*, publicado na *Revista Sul América*, da Companhia de seguros, de igual nome do Rio de Janeiro. Foi transcrito em revista, tipo *Seleções*, cujo nome não me lembro, dirigida por Afrânio Coutinho, o mesmo supervisor da *Obra Completa - Euclides da Cunha*, da Companhia José Aguilár Editôra, do Rio de Janeiro.

Quando passei ali, Canudos já estava condenado a desaparecer, coberto pelas águas do Vaza-Barris. O primeiro aglomerado humano foi destruído a ferro e a fogo. O segundo, como seu último contraste, será pela água, como se fôsse simples passagem do Apocalipse. De terra árida passará à terra úmida para a renovação de sua cultura agrícola e pecuária. É outra remota vitória de Euclides da Cunha, em sua campanha tenaz para a resolução do intrincado problema das secas do Nordeste. Em tudo e por tudo, sem perder a marca de homem nacional e até internacional, o grande autor de *Os Sertões* revelou-se sempre nordestino de alma e coração.

(4). — J. de Figueiredo Filho, *Renovação*. Editôra Odeon. São Paulo. 1938, pág. 40.

# codema

---

## COMÉRCIO DE MADEIRAS Ltda.

---

MATERIAL DE CONSTRUÇÃO

F E R R O

C I M E N T O

A Z U L E J O S

PREÇOS SEM COMPETIÇÃO

MATRIZ EM CRATO :

RUA NELSON ALENCAR N.º 316

FILIAIS EM :

JUAZEIRO DO NORTE e IGUATU

# Laboratório de Pesquisas Clínicas do Cariri

DR. PAULO CARTAXO ESMERALDO

DRA. MARIA DO CARMO VALDEVINO

DRA. MARIA DO CARMO BRINGEL

EXAMES: SANGUE — FEZES — URINA

BIOQUÍMICA DO SANGUE

PROVAS DE FUNÇÃO HEPÁTICA

SOROLOGIA

CULTURAS E ANTIBIOGRAMA

EXAMES PRÉ-NUPCIAIS

SERVIÇO DE TRANSFUSÃO DE SANGUE

RUA SANTOS DUMONT N.º 29

# UM SERTANEJO — um dos maiores soldados do Brasil

Maj. Eng. QEMA Claudio Moreira Bento  
do EM / IV Exército

Contarei para os soldados do Exército Brasileiro e, em especial aos da Arma de Infantaria, a história de um dos maiores soldados do Brasil — O Brigadeiro Antônio Sampaio.

De origem humilde, igual á grande maioria dos soldados brasileiros, iniciada sua vida militar como simples soldado, escalou os postos da carreira militar e, após sua morte gloriosa, recebeu o honroso título de “O bravo dos bravos”, além do de “Patrono da Infantaria Brasileira — A rainha do Campo de Batalha, num atestado, das profundas raízes populares e democráticas do Exército Brasileiro que proporciona oportunidades aos mais capazes e valorosos, independente de suas origens.

Nasceu nosso herói, na Fazenda Vitor no Município de Tamboril — no atual Ceará, em 24 de maio de 1810, data que assinalaria, 51 anos após, sua entrada para a glória militar eterna, por sua excepcional atuação na Batalha de Tuiuti — a maior batalha campal da América do Sul — mas esta é outra história.

Era filho de um humilde e pobre ferreiro de nome Antônio Ferreira Sampaio e de D. Antônia de Souza Araújo Chaves que lhe emprestaram, orgulhosamente, seus primeiros nomes.

Sertanejo nascido numa região frequentemente assolada pelas sêcas, Sampaio cresceu sem instrução, num meio de ignorância e pobreza em que os valores masculinos eram o jôgo, a valentia, as trovas e as danças, e onde im-

perava a lei do mais forte — pela violência.

Neste meio ambiente, Sampaio formou seu caráter, e dentro da escala de valores locais, tornou-se um líder, por reconhecerem nele um “cabra macho” provado em diversas disputas com valentões das redondezas, além de inspirado cantador popular.

Era audacioso e possuidor de coragem física e moral invulgar.

Tornou-se por outro lado um destacado líder nas tarefas sertanejas, era um fascinado pela atividade da pecuária — a vaquejada.

Após uns seis anos de boemia nas folgas de trabalho, entre brigas e festas, que não perdia nenhuma, seu coração é flexado violentamente por cupido.

Apaixona-se, perdidamente, por uma bela camponesa de 13 anos, de nome Maria Veras, no que é correspondido, e filha de uma família fidalga inimiga da sua — fato comum no sertão nordestino de então.

A família de sua amada move intensa oposição ao namoro, por ser Sampaio um inimigo, além de levar uma vida de boêmio fãçanhudo, sem eira nem beira, para sustentar um lar.

Sampaio, apaixonado, insiste no namoro, ao ponto do pai de Maria Veras, cabra birrento, contrair sua morte, a ser executada por bandoleiros que infestavam o sertão.

Perseguido e com o coração partido — Sampaio, para fugir a morte certa sob os punhais as-

sassinos de bandoleiros, vai para Fortaleza, à procura de trabalho onde pudesse acumular economias, para um dia retornar ao seu querido Tamboril e desposar a eleita de seu coração.

Em Fortaleza é atraído, irresistivelmente, pela carreira das armas e apresenta-se voluntário no 22.º Batalhão de Caçadores de linha com a idade de 20 anos, em 17 de julho de 1830.

Tem início uma das mais belas carreiras do Exército Imperial do Brasil.

Nesta unidade, motivado pelo amor a Maria Veras, aplica-se com tôda as energias no serviço militar.

Por seu valor excepcional, caracterizado por uma coragem física e moral invulgar, aliada a liderança incontestante sôbre seus pares, é elevado, aos seis meses de caserna, à graduação de furriel — equivalente a 3.º Sargento.

Em 4 de abril de 1832 recebeu seu batismo de fogo nas ruas de Icó e Fortaleza.

Nesta ocasião, dizem alguns historiadores, o Furriel Sampaio teve a inspirada idéia de armar seus soldados que pacificavam índios rebeldes, com escudos de proteção contra flexas e lanças. Por esta razão, é considerado por alguns, como um dos precursores da Infantaria Blindada Brasileira.

Em 1833, foi envolvido, para evitar mal maior, numa revolta de sua unidade, indignado com o Governador por ter dissolvido parte da unidade e destituído seu comandante.

A confusão, característica do período regencial, se estabelece em Fortaleza. O bravo Sampaio, com cabeça fria e com risco de vida, impede que alguns de seus colegas, liderando aproveitadores, saqueassem o comércio.

Subjugada a revolta, é prêso e enviado ao Recife, de onde foge pressionado pelos companheiros revoltosos que coibira os abusos e pela justiça que ignorou sua atitude honrada lutando a seu lado na manutenção da ordem.

Posteriormente prêso e processado, é completamente absolvido — tendo patrocinado a defesa o comércio de Fortaleza, reconhecido por sua honesta, patriótica e valorosa atitude, protegendo-o com o risco de vida e por iniciativa própria.

Era o grande, autêntico, responsável e disciplinado profissional militar que despontava em Sampaio.

Desfrutando, nesta altura, conceito entre seus superiores, recebe uma licença para voltar a seu querido Tamboril, atraído por irresistível amor à sertaneja Maria Veras.

Em Tamboril continua a oposição familiar a seu namoro. Sampaio encontra-se secretamente com sua amada e dela obtém o juramento de permanecer na casa de um amigo, até a sua maioridade, pois tinha somente 16 anos, e que se fôsse obrigada a casar com outro homem matar-se-ia.

Feito o compromisso, entre lágrimas de amor recíprocas, Sampaio promete retornar para o casamento após quatro anos — maioridade de sua escolhida.

A seguir parte para o Pará, para tomar parte na repressão da revolta conhecida como Cabanada, onde se destacou, sobremaneira, por sua atuação corajosa e eficiente, na liderança de ações de pequenas frações.

Em reconhecimento a sua destacada atuação na Cabanada, foi efetivado no posto de Alferes, em 20 de maio de 1839, com a idade de 29 anos.

Orgulhoso com o oficialado, após nove anos de praça e, com bastantes economias, obteve permissão para ir a Tamboril cumprir seu juramento de casamento com sua eleita Maria Veras, e dar combate aos bandoleiros que infestavam a região.

— Ao chegar a Tamboril com o coração transbordante de felicidade, tem conhecimento da terrível notícia.

Maria Veras desposara um desconhecido, pouco após sua última visita a Tamboril.

Esta cruel decepção de amor, amargaria o coração do jovem soldado durante os próximos 10 anos, até que conhecesse a gaúcha Julia dos Santos Miranda, que serviu, segundo suas próprias palavras, como uma paixão refletida para acalmar uma louca paixão ou, de compensar um grande amor por um amor maior.

Após esta amarga decepção segue para o Maranhão para tomar parte da pacificação da revolta da Balaiada.

Na Balaiada, torna-se dos mais constantes, destacados e incansáveis oficiais de Infantaria.

O bravo Alferes Sampaio comandou, pessoalmente, pelotões e companhias, em 36 ações de combate.

Torna-se o terror dos bandoleiros, aos quais não dá quartel, talvez recordando-se daqueles que tanto prejudicaram sua vida em Tamboril, impondo a lei injusta e irracional do mais forte.

Sua atuação foi decisiva para a vitória da Pacificação do Maranhão, por neutralizar ou dispersar a malta de bandidos que infestavam e infelicitavam o Maranhão, o Piauí e até o Ceará, sem objetivos que não o crime.

Aonde se homiziasse um bando, Sampaio como sertanejo ex-

cepcional, ia buscá-los e neutralizá-los.

Sua atuação no Maranhão foi importantíssima e se constitui num interessante capítulo a ser pesquisado com maior profundidade.

Seu desassombro em combate, enfrentando o inimigo de peito aberto, sem ser atingido em inumeráveis combates, deu origem a lenda entre seus comandados e bandoleiros, de que Sampaio, em virtude de uma oração que trazia junto ao peito, tinha o corpo fechado a balas e a baionetas. Este misticismo ajudava a inspirar seus soldados a seguir-lhe em empreitadas arriscadíssimas, ao mesmo tempo que infundia temor aos seus adversários.

Em 11 de Setembro de 1843, com idade de 33 anos, foi promovido a Capitão como recompensa pelos assinalados serviços na pacificação do Maranhão.

Consagrado como combatente e comandante de infantaria inextinguível na liderança de combate de corpo a corpo a baioneta, como autodidata, aplica tôdas as potencialidades de sua rara inteligência, no aperfeiçoamento de sua cultura.

Nos intervalos das lutas, aprendeu com facilidade a ler e a escrever. Decorridos 14 anos, aquêlê sertanejo inculto e feanhuado de Tamboril — agora alfabetizado — torna-se Ajudante de Ordens do Comandante de Armas do Ceará e, após, do próprio Governador da Província.

Consolidou em sua personalidade, a custa de hercúleo esforço próprio, aquela infraestrutur cultural-geral e profissional que o levaria a glória militar eterna em Tuiuti — no Paraguai.

Em 6 de novembro de 1844, o Capitão Sampaio deixa para sempre o Ceará que amava tan-

to, para, à distância, cicatrizar seu coração ferido por uma grande desilusão de amor, embora amasse profundamente sua terra natal, conforme declarou ao Sargento Oliveira, seu confidante:

“Eu amo muito o Ceará, com especialidade o Tamboril meu berço natal; e morrerei com êle estampado nas idéias e gravado no coração”.

## NO RIO GRANDE DO SUL

Sampaio chega ao Rio Grande do Sul em princípios do ano de 1845, e pouco após assiste em Bagé, a assinatura da Paz de Ponche Verde — que teve lugar em terras hoje pertencentes ao Presidente Emílio Garrastazu Médici, e que pôs um fim a dez anos de Revolução Farroupilha.

A seguir, é mandado para a atual cidade de Canguçu no comando de 150 homens, para garantir o cumprimento dos termos da Paz de Ponche Verde.

Canguçu era distrito da primeira capital farroupilha, Piratini, e ficava próxima da segunda capital — Caçapava. A posição era excelente para prevenir outro movimento naquela região.

O Capitão Sampaio utilizou como Posto de Comando, uma cadeia mandada construir, anos antes, pelo grande chefe legalista, Cel. Francisco Pedro de Abreu — Barão do Jacuí e demolida em 1936, para ceder lugar a atual Prefeitura de Canguçu, edificio mandado construir, em 1851, por um rico estanceiro local.

Segundo conclui-se de P. S. de Mallet Jobim em “Os três grandes de Tuiuti”, publicado no N.º 631 Mai/Jun 1970, em “A Defesa Nacional” o Capitão Sampaio permaneceu em Canguçu até 22 de Novembro de 1850, quando foi chamado ao Rio de Janeiro, para daí seguir para Pernambuco, pa-

ra consolidar a paz consequente da Revolução Praieira.

Em 1849, com 39 anos de idade, contraiu casamento, muito provavelmente em Canguçu, onde se encontrava estacionado fazia mais de três anos, pois até o momento não foi esclarecido o local de nascimento de sua esposa — D. Julia dos Santos Miranda.

É um pouco que precisa ser esclarecido pelos historiadores.

A gaúcha Julia dos Santos Miranda, foi o grande amor e paixão refletida, que segundo declarações do Brigadeiro Sampaio ao Sargento Oliveira no Paraguaí, substituiu em seu coração, após 19 anos — o amor e louca paixão pela sertaneja — Maria Veras.

Êstes 19 anos de solteiro de Sampaio, talvez expliquem a sua excepcional dedicação ao Exército Imperial, como uma forma de sublimar sua paixão frustrada.

## EM PERNAMBUCO

Após haver fugido do Recife onde estivera prêso como Alferes, o Capitão Sampaio retorna pela segunda vez, em 1850, para auxiliar a apagar os últimos focos da Praieira.

Passou quase todo o mês de julho em operações na mata sul de Pernambuco.

É possível que tenha nesta ocasião passado por Garanhuns.

No mês seguinte, após permanecer uma quinzena no Recife, reembarcou com destino ao Rio Grande do Sul onde seria aproveitado como instrutor “por sua excepcional capacidade de profissional, traduzida por rara inteligência e grande conhecimento da natureza física e espiritual do infante brasileiro, de cujo convívio particular, diuturnamente, durante 20 anos, assistindo-os com seus sábios conselhos e justiça.

Sampaio, segundo depoimento de contemporâneos, usava mais o exemplo do que as palavras, exercendo sobre seus soldados e oficiais "aquêlê magnetismo, aquêla ação caracterizadora e hipnótica que caracterizam os grandes e autênticos líderes de combate", além de inspirar uma confiança ilimitada, por sua integridade, probidez e coragem moral e física.

Era o chefe e o pai de seus soldados e partilhava das alegrias e tristezas de todos — com autenticidade e não para fazer tipo.

De origem humilde, igual a de seus soldados, considerava-se e era considerado o companheiro mais velho e mais experiente.

#### NO RIO GRANDE DO SUL

Nomeado Major, marcha para participar da Guerra contra Rosas e Oribe que tem seu epílogo em Monte Caseros, onde, comandou, pessoalmente, disputados combates a baioneta.

Terminada a guerra é-lhe confiado o comando da unidade e Guarnição de Caçapava do Sul, oportunidade que são credenciadas suas excepcionais qualidades de chefe e profundo conhecimento das táticas de infantaria em todos os escalões.

A partir dêste momento, tôdas as suas promoções passaram a ser por merecimento e o peito do sertanejo de Tamboril passa a cobrir-se de condecorações e comendas.

A seguir, com seu 4.º Batalhão, passaria 2 anos no Uruguai integrado a Divisão Pereira Pinto que, a chamado do General uruguaio Venâncio Flores, fôra auxiliá-lo a restabelecer a ordem no Uruguai.

Em seu retôrno foi promovido a Tenente Coronel e nomeado para o comando do 6.º Batalhão

de Infantaria em Bagé, onde permaneceu por três anos.

Sua fama de guerreiro intrépido chegou até aos ouvidos do Imperador que o convoca para o Comando do Corpo Policial da Côrte, cargo que desempenhou por sete meses, correspondendo a confiança do Governo.

Sampaio pediu para retornar ao Rio Grande do Sul onde contraíra matrimônio e havia se ambientado por completo nos hábitos e costumes dessa Província, cuja psicologia de seus filhos muito assemelha-se ao sertão.

Retornando a Bagé, foi comandante de Batalhão e de Brigada de Infantaria e aí conviveria com Osório e Mallet.

Atentados constantes a propriedade de brasileiros no Uruguai, levaram o Império a intervir naquela República. O Cel. Sampaio, no comando da 3a. Brigada de Infantaria que integrava a 1a. Divisão, ao comando do grande gaúcho, Brigadeiro Manoel Luiz Osório, transpôs a fronteira em 2 de dezembro, e a 29, chegou frente a cidade de Paissandu que auxiliou a submeter a rigoroso cêrclo.

Nesta ação que participaram com destaque e, em íntima cooperação com Osório e Mallet, Paissandu foi submetida a enérgico bombardeio, durante 52 horas consecutivas.

Na manhã de 2 de novembro, a Brigada de Sampaio avança em coluna cerrada e ao passo de carga, para investir a praça, sob nutrido fogo inimigo, que se assemelhava a um chuveiro de balas.

A infantaria de Sampaio toma casa por casa em disputados corpo a corpo a baioneta, e os sitiados se entrincheiraram na Praça da Matriz, protegidos por canhões.

Neutralizada por Mallet a ar-

tilharia inimiga — quando Sampaio estava prestes a vencer a última resistência — viu tremular no ar a bandeira da rendição.

Paissandu constituiu-se uma das mais belas páginas da Infantaria Brasileira.

De Paissandu, Sampaio segue para Montevidéu sitiada, e, em razão de acôrdo, ocupam pacificamente a cidade.

Em 22 de fevereiro, a Brigada Sampaio entrou triunfalmente em Montevidéu, composta de três batalhões de infantes veteranos, ágeis e decididos, no corpo a corpo a baioneta e, em sua grande maioria, bravos sertanejos do Nordeste e em especial do Ceará.

Os assinalados serviços de Sampaio a frente de seus bravos infantes em Paissandu, valeram-lhe o pôsto de Brigadeiro.

Com a eclosão da Guerra do Paraguai Sampaio é nomeado inspetor da Arma de Infantaria, composta de recrutas do Norte e Nordeste, principalmente.

Sampaio recebe tôda a autoridade e autonomia para plasmar esta infantaria.

Em outubro de 1865, vamos encontrar Sampaio no comando da 3a. Divisão de Infantaria, composta de 4.400 bravos infantes.

Esta Divisão marcha até Tuiuti, deixando a sua esteira um rosário de glórias — local onde passaria a história como Divisão Couraçada, e o sertanejo de Tamboril, como o “Bravo dos Bravos”.

Em 24 de maio de 1866, trava-se, a maior batalha campal da América do Sul.

O Exército Aliado, em terreno estreito, é atacado, de surpresa, pelo inimigo. O bravo Sampaio está na vanguarda com seus bravos cearenses do 26.º Batalhão

de Infantaria que recebe todo o impacto do mortífero fôgo inimigo.

Sampaio a cavalo exorta pelo exemplo, seus bravos a resistência — o fracasso ou a vitória dependia da bravura de seus infantes da Divisão Couraçada.

Vinte cargas de Cavalaria inimiga são lançadas sobre a Artilharia de Mallet e Divisão Sampaio, mas êles resistem bravamente e os cavalarianos inimigos mortos, formam trincheiras naturais.

O flanco esquerdo da Divisão Sampaio é atacada de surpresa, por nove batalhões inimigos, mas a Divisão Couraçada reage e não cede um milímetro — era a resistência a todo custo.

Sampaio desdobra-se em três, cinco, mil-acode a cavalo em todos os cantos.

Quatro de suas montarias caem varadas por lanças, baionetas ou tiros, mas Sampaio com bravura e destreza, esquiva-se dos golpes fatais, embora exposto a grandes perigos.

Teria procedência a lenda de que possuía o corpo fechado?

Quando desmontado, e empenhado no corpo a corpo, Sampaio é atingido na face por uma baía traiçoeira.

Neste momento chega um emissário de Osório, para encorajar nosso herói a redobrar a resistência — porque o sucesso da batalha dependia do esforço derradeiro de Sampaio e seus bravos infantes.

Ferido pela segunda vez, a bala, e coberto de sangue, suor e poeira, o leão de Tamboril diz para o emissário: “Diga ao Marechal que estamos cumprindo o nosso dever — como já perdi muito sangue, seria conveniente que me mandasse substituir”.

Mal acabava de pronunciar es-

tas palavras é atingido por outro "balaço" que põe por terra, de joelhos, aquele bravo — após mais de quatro horas de resistência tenaz e feroz.

Ajoelhado e desfalecendo — ainda balbucia: "Diga ao Marechal que êste é o terceiro ferimento..."

E tomba ao solo ferido de morte, entre os corpos de centenas de bravos infantes feridos e mortos, da Divisão Couraçada — fator decisivo da vitória aliada e que brindou a Pátria Brasileira com uma eterna vitória.

Recolhido nos braços de seus soldados — prêso de incontida emoção — em meio a grande consternação geral — "O Bravo dos Bravos" é retirado de campo de batalha.

Embora ferido mortalmente, aquêle sertanejo excepcional, resiste a morte durante 43 dias e expira a bordo do navio Eponina que o transportava a Buenos Aires.

Expira sabendo que sua atuação leal com seus bravos infantes, tinha sido um fator decisivo para a vitória em TUIUTI, batalha que destruiu a capacidade ofensiva estratégica inimiga.

O sertanejo analfabeto e boêmio de Tamboril, após 36 anos de serviços ao Exército Imperial Brasileiro, ao qual entregara-se de corpo e alma, é enterrado em 8 de Julho de 1866, na Argentina.

Autoridades das mais expressivas de tôdas as categorias e povo prestam homenagem ao bravo e ilustre chefe aliado que tombara no campo santo, no funéreo chão de Tuiuti, em defesa da Liberdade e da Integridade sul-americana, ameaçadas por um despota.

Por tôdas estas razões é que o bravo cearense foi escolhido como o Patrono da Arma de Infan-

taria, por indicação de outro grande cearense — provado na paz e na guerra — o então Major Humberto de Alencar Castelo Branco.

Após 27 anos de ausência do Ceará, Sampaio retorna através de seus restos mortais — que atualmente encontram-se em mausoleu defronte o CPOR em Fortaleza.

Euclides da Cunha referiu que o sertanejo é antes de tudo um forte, e Sampaio, com muita propriedade, encarnou o sertanejo forte dos fortes, moral e fisicamente, além de ter sido o brasileiro Bravo dos Bravos — na Guerra do Paraguai.

Sua vida de excepcional soldado que de origem humilde ascendeu ao quadro de oficiais generais do Exército Imperial, merece ser assunto de cinema, como a vida do grande Marechal gaúcho Manoel Luiz Osório.

Para que sua memória não seja olvidada pelas gerações futuras e a pátria tribute-lhe eternamente as honras a que faz jús, deveria ser erigido o Parque Histórico Brigadeiro Antônio Sampaio, dedicado a seu culto — a semelhança dos erigidos em memória de Osório — em Osório no Rio Grande do Sul e ao Duque de Caxias em Duque de Caxias no Estado do Rio.

Estranho, que a semelhança das cidades de Osório e Duque de Caxias — nomes dados em homenagem a seus grandes filhos — a cidade de Tamboril não tenha recebido o nome de Brigadeiro Sampaio. Caxias, Osório e Sampaio, são três vidas dedicadas a pátria e suas atuações foram couraças que ampararam êste gigante sul-americano em seus primeiros passos — e preservaram sua liberdade e integridade.

O

## Banco do Juazeiro S. A.

Saúda

a intelectualidade cearense,

ao ensêjo do lançamento de mais um número de

I T A Y T E R A

# Monsenhor Rocha

J. DE FIGUEIREDO FILHO

Grande perda sofreu a Diocese de Crato, com o desaparecimento no dia 27 de janeiro, às 22,30, de Monsenhor Pedro Rocha de Oliveira. A notícia do infausto acontecimento surpreendeu toda a cidade. Morreu em plena lição, dentro do Hospital de S. Francisco, onde era Provedor e após ter lido crônica habitual de sua autoria, na Rádio Araripe de Crato. Nasceu ele em Iguatu, a 22 de maio de 1914, filho do casal — Francisco Rocha de Oliveira e D. Maria Rocha de Oliveira. Ordenou-se em Fortaleza em 1937.

Foi de meus grandes amigos e com ele sempre contava nas maiores dificuldades de minha vida, sem nunca decepcionar-me.

Soube do triste acontecimento, no amanhecer chuvoso do dia 28. Logo que despertei, com o dobre de finados de todas as igrejas cratenses, Zuleika relatou-me o fato com toda a cautela possível. Graças a Deus suportei bem, pois, nos momentos atuais, de antemão, todos nós vivemos preparados para coisa bem pungente.

Conheci-o, em minha cidade, recém-ordenado, entre 1937 e 1938. Não foi amizade nascida à primeira vista. Havia certa desconfiança entre nós, embora pugnássemos, com certo denodo e entusiasmo, pela mesma causa da igreja. Colaborávamos em jornais e tínhamos o ardor e rivalidades dos plumitivos de primeira viagem. O tempo amainou tudo. Tornamo-nos bons amigos sob a bondosa direção de Dom Francisco de Assis Pires. Passamos a trabalhar na redação

do jornal "A Ação", sempre em atmosfera de camaradagem e com a maior compreensão possível.

Confiei meu filho à sua aprumada, segura e inteligente direção do Seminário de S. José. No momento em que ele demonstrou não ter vocação para a carreira eclesiástica, foi o Reitor o primeiro a avisar a mim e à Zuleika.

Nas constantes visitas que fazia ao Seminário Diocesano, senti que aquele educandário estava entregue à ótima direção, apesar ainda da juventude do Padre Rocha. Revelou-se sempre administrador de primeira. Levantou as Obras das Vocações Sacerdotais. O setor da ação Católica que dirigia, era o primeiro da Diocese. Veio-lhe depois o título de Monsenhor que nunca lhe encheu de vaidades. Foi sempre o sacerdote simples, a cumprir o dever acima de tudo, a defender a verdade, a tratar a todos carinhosamente, sem olhar a posição social da pessoa.

Ao sair da direção do Seminário, D. Vicente de Araújo Matos convidou a trabalhar no Hospital, tendo sido eleito provedor pelos consócios. Encontrou assim seu verdadeiro lugar. O nosocômio começou a expandir-se de maneira surpreendente. Espargiu o bem pela cidade, Município e redondeza. Monsenhor Rocha quando esteve à frente do Seminário teve o dom de conquistar os corações de toda a população humilde do bairro, mesmo sem deixar de revelar-se educador de primeira ordem. No Hospital de S. Francisco o padre tinha carinho especial. As ver-

bas e donativos que ali chegavam eram aproveitadas ceitel por ceitel, tanto assim que se tornou proverbial a lisura da direção daquela casa que deixou de servir exclusivamente à cidade como a tôda circunvizinhança, incluindo mesmo outros Estados.

Nunca encaminhei um deserdado da sorte àquele conjunto arquitetônico dos mais vastos do Nordeste, que não tivesse, naquele meio, por parte de médicos, irmãs de caridade, enfermeiras, o abrigo seguro e adequado. Monsenhor estava em tudo. Todos sabiam que tôda obra que dirigia sempre prosperava, em todos os sentidos.

Tornou-se êle perfeito assistente de pessoas aflitas e confessor dos mais procurados. Suas palavras, sempre sensatas, calavam profundamente na alma de todos os que sofriam... De bom humor perene, sabia disseminar em tôrno de si, a alegria vivificante. Professor dos melhores que Crato possuía, fêz época no Seminário de S. José. Orador, sabia espargir a palavra do Se-

nhor de maneira acessível. Mas, na sociedade, em reunião qualquer, saia-se bem num brinde, num discurso. Especializou-se em doutrinar a família e êsse apostolado intensivo, exerceu na imprensa.

Desprendido, nunca se apegou aos bens materiais da terra. Dinâmico ao extremo, dava quase tudo de si ao Hospital, ao apostolado e não falhava em suas crônicas apreciadas, na Rádio Araripe, anteriormente na Rádio Educadora e no jornal "A FORTALEZA". Sócio do Instituto Cultural do Cariri, a êle estava destinada a cadeira que tem como Patrono — D. Quintino Rodrigues de Oliveira e Silva.

Seu entêrro foi verdadeira consagração popular. Deu-se no dia 28, na melancólica tarde do dia 28. Teve dos maiores acompanhamentos de Crato. Seu féretro foi seguido por multidão incalculável, a começar pelo Bispo D. Vicente, enchendo ruas e praças, desde a Sé Catedral, onde esteve seu corpo até à capela de S. José do Seminário.

## TIPOGRAFIA?

só a do

# CARIRI

A MAIS BEM MONTADA NO INTERIOR DO ESTADO

TELEFONE: 564 — CAIXA POSTAL, 7 — INSC. EST. 34

RUA Dr. JOÃO PESSOA N. 380 — CRATO — CEARÁ

## Discurso do Superintendente da SUDENE em Crato

Minha visita ao Cariri teve por finalidade verificar o que se havia feito no trabalho de infraestrutura da eletrificação da Região. As informações que tinha e o cuidado que sempre dediquei à Região sobre este aspecto não me decepcionaram, ao desembarcar hoje no aeroporto do Cariri.

Vim também ver de perto, a convite do Sr. Thomaz Osterne de Alencar, Presidente da Associação Comercial do Crato, este famoso Vale do Carás e também saio daqui contente por tudo isso que vi.

Temos, em primeiro lugar, que agradecer a presença de todos a este banquete. Sou muito grato. Não esperava. Tinham nos prometido um almoço muito discreto. Para mim é uma honra muito grande, para mim e pra minha comitiva e mostra também o carinho e o amor que os srs. têm à SUDENE. E é nesta qualidade de Superintendente que eu aceito esta homenagem como uma homenagem a este órgão de desenvolvimento. Muito agradecido.

A SUDENE desenvolveu nesta Região, além desses trabalhos de infra-estrutura, alguns outros trabalhos como aquele muito importante do inventário dos recursos naturais da Região e da experimentação agrônômica. Um trabalho nem sempre muito divulgado, mas da maior importância para a Região, segundo o pensamento da SUDENE.

Esses estudos foram conduzidos pelo Departamento de Recursos Naturais da SUDENE, através da sua Divisão de Geologia e então o Vale do Grupo do Jaguaribe pôde nos dar já a esta altura uma idéia dos recursos em solo e água, elaborando, inclusive, a política de valorização apoiada na irrigação.

Como os senhores sabem, a Chapada do Araripe e a Região do Cariri compreendem uma área 11.500km<sup>2</sup> de formação geológica sedimentar, constituindo, o que nós chamamos o alto Jaguaribe. As reservas d'água, nesta Região, são de certo vulto não só águas subterrâneas, mas também aquelas de superfície.

A exploração das águas subterrâneas só é viável através do aproveitamento das fontes, podendo servir, de modo especial, ao consumo das cidades, mas insuficientes para um programa de irrigação. Isto é o que pensa a SUDENE.

As águas da Chapada do Araripe não podem ser exploradas, economicamente, por poços, face à profundidade mínima de 120 metros à qual nós devemos acrescentar os fortes rebaixamentos de nível, devido às características hidro-dinâmicas da formação.

Já o aspecto das águas superficiais: podemos considerar, na Região Cariri-Araripe, 16 bacias hidrográficas, cujo deflúvio médio anual de escoamento atinge

220 milhões de metros cúbicos.

Vale destacar o VALE DOS CARÁS e o dos Porcos. A classificação dos seus solos cobre uma gama dos mais diversos grupos. É com bases nesses recursos: água e solo e tendo os primeiros como elemento freador do desenvolvimento da irrigação, e apoiada na técnica agrícola já definida, que nós podemos pensar em irrigação.

É a combinação de solo e água e a possibilidade de desenvolvimento agrícola. Nossa experiência neste campo se desenvolve no Vale do Jaguaribe e no Vale do S. Francisco. São muito promissoras, mas é preciso que se diga aos senhores para que o nosso Prefeito não fique de inveja de Morada Nova que estamos dando os primeiros passos. Jaguarua-na foi o grande laboratório. Realmente, tendo-se água, solos razoáveis, se dispendo a gastar um pouco, se pode conseguir irrigação e obter uvas, melões, culturas nobres, mas esta irrigação não poderia ser levada aos produtos primários, porque devo dizer aos senhores que um hectare irrigado, nesses projetos que estão sendo tentados, experimentados, sai por cerca de sete a dez mil cruzeiros e um homem precisa de, pelo menos, de 5 hectares para cultivar.

Assim, nosso programa de irrigação para o Nordeste todo que prevê, em quatro anos, a irrigação de 132 mil hectares, está orçado na ordem de um bilhão e 400 milhões de cruzeiros (novos). A irrigação aqui teria que ser levada a estudos profundos e talvez com esta idéia, quem sabe,

do Umari, para que tivéssemos uma irrigação mais barata, menos sofisticada, do que aquela que nós estamos tentando lá. E é esse mesmo o desejo da Associação Comercial do Crato.

O Estudo do Vale dos Carás, para fins de aproveitamento e irrigação, está incluído no Programa do DNOCS para o período 1971 / 1974, devendo fazer parte do Plano Nacional de Irrigação.

Depois desta visita, eu me comprometo com os senhores a enfatizar junto ao Sr. Ministro do Interior, Gen. Costa Cavalcanti, que tem tanto cuidado e tanto carinho com esta Região, para que ele faça cumprir, realmente, esta determinação deste plano de irrigação, no que diz respeito a este Vale, porque o Cariri eu sempre conheci como um oásis, mas o que encontro hoje é um pouco de desânimo, um pouco talvez de pessimismo e talvez pela longa espera que tem sido dada à solução dos seus problemas. É preciso, realmente que isto volte a ser o reino da esperança, da alegria e da fartura.

Nós nos preocupamos também um pouco com a Região do Cariri, com a Agro-Pecuária, sem pensar em irrigação. Para isso, o Grupo do Vale do Jaguaribe instalou experimentos de Amendoim, Abacaxi e Capim, na Chapada do Araripe, e de fertilidade competição de mandioca, em terras de Juazeiro do Norte.

Os resultados foram promissores, necessitando ampliar os trabalhos para conseguir dados recomendáveis ao nível dos agricultores e pecuaristas da Região. Agora, se ao lado da Agricultura

sem irrigação alheatória pela própria distribuição pluviométrica anual dominante, juntarmos a Agricultura irrigada, esta Região poderá ter seus esforços multiplicados e o seu parque industrial poderá crescer sólidamente.

Temos a impressão de que a Região do Cariri é daquelas em que o esforço será sempre multiplicado e de que todo esforço que for feito aqui, terá sempre aquêlo poder germinativo, capaz de se expandir, contaminar outras regiões vizinhas.

Encontro, neste momento, ainda o Cariri a braços com a sêca. Devo dizer aos senhores que a SUDENE tem dois mil postos pluviométricos. Nós apenas podemos dizer tantos milímetros. Nunca nos metemos a ter bolas de cristal pra dizer vai haver sêca, vai haver inverno, nunca. Mesmo na sêca de 70. Nós tivemos o cuidado de verificar e documentar tudo, de tal forma que, quando se dizia que a SUDENE não estava encarando o problema com seriedade, eu posso afirmar para os senhores que, no interior da SUDENE, nós nunca deixamos de ter o cuidado necessário. E posso também dizer com alegria, neste momento, que no dia em que levei êsses dados ao sr. Ministro do Interior e êle me levou ao sr. Presidente da República, imediatamente, foi dada uma solução para o problema porque é baseado em fatos, em documentos, em algarismos irrefutáveis. Eis porque senhores, o Governo federal depositou esta confiança.

A SUDENE teve que arcar com o estabelecimento de 147 Frentes

de Trabalho. Uma frente de trabalho significa: engenheiros, significa caminhões, significa pagamento em dia do operário, significa uma montagem tal que não venha faltar gêneros na Região. Tudo isto é objeto de cuidado. Eis porque alguns Prefeitos nem sempre se satisfizeram com as soluções dadas pela SUDENE. Mas eu peço que compreendam que era impossível nós atendermos a mil municípios do Nordeste. Então tivemos que fazer esta seleção, fruto não de influência política nenhuma, mas de fatos, de estudos, de combinar necessidades com possibilidades, porque havia também as limitações dos próprios órgãos executores.

É muito fácil dizer vamos aumentar mil homens em tal frente. Mas, para isto, é preciso que haja todos êsses implementos necessários.

Devo dizer aos senhores que a SUDENE teve de adquirir mais de mil viaturas, das quais 423 são carros-pipa. Devo dizer aos senhores que o Brasil não fabricava mais pás, nem enxadas, nem picaretas, nas quantidades em que necessitamos para esta sêca. Foi quase que preciso mobilizar a indústria nordestina e mesmo algumas fábricas do Sul do País, para que nós pudéssemos ter enchebancas, carrinhos de mão, etc. etc. um milhão de ferramentas. Tudo isto foi uma mobilização.

O efetivo que nós temos em Frentes de Trabalho no Nordeste, hoje, é um efetivo maior do que o exército americano no Vietnam. Por aí, os senhores po-

dem avaliar o esforço da Sudene. Não fiquem sempre desapontados com a SUDENE porque não atendeu a êsse ou aquêlo município diretamente. Nós compreendemos as dificuldades. Sabemos os sofrimentos dêsse povo bom e ordeiro, mas é a possibilidade e a necessidade que têm sempre que andar casadas.

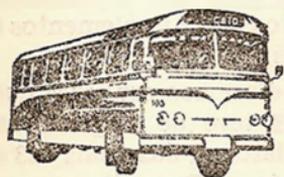
Alegrou-me muito estar no Cariri. Devo voltar ao Recife ainda hoje. Devo estar no Rio de Janeiro no dia 3 e em Brasília no dia 4 e êsses problemas todos

que eu vi nada prometo para solucionar-los, mas prometo encaminhá-los com todo o cuidado que êles merecem.

Eu sou muito grato a todos. As gentilezas com que receberam a mim, a minha comitiva, as nossas esposas tão carinhosamente recebidas, dando uma demonstração daquilo que já é conhecido no Ceará inteiro e quiçá no Brasil todo da hospitalidade dêste povo cratense tão bom, não nobre e tão amigo. Muito agradeço a todos.

(DISCURSO DO GEN. TÁCITO TEÓFILO GASPAR DE OLIVEIRA, SUPERINTENDENTE DA SUDENE, NO BANQUETE EM QUE FOI HOMENAGEADO PELA PREFEITURA, ASSOCIAÇÃO COMERCIAL E CLASSES PRODUTORAS, NO DIA 29 DE DEZEMBRO DE 1970, NO CRATO TÊNIS CLUBE).

## VIAÇÃO VARZEALEGRENSE S. A.



A PIONEIRA EM TRANSPORTE DE PASSAGEIROS ENTRE O NORTE E O SUL DO BRASIL

VIAGENS DIRETAS COM CARROS SEMI-LEITO E TOILET A BORDO

### NOSSAS LINHAS :

- CRATO — SÃO PAULO via RIO
- IGUATU — SÃO PAULO via RIO
- JUAZEIRO — IGUATU via VARZEA ALEGRE
- JUAZEIRO — LAVRAS via VARZEA ALEGRE
- JUAZEIRO — SANTANA DO CARIRI via NOVA OLINDA

### MATRIZ :

PRAÇA FRANCISCO SÁ, 26 — FONE 248 — CRATO-CE.

### AGÊNCIAS :

- SÃO PAULO: Rua Cavalheiro N.º 58 — FONE: 93.1229
- RIO DE JANEIRO: Rodov. Novo Rio — FONE: 234.1605
- SALGUEIRO: "HOTEL SALGUEIRO" — PERNAMBUCO
- JUAZEIRO DO NORTE: Rua São Pedro, 1.046 — CEARÁ

VENDA DE PASSAGENS NA ESTAÇÃO RODOVIÁRIA DE SÃO PAULO NOS GUICHÊS 179 E 180, FONE: 221.0903 E NA ESTAÇÃO RODOVIÁRIA NOVO RIO - GUANABARA

# Coisas de ontem e de hoje

No silêncio da noite, quando todos dormem e o sono não chega, a gente começa a relembrar o que viu e ouviu na infância e vê, por dentro dos olhos, episódios daquelas estórias que a criança, mesmo turbulenta e desatenciosa ouve, grava e depois recorda.

Sempre o Crato, tão diferente de hoje, quando não havia luz elétrica, automóveis, telefones, emissoras de rádio, muito menos aparelhos de televisão.

Por êsse motivo, as famílias reuniam-se à noite em casa da avó comum uma velhinha de cabelos de neve, tão bonita que eu achava a minha Yayá, como os netos a chamavam.

Os grandes conversavam, as crianças brincavam, mas também ouviam coisas permitidas, porque fatos que saem hoje, com tanta naturalidade, de boquinhas infantís, não eram para meninas.

Intimidadas com um olhar ou um gesto a irem brincar, obedeciam, embora ficasse a curiosidade da coisa proibida.

Não falo da criança, porque essa se diverte de qualquer forma. Brincadeira na calçada da bicheira, bôca de forno, la condessa, esconde esconde por dentro de casa, bonecas ao chegar da escola, depois de fazer os deveres do dia seguinte, tudo são prazeres e risos.

Mas os jovens? Apenas o cinema mudo( na praça da Sé, inaugurado logo depois de Fortaleza, pela mesma empresa. Uma senhora tocava ao piano, valsas de Straus ou "Sobre as Ondas". A assistência parece que não gostou, preferiu a banda de música do Zé Chato. Pancadaria pra valer repercutindo na

**Aos amigos Dr. José de Siqueira Cavalcanti e sua esposa Adelina residentes na Paulicéa, ha mais de 30 anos.**

**Zuleika Pequeno de Figueiredo**

acústica do teto de zinco. Aquêles filmes de Carlito, Cowboy que não sei o nome, a paixão de Cristo, tudo tão sem naturalidade.

Era uma correria, gestos bruscos, exagerados.

Até Nossa Senhora, a imagem da piedade e do recato, era apresentada com tanta desenvoltura no andar, que, bem pensado, seria heresia.

Não havia clubes dansantes, nem se falava em balneários em lugares pitorescos, com piscinas bem cuidadas, como hoje. Só bailes familiares, em determinadas residencias, ou na chegada do intendente (prefeito), ou do único deputado, Antônio Luis Alves Pequeno. A sacada do sobradão da rua Grande, atual Dr. João Pessoa, repleta de gente. Parentes, amigos, correligionários, as crianças, metendo a cabeça por entre o arrendado das varandas de ferro, querendo ver também a recepção, com banda de música e fuguetório.

Quem falava em trem? Senador Pompeu, Iguatu, sei lá, eram as últimas estações. Para o verde Cariri, só as montarias, com arreios de prata dos coronéis e a tropa de burros, carregando, em surrão de couro, a rapadura afamada de nosso vale.

Depois de anos, promessas de políticos, interesse e prestígio de chefes da terra, coisa que não se acreditava, por tão longe e desconhecida, o engenheiro Francisco Sá, traz os primeiros tri-

lhous, por onde havia de correr, "o monstro de aço" no belo soneto "O TREM", de autoria de meu sogro, José Alves de Figueiredo.

Grande festa na inauguração. Música e fogos.

Ficou, por algum tempo, essa diversão — esperar o trem.

Encontro de namorados, rodinhas de políticos, mocinhas pelos passeios da Estação, à procura do príncipe encantado. Tudo isso pertence ao passado.

Hoje, apenas, se levam e se recebem, pessoas queridas, quando o horário convém. E a gente vai olhando... rua por rua, rostos diferentes, casas reconstruídas e volta-se a recordar.

Divertimentos raros, cidade bisonha, iluminação precária. Ao crepúsculo, um homem da Intendência, munido de escada, acima e abaixo, ia acendendo candieiros de querosene, colocados em postes, com lanternas para proteger a luz pálida e triste, contra a ventania.

Apasionados trocando olhares de longe, ou o Romeu na calçada e sua Julieta ao balcão da janela. Um aperto de mão, a promessa da volta no dia seguinte e tudo tão risonho e feliz.

Porque hoje, que ha tantos motivos de alegria, de gôso e liberdade, vê-se uma mocidade desiludida, saturada, sem graça, sem o brilho da juventude e aquêle riso espontâneo e despreocupado? Ainda não pude compreender.

E o pensamento vai andando...

O Barro Vermelho (hoje Bairro Vermelho), longe da cidade, subindo o morro. Um dos passeios para respirar o ar do campo. Só a minúscula capelinha, casebres afastados e uma casa habitável, com um piquizeiro na

frente. Servia para repouso. Famílias passavam dias para mudança de ares.

Lá estivemos e, pela novidade que tanto agrada às crianças, achavamos o máximo. À tarde, subiamos as escadas do patamar da igreja. O sino era pelo lado de fóra. Não resisti a tentação de puxar a corda e, o toque, assim fóra de hora, alarmou um pouco a pequena população do bairro.

Deviam ter suspeitado fosse incêndio em alguma palhoça. Havia, nessa época, o costume de repicar os sinos das igreais, a que davam o nome de **rebate**, para ajudar a extinguir o fogo, à custa de baldes dagua. Eram os bombeiros desse tempo.

Naturalmente que foi enérgica e bem merecida a repreensão de minha Mãe.

Andando um pouco, do lado oposto à cidade, o baixio, sempre verde. Já anteviam tudo coberto dagua, porque falavam na construção de um açude que nunca se realizou. Hoje são sítios. Laranjais e coqueiros, cazinhas caiadas. A cidade se estendendo môrro acima, do lado do Crato, não de mucambos, mas de boas construções, com iluminação de mercúrio.

Da bucólica igreja e da velha casa que chamavam do Pe. Monteiro, já desaparecida naquêl tempo, nem vestígios. O templo de S. Francisco, encimando o alto do Bairro Vermelho, dominando a cidade. Casas com quintais repletos de árvores copadas, escondendo as residências modernas e enfeitando a paisagem, abraçada pelo semi-círculo do Araripe, de azul contrastante.

Grande extensão dessa terra vermelha, até a propriedade adquerida pela "Norguaçu" de capital paulista. De lá irá trans-

portada a matéria prima de primeira qualidade das melhores do país, para a grande fábrica de cerâmica num dos suburbios do Crato, à margem do asfalto que nos liga à Capital do Estado.

Bairros outros, sempre subindo môrros e já descambando para o outro lado.

Seminário, Itaytera (antiga Bataeira), Vilalta, Estrada Nova, Caixa d'água e os distritos, quase ligados à cidade.

Assim é minha terra. De cada lado desse imenso vale, elevações, encostas, serras, lugares destinados ao turismo, se houvesse possibilidade de construções de casas de repouso, hotéis de férias, e restaurantes para fins de semana.

Não são mais bonitos, nem mais agradáveis os locais dos inúmeros clubes de campo de S. Paulo. Lá, dinheiro para tudo. Cá, a pobreza, a falta dessa mola que movimenta e constrói, quando ha boa administração.

Na capital paulista, as flores-tas e as montanhas são o refúgio para onde ocorre a população que tem condições de sair da poluição da grande mtrópole. É o ar puro que vivifica e alegra às crianças. Andam a cavalo, em charretes, passeiam de bote nos lagos artificiais.

Velhos e novos se distraem e aproveitam bem o domingo.

E o bairro do Pimenta? A Casa de Caridade, fundada pelo Padre Ibiapina em 1866, tão pobre e desprovida de conforto, dirigida pelas beatas, como chamavam as abnegadas criaturas. Ana Alexandrina, a superiora. Maria do Espírito Santo, a esmolar que, por sítios e fazendas, a tanger, a pé, um burrinho com a carga vasia, voltava com mantimentos para aquêle abrigo de orfãs desamparadas.

E tantas outras que já estão todas com Deus. Lá, era também um dos passeios. Um muro com portão, alamêda de altos coqueiros e pés de flôr de laranja, sempre floridos e perfumados, davam mais encanto a êsse lugar de recolhimento.

A longa calçada de tijolos gastos pelo tempo, no centro da antiga fachada, a capeliha onde Mons. Sother, às 5 da manhã, celebrava a santa missa.

Entrava-se primeiramente na casa de Deus. Os grandes rezavam, diante do Santíssimo, as crianças alinhavavam um sinal da cruz e corriam a brincar no grande pátio.

O Riacho Grangeiro, que tomava o nome de rio, sempre a correr, entre grandes pedras, era uma delícia de banho. Nesse tempo, a água não era tão poluída. Poucas habitações por perto, muito menos esgotos, despejando toda a sorte de detritos. Havia água abundante. Hoje, um filete, corre no verão. Devido ao terreno em declive, distando apenas 6 quilômetros da nascente, ao sopé do Araripe, na época das grandes chuvas, desce com fúria impetuosa, arrancando árvores e extravasando pelo canal que passa na cidade. Com o progresso atual, ha muito a saúde pública e os govêrnos deviam ter tomado sérias providências a bem da saúde pública.

No velho orfanato, habitavam crianças desamparadas. Aprendiam a ler, escrever, a contar. Faziam trabalhos manuais e a educação de que eram capazes as boas e ingênuas criaturas.

A grande casa de muitos metros de frente, além de bastante recuada, longe da estrada do Lameiro, hoje avenida "Antônio Luís", possuía, em sua pobreza, extensa área de terreno. Coquei-

ros, mangueiras e centenário tamarineiro, ainda hoje dando a sombra de seus 20 metros de altura. As beatas criavam galinhas, afim de contribuir com uma parcela de economia para o sustento da casa. Desejaram, um dia criar patos. Menino vivo e astucioso, ofereceu-se para arranjar ovos dessas belas aves, no "Alto da Matança", hoje Vilalta. Satisfeitas, receberam os tais ovos. Passado o tempo necessário, as avesinhas saíram, no lugar de patinhos, horrorosos urubús. Expantadas, consultaram o Capelão, Mons. Sother, o que deviam fazer, sem coragem de matar os futuros encarregados da limpeza pública.

O respeitável e austero sacerdote respondendo-lhes: "Deitam os ovos agora criem. Soltem quando estiverem em condições de voar".

Isso contou-me o sr. Jorge Saldanha, crônica viva de tudo que aconteceu nesse rincão, nos seus 85 anos de idade.

O Pimenta é o bairro que me ficou mais na retina. Havia pessoa da família, muito querida.

A calçada alta da casa de D. Tidinha Alencar, a padaria, onde o preto retinto, com apelido de "Doutor", amassava o pão, sacudindo nas costas, vendendo aos consumidores com o salzinho do suor. Dona Maricas de Secundo, num casarão, com jardins laterais, perfumados de jasmins. Madrinha Ritinha, prima irmã de meu pai, estimada de todos, por sua bondade, caráter enérgico e delicado ao mesmo tempo. Conselheira e amiga que inspirava confiança. Era a casinha dela o refúgio de suas amigas Pedroso, em dias de tempestade não havia para-raios, creio que só no telégrafo. Elas tinham pavor a relâmpagos, por isso, às primeiras

nuvens, ameaçando chuva ainda longe o ribombar dos trovões, prenuncio da borrasca, corriam à casa da amiga e começava o côro de rezas. Quanto maior o estampido, mais se elevavam as vozes. Na fúria da tempestade as pobrezinhas já nervosas diziam: "Ritinha, a Magnífica não presta não, vamos rezar a oração de Santa Maria Eterna". O fervor redobrava, mas o medo fazia vacilar a fé das boas criaturas.

Mãe e filha da casa grande de jardim e pomar, sofriam também do terror à tempestades.

Além das rezas, se muniam de guarda chuva de sêda, ramo benito na mão e vestidos de sêda do século passado, guardados nos velhos baús, para tais ocasiões. Assim pernoitavam.

Certa noite, passaram naquela indumentária, bem confiantes, porque lhes haviam dito que sêda isola.

O dia amanheceu, já os pássaros cantavam no quintal. Cesrou a tempestade. Verificaram então que o guarda chuva não era o de sêda. Havia dois, no canto da parêde e com a pressa em se defenderem das faíscas elétricas, enganaram-se na escôlha. À luz do sol, pelas frestas das janelas, se aperceberam que passaram a borrasca debaixo de seu abrigo de algodão.

Achei graça na estória, contada por Irineu Pinheiro e ficou-me na lembrança.

O tempo passou, ou nós é que passamos.

Tudo se transformou. Hoje ha para-raios por toda a parte. A vida, já tão cheia de preocupações, não ha mais lugar para esse terror, em noites de tempestades.

Em toda a cidade, outras ruas, outras casas, pessoas diferentes, outros jardins e outras flores.

Caminhões ?

Novos ou

Usados ?

**CADISA**

**CARUARU DIESEL S. A.**

*sempre um bom negócio!*

RUA SANTOS DUMONT, 23

TELEFONE: 552

CRATO

—

Ceará

# Clínica Radiológica Dr. Macário

DIREÇÃO :

*Dr. Heron Macário de Brito*

APARELHO DE 250 M A



RADIOGRAFIA DO CRÂNIO E FACE



ESTUDO RADIOLÓGICO DO ESÔFAGO,  
ESTÔMAGO E DUODENO



ESTUDO RADIOLÓGICO DO INTESTINO  
DELGADO E GROSSO



RADIOGRAFIAS DA COLUNA VERTEBRAL



UROGRAFIA EXCRETORA, ETC.

# Clínica Radiológica Dr. Macário

RUA SENADOR POMPEU N.º 420

TELEFONE : 523

CRATO — CEARÁ

# NERTAN MACÊDO ENFRENTA A TENTAÇÃO DO ROMANCE

O romance é uma das minhas tentações íntimas. Mas nunca o experimentei. Espero um dia escrever um romance. Mas confesso o meu medo diante dessa aventura. Acho que ser romancista é uma das coisas mais difíceis do mundo.

Esta é uma das muitas confissões feitas à nossa reportagem pelo escritor Nertan Macêdo, recentemente em Fortaleza, depois do sucesso obtido no Sul pelas suas "Cinco histórias sangrentas de Lampião", edição de bolso da Monterrey, a editora de José Alberto Gueiros. Nertan Macêdo está circulando na cidade e fugindo da publicidade. Prefere conversar com os amigos na Beira-Mar, pela manhã e à noite, descuidado dos problemas sérios com que se vê assoberbado no Rio de Janeiro. Ele é o diretor da revista da Confederação Nacional da Indústria, uma das mais importantes publicações econômicas do País. Mas é sobretudo o contador de aventuras de cangaceiros e beatos do Nordeste, particularmente de Lampião, o grande Capitão do Sertão.

## O NORDESTE INESGOTÁVEL

Perguntamos a Nertan Macêdo se o tema cangaço empolga também o brasileiro do sul.

— Claro — foi a resposta. O Nordeste, em matéria de histórias, é uma região privilegiada. Temos muito o que narrar ainda. O Nordeste é inesgotável. Veja, por exemplo, o caso do meu recente livro sobre a curiosa figu-

ra de Floro Bartolomeu, o mentor do Padre Cícero. Pouca gente no sul sabia acerca do caudilho baiano que montou tenda no Juazeiro. Mesmo aqui no Ceará, tirando os mais velhos. Floro era uma figura pouco conhecida. O livro chamou a atenção de muita gente, lá e cá, para a fisionomia desse médico e político esquecido, que teve uma existência atribulada e aventureira, muito parecida, sob alguns aspectos, com a do seu conterrâneo das Lavras Diamantinas, o célebre coronel Horácio de Matos. Creio que depois da publicação do meu livro ninguém poderá mais repetir aquelas velhas histórias, de que Floro era um bandido e um médico analfabeto. Creio haver feito justiça a esse homem tão injustiçado na crônica do Ceará. Floro era um homem inteligente, forte e capaz. No entanto, sua memória era execrada por muitos e sua figura acutilada de todo lado. Restaurando-lhe retrato, sem a preocupação da apologia ou do ataque, creio haver prestado um serviço à minha terra e a esse morto tão violentado por certos cronistas de facção.

## LAMPIÃO AINDA É REI

A conversa prossegue naturalmente. Perguntamos a Nertan Macêdo se ele ainda contará ao povo histórias do Capitão Virgulino Lampião.

— Espero que isso aconteça — foi a resposta. Meu amigo o editor José Alberto Gueiros dese-

ja dois novos livros de bôlso contando as aventuras sangrentas do Capitão do Cangaco figura sinistra, é bem verdade, mas que exerce um enorme fascínio sôbre as populações brasileiras. Basta dizer que as "Cinco histórias sangrentas de Lampião" se esgotaram praticamente nas chamadas 100 cidades de ouro para o livro de bôlso. Essas cidades, grandes consumidoras de literatura popular situam-se nas imediações da Guanabara, no Estado do Rio, Minas e São Paulo. Restaram não muitos exemplares para o resto do País. Lampião, particularmente, enche a imaginação das gentes simples. Creio que o Padre Cícero Seria outro excelente personagem para uma edição de bôlso. Tenho discutido isto com o meu editor e talvez a Monterrey lance uma biografia popular do Santo do Juazeiro. Porque o Padre Cícero é outro herói popular, hoje não apenas do Nordeste, mas do Brasil. Em São Paulo, por exemplo, há uma intensa curiosidade em tôrno do Taumaturgo do Juazeiro.

### ANTÔNIO CONSELHEIRO

Outro personagem literário de Nertan Macêdo é o cearense Antônio Conselheiro, o beato famoso da guerra de Canudos. Pedimos ao escritor que nos dissesse algo a respeito do seu livro Antônio Conselheiro, editado no Rio por Hermenegildo Sá Cavalcante.

— Antônio Conselheiro foi um livro escrito com o coração. Com a alma. Pena que a edição tenha sido pequena, mas esgotou rapidamente. No entanto o Conselheiro, talvez pela distância no tempo, não desperta tanta curiosidade como Lampião e o Padre Cícero. De vez em quando, porém, recebo universitários pau-

listas, cariocas e mineiros empenhados no conhecimento dêsse extraordinário místico cearense do século passado. O misticismo desperta muito interesse nos meios universitários. Teses sôbre o assunto se multiplicam por aí afora. E o Conselheiro é realmente uma figura fantástica. No dia em que o Brasil tiver um cinema de verdade, nesse dia Lampião, Padre Cícero e Antônio Conselheiro levarão o Nordeste a tôdas as telas do mundo. Infelizmente, o que anda por aí em matéria de cinema — explorando temas e coisas do Nordeste — é uma bruta palhaçada. Eu não consigo levar o Gláuber Rocha a sério, pode acreditar. Aquêlê Antônio das Mortes foi a coisa mais bêsta que já vi na minha vida. Aquilo não é Nordeste. Quando muito é o ex-deputado Tenório Cavalcantii quando "operava" em Caxias, de lurdirinha na mão e capa preta nos ombros.

### CINEMA E NORDESTE

— Você que acha dos filmes de cangaço que aparecem por aí?

— De um modo geral, péssimos. O filão é maravilhoso, mas tem sido explorado por quem não o conhece. Veja bem: em matéria de cangaço no cinema o que de melhor aconteceu entre nós ainda foi "O Cangaceiro" de Lima Barreto. Depois de Lima Barreto, o "Quelê do Pajeú" do Anselmo Duarte. O resto não vale a pena ser visto. Filmes feitos na base da exploração comercial de um tema que exige um tratamento de classe. Aquêlê "algo mais" do cangaço está ausente dessas produções que acabam tornando ridículo o cangaço, como aquelas fitas "em massa" dos americanos cobriram de ridículo o "bang-bang". Te-

nho receio de que qualquer dia os italianos, que são mestres na imitação, para não dizer na molicagem cinematográfica, decidam "fabricar" pelúculas explorando os nossos cangaceiros. Aí será o fim. Desconfio que o nosso cinema anda nas mãos de gente bem mediocre. Para desgraça nossa, é claro. Mediocre e, o que é pior, metida a sofisticada. Entendeu?

### UM GRANDE FILME

Nertan Macêdo fala ainda:

— Olhe, eu se fôsse fazer cinema, escolheria o Ceará para o meu cenário. E faria, de saída, um filme de curta metragem. Não filmaria nenhuma história dos nossos romancistas, que são muitos bons. Sabe o que eu projetaria na tela? O poema "Terra Bárbara", de Jáder de Carvalho. Há mais cinema naquêlo poema do que em muita história que anda por aí. Através do poema de

Jáder eu mostraria a grande tragédia da nossa terra. Só a paisagem do Quixadá daria um tremendo impacto. Os lambões do cinema brasileiro pensam que o povo só gosta de porcária. Lêdo cego engano. O povo gosta do que é bom. Se consente no ruim é porque só lhe oferecem coisa ruim.

### RETORNO AO RIO

Nertan Macêdo está retornando ao Rio. Foi ao Crato, sua terra natal, onde reviu os amigos de infância que lá permaneceram. Passou pelo Juazeiro do Padre Cícero. Tomou banho de bica nas nascentes do Araripe. E banho de mar na praia de Iracema e do Futuro.

— Enfim — comentou êle, finalizando a conversa no Rio de Janeiro. Mas, se Deus quiser e Nossa Senhora permitir, para o ano estarei de volta para uma nova "respiratória" na minha terra. (Jornal "O Povo" 6.2.71)

CÔRES FIXAS

PREÇOS FIXOS

# A PERNAMBUCANA

## TECIDOS

O MAIOR SORTIMENTO DA CIDADE

RUA DR. JOÃO PESSOA N.º 287 — CRATO - CEARÁ

CAIXA POSTAL 1

FONE: 479

# Fábrica Fortaleza

M. DIAS BRANCO S. A. — Comércio e Indústria



A MAIOR FÁBRICA DE MACARRÕES E  
BISCOITOS DO NORDESTE DO BRASIL



SÓ FABRICA PRODUTOS  
DE SUPERIOR QUALIDADE



*DEPÓSITO DO CARIRI:*

RUA SENADOR POMPEU N.º 11

C R A T O



C E A R Á

# ASPECTOS INTERIOBANOS

Analisando o conteúdo da matéria divulgada através da revista ITAYTERA, constatamos uma omissão que somente se justifica como desinteresse manifestado pelos dirigentes daquela importante obra de cultura e de progresso.

Indiscutivelmente o Crato possui valores em vários tipos de atividades intelectuais. Poetas, jornalistas, escritores, compositores, caricaturistas, gravadores, desportistas formam um conjunto de projeção social no meio em que pontificam. Contudo, essas mesmas atividades são exercidas a custa de idealismo e da inteligência do elemento humano radicado na desenvolvida região caririense.

Existe, no Crato, uma entidade que prestou e continua prestando inestimáveis serviços ao seu povo. O Grupo Teatral de Amadores Cratenses, fundado por homens devotados, tem uma história cheia de fatos impressionantes da vida de uma comunidade. Evocamos o período em que Waldemar Garcia dirigiu, com raro talento, a instituição de cultura artística. Nessa época mencionamos os nomes de Salviano Saraiva Arraes, Icléa Teixeira, Carlos Pedro de Alcântara, Raimunda Parente, Joaquim Felipe Ribeiro da Silva, João Ramos (atual funcionário da TV cearense pertencente aos Diários Associados), Geraldo Pereira, José Helder França, Neide França, Iéda França, Raimunda Macêdo. As encenações de peças nacionais empolgavam a assistência. Obras de Paulo Magalhães, Luís Iglésias, Joracy Camargo, Mário Lago, Oduvaldo Viana e outros brasileiros eram encenadas cuidadosa-

mente pelos amadores cratenses.

José Correia Filho, ainda muito jovem, ingressou na carreira artística, demonstrando aptidão para a difícil tarefa de contracenar no palco. O rapaz conseguiu projetar-se, dentro de pouco tempo, conseguindo, naquela época, popularidade fóra do comum. Os nossos artistas realizavam trabalho digno de encômios, considerando-se o seu desprendimento de fisionomia apostólica. Os meninos conquistaram sucessos durante temporadas monumentais. Casas cheias de espectadores entusiastas. Amarílio Carvalho, fiel discípulo de Soriano de Albuquerque, estêio indestrutível do G. T. A. C., ainda hoje alimenta o desejo incontido de contribuir para o aprimoramento da juventude caririzeira.

Destarte, a crônica dos nossos amadores está impregnada de atos e acontecimentos palpantes na vida teatral do povo cratense. ITAYTERA poderia reservar duas ou três páginas em cada número para colaboração sob a responsabilidade dos que dirigem o Grupo de Amadores. Todos sabemos a influência da arte cênica no meio da mocidade ciosa de glórias e lances aventureiros. É, o teatro, setor de indiscutível valor cultural e moral. Através da arte transmitimos mensagens de penetração indefinida, em todas as áreas populacionais.

O prof. J. de Figueiredo Filho, outro baluarte do progresso cultural do Cariri, identificado com o pessoal do teatro, acolherá a nossa sugestão, cuja finalidade reside, exclusivamente na promoção do teatro cratense bem como dos seus mais categorisa-

# ACADEMIA TEM NÔVO IMORTAL

LETRAS & ARTES

## "ITAYTERA" N.º 14

Antônio Girão Barroso

O folclorista J. de Figueiredo Filho, do Crato, é o mais nôvo imortal da Academia Cearense de Letras, sufragando ontem por 30 votos contra apenas um dado ao escritor Otacilio de Azevedo, na disputa pela cadeira 34, deixada vaga com a morte de Dolar Barreira e cujo patrono é Samuel Felipe de Sousa Uchôa.

A eleição principiou-se às 16h 30m de ontem, quando o presidente da Academia, escritor e jornalista Eduardo Campos, abriu a sessão, secretariada pela belettrista Nenzinha Galeno, e designou os acadêmicos Renato Braga para presidir o pleito e Milton Dias e Otacilio Colares para funcionarem como escrutinadores.

### O NOVO IMORTAL

J. de Figueiredo Filho tem-se destacado pelo cunho regionalista de suas obras. Fez publicar várias obras, a seguir discriminadas: "Renovação", romance, em 1941, pela Editora Odeon de São Paulo; "Meu Mundo é uma Farmácia", memórias, em 1948, pelo Instituto Progresso Editorial; "Engenhos de Rapadura do Cariri", em 1958, pelo Serviço de Informação do Ministério da Agricultura; "Folclore no Cariri", em 1962, pela Imprensa Universitária, e, por último, "Folguedos Infantis Caririenses", à lume no ano passado. (O Povo 21.11.69).

O Instituto Cultural do Cariri, fundado há 17 anos e que sem a menos dúvida, um dos pontos mais altos da vida intelectual do nosso Estado, tendo à frente essa figura notável de historiador e homem de letras que é J. de Figueiredo Filho, acaba de editar, lá mesmo no Crato, onde tem sede, o 14º número de sua revista "Itaytera", que, pode-se dizer, está cada vez melhor, estampado nas suas páginas matéria que é ao mesmo tempo boa e variada. Vale a pena transcrever, para que os leitores sintam de perto o interesse dêsse número a relação completa dos trabalhos nêle inseridos. Isso, faremos noutra oportunidade, comentando se possível alguns dos seus textos, que nos chamaram particularmente a atenção. Neste breve registro, queremos mencionar de logo, entretanto, as colaborações assinadas pelo próprio presidente do Instituto, uma das quais intitulada "A Civilização que veio pelo S. Francisco", divulgada aliás, pelos "Cadernos Brasileiros", do Rio, bem como pelo General Raimundo Teles Pinheiro, breve mas substancioso estudo a respeito da Independência Nacional, pelo Monsenhor Rubens Gondim Lóssio (Dom Francisco de Assis Pires, estudo), por José dos Anjos Dias (Emba'e humano e descoberta pré-histórica), pelo Major Cláudio Moreira Bento (História da indústria do charque gaúcho fundada por um cearense 1780 a 1830) e por Aires de Montalbo, sôbre o Padre Serafim Leite S.J.

dos valores. O trabalho dependerá de coordenação de esforços e sadio entendimento.

D. P. 30.9.69

# FOLGUÊDOS INFANTÍS

ANGELA DELOUCHE

Vice-diretor da Faculdade de Filosofia da Universidade Federal do Ceará, o prof. J. de Figueiredo Filho é também um apaixonado pelo nosso folclore, já contando, em sua bagagem de escritor com o estudo intitulado "Músicas de Couro do Cariri" em 1951 e em 1962 com "O Folclore no Cariri" dá-nos agora "Folguedos Infantís Carienses" onde relata as brincadeiras de meninos e de meninas de antigamente, no seu tempo de criança, quando a cidade era uma pequena ilha, com ruas de nomes sugestivos e não impostos por decretos e afixados em chapas esmaltadas, mas obedeciam tão somente a fatos circunstanciais.

Das brincadeiras que relata é interassantíssima a dos cacos de louça, cacos êsses que funcionavam, entre os meninos de seu grupo e de outros da cidade, como dinheiro. Santinhos, folhetos e outros objetos eram vendidos a trôco de cacos de louça. Mas, atenção, tinha de ser de lonça florida. Os meninos desprezavam os cacos brancos, em que não aparecia nada. O local dos achados, era, evidentemente, o lixo, onde as donas-de-casa e as empregadas jogam o prato ou terrina, bule ou xícara quebrada. Para desespêro das mães viviam êles, os meninos, e no meio dêles o prof. J. de Figueiredo Filho, no lixo, à beira de um riacho na procura dos cacos floridos. Imagine-se a alegria de um dêsses garotos quando em casa dêles alguém quebrava uma peça de louça toda florida. E isso, antigamente, era muito comum. Lembro-me, ao ler deliciada êsse

trecho do livro, de "Brinquedo Proibido", o grande filme francês em que as crianças brincavam de cemitério de animais, roubando cruzeiros para dar autenticidade ao brinquedo. Cada peça quebrada e ajuntada em cacos tornava, da noite para o dia, o seu proprietário rico e êle saía "snobando" com os bolsos recheados, tilintando, entre os amigos.

Interessante registrar a brincadeira de João Galamarte, de origem catalã: "El Gronxador". Eis em que consiste: "Pegava-se uma banda ou lasca de carnaúba, plainava-se por dentro, tiravam-se os nós qu e havia por fora e no centro abria-se buraco a formão e a fogo. Feito isso enfiava-se um pau preparado no chão. Estava pronto o galamarte. Os meninos montavam nas duas extremidades e começavam a rodar. Para que o galamarte cantasse (à maneira dos carros de bois nordestinos) usava-se sêbo, carvão e gás. Havia um versinho que dizia:

"João Galamarte  
De pau e colher  
Que vendeu a mulher  
por um dedo de mel".

O autor junta aos versos a pauta musicada, não somente para o galamarte como para diversas danças de rodas de meninas, de origem européia como "As Filhas da La Condessa", "A Senhora Viúva" entre outras com versões já modificadas e regionais.

O Crato tem uma fabricação própria de bonecas, de cabelos de algodão de barriguda, circunstância que faz com que as bruxas de pano sejam tôdas louras, bem ao contrário das mãozinhas infantís, moreninhas e tostadas que com elas brincam de mãe de família.

A dança de roda que em Pernambuco é cantada com "de ma-

# Livros da Minha Estante

Valdemar Alves Pereira

1 — “Guerras Platinas no 2.º Reinado”.

O Gen. Raimundo Teles Pinheiro é incansável no realçar as glórias do seu país. E com que elegância o faz! Como que empresta à sua frase o garbo do seu porte militar. Incute no que escreve e nas palestras que profere um tal vigor, que incita no leitor ou ouvinte raro calor patriótico, alto entusiasmo cívico.

Afirmo-o e tenho razões para isso. Veja-se a sua bagagem literária. “Invasões Francesas e Holandêsas no Brasil” é de 1956. “A Heroína e os Bravos” foi publicada em 1957. Data de 1959 o “Esbôço Histórico do Crato”. Em 1967 veio a lume “Aspectos Políticos da Guerra do Paraguai”. E por último, este ano, editou “Guerras Platinas no Segundo Reinado — Projeção de Caxias na Guerra contra o Governo do Paraguai”.

É sempre com prazer que recebo as obras de sua autoria. Admiro-o como militar e como cavalheiro de fino trato. E lhe venho observando, desde quando cursava o ilustre filho do Crato o Colégio Militar do Ceará, o seu valor moral, a sua personalidade. O meu testemunho, nesse sentido, é fidedigno, porquanto esti-

---

re, maré, maré”, no Cariri é “demavé” e o autor baseia sua origem na ciranda francesa que diz assim:

“Je suis pauvre, pauvre, pauvre  
Je m'en vais, m'en vais

Je suis pauvre, pauvre, pauvre  
Je m'en vais d'ici que originou  
o “mavé decè”.

vemos ambos sob o comando do saudoso General Eudoro Correia, naquêlê conceituado estabelecimento de ensino.

A trajetória da vida militar do Gen. Teles Pinheiro motiva justo orgulho à terra cearense, notadamente à região que nos é comum — o Cariri, a que êle honra sobremaneira. Apontam-se, entre as funções que desempenhou galhardamente, os comandos, nesta Capital, do C. P. O. R. / 10, da Escola Preparatória de Cadetes e do Colégio Militar; e a chefia do Estado Maior da 10a. Região Militar.

“As Guerras Platinas no 2.º Reinado” chegou às mãos em boa hora. Significou uma sequência, uma continuação do assunto da leitura que me prendia. Lia, então, “Fronteira em Marcha”, de Renato de Mendonça. E versa êste, inicialmente, sobre a colonização portuguesa e espanhola na América. Em seguida se refere à projeção continental do Império do Brasil, ou melhor, ao Brasil em face da geopolítica do Prata (1828-1853). Renato de Mendonça finaliza o seu ensaio com uma visão conjuntural do panorama do mundo, mas a sua perspectiva histórica já se encontra desatualizada. A obra é de 1956.

“Guerras Platinas no 2.º Reinado é inteligentemente planejada, de forma a levar o leitor a conhecer os antecedentes, a atuação de Oribe e de Rosas, a intervenção no Uruguai de Aguirre, para, afinal, atingir o seu fito primordial — a projeção de Caxias na Guerra contra o Governo do Paraguai.

A obra em aprêço, além de constituir incentivo às expansões patrióticas da juventude, contribui para o enriquecimento da historiografia brasileira.

# TROVAS

Para ITAYTERA

Ildebrando Sisnando

Trova que não fala em beijo,  
saudade, meiguice, amor,  
nem mesmo ouvi-la desejo,  
não tem perfume esta flor.

Se rasgares o meu peito,  
dentro dêle hás de encontrar,  
um coração já desfeito  
e uma cruz em seu lugar.

Quando entrares numa igreja,  
lembra-te de mim também.  
Pede a Deus que me proteja  
e muito mais a meu bem.

Em teu coração plantei  
uma semente de amor.  
Quando teus lábios beijei,  
colhi a primeira flor.

Eu me sinto como um rei  
quando te vejo a meu lado.  
Teus lábios hoje beijei:  
começou nosso reinado.

Tu me disseste, sorrindo,  
que me queres com ardor.  
Desde então até dormindo,  
eu só penso em nosso amor.

Meu coração pede esmola,  
vagando humilde nas ruas.  
O que dão não o consola,  
só recebe esmoladas tuas.

O presente que me deste,  
tem pra mim grande valor.  
Com um beijo tu quiseste,  
me dar todo o teu amor.

As rosas, por serem belas,  
desabrocham entre espinhos.  
São como certas donzelas:  
virgens também de carinhos.

O sorriso em tua idade  
é desabrochar de flor,  
é mensagem de amizade,  
é alvorada de amor

A suprema despedida  
também se faz com um beijo,  
e se a dor não é fingida,  
mais expressiva não vejo.

Muita tristeza revela  
quem um só filho não tem.  
Ao morrer é só da vela  
que uma lágrima lhe vem.

Uma roseira plantei  
de intenso, lindo verdor.  
Com teu nome batizei,  
cobriu-se tôda de flor.

Se pudesse ir nesta carta  
realizar os meus desejos,  
de abraços ficavas farta,  
e eu só queria mil beijos.

O retrato que perdeste,  
por mim foi logo encontrado.  
Parece até que escolheste  
o destino a êle dado.

Eu passo a vida sonhando,  
sonhando mesmo acordado,  
que adormeço te beijando,  
e acordo sendo beijado.

A trova que me enviaste  
escrevi no coração.  
Se em amor não me falaste,  
dêle foi demonstração.

Quem ama já mais esquece  
a deusa do seu amor,  
que nos lábios oferece  
o néstar de uma flôr.

# TROVAS

Para ITAYTERA

Ildebrando Sisnando

Se você na mocidade  
muitos beijos recebeu,  
pode morrer de saudade,  
mas de amor você viveu.

Tomaste o nome da rosa.  
e dela te veio a côr.  
A tua bôca mimosa  
também me lembra essa flor.

Quando estou ajoelhado,  
embevecido a teus pés,  
ao céu penso ser levado,  
pela santa que tu és.

Teu sorriso vale um beijo,  
um beijo teu, um noivado.  
Que céu de amor anteveio,  
para quando for casado.

Entronizei teu retrato  
dentro do meu coração,  
mas se mudou o ingrato,  
quando a outro deste a mão.

A minha felicidade  
em um beijo começou,  
e a tua imensa bondade  
pela vida a prolongou.

Meus lábios você beijou  
ao fazer a despedida.  
Uma coisa me ensinou:  
num beijo começa a vida.

Quando Maria beijou  
a palma da minha mão,  
um M nela deixou  
em paga de um coração.

Na festa do meu amor,  
tudo se vende a varejo.  
Não há mais de um comprador  
e pago tudo com beijo.

Com mil beijos escrevi  
meu nome na tua mão,  
e logo após descobri  
o teu no meu coração.

Um beijo em rua deserta  
torna um encontro feliz,  
e é melhor quando se acerta  
entre o queixo e o nariz.

Se você me remeter  
o seu nome e endereço,  
mil beijos vai receber,  
e um coração é o preço.

Tudo cabe em um beijo,  
até mesmo um grande amor,  
mas não me dás um ensejo  
de demonstrar com ardor.

Quantas vêzes te beijei  
contigo estando a brincar,  
mas eu nunca desejei  
como agora um beijo dar.

Todos beijam com ardor  
a bôca da namorada;  
é linda fonte de amor  
que jamais foi esgotada.

No dia em que te beijei  
de dormir eu me esqueci,  
porém nunca esquecerei  
o que beijando senti.

Minha casa está vazia,  
bem longe foste morar.  
Dela fugiu alegria,  
saudade ocupa o lugar.

Um grande amor com ciúme,  
da vida estorva o caminho.  
É como flor com perfume  
em planta de muito espinho.

# Mistérios dos Mistérios do Universo

JOSÉ DOS ANJOS FILHO

Assunto da natureza que vou tratar, nesta época ofuscada pelo materialismo, aguardente e outras bebidas semelhantes, quem ousar falar sobre o assunto, arisca-se ao ridículo.

A humanidade está procurando viver com os olhos vendados, como criança que brinca de cebra-cega. Tapando os olhos com a faixa negra, criada pelo desejo exagerado de prazeres, concriados no executar do livre arbítrio que possuímos.

Deus está esquecido por grande parte de gente, as cousas sagradas vivem desprezadas e, foram substituídas por dinheiro e mulher, pagode e bebedeira. Não existe mais o menor vestígio do sinal de respeito, que era cultivado pelos homens do passado e, empregavam-no rotineiramente entre si.

Isto, com exceção de uma minoria, conservadora dos dotes dos nossos antepassados, que nos deixaram diretrizes sadias, estabilizadoras dos nossos costumes.

Em nosso planeta, somos envolvidos por fluidos magnetizados, procedentes de infinidade de astros. A maior predominância é exercida pela proeminência dos astros Sol e Lua, que nos enviam magnetismo em abundância.

Grande parte da vida animal e vegetal, deve seu valor principal ao magnetismo lunar e solar. Sem eles, seríamos núlidade no campo da existência. As aparentes minúsculas estrêlas, enviam-nos também suas contribuições.

A Lua, vizinha e amiga da Terra, exerce sobre os REINOS DA NATUREZA influência incalculável, tendo seu domínio principal na procriação e levar a efeito a caracterização dos sexos. Isso, dá aparência de lenda, porém, são normas e diretrizes fundamentais expressas da verdade.

Os fluidos magnéticos que recebemos dela, tornam-se objetivo diligente e positivo na formação dos seres, principalmente na distinção dos sexos como acima elucidiei.

Tudo isso, em conformidade com o quarto lunar que se realiza o encontro carnal, dando ocasião gerar macho ou fêmea.

Se não tivéssemos a influência da Lua como atuante na caracterização dos sexos, seríamos todos machos ou inversos.

Aceito estas e não aquelas, pelo princípio que vou expor. Revela-nos o ocultismo que, quem surgiu primeiro foi a mulher e, fertilizava sem auxílio de varão porque não tinha.

O ato fertilizador era realizado em cerimônia de sentido esotérico com absoluta moralização, sem despertar sensibilidade. A moça ou mulher, entrava nágua até dar-lhe à cintura, sem despir-se de suas vestes, aí então, recebia dos Deuses o que procurava.

Quando a Terra passou a receber da Lua influências magnéticas, apareceu o sexo masculino para acasalar, não havendo mais

necessidade de utilizar aquela maneira para proliferar.

Daí então, vem seguindo estima geral para a continuidade da procriação, segundo o querer ou manifestação do Poder Divino.

Este assunto, acho que seja digno de ser pesquisado pelos homens de ciência, que façam fecundar animais e observem as particularidades ocorridas dentro do lar, sem esquecer de anotar a conjunção da Lua em relação ao Sol e a Terra, para quando nascer a criança ou o animal, abeirarem-se dessa verdade. Os meninos e os animais machos sempre nascem em determinado quarto de lua, as meninas e as fêmeas dos animais em outro diferente, nunca coincide a ambos nascerem na mesma fase lunar.

A teoria genética e a biologia, estão bastantes desenvolvidas, porém ainda não estão completas, perdurando mistérios insondáveis nestes assuntos, que até agora não foram identificados.

Os geneticistas terão muita dor de cabeça, para achá-los nos insondáveis abismos em que a NATUREZA os guarda. Oh NATUREZA, graças te dou, por revelar aos humildes e pequeninos, algo da tua incomensurável prodigiosidade e, ocultado-a a muitos sábios.

A NATUREZA não é egoísta e sim altruísta, apresentando-se através do seu poder e oferecendo suas dádivas para quem a procura.

O dever é nosso em procurá-la e fazer-se amigo dela, para receber dos seus tesouros, sabedoria e algo mais de suas riquezas que ainda estão virgenc ou inexploradas.

Ao plantar sementes, para haver abundância na colheita, a fa-

se propícia para plantio ou semeadura, é o quarto crescente.

Quando se deseja tirar madeira para construção, deve ser cortada no período do escuro, isto é, por ocasião do minguante, meio pelo qual de evitar a madeira apodrecer.

Nas intervenções cirúrgicas o satélite da Terra influência bastante. Se os cirurgiões procurassem obedecer a fase da Lua, indicada para operar, deixaria de haver casos fatais como também hemorragia, excetuando-se as enfermidades que só desaparecem com a extinção do corpo físico.

Quantas vítimas humanas, poderiam ter tido melhor sorte em operações cirúrgicas, que lhes causaram fortes hemorragias e, às vezes até a morte, em consequência do operador fugir da observância da fase lunar, em que a preponderância é benéfica.

Só deveriam operar fora de época própria, em caso de urgência.

O que acabo de expor, é considerado antiquado pelos modernistas, acham que isso não passa de superstição, alegam que o tempo presente, não permite mais, que façam uso daquilo que nossos avós tinham por hábito.

Agora, rotulado pelos entusiastas do modernismo como obsoleto.

Classificação inadequada e inadmissível para fatos de natureza que têm existência específica, dão origem ao extermínio do mal e produzem bem-estar aos seres.

Nossa ancestralidade não era como muitos pensam, que possuía mentalidade entanguida e cheia de superstição. O que os descrentes supõem que seja cren-

dice, os frutos colhidos dela, provêm de força das forças da NATUREZA, que Deus os deixou para atender as necessidades de quem procura colhê-los. Antigamente, os animais, só recebiam capação, na ocasião do tempo adequado que a Lua oferecia para êsse fim, a fim de evitar hemorragia ou extinção da vida, provocada pelo insucesso operatório. O período indicado para tal fim, é quarto minguante e não outro.

Minha saudosa mãe, transformou muitos frangos em capões, pelo processo de castração. Obtinha bom êxito nas operações, porque observava o período que a Lua nos proporciona.

A Lua tem demonstrado que, tamanho não é documento. A Terra com todo o seu volume, torna-se para seu satélite verdadeiro gigante, e, então tem capacidade ou não quer anular, as influências da Lua exercidas sobre ela. Tem demonstrado tolerância e passividade ilimitadas, pois, por lógica, o maior domina o menor. Não sabemos qual a razão disso acontecer, só mesmo eles sabem explicar êsse pormenor.

A Lua é tão enxerida que, intromete-se nas particularidades das Evas, tomando parte no que não lhe diz respeito.

Os eclipses da Lua, provocam nas plantas, efeitos danosos. Os influxos magnéticos daquele astro, têm preponderâncias sobre nossa saúde, muitas enfermidades, são oriundas dêles, não atinamos que sejam pertencentes à Lua.

Os vegetais, apresentam maior ou menor quantidade de seiva, em conformidade com o aspecto da transição lunar, exibido ao nosso globo.

Cada fase da Lua, tem tendência para aumentar ou diminuir, o líquido nutritivo das plantas. Se o quarto lunar é crescente, a seiva vai aumentando até a Lua tornar-se cheia. Acontecendo o oposto depois que passa para o minguante, mesmo sem lhes faltar irrigação.

Os papagaios nascidos em ôcos de BARAUNA e EMBIRAÇU, apresentam rudez e são de plumagem com ligeira diferença nas côres, em comparação aos nascidos em outras árvores.

Atribuo a causa enigmática dêsse fenômeno, às influências do Sol ou da Lua, porque encontram naquelas duas espécies do REINO VEGETAL maior ou menor acolhida.

Nos domínios de Netuno, a DEUSA DA NOITE é metidicha, impossibilita aquêl imperador do mar, tolhendo-o de seu poder em fazer valer sua autoridade, no âmbito das suas possessões.

Como que, por vingança de ciúme, a Lua, forma preamar assustadora com ondas encapeladas, outras vezes, ressacas destruidoras na esfera de ação do rei Netuno.

Ela tem demonstrado que é bela e sedutora, conjeturo que, por causa dos seus atrativos, a Terra e Netuno seus admiradores, cheios de atração cupidinosa, sujeitam-se aos seus caprichos.

O amor é lei universal, nenhum astro foge dêle, eis porque, o soberano Netuno e o planeta terrícola, consentem e cedem tudo a Lua, sem oposição e regateio.

A Lua com ciúme da Terra, por ela ter consentido que Netuno, estendesse seus domínios aos oceanos, castiga-a com o seu po-

der magnetizante, para abandonar o soberano e dedicar-se somente a ela. Onde existe amor também há ciúme, sendo que, o zelo amoroso dos corpos celestes, é diverso do nosso.

O ASTRO REI — O Sol, fonte oniparente na vida terrena, mas, tem sua porção atrofiadora. Temos que nos conformar, porque não há jeito para fazer desaparecer o enfraquecimento que nos causa.

Como na vida não há felicidade completa, vamos levando aquela e, tolerando tudo que o Sol nos sobrepõe, com o acarretamento dos seus obstáculos.

Há época, em que o Sol per-

turba as comunicações radiotelegráficas, trazendo prejuízo e atraso no recebimento e encaminhamento das mensagens.

Pertence a culpabilidade sem receio de cometermos injustiça por incriminá-lo, pois, toda vez que surge manchas em sua face, aparece o fenômeno perturbador.

Estaria êle também com uma pontinha de ciúme? Pelo motivo aparente do amor poético existente entre a tríade — Terra, Netuno e Lua?

Algo existe, que o Sol por circunstâncias alheias ao nosso conhecimento, faz sentir a sua mágoa e, seu gesto denuncia o seu intento.

---

Recife, 15 de fevereiro de 1971

Ilustre confrade J. de Figueiredo Filho:

Vi, em mãos de uma jovem cearense, um exemplar da revista ITAYTERA e fiquei curioso de ler. Gentilmente, ela, que se chama Sônia Maria Gomes de Matos Medeiros, me emprestou. Trata-se do N.º 12 - 1968.

Não conheço nenhuma revista cultural de cidade interiorana, brasileira, melhor que ITAYTERA. Estou vivamente interessado. Gostaria de receber, já não digo números atrasados que, talvez não existam mais, porém os de 1970 por diante. Será possível?

Quanto ao confrade, ficarei muito contente e honrado em conhecê-lo pessoalmente — o já conheço de nome, através da referida revista e do Luís Delgado, numa crônica publicada do "Jornal do Comércio", sobre a HISTÓRIA DO CEARÁ.

Estou, nesta data, remetendo-lhe pelo correio, um exemplar da HISTÓRIA DO CABO, de minha autoria.

Sem outro assunto, para a oportunidade, preveleço-me do ensejo para protestar ao ilustre historiador a minha estima e subida consideração.

Cordialmente,

Israel Felipe

---

NOTA: — A História do Cabo é ótima contribuição para os conhecimentos históricos de Pernambuco e escrita com riqueza de conhecimentos e precisão de estilo. J. F. F.

# Aliança de Ouro S. A.

COMÉRCIO — INDÚSTRIA — AGRICULTURA

M A T R I Z

Rua São Pedro, 379 - Fones : 340 e 539

Teleg.: ALIANÇA - Caixa Postal 17

JUAZEIRO DO NORTE — CEARÁ

DISTRIBUIDORA

DA

CIA. SIDERÚRGICA NACIONAL

Chapas pretas e galvanizadas

DISTRIBUIDORA

DA

CIA. GOODYER DO BRASIL

Correias industriais e mangueiras

DISTRIBUIDORA

DA

CIA. SKF DO BRASIL

Rolamentos

AGENTES EXCLUSIVOS DA OLIVVETI

C A S A R O S A D A

Tecidos

A M A Z É M F E I J Ó

e

C A S A S A M P A I O

Confecções

AGÊNCIA CRATO

Rua Dr. João Pessoa, 246

Agente exclusivo OLIVVETI

Material de Construção em Geral

# LOJAS STUART

ELETRO-DOMÉSTICOS

MÓVEIS

MÁQUINAS DE ESCREVER

MATERIAL ELÉTRICO E ELETRÔNICO

AS MELHORES MARCAS

# LOJAS STUART

PRAÇA SIQUEIRA CAMPOS, 8

TELEFONES : 825 e 536

CAIXA POSTAL 79

Telegrama : S T U A C O M

C R A T O — C E A R Á

# Patrimônios de Capelas

JOARYVAR MACÊDO

No Primeiro Cartório da Comarca de Lavras da Mangabeira, de Antônia Pinto de Macêdo, depa-rou-se-me, há alguns anos, o "Livro de Lançamentos dos Títulos Patrimoniais das Capelas dêste Têrmo". Dêle constam os lançamentos de cinco patrimônios apenas, através dos quais podemos averiguar a antiguidade de cinco capelas do Ceará meridional, três dentre elas, promovidas a matriz, bem como os nomes dos doadores.

## CAPELA DE SÃO CAETANO NARANIÚ — 1755

Aos 30 de abril de 1755, na Vila de Nossa Senhora da Expectação do Icó, João da Cunha Gadelha e sua mulher Maria Manuela Pereira das Neves doaram a São Caetano, parte do seu sítio.

O sítio em aprêço era de "terras de plantar, chamado São Caetano que o houve por título de compra ao Tenente-Coronel Bernardo Duarte Pinheiro, no qual sítio tem feito um engenho de moer canas e que no dito sítio, no valor de cem mil réis faziam doação e patrimônio de uma capela que queriam edificar da invocação de São Caetano e que faziam de suas livres vontades". (Fls. 2 e seguintes).

A Capela de São Caetano era filial da Matriz do Icó até 1813 quando da criação da Freguesia de São Vicente Férrer de Lavras. Passou a integrar, desde 1863, o território da Paróquia de Várzea Alegre.

Em Tôrno da Capela surgiu o

casario. O povoado, porém, não logrou recrudescer. Sua maior ou única transformação: o topônimo. De São Caetano virou Naraniú.

## CAPELA DE SÃO GONÇALO UMARI — 1765

No dia 27 de março de 1765, no Icó, "apareceu o Tenente-Coronel Manuel Ribeiro Campos, morador em sua fazenda chamada Umari, disse que é senhor e possuidor de um sítio de terras com três léguas de comprimento e uma de largura na beira do Rio Salgado, chamado Umari, o que houve-mos por título de data e sesmaria".

Disse ainda que: "Fazia doação de meia légua da dita terra para Patrimônio da Capela Senhor São Gonçalo e Nossa Senhora da Conceição que êle doador pretende erigir", como também "vinte e cinco vacas e um touro situados no mesmo sítio, para de seu rendimento anual se fabricar a dita Capela". (Fls. 5 e seguintes).

A Capela de São Gonçalo de Umari, elevada à categoria de Matriz em 1875, pertenceu até então, à Freguesia de São Vicente Férrer de Lavras.

## CAPELA DE NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO - LAVRAS - 1819

Aos 17 de julho de 1819, Antônio dos Santos de Vasconcelos e sua mulher Sebastiana Maria da Conceição "doaram uma sorte de terra com um quarto de légua

de comprido, no sítio Logradouro, a Nossa Senhora do Rosário desta Vila para patrimônio de sua Igreja, no valor de cincoenta mil reis". (Fls. 10,v e seguintes).

Os velhos lavrenses mais em dia com os acontecimentos da Terra, informam que conheceram a Capela de Na. Sa. do Rosário, parcialmente construída e abandonada, servindo, por vèzes, de trincheira, ao tempo das lutas que agitaram aquela Cidade, e até mesmo de prostíbulo.

Em 1919, o Dr. Sérgio Augusto Banhos e o Coronel João Augusto Lima, unidos a Monsenhor Meceno Clodoaldo Linhares, então Vigário de Lavras, empreenderam campanha que possibilitou a conclusão da aludida Capela, exatamente cem anos depois de iniciada. O referido Vigário, no Livro de Tombo da Paróquia, de 1897 a 1909, numa relação de datas correspondentes à fundação de capelas da Freguesia em tela, dá o ano de 1819, como o do início da construção da Capela do Rosário. Evidentemente a construção principiara logo depois da doação do patrimônio.

Decorridos cinquenta anos de sua inauguração, transformou-se a Capela do Rosário em auditório da Escola Normal, cujo prédio se edificou nos terrenos laterais, aproveitado e adaptado o templo, formando imponente conjunto arquitetônico, graças ao dinamismo do incansável Padre Alzir Sampaio, atual Pároco de Lavras.

## CAPELA DE SÃO RAIMUNDO

### NONATO

#### VÁRZEA ALEGRE — 1853

O patrimônio da Igreja de São Raimundo Nonato de Várzea Alegre consta de quatrocentas

braças de terra em quadro. Seus doadores o lançamento os apresenta :

"Aos dezenove dias do mês de outubro de mil e oitocentos e cinquenta e três, na Povoação de São Caetano, Têrmo da Vilã das Lavras, Comarca do Icó, Província do Ceará, em meu escritório apareceu partes como doadores Joaquim Alves Bezerra e sua mulher Antônia Correia Lima, João Alves Bezerra e sua mulher Joaquina Francisca de Almeida, José Bezerra da Costa e sua mulher Isabel Pereira de Moraes e Antônio Duarte Bezerra, todos moradores no sítio Várzea Alegre dêste Distrito". (Fls. 8 e seguintes).

Os várzealegrenses contadores de histórias de suas plagas, asseguram que a Igreja de São Raimundo Nonato foi construída por filhos de Raimundo Duarte Bezerra, vulgo "Papai Raimundo", tronco genealógico do clã da Terra do Arroz, em cumprimento de um voto da genitora que guardava em casa, num aposento reservado às orações, a imagem de São Raimundo Nonato.

Confirmada a tradição : Estive folheando, no Arquivo Público do Estado, no acervo de Lavras da Mangabeira, o "Inventário de Teresa Maria de Jesus, casada que foi com o Tenente Raimundo Duarte Bezerra, residentes na Várzea Alegre", efetivado em 1825. Foi inventariante o dito Tenente.

Anotei o rol de "Filhos Herdeiros". Nove ao todo. Entre êles : José Raimundo, Joaquim Alves, João Alves e Antônio, de 25, 14, 12 e 10 anos de idade, respectivamente.

A Capela de Várzea Alegre enquadrou-se no território parquial de Lavras até 1863, ano de sua autonomia.

CAPELA DE NOSSA SENHORA  
DA CONCEIÇÃO - IPAUMIRIM  
(Ex-Alagoinha)

A data da doação do patrimônio dessa capela foi omitida no registro. A doação, contudo, real, "de uma parte de terra no sítio Lagoinha, no valor de dez mil reis", fê-la Rosalina Maria da

Conceição, viúva de Bernardino Ferreira do Bonfim, "a Nossa Senhora da Conceição para seu patrimônio na mesma Lagoinha, freguesia de Umari". (Fls. 12,v e seguintes).

Logo se vê que a doação do patrimônio da predita capela, hoje matriz, é posterior à criação da Freguesia de Umari. Posterior, portanto, a 1875.

---

A Morena em Quadras

Cheirei uma pétala de rosa  
fiquei com o cheiro na bôca  
é como o cheiro cheiroso  
do cheiro dessa "cabôca".

eu vou mal... vou muito mal.  
Se querer bem for pecado  
se for pecado mortal  
ah, morena, tenha pena

eu me lembrei de uma coisa  
veja o que estou me lembrando  
...dar um cheirinho de leve  
onde os teus brincos vão dando.

O maior crime da história  
foi apedrejar Madalena  
pois além de ser uma santa  
era uma santa Morena.

Me acudas que estou morrendo  
tragam logo um confessor;  
um padre não; uma morena  
estou morrendo é de amor.

eu não digo é por deboche  
pois falo com a vós serena  
mas queria ser o broche  
do peito dessa morena.

Ah, morena dos meus sonhos  
morena dos sonhos meus  
se é certo que Deus te guia  
eu tenho inveja de Deus.

# ITAYTERA

Mais um número dessa prestigiosa revista nos chega às mãos, com gentil dedicatória do escritor J. A. de Figueiredo Filho que várias vezes tem honrado as nossas colunas com a sua apreciável colaboração de feição sociológica, folclórica e histórica.

O fascículo 14 de "Itaytera", traz farto e valioso sumário no qual se destacam trabalhos assinados por penas ilustres da terra cearense, alguns membros do Instituto Cultural do Cariri e outros colaboradores destacados nas letras nordestinas.

"Itaytera" é órgão oficial desse Instituto do qual o escritor Figueiredo Filho é presidente.

Agradecemos o envio do exemplar.

"Correio da Manhã"  
Recife 31 . 12 . 70

---

Morena, tú és malvada  
eu morro e tu não tens pena...  
peor é que tú não sabes  
que eu morro é por ti, morena

Eloi Teles de Moraes

**DISTRIBUIDORA REGIONAL DE AUTOMOVEIS S.A.**

**DRASA**

REVENDEDOR AUTORIZADO DA LINHA VW

NO CARIRI

ASSISTÊNCIA TÉCNICA COM MECÂNICOS

ESPECIALIZADOS NA PRÓPRIA FÁBRICA

**DRASA**

RUA RATISBONA N.º 382

C R A T O

—o—

C E A R Á

# o GRANJA, seu DUDU e os primeiros automóveis chegados a CRATO

TOMÉ CABRAL

Tive o prazer de ler, há alguns anos, no jornal "O Povo" de Fortaleza, um interessante trabalho de Figueiredo Filho, sôbre a chegada ao Crato do primeiro automóvel. Essa leitura fez-me voltar aos velhos e saudosos tempos, pois ainda tenho bem gravado na lembrança aquele memorável dia em que a cidade vibrou de entusiasmo, especialmente nós, garotos, sempre sequiosos de novidades. E essa recordação é para mim viva e clara, por um simples e justo motivo: o proprietário do dito automóvel era o sr. Manuel Siqueira Campos, chefe da firma Siqueira Campos & Cia., onde eu ocupava as funções de vassoura ou, mais polidamente, de caixeiro praticante. Tinha eu, nessa época, doze anos certinhos.

A Casa Siqueira Campos era um dos estabelecimentos mais importantes e conceituados da cidade; seu chefe, na intimidade conhecido por "Seu Dudu", pernambucano de Triunfo, estava ligado a tradicional família de Pernambuco e da Paraíba. Além da filial do Crato, mantinha a firma casas em Juazeiro e Barbalha, no Ceará, e em Triunfo, em Pernambuco. Era sucessora de Campos & Granja, desde fins de 1918. Fôra até então seu sócio solidário o Coronel Granja, cujo nome por extenso não me ocorre agora.

Vi "Seu Granja" poucas vezes, pois, quando fui mandado a trabalhar na firma, êle já se havia retirado da mesma. Residira em Crato durante algum tempo, quando a firma se encontrava sob sua direção. Dizia-se que, apesar da dificuldade em locomover-se (andava de muletas, por ter uma das pernas amputada), viera do Recife até ali, fazendo a cavallo grande parte do percurso. Tinha gênio explosivo e procurava manter no estabelecimento uma disciplina muito rígida, para o que empregava com assiduidade seu impressionante vozeirão. Não perdoava uma falha dos empregados: se, por exemplo, um dêles, acidentalmente, quebrava um objeto na loja, seu Granja repreendia-o acerbamente e depois mandava debitar-lhe em conta o objeto danificado.

Se os empregados mantinham sob as vistas do patrão a mais santa quietude e disciplina, o mesmo não ocorria quando se viam fora dali: davam então largas às suas expansões de moços, como num desafio. Contava-se até um fato pitoresco, com foros de verdade; como, entretanto, ouvi, posteriormente, relato de caso seme-

lhante, ocorrido alhures, vou repeti-lo, mas não ousou hoje afirmar a veracidade do acontecimento.

Naquele tempo, as tradicionais feiras de rua, em Barbalha, Juazeiro e Crato, eram realizadas, respectivamente, aos sábados, domingos e segundas. E como nesses dias o número de empregados não era suficiente para atender o movimento da loja, o Granja mandava destacar um caixeiro de outra casa, para servir àquela que estivesse necessitando de ajuda. Em Crato, a firma dispunha de um burro **possante e famoso**, que era pôsto à disposição do caixeiro designado para servir, no domingo, em Juazeiro. Ora, acontecia que os elementos escolhidos tinham por hábito apear-se, durante o trajeto, à porta dos botequins à margem da estrada, para molhar a goela, esquentar o frio, esfriar o calor ou coisa semelhante, pois o **amigo da pinga**, ontem como hoje, procura e encontra sempre pretexto para uma infusão a mais, emprestando às suas justificativas as mais variadas expressões da gíria. O animal, por sua vez, já habituado àquelas paradas, não esperava que o cavalheiro o insruísse na execução da tarefa, com a costumeira sacudidela de rédeas, pois, logo que avistava a bodeguinha, tomava a iniciativa de apressar a andadura em direção à mesma. Dizem os entendidos que os animais não têm inteligência; mas boa intuição tinha decerto o tal burrico, pois sabia aproveitar convenientemente aqueles rápidos descansos.

Como é bem correto o ditado que diz “um dia a casa cai”, quando se pratica habitualmente um **malfeito**, aconteceu que, num certo domingo, resolveu seu Granja ir, êle próprio, à feira do Juazeiro. Ninguém iria imaginar que essa decisão poderia ocasionar consequências desagradáveis, mas, na segunda feira, logo cedinho, tôda loja tomou conhecimento da novelesca viagem do chefe, através de seus berros de alarmar o quarteirão inteiro, querendo pôr no **ôlho da rua** tôda uma “corja de beberrões e irresponsáveis”. Êsse **destampatório** provinha do fato de ter sido êle forçado a respeitar os caprichos do burrinho, o qual, parando em todos os **botecos** da estrada, tanto na ida como na volta, só resolvia prosseguir viagem quando o velho obedecia rigorosamente as fases rotineiras da tarefa traçada por seus subordinados: desmontar-se, entrar e sair da bodega, tornar a montar-se. Isso, cinco ou mais vezes em cada percurso, de pouco mais de uma hora, era proeza bem cansativa e penosa para uma criatura do volume de seu Granja, que só tinha uma perna. Mas, ao que parece, o que mais o aborrecera foi a revelação de certas atividades pouco recomendáveis para quem estava incumbido de missão de confiança.

Seu Dudu era bem diferente de seu ex-sócio: baixo, muito calvo, sisudo, de fala mansa, mas incisivo nas mínimas expressões, imprimia, em vez de temor, admiração, logo à primeira vista. Tratava os funcionários com afabilidade, acautelando-se, entretanto, em conservá-los a respeitável distância. Quando entrei em sua loja, serviam ali Antônio Geraldo de Carvalho, gerente, João Lima, Salvador Arrais e Raimundo Geraldo de Carvalho; no escritório, Jesus Lima e Juvêncio Barreto e, no armazém, seu Manoel Dias. Vieram depois Francisco Colares, Messias Arrais e Pedro Homem, o primeiro

considerado o melhor **balcão** da cidade. Jesus e João Lima eram sobrinhos de seu Dudu; Jesus, beirando os quarenta anos, bonachão e distraído, andava permanentemente com um cigarro apagado, pendido da boca, e o outro, jovem ainda, de físico avantajado, era cognominado "O Pavoroso", por ser o detentor do chute mais forte dentre os jogadores do **Crato Foot-ball Club**, o primeiro time de futebol surgido na cidade.

O Coronel Siqueira Campos era um comerciante de larga visão, amigo do progresso e muito empreendedor, merecendo especial registro sua influência na vida social e comercial do Crato. Sabia captar simpatias e fazer do cliente um amigo. Usava de meios próprios para despertar o interesse da freguesia, processos esses ainda desconhecidos naquela época. Posso citar alguns exemplos.

Tendo adquirido em Crato pequena indústria de bebidas, denominada "Fábrica Aliança", ampliou suas instalações e deu início à fabricação de novos tipos de bebidas, introduzindo, naquela oportunidade, o refrigerante denominado **gasosa**, precursor das atuais **fantas** e **coças**. Para torná-lo rapidamente conhecido, saiu à rua acolitado por vários carreteiros que conduziam à cabeça caixotes da bebida, e, de casa em casa, ia oferecendo-a gratuitamente, para ser saboreada na ocasião. Conseguiu o que planejara, pois a nova bebida tornou-se logo a coqueluche da cidade. Tinha sabor variado, custava apenas quinhentos réis e substituiu vantajosamente o refresco caseiro, o **aluá** e a gengibirra (ou **cerveja-de-cordão**, como era jocosamente denominada), que eram os únicos refrigerantes então conhecidos. E o que atraía mais a garotada era a singularidade de a garrafa não ter rôlha de cortiça, mas apenas uma bolinha de vidro que, encurratada no gargalo, impedia a saída do líquido, graças à pressão do gás. Para abrir a garrafa, bastava pressionar a bolinha para o interior do recipiente.

Foi êle quem trouxe ao Crato o primeiro automóvel. A noite de sua chegada, quis proporcionar ao povo a oportunidade de conhecer aquele moderno meio de transporte, permitindo que todos dessem uma **voltinha**, gratuitamente. A multidão, acotovelada nas imediações do Cinema Paraíso, disputava a vez na corrida, que começava descendo pela rua do Fogo, contornava parcialmente a praça 3 de Maio, subia pela rua do Comércio e rua Grande e retornava ao Cinema Paraíso pelo lado direito da cadeia, na praça da Sé. Isso prolongou-se até alta noite e só foi suspenso quando se constatou no açoitamento, os mais apressados em tomar o carro rebentaram a lanterna, instalada externamente, ao lado do parabrisa. Como no caso da **gasosa**, obteve pleno êxito a original propaganda, pois, daquele dia em diante, não faltaram freguêses para uma corridinha que custava apenas dois mil réis.

Para facilitar as viagens fora da cidade, urgia melhorar o estado das estradas. Seu Dudu não perdeu tempo: dando início a êsse melhoramento, construiu a primeira rodovia (que hoje chamaríamos apenas **carroçável** ou, como é geralmente conhecida, **carroçal**), fazendo às suas expensas quase todo o trecho do Crato ao Lameiro.

Era seu Dudu um homem íntegro, de caráter, humanitário, do que deu sobejamente provas, por ocasião das duas grandes sêcas que assolaram a região, nos anos de 1915 e 1919. Durante meses, diàriamente, de 7 às 9 horas, distribuia-se na loja, os flagelados, grande quantidade de bolachas e torradas (pão velho, cortado em fatias e depois torrado). Foi êle quem teve a iniciativa de aproveitar êsses infelizes em alguma atividade remuneradora, de interesse público, custeando a construção do primeiro trecho do calçamento da cidade. Iniciou-se na rua do Fogo, mais ou menos defronte do gabinete dentário do dr. Antônio Teles (hoje sede do Banco do Cariri), subindo até o cinema Paraíso, defronte da cadeia pública, e recomeçando na entrada da rua Grande, pela praça da Sé, até depois da pracinha onde se assentava anteriormente a capelinha de S. Vicente Ferrer, já então transformada na praça Siqueira Campos. Muitos supõem hoje que essa denominação fôra dada em honra do tenente Siqueira Campos, um dos heróis da revolta do Forte de Copacabana, quando se trata, na realidade, de uma homenagem, ainda em vida, àquele benemérito homem de negócios). Daí para a frente, os trabalhos foram custeados pela prefeitura municipal, mas o prosseguimento era tão mal acabado, que se costumava dizer: "Até aqui, foi Siqueira Campos; o resto é da Prefeitura". E era bem visível a diferença.

\* \* \*

Não é exagêro dizer-se que a chegada ao Crato do primeiro automóvel foi um dos acontecimentos marcantes em sua história, tanto quanto o da instalação da usina elétrica, do dr. Audálio Costa.

Naquele domingo de 1919, precisamente às 17 horas do dia 29 de setembro, vinha descendo do Alto do Barro Vermelho o Ford que fizera a incrível travessia do Recife ao Crato, em estradas impróprias, pois os meios de locomoção, àquela época, se limitavam às montarias em equinos e muares ou aos carros-de-boi. Deveria ter sido uma peripécia digna de registro e até mesmo romanceável, pois o próprio serviço de manutenção do combustível era precário, sabendo-se que, não existindo, praticamente, força motriz na região a percorrer, logicamente deveria haver carência de gasolina em todo o percurso.

Causou vivíssima impressão aquele vovô Ford, de bigode e capota de couro. E, para a criança, o que mais despertava a atenção, além dos faróis e da lanterna já descrita, era a enorme buzina, mostrengo de forma cilíndrica e boca afunilada, tendo ao centro um enorme botão, onde o motorista aplicava possante murro, toda vez que havia necessidade de alarmar os transeuntes com seu fon estridente.

Como era de esperar, com a chegada do carro vieram também as histórias mais disparatadas e pitorescas sôbre as peripécias da viagem. Dizia-se que, ao passar defronte da matriz de Milagres, à hora da missa, o sacristão e os fiéis esqueceram por completo a tal fidelidade e despejaram-se fora do templo, preferindo assim o ines-

perado espetáculo às prometidas doçuras celestiais do ofício divino. Ao aproximar-se de Missão Velha, à noitinha, as luzes dos faróis iam zigzagueando no leito sinuoso da estrada, quando, numa das curvas, aqueles dois fortes focos de luz concentraram-se num casebre à margem do caminho, em cujo alpendre achava-se sentado um casal de velhos. O pavor de ambos foi tamanho que a velhinha se viu forçada a encerrar ali mesmo sua peregrinação na terra, deixando para tomar conhecimento daquela **arrumação** por intermédio de algum anjo ou santo bem informado.

Outros acontecimentos ocorridos após a chegada do carro eram narrados e comentados, embora em sua maioria supostos inverossímeis. Mas, presenciei um fato que, hoje contado, muitos duvidarão de sua veracidade: um freguês da Casa Siqueira Campos, morador no município de Juazeiro, viera ofertar a seu Dudu um feixe de capim "para dar aos cavalos de seu **astromove**"...

Segundo os comentários, o veículo havia custado a seu dono a elevada quantia de quatro contos e quinhentos mil reis, o que daria decerto para a aquisição de umas cinquenta vacas **turinas**...

\* \* \*

A vinda do primeiro automóvel ao Crato abriu caminho a outros, em idêntica aventura. Pouco tempo depois, Ezequiel Siqueira Campos, filho de seu Dudu, trouxe a Crato a esposa, da família Pessoa de Queiroz, do Recife, e vários membros da mesma grei, em dois ou três outros veículos. Foi um espetáculo inédito e sensacional o da entrada dos mesmos em Crato, à noite, descendo pelo Barro Vermelho: aquela multiplicidade de focos de faróis, iluminando, estrada abaixo, o caminho e as casas, causou estranha sensação à multidão que aguardava a chegada dos visitantes. A viagem fôra penosa e cansativa, pois os carros, cobertos de lama e poeira, traziam ainda, enroscadas nas rodas, fortes correntes, indicando que não fôra fácil a passagem nos atoleiros da estrada.

Dos carros chegados, lembro-me bem de um Overland, de linhas modernas para a época, e de um Buick, de côr verde, pesadão, com carroceria de madeira, trazendo, entre os assentos dianteiro e trazeiro, duas poltronas giratórias. Seria decerto o precursor das camionetas. Para dirigi-lo, o condutor deveria empregar muita força e habilidade.

Seu Romeu o motorista, do Overland, mecânico muito hábil, representava para a meninada um autêntico herói de novela. Propalava-se, a seu respeito, as mais disparatadas façanhas. Dizia-se, por exemplo, que dirigia um Hudson, nas ruas do Recife, tão silenciosamente, que sua passagem não era percebida por quem estivesse no interior das casas, o que era proeza inacreditável para a época, dado o barulho que os automóveis provocavam; e que, nos lugares onde existia via férrea, preferia dirigir o carro sôbre os trilhos, com tal segurança e equilíbrio que os pneus não desliscavam, resvalando e caindo sôbre os dormentes...

Indústria de Massas Alimentícias GESSI

---

---

**I M A G**

---

---

ESMERADA FABRICAÇÃO DOS MAIS  
AFAMADOS BISCOITOS E MACARRÕES

*P R O D U T O S*  
*D E A L T A*  
*Q U A L I D A D E*

À VENDA NAS PRINCIPAIS MERCEARIAS  
E SUPER-MERCADOS

Apoio financeiro

Convênio :

BNB

SUDENE

CODECIF

RUA SANTOS DUMONT Ns. 20 / 22

C R A T O

—o—

C E A R Á

# DEBANDADA GERAL

KLEBER MAIA CABRAL

Quando percorremos a biografia de D. Antônio Ferreira Viçoso, Bispo de Mariana, Conde da Conceição, do Conselho de Estado do Imperador, ao tempo da Monarquia, consolida-se-nos a convicção de que aquêlê homem de Deus foi o mentor e o principal instrumento da benéfica renovação que se processou no clero brasileiro, na segunda metade do século XIX.

Português de nascimento e lazarista por vocação religiosa, reeditou entre nós as proezas que, duzentos anos antes, celebrizaram São Vicente de Paulo em França.

Com o banimento dos jesuitas decretado pelo Marquês de Pombal, a educação da juventude e a formação do clero sofreram rude golpe de que jamais se recuperariam.

Na última etapa da colonização lusitana, durante o contrabando período do primeiro reinado e da regência, boa parte dos nossos sacerdotes tornou-se tristemente notória, por sua participação ativa nas sedições armadas, nos conciliábulos maçônicos, na política mais desabrida, inteiramente libertos da disciplina eclesiástica, totalmente jejunos em matéria de dogma católico.

Aqui no Ceará, tivemos pelo menos dois dêsses figurões que, engolfados nas paixões da política e da alcôva, enlamearam as sotainas que raramente vestiam. Notabilizaram-se como ministros de estado, senadores do Império, quando poderiam ter-se dedicado pura e simplesmente a anunciar a Boa-Nova.

Para obviar e remediar tão de-

plorável estado de coisas, a Providência suscitou êste admirável filho de S. Vicente de Paulo, que aportou à côrte de D. João VI em 1819 e dividiu sua atividade benfazeja entre o Rio de Janeiro e Minas Gerais.

Compreendendo que nada se poderia fazer pela Religião sem um clero formado na virtude e no saber, dedicou-se de corpo e alma ao ensino eclesiástico. Lançou os fundamentos do Caraça, educandário destinado a acolher as vocações lazaristas e, como bispo de Mariana, organizou um grande seminário que seria o modelo de seus congêneres.

Dom Pedro Maria de Lacerda, Bispo do Rio de Janeiro, e D. Luiz Antônio dos Santos, primeiro Bispo do Ceará, discípulos eminentes do grande prelado, trouxeram em suas bagagens, para as respectivas dioceses a doutrina do mestre e seu fervor apostólico.

No Ceará, o grande D. Luiz, que acabaria como Arcebispo-Primaz do Brasil, envidou os seus melhores esforços na criação de dois seminários — um em Fortaleza, outro na cidade de Crato.

Por longo tempo, sàbiamente dirigidos pelos padres da Missão, êsses estabelecimentos constituiram-se em autênticos luminares das lêtras clássicas e da ciência teológica. Determinaram, a curto prazo, a substituição do velho clero, negligente e inveterado nos maus hábitos, por padres trabalhadores, instruídos, virtuosos, desapega dos bens terrenos, unicamente voltados para a cura

d'almas e o serviço de Deus.

É bem verdade que o tempo se encarregou de tornar superados certos métodos pedagógicos e dispositivos disciplinares, diante de tantos erros renascentes sob as mais diversas modalidades e agudas sutilezas. O ambiente familiar, outrora campo propício ao florescimento da vocação sacerdotal, transformou-se com a continuação, não raras vêzes, no seu principal estôrvo. A discórdia doméstica reinante, a licença dos costumes, a incúria e o desinteresse dos pais, "os laços de corrupção armados à inocência", a que se refere Pio XI, vão matando no embrião muitas vocações generosas.

Sem embargo disso, numerosos rapazes abraçavam a carreira eclesiástica, animados pelo desejo de perfeição, e os seminários funcionavam normalmente, em vários pontos do País.

Filho de católicos, ingressei num dêsses educandários visivelmente atraído pelo ideal que o sacerdócio encarna, por aquela antinomia insanável que sobrepára entre as máximas do mundo e os ensinamentos evangélicos. Os poucos meses que por lá passei sedimentaram-me a fé e forneceram-me as bases de uma prática religiosa que me vem servindo de escudo e bússola pela vida em fora.

Os bispos sempre protegeram os seus seminários como as meninas dos olhos e a obra das vocações sacerdotais sempre ocupou largas camadas do apostolado hierárquico e laicato.

De uma hora para outra, a roda desandou, os seminários começaram a fechar inapelavelmente as portas, os seminaristas despedidos sem mais aquela.

Nos últimos decênios, a disciplina sofrera sucessivos reveses,

até o estudo do latim passou a ser transcurado, a balbúrdia implantada nos programas, mau grado as repetidas advertências, censuras e intervenções da Suprema Sagrada Consagração dos Seminários e Universidades. O número de seminaristas declinou em larga medida, porque não encontrava mais aquela afirmação monolítica de sã doutrina e porque a vida de piedade não era mais levada às últimas consequências.

Inteirei-me destas tristes realidades, visitando seminários e lecionando em duas escolas apostólicas. Um dos primeiros que "fechou para reforma" foi justamente o de Mariana. É interessante notar que uma arquidiocese vizinha que conservou o seu, na estreita observância das diretrizes emanadas da Cúria Romana, o índice de ordinandos permanece em níveis particularmente elevados.

Quando se tranca um seminário, vem sempre à baila que tudo não passa de crise de epiderme, que é isso mesmo, que a Igreja é imortal, etc. etc.

Vejamos como um grande santo entendia a decantada imortalidade da Igreja :

"A Igreja perdeu... devido às novas heresias, a maior parte do Império, os reinos da Suécia, da Noruega, da Dinamarca, da Escócia, da Inglaterra e da Hungria... sem dúvida o Filho de Deus prometeu assistir a sua Igreja até a consumação dos séculos, mas não prometeu conservar a Igreja na França, na Espanha, ou em qualquer outro país" (S. Vicente de Paulo).

Quando os governos anticlericais da França se propuseram a reduzir o número de sacerdotes, não foram atrás de fechar. Limitaram-se a convocar os semi-

naristas para o serviço militar obrigatório de dois anos. Arrancadas da natural sementeira, as vocações bruxolearam e fenece-ram.

Não sei como é que se pretende que o Senhor envie operários para a messe, sem formá-los convenientemente em instituições a isso destinadas.

Que se poderia pensar de um govêrno que, empenhado em du-

plicar o número de médicos de uma nação, determinasse, paripassu, o fechamento das faculdades de medicina?

Se não se esboçar uma reação enérgica, se não surgir outro D. Viçoso, dentro de mais vinte anos, nossas paróquias estarão vacantes, os sacerdotes reduzidos a meia dúzia de macróbios cambaleantes, a fé católica semi-sepulta, na Terra de Santa Cruz.

---

Rio de Janeiro, 13 de janeiro de 1971

Caro Confrade J. DE FIGUEIREDO FILHO

1. Recebí o último livro de PATATIVA e muito apreciei os judiciosos comentários que o distinto amigo escreveu, a respeito dessa nova manifestação do estro do bardo assarêense, com os quais tão lúcidamente soube interpretar, não apenas a alma do poeta, senão ainda a própria alma do sertão.

2. Essa série de estudos acêrca das inspiradas composições do autor de NANAN, o qual, em versos imortais (não hesito em assim qualificá-los), pintou, com extraordinário realismo, a tragédia espantosa das sêcas, essa série de estudos, repito, realça-lhes o valor e, certamente, transmits um aspecto inédito ao terceiro volume de poesias do fecundo vate nordestino.

3. Muito lhe agradeço as referências feitas ao meu nome, nascidas de sua generosidade e cavalheirismo.

4. Digna de acentuar a propriedade de seus conceitos, na parte em que me considera um sertanejo legítimo, eternamente enlevado com a beleza panorâmica do ambiente nativo, em que me transcorreram os felizes dias da meninice, entre gente simples, sincera e boa.

5. Ali é que meus olhos se abriram para contemplar os encantos da natureza. Ali, minha consciência despertou, para apreender e incorporar ao meu caráter os maravilhosos ensinamentos, que, com o exemplo de suas vidas honradas e puras, nos ministraram, a mim e irmãos, meu generoso, altivo e ímpoluto PAI e minha bondosa e santa MÃE.

6. Confesso-me, portanto, sumamente penhorado, por haver sido consignada essa preponderante faceta de meu espírito — o amor ao pequenino torrão em que nasci, cujas verdejantes serranias bem simbolizam a altitude moral da gente sertaneja e cujos vales e campinas representam a tranquila placidez de sua existência.

Cordiais cumprimentos do confrade e admirador

JOSÉ ARRAES DE ALENCAR

Cia. Sul Cearense de Papéis

sulcepa

Uma indústria que honra  
o nosso desenvolvimento

BAIRRO DO MURITI

Crato

--

Ceará

# Fran Martins e o Crato

J. DE FIGUEIREDO FILHO

Nenhum homem de letras tem divulgado a paisagem, os tipos de rua, as coisas e as peculiaridades de Crato por aí afora, do que Fran Martins. É que êle soube senti-los, bem ao vivo, porque conviveu, largo tempo, conosco e tornou-os atraentes, pela sua inteligência criadora e estilo bastante ameno.

Não é preciso que a gente entere o umbigo aqui para tornar-se em autêntico filho desta gleba. Os irmãos Martins não viram a luz do mundo, pela primeira vez, dentro da área urbana ou mesmo municipal de Crato. Criaram-se, no entanto, em contacto com essa natureza perenemente pródiga, tomando banho em poços, ou bicas, escalando muros, protegidos com cacos de vidros, frequentando festas de igreja, brincando e brigando em praças e ruas, tangendo junta de bois, montados em almanjarras, ou encarapitados em burros bravos de cambitos. E estudaram em escolas de nossa terra, dirigidas por Da. Antoninha, Beata Neves, Dona Pia, Dona Helena, ou mesmo desarnaram, na escolinha por detrás da Matriz, ou da Cathedral, de Vicencia Garrido.

Mas, a Associação dos Empregados no Comércio do Crato e o veterano Colégio Diocesano, ontem do Pe. Pita; hoje do Mons. Francisco Montenegro, foram que deram a formação definitiva para vencerem, galhardamente, na vida, cada qual em seu setor.

Minha conversa presente é com o Chico de outros tempos, o atual consagrado escritor ficcionista — Fran Martins, profes-

sor, igualmente; de identico renome.

Ainda que o Diretor da Faculdade de Filosofia do Crato, meu amigo Prof. José Newton Alves de Sousa não me escolhesse a saudar Fran Martins, nesta ocasião, ora que Crato, com justa razão, presta sincera homenagem a família Martins tão nossa e tão cariense, eu mesmo bancaria o enxerido e estaria agora, neste lugar. É que Fran tem a mesma obsessão que eu tenho a de um eterno apaixonado de Crato e do Cariri. Não pode êle esconder tais sentimentos, pois afloram espontâneos, em seus livros, impregnados, em grande maioria, das coisas íntimas de nossa terra. Para se guardar no coração e depois extravasar tantas recordações, é necessário que se ame de verdade, a terra que sempre o domina.

Em seus livros, fala-nos também de muitas mazelas que existiam e que, infelizmente, ainda perduram. Pade alguém argumentar que deveriam ser escondidas. Segue êle, porém, uma escola realista, sincera, menos ofensiva à coletividade, como os fatos comprovaram, que a mentira do romantismo, escola literária que, graças a Deus já se esborroou.

Os males sociais precisam vir a furo, para que se lhes aplique segura e drástica terapêutica, a fim de extirpá-lo definitivamente. Os problemas que Fran focaliza são todos vinculados à deficiência de educação sadia e bem aplicada.

Ainda vivemos o tempo, em

que o organismo social é dividido em duas partes distintas e estanques. Uma que tem tudo incluindo excessiva liberdade, enquanto a outra se lhe nega quase tudo. Esta última vive ao leu, embora muitas vezes dela possam brotar gemas preciosas.

Caio Porfírio Carneiro que escreve a orelha do romance DOIS DE OURO chama Fran Martins de O ESCRITOR DA RUA DA VALA. Com êsse título, escreveu romance, mas o fato é que esqueceu de mencioná-la em diversos outros, narrando as proezas daquela juventude de outrora, à qual agora, errôneamente se dá o epíteto de JUVENTUDE TRANSVIADA.

Através das páginas de Fran, não poderíamos reconhecê-la, nos dias presentes. Já mudou de nome para o de Tristão, heroi de múltiplas revoluções independentes e republicanas. Transformou suas bisonhas casinhas em aprazíveis residências. Canalizou a vala e recobriu-a até com jardim florido. A rua da Vala vive só nos romances de Fran Martins, ou na saudade imorredoura de muitos boêmios. Alguns deles mudaram muito. Resmungam contra os jovens da vida atual, pelos seus cabelos compridos a mini-saia das mocinhas e o namoro acochado, às claras, dos pares que se sucedem, pelas ruas e praças. Condenam o IÊIÊ-IÊIÊ, ou a bossa nova e ignoram que a valsa dolente é considerada pelo escritor PITIGRILLI, como a dança mais sensual de todos os tempos.

A Tristão Gonçalves, sisuda, arborizada, em parte com jardim, não mais relembra os grupos de meninos danados dos tempos que já passaram. Ainda há como muitos anos, rodas de cavalheiros e matronas que falam de tu-

do e mais alguma coisa, incluindo dos cabeludos, das mocinhas sapecas, danças modernas a mão no pescoço, apontando o exemplar do puritanismo passado. Aquela rua, porém, não pode falar. Os romances de Fran estão aí, vivos, palpitantes, para desmentí-los. Para essa gente Fran mentiu em O AMIGO DA INFÂNCIA, DOIS DE OURO, RUA DA VALA e outros. Sua consciência dirá isso.

Fran pôs ao nu, tôda uma sociedade que despontava, com seus êrros e boas qualidades, em Crato e outra cidade qualquer, naqueles tempos. O que era ilícito ou mesmo o que era bom se praticava no seio daquela juventude, solta de canga e corda, forjada de orfãos de pais vivos.

No meio daquela roda de jovens, havia lugar para ternura de coração. Nem tudo estava perdido entre êles. A bondade medrava espontânea, entre aquêles rapazolas criados ao Deus dará. Foi o caso de O AMIGO DA INFÂNCIA no capítulo — ROSA, ME TENS AMOR? É estória singela de pobre ceguinha que pedia esmolas nas feiras de Crato e que passou a ser protegida pelo grupo de jovens da rua da Vala, cercada de ternura especial e sem intenções. Quando tia da pequena esmoler interveio para separar a afeição natural que se gerou entre a menina e os pseudo-transviados, a menina sofreu tal impacto, que acabou por meter-se de baixo do trem que passava. O leitor é assim forçado a compartilhar do sofrimento daquela pobrezinha que recorreu ao suicídio com o fim de aufrentar-se do sofrimento doméstico. Para temperamento sensível, aquele episódio trágico de Rosa é bem capaz de arrancar-lhe lágrimas.

Fran revive, em belas páginas a vida escolar de Crato de então, como a da Beata Neve, e outras. Ressuscita vultos inesquecíveis de outrora, a exemplo de Cleto ou de Raimundo Zoião, embora sob aspecto de ficção. No meio de suas irrequietas personagens, surgem vocações sacerdotais ou religiosas, boas mães de família, prostitutas, cangaceiros, doutores ou emigrantes que vão fixar-se no sul ou no norte, como o seu trabalho construtor. A vida cotidiana, em qualquer cidade nordestina, é assim como Fran a descreveu a respeito de sua terra adotiva.

As feiras de Crato, barulhentas, passam como filme colorido de seus atraentes romances. A paisagem humana é variadíssima. Entre gente que parece inteiramente tarada para o vício ou o crime, há riguras que se destacam pela bondade inata de coraçaõ. Em suas trepidantes páginas há sempre a vitória do bem.

E como é tão primoroso seu modo peculiar de nos contar tudo, com naturalidade que parece que estamos a ver, com os nossos próprios olhos?

E é ótimo psicólogo. O conflito íntimo do menino Oscar, em O AMIGO DA INFANCIA, testemunha da luta entre seus pais, é descrito magistralmente. O modo da vingança da esposa ultrajada é de nos estarrecer. Envenena o cavalo VENTANIA pelo crime de conduzir o marido, pacholamente, á casa da amante. O menino que queria o cavalo, acima de tudo, é quem sofre o desenlace fatal de VENTANIA.

E as cenas da fuga do cangaiceiro DOIS DE OURO, produto das perseguições baratas da politicagem de Crato, quando a po-

## o paraizo

Eu creio que o paraizo  
É assim como a criança  
E nos enche de esperança.  
Que nos brinda com o sorriso

É como um jardim florido  
De dalias lírios e rosas  
É como um dia festivo  
De lindas manhãs formozas.

Paraizo é um oceano,  
De liberdade e de amor  
Sem ódio sem desengano  
Sem sofrimento e sem dôr.

Eu quizera Deus!... um dia...  
Ir morar nesse lugar  
Prá viver só de alegria  
E viver só para amar.

Fortaleza, 12.2.70

lícia o acoçava, nos pés de serra do Araripe? Comunica-nos tão intenso SUSPENSE, quanto aos mais intrigados folhetins policiais da moda. Fran é verdadeiramente um artista. Até em desafortunadas meretrizes, vítimas do desajustamento social, aponta-nos bondade de coração e altruísmo.

Em sua constelação de livros há nota que nos chama a atenção, do começo ao fim Fran só se refere ao Crato, através de suas personagens, com entranhado amor. Por tudo isso é que esta cidade sente-se à vontade em considerá-lo dos seus mais diletos e ilustres filhos, por direito que êle soube conquistar pelo coração e pelo espírito.

UNITARIO 5.11.67

# UM LIVRO DE VALOR

CARMEN SILVA

"ROTEIRO BIOGRÁFICO DAS RUAS DO CRATO" apresenta-se ao público laureado pelos méritos de inteligência e de tenacidade de um jornalista cratense, que sempre pugnou pelas causas sutis da terra natal. Em cada página do seu livro, J. Lindemberg de Aquino lembra personalidades, imagens longínquas, cujos nomes, hoje, são evocados graças a sua pena insinuante trazendo para o presente a renovação dos vultos eminentes, obscurecidos no fundo da memória, perdidos, as mais das vezes, na poeira dos tempos.

A pompa do título ressalta-nos valores humanos e sociais que contagiam a alma. Ao lêmos, penetramos silenciosamente na passarela daquelas ruas, alinhadas mas, sinuosas, outras, com recantos e praças pitorescas lembrando-nos a importância dessa homenagem póstuma, devida aos patronos das 247 ruas catenses.

As pesquisas construtivas representam insano labor. Refletem a dinâmica atividade do autor. A evocação dos vultos pátrios enriquecem os anais daquele exuberante rincão cearense. A obra citada reveste-se de autenticidade, exalta com justiça e parcimônia, personalidades marcantes, cujas vidas merecem a perenização no tempo e no espaço. Ali são laureados os talentosos, os benfeitores, os eruditos, os heróis, os laboriosos os mestres anônimos. Não são esquecidos os que atuaram na formação, integridade, defesa e edificação da cidade ubertosa do Cariri, através de filhos ilustres, dignos e varonis brasileiros. Lin-

demberg conhece as lides culturais. Além de jornalista talentoso, afirma-se literato de bom gosto pela sobriedade do estilo. Muito espontâneo, lembra a impetuosidade das cascatas de sua terra, emolduradas de serranias, pejudas de neblina rarefeita. Essas são algumas das características do estilo desataviado com que Lindemberg de Aquino nos oferece cópia da tela natural, sôbre cujas pinceladas divinas os cratenses construíram a "Princesa do Cariri".

Incontestavelmente há no trabalho compilado pelo autor de "ROTEIRO BIOGRÁFICO DAS RUAS DO CRATO", originalidade, vigor de síntese, talento cívico, espírito de justiça, imprimindo seriedade a cada página. Coloquei a visão no Cosmorama delicioso e em cada biografia sintetizada "senti o gosto amargo da saudade". Ao repassar os cromos daquelas ruas por mim palmilhadas vezes sem conta, na minha distante juventude, vivi horas de feliz recordação. Transporte-me ao Colégio Santa Teresa. Dialoguei com colegas de curso e com contemporâneos. Revi o Lameiro, aquêlê mimo de Deus, onde ficaram muitas das minhas ilusões e onde brotaram tantas esperanças que floriam a minha existência. Até esguerei a visão sôbre o Barro Vermelho. recordei o Ginásio, edificado naquêlê bairro literato, onde os jovens de tôda a região vão haurir os conhecimentos no curso de humanidades.

Divaguei. Fui mais longe. Deparei-me com o Morro do Seminário escalado pelos jovens das primeiras gerações intelectuais do Crato. Vi, coleantes de vagabundos, os rios Batateiras e Grangeiro.

"O POVO", 20.09.70

# Contribuição do Cariri Cearense à Historiografia do Nordeste

(Apresentado por ocasião do II Simpósio de História do Nordeste realizado no Instituto Central de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Brasília)

JOSÉ NEWTON ALVES DE SOUSA

- Do Instituto Geográfico e Histórico da Bahia
- Do Instituto Cultural do Cariri
- Da Faculdade de Filosofia do Crato

## I — REGIÃO E HISTÓRIA

(Introdução)

Cada região geográfica repousa, primariamente, numa base física. Só depois é que se humaniza. Nem toda região se humaniza plenamente. Talvez a nenhuma seja possível humanização absoluta.

A base física é o âmbito espacial onde opera o homem em termos culturais. Por isso mesmo, a cultura do homem, se é cumulativa na ordem cronológica, é especializada na sua operatividade expansiva.

A região molda a cultura pela fixidez dos limites e pelo inevitável relacionamento homem-meio.

O homem, porém, responde a essas influências pela dominância de sua natureza específica, a que, por outro lado, modela, quanto pode, a região. No dia-a-dia desse comércio, realiza-se a história, que não comporta matéria apenas temporal. Os acontecimentos ocorrem sempre num determinado espaço e num determinado tempo. Suas repercussões é que podem ultrapassar, e ultrapassam, essas fronteiras.

Os povos andejes e nômades, se ainda os há como tais, tendem a desaparecer ou a reduzir-se ao mínimo dos mínimos, tornando-se imponderáveis como expressões representativas em face da lei geral da fixação.

Fixar-se em algum espaço habitável é inerente ao ser vivo, e, portanto ao homem.

Isto não quer dizer que seja, este último, um brinquedo das forças de localização. Luta ele contra o espaço em mais de um sentido, e pode hoje dizer-se que, até certo ponto, já o venceu.

O que se pretende afirmar é que o homem, mesmo tendendo a uma cidadania universal, mesmo planetarizado ou interplanetarizado, estará sempre a elaborar sua história dentro de coordenadas de tempo-espaço, por sua imediata situação em vínculo telúrico.

As raízes geográficas do homem são alimentadas, vitalmente, por sua história. Essa história nunca é do indivíduo sozinho, como tal considerado, mas dele num contexto sócio-habitacional, de que é elemento cooperante.

O homem, quer como indivíduo, quer como povo, é talhado ao jeito do espaço físico humanizado em que se forma.

E por causa de sua fixação na ordem do tempo e na do espaço, fixação que não significa imobilismo, êle se conecta com o passado e com o futuro, do mesmo modo que transcende os limites politicamente demarcatórios, para inserir-se em círculos sociais mais amplos, traduzíveis em países, continentes, hemisférios, mundo.

É na região, todavia, que se configura, mais nitidamente, a fisionomia de cada povo, como expressão cultural e histórica do meio.

As regiões são unidades territoriais geograficamente delimitadas, mas não inteiramente homogêneas, como se constituídas de um único tipo de cultura, ou como se seu espaço fôsse um todo absolutamente igual. Cada região, tem seus núcleos de dominância e irradiação, mais fortes ou mais fracos, tem suas áreas privilegiadas, mas constituem verdadeiros todos humanizados por certa unidade física e cultural básica, climática e ecológicamente imperativa.

O Nordeste brasileiro, que é uma região bem caracterizada, tem uma história que não pode ser outra, senão uma história nordestina, uma história da região nordestina.

O Nordeste, como um todo regional, tem uma história que está ligada à de círculos espaciais mais dilatados, mas que se individualiza por notas típicas, singulares, inconfundíveis, delimitadoras da história da região.

O conhecimento da história regional, em países como o Brasil, supõe, entretanto, uma metodologia de trabalho que repouse na elaboração de histórias locais, de histórias estaduais e de histórias sub-regionais.

Sem o conhecimento das partes, o do todo seria prejudicado.

O Cariri cearense tem sido, dentro do Nordeste brasileiro, um polo de desenvolvimento particularmente significativo, quer por sua natureza de oásis dentro de um polígono sêco, abrangente de vários Estados, quer pelo feito de sua gente, historicamente diferenciada.

Sendo um povo que tem história, é, também, um povo que se tem preocupado com a História, seja com a história do acontecer político, social, econômico, cultural e religioso (\*), seja com a História como investigação e conhecimento metódico e crítico do passado.

---

(\*) A participação do caririense em lutas e episódios históricos tem sido uma constante dêste povo. Uma clara consciência de valor da própria terra e de seus habitantes, aliada a um nunca desmentido anseio de independência, faz do caririense um telúrico e um altivo, politicamente romântico, realisticamente combativo. Enraizado na humilde vivência da lavoura e da pecuária, sofrido entre sóis que dolorosamente se prolongam e chuvas que por vezes se excedem, teve formação histórica diversa da que tiveram as populações norte-cearenses. Comunica-se mais com Pernambuco Paraiba, Piauí e sul do País do que com Fortaleza, em termos relativos. Isolado no vale, como que resulta da chapada, e se esta é muralha que o baliza como oposição, aquêle é convite ao trabalho como sítio fértil e ao derivar para mais longe, no sentido das águas. Agricultor e fênicio, intelectual e guerreiro, místico e um tanto fatalista, sonha formar um Estado independente, que êle, na realidade, não quer e, fora da gleba natal, distanciado pela esperança de melhores dias e, igual aos demais nordestinos do interior, tomando o primeiro caminhão de retôrno, à notícia das chuvas iniciais.

Pessoas e instituições caririenses serão aqui estudadas, por sua valiosa contribuição à historiografia nordestina.

Entre essas pessoas, é de justiça destacar: o Dr. Irineu Nogueira Pinheiro, o Pe. Antônio Gomes de Araújo e o Prof. José Alves de Figueirêdo Filho.

Entre as instituições, o Instituto Cultural do Cariri e a Faculdade de Filosofia do Crato.

Os "Cadernos do Cariri" não seriam desprezíveis, na perspectiva dessa contribuição.

## II — DR. IRINEU NOGUEIRA PINHEIRO

Irineu Nogueira Pinheiro, filho do bacharel Manuel Rodrigues Nogueira e de D. Irineá Nogueira Pinheiro, nasceu em Crato, Ceará, no dia 6 de janeiro de 1881. Fêz o curso primário em sua cidade natal, o secundário em Recife e Fortaleza e o superior (Medicina) no Rio de Janeiro, onde defendeu tese ("Um Caso de Dixiocardia") para doutoramento (1910).

Inspetor federal de ensino, professor de História Geral e do Brasil, bem como de Física e Química, sócio correspondente do Instituto do Ceará e da Academia Cearense de Letras, primeiro Presidente do Instituto Cultural do Cariri, era fidalgo no gesto, polido no falar, pertinaz investigador de documentos, e, perseguindo nobres objetivos como intelectual, deixou uma apreciável contribuição historiográfica, concretizada nas seguintes publicações:

- 1 — O JOASEIRO DO PADRE CÍCERO E A REVOLUÇÃO DE 1914 — Irmãos Pongetti Editores — Rio de Janeiro — 243 páginas, incluída a página de rosto, a primeira ilustração, o prefácio e o índice.

Eis como, apresentando o livro, se exprime o autor, em "Duas Palavras":

"Se o leitor me perguntasse porque escrevi o presente livro, responderia: para evitar fôssem esquecidos alguns fatos da vida política do Ceará, especialmente do sul do Estado. Esquecidos ou deturpados pela tradição oral.

Procurei narrar neste livro com máxima fidelidade o que vi e o que me contaram testemunhas oculares de fé ou protagonistas dos sucessos descritos.

Transcrevo ainda alguns documentos inéditos do arquivo deixado pelo padre Cícero Romão Batista, documentos que iluminam certos acontecimentos da rebelião joazeirense contra o governo do coronel Marcos Franco Rabelo.

Constituem as páginas, que apresento ao bénevolto leitor, um modesto subsídio para aquêles que, no futuro, empreenderem o estudo dos fenômenos da História do Ceará, perscrutando-lhes as conclusões que merecem.

Eis o escopo dêste singelo trabalho".

O livro desenvolve-se em dezessete capítulos (págs. 7-148). Alentadas e documentadas notas sucedem-se da página 151 à 240. A documentação fotográfica abrange:

- a) um retrato, em corpo inteiro, do Pe. Cícero Romão Batista;
- b) um retrato, (3x4) do Coronel Marcos Franco Rabelo;
- c) um retrato (busto) do Coronel Antônio Luiz Alves Pequeno;
- d) quatro fotos do Dr. Floro Bartolomeu ao lado de adeptos da Revolução de 1914;
- e) uma foto de um bando de romeiros que invadiram o Crato, em 1914;
- f) uma foto do Dr. Floro Bartolomeu assistindo a combate simulado;
- g) uma foto fixando grupo de revoltosos;
- h) uma segunda foto de Pe. Cícero (busto).

2 — UM BAIANO A SERVIÇO DO CEARÁ E DO BRASIL — Tese apresentada ao Primeiro Congresso de História da Bahia e relatada pelo Dr. Antônio Loureiro de Sousa, cujo parecer foi aprovado na sessão de 25 de março (1949). Essa tese está inserta no III volume dos ANAIS DO PRIMEIRO CONGRESSO DE HISTÓRIA DA BAHIA. Tip. Beneditina Ltda. Cidade do Salvador — Bahia. 1950. Págs. 353-360.

3 — JOSÉ PEREIRA FILGUEIRAS — Tip. Livraria RAMIRO. Crato, Ceará. O trabalho traz a data de 1952 e possui trinta páginas, incluídos o rosto e o prólogo. Neste, declara o autor:

“Publicar êste opúsculo, que é ligeira ampliação de minha tese sob o título “Um baiano a serviço do Ceará e do Brasil”, apresentada ao Primeiro Congresso de História da Bahia, realizado em Salvador, de 19 a 29 de Março de 1949, é meu intuito vulgarizar, na medida de minhas forças, os feitos de um dos nossos antepassados, José Pereira Filgueiras, Capitão-mor do Crato, injustamente julgado, a meu ver, por alguns de nossos historiadores”. E, linhas após:

“Foi êle, sobretudo, um homem de ação, da estirpe dos que fazem história em vez de a escreverem, cavando sulcos profundos em nossa vida coletiva em 1817, 22 e 24.

“É admirável que Filgueiras, pobre como seus contemporâneos no Cariri, a viver da rudimentaríssima indústria de moer canas de açúcar e fabricar rapaduras em tosco engenho-de-pau, idêntico aos do sec. XVII, descritos por Frei Vicente do Salvador em sua História do Brasil, é admirável que, em 1822 e 24, com valentes companheiros tenha levantado exército que pelejaram por nossa Independência e pela República, na Confederação do Equador.

Sousa Leão Neto, referindo-se a êsse trabalho de Irineu Pinheiro, escreve, com precisão: “... a obra que vem realizando o Sr. Irineu Pinheiro, com referência à região do Cariri, no Estado do Ceará, é de importância ainda não devidamente apreciada. Dedicando-se ao estudo da história daquela região cearense (...), vem o pesquisador cearense trazer uma contribuição deveras interessante para a nossa bibliografia histórica”. (Cr. “ITAYTERA”, n.º 13, Crato, Ce., em documentação coligida pelo Pe. Antônio Gomes de Araújo e publicada pelo Prof. Figueiredo Filho).

4 — O CARIRI — SEU DESCOBRIMENTO — POVOAMENTO  
COSTUMES. Fortaleza, Ceará. 1950. 238 páginas, incluídos  
o rosto, a dedicatória e o antelóquio.

O livro é dedicado "À memória de meu avô, coronel Antônio Luiz Alves Pequeno, o segundo deste nome, cuja honradez, trabalho e inteligência, na derradeira metade do século passado, cooperaram para o adaeamento moral e material do Cariri".

No "Antelóquio", escreve Irineu Pinheiro:

"Este livro é puramente regional mas penso que não desinteressará o leitor do norte, do sul ou do centro do Brasil".

E, mais adiante:

"Neste meu livro procurei narrar o descobrimento e o povoamento de um dos mais característicos trechos do nordeste brasileiro, o Cariri, no extremo meridional do Ceará, sua principal agricultura, sua criação na serra do Araripe, sua pequena indústria, alguns hábitos de sua gente, algo de seu folclore.

Através de suas páginas, da primeira à derradeira, verá aquele que tiver a gentileza de o ler, meu desejo de registrar certos aspectos atuais da vida sul-cearense, como também outros que as gerações mais jovens já não observam.

Tudo o que escrevi, julgo, é um subsídio modestíssimo, mas útil, certamente, aos que se aventurarem a construir nossa História".

O livro contém quarenta e quatro capítulos e não traz ilustrações.

Em carta ao Dr. Irineu Pinheiro, sobre O CARIRI, escreveu o Sr. Mário Linhares, da Academia Cearense de Letras:

"Através das páginas dessa nova obra, de tão elevada significação histórica, passam em cortejo impressionantes acontecimentos, descobrimento, povoamento e costumes, essa prodigiosa região nordestina que honra não sómente à terra cearense como todo o Brasil, nos seus feitos meritórios, nas suas tradições gloriosas.

É digno de francos elogios esse seu trabalho, afanoso, paciente, honesto e inestimável que nos traz o Cariri desde os seus indígenas, passando por múltiplas etapas evolutivas até o momento atual, numa visão de conjunto que espelha a grandeza do seu passado unindo-se à grandeza maior dos dias que hão de vir, animado sempre pelo sópro de uma vida nova, mercê de sucessivas conquistas e reivindicações políticas e sociais".

("ITAYTERA", n.º 12, documentação citada).

5 — EFEMÉRIDES DO CARIRI — Imprensa Universitária do Ceará — 1963. 555 páginas, incluídos o rosto, a dedicatória, a apresentação e a introdução, começando o texto na página 13, com um erro de contagem de duas páginas, a não ser que se considerem como páginas do livro as faces da capa. Em 1925, quem o assegura é o Pe. Antônio Gomes de Araújo, no roteiro bibliográfico que elaborou de Irineu Pinheiro e que o Prof. Figueiredo Filho publicou em "ITAYTERA", n.º 13, págs. 6-7, "Dá início (Irineu Pinheiro) a trabalho lento, paciente, obstinado e escrupuloso, de pesquisas para a efa-

boração de livros que tem em mente: um relato da chama da "Sedição de Juazeiro"; uma ecologia social do Cariri e uma história do Cariri no gênero efemérides".

Este último, "composto e impreso nas oficinas gráficas da Editora Instituto do Ceará, com a cooperação da Imprensa Universitária do Ceará", sai a lume sob o título, acima referido, de EFEMÉRIDES DO CARIRI.

Em vão tentara o autor, em 1948, junto aos editores Briquet e Irmãos Pongetti, e em 1952, junto ao então Presidente do I.C., a publicação de "Efemérides do Cariri".

Sômente em 1964, dez anos após sua morte, aquela obra mestra de Irineu Pinheiro sai do prelo, integrando a Coleção "TTAYTERA", do Instituto Cultural do Cariri.

Irineu Pinheiro faleceu no dia 21 de maio de 1954.

Vale, aqui, transcrever o trecho abaixo, de apresentação de "Efemérides do Cariri", assinada por J. de Figueiredo Filho:

"Ao anoitecer do dia 20 de maio de 1954, encontrei-o (ao Dr. Irineu) encostado ao poste de iluminação da esquina de José Eurico, em companhia de Hermógenes Martins. Tomei parte na roda. Conversamos bastante e tocamos no Instituto (Instituto Cultural do Cariri). Naquela oportunidade, disse-me que estava sentindo uma dorzinha perto do ombro esquerdo e por isso ia recolher-se cedo ao seu quarto. No dia seguinte, mais ou menos às oito horas da manhã, estava eu trabalhando na farmácia (Farmácia Central do Cariri), quando Hermógenes entra apressadamente e diz-me:

— Dr. Irineu acaba de falecer, neste momento.

"Corri para sua casa meio atordoado. Lá o encontrei, morto, estendido na cama do segundo quarto e ainda quente. Disseram-me que ao acabar de escrever, sentado ainda em frente à secretária, a morte o surpreendeu. Tratava-se de uma carta ao seu amigo, desembargador Livínio de Carvalho, comunicando-lhe que acabara de concluir as "Efemérides do Cariri" e que, dentro em breve, iria a Fortaleza tratar de editá-las". (\*)

Fala ainda J. de Figueiredo Filho, na citada apresentação, aludindo a "Efemérides do Cariri":

"A sua obra póstuma, a mais útil, a que escreveu com mais esforço, foi incontestavelmente "EFEMÉRIDES DO CARIRI". Ficarão essa obra como fonte de informações para todos os estudiosos do vale caririense, no futuro. Só homem de inteligência aprimorada, com sólida cultura e de espírito de investigador da história, poderia escrevê-la".

Estudando, miudamente, a história do Cariri, tendo em vista homens e episódios, feitos e valores, paisagens e culturas, pôde Irineu Pinheiro escrever, no prólogo das "Efemérides" (pág. 33):

---

(\*) O fato de, em 1948 e em 1952, não ter conseguido editor para as "Efemérides do Cariri" levou Irineu Pinheiro a continuá-las até que as deu por concluídas, em 1954, como acima se viu.

“Tudo isso honra o Cariri e o Estado de que participamos e nos faz cooperar na nossa História Geral, “brilhantemente”.

Algumas linhas depois, prossegue e conclui:

“Ao terminar êste prólogo, faço votos por que as “Efemérides do Cariri”, expressão de meu amor à região onde nasci, despertem em nossos jovens o desejo de bem conhecer nosso passado no Ceará — Colônia, Império e República.

“É verdade que, examinando o pretérito e nele meditando, melhor compreenderemos o presente e mais seguramente nos orientaremos sôbre o futuro.

“Sejam elas, as “Efemérides”, singelo compêndio de história caririense e contribuam, modestamente embora, em benefício daqueles que se dedicam ao estudo de nossa terra e de nosso povo”.

As efemérides relativas ao século XVIII são narradas nas páginas 34-50. As do século XIX iniciam-se nas páginas 51 e terminam na 170. As do século XX, abrindo a página 171, chegam até ao final da 242. A partir da página 243, alongando-se até à última (555), vêm as notas, reveladoras de um espírito meticoloso, honesto e exigente. Essas notas, em número de 90, são rigorosamente enriquecidas com documentos.

O superior espírito de Irineu Pinheiro, êle próprio o revelou, nas palavras com que encerra “Efemérides do Cariri”:

“No Brasil, país vasto, de tradições ainda frágeis, deve preocupar-nos, de modo especial, a unidade pátria. Não se esqueça que nada apertará mais os laços que nos devem unir, como nação independente, que os estudos históricos, a pesquisa de documentos, sua interpretação, o conhecimento exacto do que fizeram nossos antepassados de digno e de heróico, na paz e na guerra.

Sigamos nós, os caririenses, o exemplo de Guizot, buscando salvar o que nos resta em arquivos e cartórios e reaver, se possível, o que se acha desaparecido, há tantos anos, por incúria, por questões políticas à mão armada, por interesses particulares”.

Com J. de Figueiredo Filho, escreveu Irineu Pinheiro o livro “Cidade do Crato”, editado, por interferência do deputado Antônio de Alencar Araripe, pelo Ministério da Educação e Cultura, em homenagem ao centenário da cidade. Cabe-lhe a parte respeitante ao passado cratense. Figueiredo Filho desenvolveria a relativa ao Crato actual.

Registre-se, ainda, de Irineu Pinheiro, o opúsculo sôbre o caudilho caririense Joaquim Pinto Madeira, escrito com o mesmo espírito e clarividência com que elaborou os demais trabalhos.

### III — PADRE ANTÔNIO GOMES DE ARAÚJO

Nascido em Brejo Santo, Ceará, no dia 6 de janeiro de 1900, fi-

lho de José Nicodemos da Silva e D. Maria Gomes de Araújo Lima, ou Maria Gomes Nicodemos, entrou para o Seminário Menor do Seminário Episcopal do Ceará, em 1919, já no segundo ano.

Ordenado sacerdote em 1927, foi professor de História Eclesiástica, Filosofia, Latim e História Geral e do Brasil, e recentemente se aposentou da função de inspetor do ensino normal.

Tendo exercido outros cargos, religiosos, administrativos e culturais, deixou indeléveis marcas no espírito das gerações que o tiveram por mestre e, dedicando-se à pesquisa histórica, neste mister se tem havido com inegável merecimento.

"Espírito inquieto e polêmico — dêle escrevi, noutra estudo firme, porém, nos princípios, tem, algumas vezes, saído a campo, pela imprensa, em defesa de suas convicções.

Não descansa, enquanto não prova o que diz, ou encontra um fato que retifique o que pensa, ou prepondere outro motivo superior.

Por ser um homem sem meias palavras, vai direto à verdade, doa em quem doer". (\*)

Distinguido, várias vezes, com honrarias e louvores, guarda e irradia sempre a mesma fundamental e impressionante personalidade que o torna respeitado e querido.

Dir-se-ia que o polemista de algum modo prejudica o historiador.

Mas historiador — diz êle —, não é qualquer um que assim se apelide, mas o que vai além da mecânica dos fatos, elaborando sínteses superiores e originais, à luz de uma doutrina homogenizadora e direcional da obra realizada sobre o conhecimento do passado.

Assim pensando, não se tem como historiador. E em tal atitude se reflete mais uma aresta de seu caráter: a humilde sinceridade..

O que se lhe não pode negar e nem êle próprio o faria — é que é um pesquisador da história cariense e um dos que mais seriamente têm contribuído para enriquecer a Historiografia nordestina, através de publicações que aqui serão descritas..

Jamais adulterou ou desfigurou documentos. Jamais leu ou interpretou o quer quer que fôsse com duplicidade de intenção. Sempre foi aberto aos outros para os informar do que precisam, embora nem tôdas às vezes os outros lhe tenham sabido ser suficientemente leais.

Defendendo um ponto de vista, pode exceder-se em ardores polêmicos, mas sem falsear, sem mentir.

Como pesquisador, é invariável o seu proceder de homem objetivo, pertinaz, buscando, corrigindo, cotejando, confirmando.

Afastado do magistério, por uma questão de saúde, não abandonou a pesquisa.

Procede, atualmente, a uma revisão de todos os seus trabalhos, que deverão ser reeditados pela Faculdade de Filosofia do Crato, cuja Cátedra de História Antiga e Medieval lhe pertence desde o princípio.

Eis os seus principais trabalhos:

- 1 — CONCURSO DA BAHIA NA FORMAÇÃO DA GENS CARIENSE — Tese apresentada ao Primeiro Congresso de História da  
ôlf

(\*) "Padre Antônio Gomes de Araújo e a Pesquisa Histórica no Cariri", apresentado por ocasião do I Simpósio de História do Nordeste Brasileiro.

Bahia, realizado em Salvador, em março de 1949. Distribuída à 1a. Seção do Congresso, relatou-a o Dr. Antônio Loureiro de Sousa, cujo parecer, favorável à tese, foi aprovada em sessão plenária de 26.3.1949. No III tomo dos Anais, ocupa as págs 361-372.

Declara, abrindo o estudo:

"Iniciando este modesto trabalho, afirmo sem receio de erro que os sertanistas baianos dos séculos 17 e 18 equiparam-se aos seus êmulos paulistas, senão pelas proporções do mapa geográfico conquistado para o Brasil, no mínimo sob o aspecto heróico e decisivo para a formação e a unidade brasileira".

Descrevendo a hinterlândia nordestina, sua conquista e povoamento, particulariza o Ceará e, dentro do Ceará, o Cariri, a respeito do qual escreve:

"Baianos devassadores de sertões foram os primeiros na ordem cronológica a reconhecer o Cariri, subindo o Salgado e o riacho dos Porcos, e descendo este, vindos de Terra Nova, e provavelmente pela chapada do Araripe, deixando atrás o riacho da Brigida". (Pág. 364).

Tratando da exploração, conquista e povoamento do Cariri, passa a estudar o capitão João Correia Arnaud. ("Um dos troncos baianos fixados nesta terra na primeira metade do século 18 ...") e seus descendentes.

Crato, Barbalha e Milagres são os municípios que o autor salienta, e que receberam, para seu povoamento, troncos baianos.

O Prof. Luiz de Barros, do Instituto do Ceará, assim termina a apreciação da tese do Pe. Gomes, em artigo publicado em "O Nordeste", de Fortaleza, e transcrito em "O Município", de Crato: "O trabalho do Padre Gomes de Araújo deve ser ampliado para formar uma História do Cariri, assunto que o autor demonstrou conhecer perfeitamente através da tese que tão bem defendeu no 1o. Congresso da História da Bahia".

Outras vezes se fizeram ouvir na imprensa, reconhecendo o valor dessa tese, que o autor mandou pôr em plaqueta, vinda a lume pela Imprensa Oficial da Bahia.

## 2 — A BAHIA NAS RAÍZES DO CARIRI (Século XVIII). — ITAYTERA, n.º —1 (1955) — págs. 2-47.

O que é afirmado na tese, aqui está comprovado, neste paciente e consagrador estudo do Pe. Gomes.

Leia-se, na pág. 4:

"Os colonos baianos, se não foram aqui os principais titulares das terras de sesmaria, co-povoaram por acostamento, aforamento e compra aos sesmeiros, açambarcadores de latifúndios de léguas".

E mais adiante:

"Os baianos atuaram sobretudo nos vales de Missão Velha e Barbalha, em sua tarefa de partícipes na formação étnica, social e econômica que adotaram.

"Dêsses heróicos filhos da terra de Moema, fixados sob o céu caririense, ao longo do século 18, século das origens e formação social do Cariri — fiz o presente rol, pálida resenha, que fica muito aquém da realidade. Deficientes, as fontes escritas consul

tadas, quanto ao tempo, partem de 1742, 40 anos após o início do povoamento da terra. Os arquivos eclesiásticos consultados acham-se desfalcados de muitos de seus livros, considerados perdidos. O arquivo paroquial do Crato não possui um único livro relativo ao século 18, senão o do Tombo, datando a criação da freguesia de 1762. É um exemplo. Ademais, não me foi ensejada consulta aos arquivos públicos e ao de todos os cartórios do Cariri. Por isso, numerosos colonos baianos, estabelecidos na zona durante o século 18, escaparam ao presente fichário, podendo o número dos registrados ser dobrado em exagêro, para cobertura da deficiência.

“Recolhi mais de 400 nomes duma área correspondente aos territórios dos modernos municípios de Crato, Barbalha, Milagres, Brejo Santo e Juazeiro do Norte...” (pág 4-5).

No parágrafo seguinte, assevera:

“Os colonos baianos, lado a lado de seus congêneres de outras procedências, foram os autênticos povoadores do Cariri. Os sesmeiros representaram o papel de posseiros: açambarcaram as terras e aforaram-nas e venderam a retalhar”.

E, em conclusão (pág. 6):

“No Cariri, a casinhola de palha eliminou a presença do domínio dos sesmeiros e evoluiu para a casa grande do sítio e da fazenda e assumiu a direção política e o contróle econômico da terra”.

Do final da pág. 6 até o da pág. 42, alinham-se os troncos arrolados. Da pág. 42 até à 47 seguem-se as notas, em número de 23.

### 3 — RAÍZES SERGIPANAS (Século XVIII) — “ITAYTERA”, n.º 3 (1957) — 241.

Da mesma linhagem dos dois trabalhos anteriores, é este do Pe. Antônio Gomes de Araújo, dedicado ao Capitão Otacilio Anselmo e Silva e intitulado “Raízes Sergipanas...”, com a referência: “Século XVIII”.

Conceituando que:

“Grupo humano, que ignore as próprias raízes étnicas e sociais, convergentes no momento histórico de sua formação, perfila-se qual filho bastardo, alheio, por exemplo, à trama que presidiu seu aparecimento, e à explicação, no presente, das tendências legadas pelos elementos formadores”. (Pág. 2).

Adentra-se no estudo do povoamento do Cariri cearense e, tendo apresentado, no primeiro número de “ITAYTERA”, um “cômputo-índice” da incidência baiana, agora, diz êle:

“É a vez dos sergipanos, aqui chegados, lado a lado de baianos e pernambucanos, no século 18, vencendo os caminhos batidos pelos sesmeiros pioneiros, em cujos sesmos se instalaram por acostamento ou compra”. (Pág. 3).

Os sergipanos, como se verificou o Pe. Gomes,

“Partiram, no Ceará, do eixo social distribuidor do Rio Jaguaribe, e, pelo “Salgado”, atingiram esta região”. (O Cariri). (Pág. 4).

Os sergipanos, para aqui vindos, motivados pela fundação de currais, não teriam sido, segundo o autor, muito numerosos:

“O número de colonos sergipanos, convergentes na formação do complexo social do Cariri, está aquém daquela calculada por certos cronistas. Encontrei traços visíveis de sua presença apenas nos vales de Barbalha, Missão Velha e Crato, ou seja no coração desta zona”. (Pág. 4).

Conclui-se, porém, que:

“O traço sergipano... à igual do pernambucano e baiano, está indelevelmente, impresso na fisionomia originária do coração do Cariri”. (Pág. 45).

Da 5a. página por diante, até à 34, desdobra-se a relação dos 160 sergipanos aqui fixados e as respectivas referências documentais. Destaca, por motivos ponderáveis, alguns dêsses “troncos” e da pág. 35 até à 38, justifica ausência de José Pereira Filgueiras da relação de sergipanos, pois, através de prova indireta, conclui pela bairanidade daquele famoso capitão-mor do Crato. A partir da pág. 39, em “Nota”, arrola alguns “prolongamento ilustres, repetindo uns quantos, das quatro colônias sergipanas imigrantes na gleba cratense ainda na primeira parte do século 18: Apolônio Correia de Oliveira, Bárbara de Oliveira, Luzia de Oliveira e Desidéria de Oliveira, ou Desidéria Maria do Espírito Santo”, (seguem-se os nomes de várias dezenas de descendentes);

Defeito de paginação prejudica a leitura sequenciada dêste notável trabalho.

#### 4 — NATURALIDADE DE BÁRBARA DE ALENCAR — A Heroína do Crato — 2a. edição. Liv. e Papelaria RAMIRO — Crato — 1953.

O opúsculo tem 15 páginas, das quais 13 de texto, incluída a documentação. É dedicado “Ao meu amigo Livino de Barros Alencar, tetraneto da Heroína”.

A primeira edição é de 1951 e procede da mesma fonte impressora.

A segunda é assim explicada pelo autor:

“Neste ano de 1953, faço segunda edição dêste trabalho. Acrescento ao título o sub-título: A Heroína Cratense, iniciativa, com que concorro às comemorações do primeiro centenário da elevação do Crato à categoria de cidade, cidade da qual a Heroína se constituiu um dos gênios tutelares ao lado dos FUNDADORES...” (Pág. 3).

“Com essa publicação — diz o Pe. Gomes, concluindo o trabalho — rendo a minha homenagem cívica àquela que, embora pernambucana e exuense, pertenceu, inteiramente, ao panteon da história política do Crato e do Ceará”.

O trabalho é dêsses que restabelecem a verdade histórica pela documentação incontestável, conseguida através da pesquisa honesta, laboriosa, miúda, fixa e volante, na autenticidade das fontes indiscutíveis.

Por isso, com segurança e autoridade, pôde o Padre Gomes afirmar na pág. 8:

“Estava afinal identificada definitivamente a naturalidade da avó paterna do romancista José de Alencar”.

#### 5 — UM CIVILIZADOR DO CARIRI. Tip. Imperial. Crato, Ce. 1955. Opúsculo de 26 páginas numeradas (texto da 5a. à 26a.).

Em seguida à pág. 26, estampam-se os seguintes clichés, com as respectivas legendas:

- a) "Coronel Basílio da Silva, aos 73 anos de idade, no fastígio de sua influência política, econômica e social".
- b) Residência senhorial: "Aqui nasceu Brejo Santo. Sobre o velho chão da primitiva fazenda Brejo, Basílio Gomes da Silva instalou o primeiro engenho de ferro do futuro município. Construiu ao lado, sua senhorial residência e, ao mesmo tempo iniciou o cultivo da cana de açúcar nestas terras úmidas da Nasçença".
- c) "Um aspecto da paisagem do sítio Nasçença, obra imperecível do Patriarca do Brejo Santo".
- d) "Tenente Coronel Basílio Gomes da Silva, entre oficiais da Polícia Militar do Ceará, no pátio da fazenda Nasçença, em 1918".

"Um civilizador do Cariri" é dedicado "À memória de Victor José Modesto, irmão de Basílio Gomes da Silva e co-fundador da cidade pernambucana de Araripina".

Com apoio, como é de seu proceder, em arquivos e documentos fidedignos, traça o perfil histórico de Basílio Gomes da Silva, Patriarca de Brejo Santo (berço natal do autor) o qual, aos 18 anos de idade,

"abandonou a atividade política, satisfeito de haver escrito um capítulo substancial da evolução histórica de Brejo Santo: a fundação do distrito e da vila, a criação, organização e consolidação da administração municipal; a obtenção de uma agência de correio e da primeira unidade escolar de ensino primário estadual instalada naquele pedaço do Cariri". (Pág. 20).

"Recolhendo-se à vida privada depois de meio século de vida pública, Basílio Gomes recolhia a convicção de haver sido na segunda, uma projeção da primeira, quanto ao esforço criador e à capacidade administrativa. Realmente, educou os filhos para a vida. Tendo-se iniciado pobre, no setor econômico, chegou a possuir, adquiridos ao calor da atividade honesta, quase 19 sítios e fazendas. Em sua fazenda-sítio, "Nasçença", instalou o primeiro engenho de ferro que Brejo Santo conheceu servindo à indústria da rapadura no município. Chegou a possuir 800 réses vacuum, em suas fazendas-currais". (Págs. 20-21).

Oito notas complementares e elucidativas lêem-se da pág. 22 à 26.

- 6 — PADRE PEDRO RIBEIRO DA SILVA — O FUNDADOR E PRIMEIRO CAPELÃO DE JUAZEIRO DO NORTE — "ITAYTERA", N. IV — 1968. Pág 3-37. Saiu deste trabalho uma separata, com 37 páginas. Tip. Imperial. Crato. 1958.

Algumas figuras humanas que nelas aparecem, constituem

"exemplos, entre outros, da ocupação definitiva da terra por sítiantes posseiros no século dezoito, o século da iniciação agrícola do Cariri". (Pág. 6).

Na página 7, afirma:

“Em terras sucessivamente pertencentes a Manuel Rodrigues Ariosa, Capitão Antônio Mendes Lobato e Lira, Maria Ferreira da Silva e Firmino Dias de Sousa, o Padre Pedro Ribeiro da Silva teve o domínio e a posse do Sítio Juazeiro e, em parte de seu chão enxuto, fundou a cidade de Juazeiro do Norte, em torno da Capela por ele edificada e ereta”.

Salientando que o Fundador descendia da aristocracia rural da terra, aliando, êle próprio, “as atividades de sacerdote às de agricultor e industrial de produtos agrícolas”, mostra que, padre secular,

“não sacrificou ao seu labor econômico a condição que a batina simbolisa”. (Pág. 8).

O Pe. Pedro Ribeiro da Silva é estudado como “tipo administrativo de boa vista”, “independentista”, cuja “mentalidade de horizonte flexível, lhe permitiu a posse dum patriotismo esclarecido, atualizável e atualizado”. (Pág. 10).

O autor, entretanto, o invoca como fundador, que o foi, da Capela de Nossa Senhora das Dores, cuja pedra fôra lançada a 15.9.1827.

“Naquele momento de significação transcendental, o Padre Pedro Ribeiro da Silva lançava o fundamento duma grande cidade e de não menor matriz paroquial”. (Pág. 14).

“Primeiro Capelão da igreja que edificou e erigiu, aliás a primeira em terras de Juazeiro, o Fundador configurou-se o cura de almas pioneiro sediado naquele pedaço do Cariri”. (Pág. 16).

Morto a 9 de setembro de 1883,

“Passou, ficando, aquêle que é, historicamente, o fundador da cidade de Juazeiro do Norte, a qual lhe tarda com bronze feito estátua ou erma. A história já lhe ergue a sua, a da justiça de seu tribunal, que assenta no granito da verdade dos fatos, e ignora o embuste solicitante das paixões e conveniências humanas a serviço de tabus absorventes ou exclusivistas”. (Pág. 20).

O autor relaciona, a seguir, os continuadores do Fundador, e acrescenta notas ilustrativas e complementares, que se estendem por quinze páginas (23-37).

O cliché (pág. 9) traz a seguinte legenda: “O Sítio Juazeiro do Padre Pedro Ribeiro da Silva — em vida do seu dono na concepção do Autor. Trabalho a lápis do artista cratense Geraldo Benigno”.

Na pág. 28, outro cliché, com os dizeres: “FAC-SIMILE da assinatura do Fundador, reproduzida de uma procuração passada para Manuel de Sousa Martins, futuro primeiro governador da Província do Piauí e visconde de Parnaíba, mencionada no texto”.

6 — APOSTOLADO DO EMBUSTE — Edições ITAYTERA — Tip. Imperial. Crato. 1956. Dedicado “À memória de Dom Joaquim José Vieira, herói tranqüillo, que desmascarou o embuste, preveniu o cisma e manteve a dignidade do clero”. “À memória de Monsenhor Joviniano Barreto, vigário-mártir”. As ilustrações trazem, respectivamente, as seguintes legendas:

a) “Beata Maria de Araújo, no tempo dos pretensos milagres desmascarados depois pela clarividência do grande bispo D. Joaquim José Vieira”.

- b) "José Marrocos em sua mocidade. Cliché de retrato a pessoa de sua família".
- c) "Professor Rufino de Alcântara Montezuma, brilhante figura do magistério cratense em cuja escola José Marrocos recebeu os conhecimentos das primeiras letras".
- d) "FAC-SIMILE dum cartão de José Marrocos dirigido a pessoa de sua família".
- e) "Foto do Professor José Marrocos, ao tempo dos supostos milagres".

A composição abrange sessenta e duas páginas, e o volume historia e analisa, documentadamente, o papel do Prof. José Marrocos no caso dos pseudo-milagres de Juazeiro do Norte.

"À luz pois das considerações expendidas neste trabalho diz o autor, concluindo, pág 25 — lamento enxergar na paisagem dolorosa do embuste enfocado uma provável responsabilidade consciente, de José Marrocos".

Iniciadas na pág. 25, seqüenciam-se 52 notas elucidativas e complementares do texto. Publicam-se, também, (págs. 55 e seguintes). Decisão e Decretos da Sagrada Inquisição Romana sobre os fatos que sucederam no Juazeiro, diocese de Fortaleza". Sobre estes documentos o autor tece considerações esclarecedoras.

O mesmo texto de "Apostolado do Embuste" foi publicado no nº 2 de "ITAYTERA".

A repercussão de "Apostolado do Embuste" foi muito grande. A demonstração disso está no folheto "Ecos do APOSTOLADO DO EMBUSTE" (19 págs.), separata de "ITAYTERA" (Ano III — N. III), folheto que traz, em anexo, uma carta do Cap. Otacílio Anselino e Silva, futuro autor de "Padre Cícero — Mito e Realidade".

7 — 1817 NO CARIRI — Inicia a Série "Cadernos de Cultura", da Faculdade de Filosofia do Crato. Crato, 1962.

A apresentação é do Prof. José Newton Alves de Sousa, diretor da Faculdade, a nota-prefácio do Prof. José de Figueiredo Filho, titular da Cadeira de História do Ceará, da mesma Escola.

O texto abrange 24 páginas, seguidas de duas outras contendo o "Roteiro Bibliográfico".

O Prof. Figueiredo Filho, na supramencionada nota, escreve:

"O Autor, em sua linguagem vibrante, com dados bebidos em fontes puras, mostra o papel desenvolvido pela família Alencar, notadamente de uma de suas figuras principais, José Martiniano de Alencar, no movimento de 1817 no Cariri".

8 — ALDEAMENTO DA MISSÃO DO MIRANDA E REVELAÇÃO DE SUA ARQUEOLOGIA. "Hyhyté", órgão oficial da Faculdade de Filosofia do Crato. Ano II N. II V. 2.. Saiu também em Separata. Desenvolve-se o texto através de 20 páginas, sobre as origens do Crato, num estudo que assim vem sequenciado: ALDEAMENTO EVOLUIU PARA CIDADE. MISSÃO PARA PARÓQUIA. CAPELA PARA MATRIZ. OCARA VIROU PRAÇA DA SÉ.

Tendo a cidade do Crato nascido de uma redução ou aldeamento de índios Cariri (pág. 89 da revista correspondente à primeira da separata) prova o autor que:

“O aldeamento legou a nossa cidade, de que foi embrião vigoroso, a Praça da Sé... que em sua configuração quadrada, era o cara do mesmo aldeamento”.

Diante do achado arqueológico da rua Cel. Antônio Luiz, em Crato, infere:

“É evidente que os Cariri que precederam, no vale, ao branco sertanista, não conheciam o uso dos metais, enquanto os do Aldeamento mantiveram contato permanente com o branco. Acresce que os Cariri não habitavam terras molhadas, preferindo as elevações ensoiaradas e arejadas, longe-perto das águas potáveis, piscosas e fertilizantes — concordam nisto os cronistas autênticos e senhores do assunto. Não seria crível que fôssem escolher, para inumar seus maiores, terras que condenavam para suas habitações. Se aqui houve exceção, ocorreu que eles se fixaram neste brejo, não espontaneamente, mas dirigidos” (Pág. 90).

O autor recorreu a fontes de arquivo e bibliográficas e enfoca nas páginas finais, a figura do fundador de Crato — Frei Carlos Maria Ferrara.

- 9 — A REVOLUÇÃO DOS ALENCAR (inédito). Originais levados para lugar incerto e não sabido, tendo sido entregues ao Presidente Castelo Branco, quando este visitou o Crato, em junho de 1964. O livro daria mais de duzentas páginas.

Outras publicações do Pe. Gomes encontram-se em jornais e revistas. As que aqui foram apresentadas são, entretanto, as que mais adequadamente estariam dentro do espírito do presente trabalho.

#### IV — JOSÉ ALVES DE FIGUEIREDO FILHO

J. de Figueiredo Filho é um espírito multifacetado. O farmacêutico primordial desdobrou-se no jornalista, no escritor, no folclorista, no mestre. Sua formação científica o fez objetivo e o balcão da farmácia deu-lhe um exato e miúdo conhecimento de nossa terra e de nossa gente. Nêle, o “nariz de farmacêutico” é mais do que uma aguçada sensibilidade de ordem fisiológica: é também uma antena espiritual de captação do mistério das coisas, dos seres, dos acontecimentos. O publicista de mil artigos, sobre os mais variados assuntos, um dia se fez romancista, em “Renovação” (romance regional do Nordeste); quase memorialista em “Meu Mundo é Uma Farmácia”, para se consagrar, depois, como bom entendedor do nosso folclore, em “Folclore do Cariri” e “Folguedos Infantis Caririenses”.

O Prof. Aires da Mata Machado Filho, quando, anos passados, esteve em Crato, a convite da Faculdade de Filosofia, o chamou de “O Cariri feito homem”.

Na realidade, Figueiredo Filho, tem, com relação ao sul do Ceará, notadamente à zona do Cariri e, de maneira ainda mais particular, ao Crato, um conhecimento invulgar, rico, minudente, pelo que se transformou em oráculo, a que todos buscam, quando desejam informar-se do que fomos, somos ou temos.

A frente do Instituto Cultural do Cariri, a que se dedica com zelo extremo (no caso não seria descabido dizer: “O Estado sou eu”...), é alma, e, até, corpo, de “ITAYTERA”, revista que se tem projetado além Ceará, como um dos mais sérios e valiosos órgãos culturais do Nordeste.

Ocupa, na Academia Cearense de Letras, a Cadeira n.º 34, sucedendo a Dolor Barreira. Sócio correspondente do Instituto do Ceará, do Instituto Arqueológico e Geográfico de Pernambuco, da Academia Nacional de Farmácia, Membro da Sociedade Geográfica Brasileira e organizações nacionais de Folclore, vem integrando, por duas vezes consecutivas, o Conselho Consultivo da Associação dos Professores Universitários de História.

Destaque-se, agora, o professor, que tem sido, de Química e História Natural, no Colégio Diocesano, na Escola Normal Santa Teresa e na Escola Técnica de Comércio da Associação dos Empregados no Comércio do Crato. O Professor, tem sabido ensinar como jornalista, pois é sobretudo escrevendo que êle ensina. Sua ciência básica, se esta fôsse de fato uma ciência, havia de chamar-se "Caririologia".

A principal contribuição do Prof. Figueiredo Filho à Historiografia nordestina é sua HISTÓRIA DO CARIRI, projetada para dez volumes, dos quais já se imprimiram os quatro primeiros, e o quinto se acha em elaboração.

Trata-se. como diz o autor, no prefácio que estampou no primeiro volume, de

"obra relativamente arrojada que encetei por motivo de falta de compêndio apropriado para a cadeira que dirijo (História do Cariri) naquele estabelecimento (Faculdade de Filosofia do Crato) que tantos benefícios tem trazido à região..."

"Na realidade — di-lo no parágrafo seguinte — é trabalho de compilação. Nem podia deixar de ser uma iniciativa de tal monta. Meu mérito apenas é o de concatenar o muito que estava escrito e esparso em tórno da heróica e movimentada história do Vale Caririense".

HISTÓRIA DO CARIRI integra a Coleção ESTUDOS E PESQUISAS, da Faculdade de Filosofia do Crato.

O 1o. volume contém os seguintes capítulos:

- I — O Cariri cearense. Origem do nome. Habitantes indígenas.
- II — Descoberta do Ceará. Tentativas de colonização e catequese do Cariri. Sesmeiras e Possesiros.
- III — Primeiras Vilas do Ceará. A missão do Miranda passa a vila. A primeira Paróquia caririense. A fundação de Jardim.
- IV — O Ceará separado de Pernambuco. O Cariri entre os séculos XVIII e XIX. A segunda comarca do Ceará.
- V — Revolução Pernambucana de 1817. Repercussão no Cariri. Atuação da Família Alencar. Influência que ficou. O Governador Sampaio.

O 2o. volume abrange abaixo:

- VI — O pavor em Crato, após a rebeldia de 17. Posse do primeiro ouvidor da comarca de Crato. Constituinte de Lisboa. Matriz de Crato atacada por fanáticos de São Pedro.
- VII — A segunda Comarca do Ceará faz o movimento de independência, em 1922. Memorável sessão da Câmara Municipal de Crato, a primeiro de setembro do ano da independência. Governo temporário de Icó, criado pela Câmara Cratense. Pereira Filgueiras, Tristão e a "Jornada da Liberdade".

VIII — Expedição cearense contra Fidié, no Maranhão. Rompimento entre conservadores e liberais, em Crato. Tomada de Caxias. Injustiça contra os expedicionários. Cochrane, falso libertador do Maranhão.

IX — Confederação do Equador. Uma revolução cruenta. O papel de Pereira Filgueiras e de Tristão Gonçalves. Heróis e mártires da causa republicana. O desastre de Picada. Tropas pernambucanas, com Frei Caneca, rendem-se no Cariri. Filgueiras, a última esperança da malograda confederação.

Embora a capa do 2o. volume anuncie os capítulos 6o. ao 10o. este último só se encontra do terceiro, em seu lugar aparecendo, porém, um adendo.

Assim está dividida a matéria do 3o. volume:

- X — Interregno entre revoluções. Luta fria entre Jardim e Crato. Pinto Madeira sempre em foco no cenário caririense. A Câmara do Crato lança a idéia da província dos Cariris Novos.
- XI — A Guerra do Pinto. Repercussão no Cariri. Da abdicação de Pedro Primeiro. Seria Revolução restauradora? Convulsão no Ceará. Derrocada dos revoltosos. Prisão dos responsáveis. Fuzilamento, em Crato, do caudilho jardinense.
- XII — Administração José Martiniano de Alencar. Criação da freguesia de Erejo Grande. Fundação da vila de Barbalha. A Província dos Cariris Novos. Sua repercussão.
- XIII — História econômica da região. Mandioca. Mineração. Engenhos de rapadura. Produtos extrativos. Comércio. Algodão. Sêcas. Despontar de nova era.
- XIV — A fundação da capela que deu origem à Juazeiro do Norte. Conflitos em Missão Velha, no ano de 1848. Elevação de Crato à cidade. Imprensa no Cariri. Assassinio na matriz do Crato. A freguesia de Milagres. Barbalha e Millagres elevadas à categoria de vilas.

O 4o. volume contém:

- XV — História cultural do Cariri.
- XVI — Período de decadência do Crato. Causas de seu despertar. Ação do Padre Ibiapina no Cariri. Estado sanitário da região.
- XVII — Criação do Bispado do Ceará. D. Luiz Antônio dos Santos, por duas vezes, visita a cidade do Crato. Sua influência benéfica. Fundação do Seminário do Crato, Erejo Santo e Caririaçu.

Na página 105 do 2o. volume escreve Figueiredo Filho:

“Quando empreendi a árdua tarefa de escrever a “HISTÓRIA DO CARIRI”, em vários volumes, com lançamentos sucessivos, foi certo de que não faria trabalho definitivo. Mais tarde, se Deus não mandar o contrário, no tempo oportuno, deverão ser reunidos em edição volumosa e única. Se eu mesmo não puder realizar este sonho que acalento, entidades como a Faculdade de Filosofia do Crato, ou o Instituto Cultural do Cariri, creio eu, poderão fazê-lo”.

Como professor titular de História do Cariri, tem o Prof. Figueiredo Filho participado dos últimos simpósios promovidos pela Associação dos Professores Universitários de História, apresentando, no de Pôrto Alegre (1967), uma comunicação intitulada "Sobrevivência portuguesa no Cariri cearense" e no de Campinas (1969) outra, denominada "A Entrada do gado zebu no Cariri pelo mesmo caminho dos povoadores baianos".

A HISTÓRIA DO CARIRI, do Prof. Figueiredo, ainda que com as características que êle próprio assinala, representa, sem dúvida, uma apreciável contribuição à Historiografia nordestina, na linha do ensino.

Concluída a tarefa, é plano do autor submeter a coleção a um tratamento mais científico, é, simultaneamente, mais didático, a fim de atingir, de maneira mais plena, os objetivos docentes de que se reveste. Enriquecendo-a, como tem feito, de numerosas notas e documentos, põe a juventude em contacto com fontes que bem lhe podem despertar o interesse por um estudo mais profundo de nosso glorioso passado.

O Prof. Figueiredo Filho nasceu em Crato, a 14 de julho de 1904, filho de José Alves de Figueiredo (Zuza da Botica) e de D. Emília Viana de Figueiredo.

Inexcedível colaboradora e companheira de tôdas as horas tem-na em sua digna esposa, D. Zuleika Pequeno de Figueiredo.

#### V — INSTITUTO CULTURAL DO CARIRI

Conforme reza o Art. 10. dos Estatutos,

"O Instituto Cultural do Cariri, sociedade com sede na cidade de Crato e fundada em 18 de outubro de 1953, tem por finalidade o estudo das ciências, letras e artes em geral, e especialmente da História e da Geografia Política do Cariri".

"Para preencher os seus fins o Instituto manterá e promoverá:

- a) intercâmbio cultural com instituições congêneres, científicas e literárias, nacionais e estrangeiras;
- b) uma Revista, em que se publiquem trabalhos dos sócios e colaboração de estranhos;
- c) uma biblioteca e arquivo em que se guardem e relacionem os papéis, livros, documentos, cartas geográficas, autógrafos etc., obtidos pela Sociedade ou a ela oferecidos;
- d) um museu regional;
- e) o culto, por meio de comemorações adequadas, dos feitos de nossa história, especialmente do Cariri;
- f) a restauração e a conservação de arquivos públicos e particulares, de símbolos e monumentos de qualquer natureza ligados à história, existentes no Cariri e o estudo dos antigos usos, costumes e tradições regionais".

O Instituto Cultural do Cariri tem sido escola e viveiro de estudiosos de nossa história, a seguir as pegadas de Irineu Nogueira Pinheiro e Pe. Antônio Gomes de Araújo.

Desde os primeiros momentos fomentou e prestigiou a fundação da Faculdade de Filosofia do Crato, e a revista "ITAYTERA" é veículo de apoio de tôdas as grandes causas regionais.

Pelo índice de autores e de assuntos que a Profa. Maria da Conceição Souza organizou e que vem publicado em o n.º 10 de "ITAYTERA", pode ver-se quanto é útil essa Revista, para um real conhecimento do

Cariri, notadamente no setor da história.

Quase todos os melhores trabalhos de pesquisa histórica do Pe. Antônio Gomes de Araújo foram nela publicados.

O escritor Otacilio Anselmo, consagrado autor de "Padre Cícero, Mito e Realidade", foi um dos mais assíduos frequentadores do I.C.C., pela presença e pela pena.

Zeloso divulgador da história cratense ("Esboço Histórico do Crato") e dos feitos heróicos dos brasileiros tem sido o General Raimundo Teles Pinheiro, um dos que mais amam e prezam esta gleba caririense que lhe deu berço.

Fazendo editar, com o apoio recebido do Reitor Martins Filho, o livro-mestre de Irineu Pinheiro — "Efemérides do Cariri", o I.C.C. prestou, fora de dúvida, à Historiografia nordestina, um grande serviço.

Salienta-se, ainda, que o I.C.C. através de alguns de seus associados, estimulou a edição dos "Cadernos do Cariri", credores, já, do conhecimento de quantos se interessam pelo desenvolvimento sul-cearense.

#### VI — FACULDADE DE FILOSOFIA DO CRATO

Já se disse que a história cultural e educacional do Cariri é passível de ser dividida em duas fases: a que antecedeu à Faculdade de Filosofia do Crato e a que se iniciou com a instalação desta, em 1960.

De fato, tais e tantos vêm sendo os trabalhos desenvolvidos por essa escola de nível superior em nosso meio, modificando e enriquecendo mentalidades, melhorando o ensino, editando trabalhos altamente válidos em mais de um campo do saber, inaugurando estilos e gêneros de promoções culturais, que um conceito como êsse que adquiriu lhe cabe com inteira justiça.

No particular da História, incluiu, no respectivo currículo, a Cadeira de História do Cariri, atualmente ampliada, de modo que abrange a do Ceará e do Nordeste, vem editando a HISTÓRIA DO CARIRI, do Prof. Figueiredo Filho; vem divulgando, em HUYHTÉ, ser órgão oficial, trabalhos de interesse histórico, inclusive de interesse histórico especificamente caririense e nordestino.

A Cadeira de História do Cariri, Ceará e Nordeste promete ser um instrumento de pesquisa e estudo de nosso passado, chamando a essa nobre tarefa os jovens que freqüentam a Faculdade e que já começam a lecionar História com outros métodos, sob novas luzes, respaldados em bibliografias e outras fontes cientificamente valiosas.

Iniciativa da Faculdade de Filosofia do Crato foi o Primeiro Simpósio de História do Nordeste Brasileiro, realizado em junho de 1969, e só isto lhe bastaria para, meritôriamente, ser incluído entre os organismos que contribuem para o desenvolvimento da Historiografia Nordestina.

#### VII — CADERNOS DO CARIRI

Lê-se, na "orelha do Caderno n.º 1 ("Novos Poemas de Beira-Mar"), que

"Os CADERNOS DO CARIRI são iniciativas de alguns membros do Instituto Cultural do Cariri e têm por finalidade cultivar as boas letras e divulgar, aqui e além, o conhecimento da terra e do homem desta região".

"As diversas séries (poesia, jornalismo, geografia, história, sociologia, economia, filosofia, folclore etc.) que os formam dirão da largura e da profundidade de nossas condições culturais".

A Série HISTÓRIA iniciou-se com "Independência no Nordeste", de Herminio de Brito Conde.

O Prof. J. de Figueiredo Filho, prefaciando a edição, escreve:

"A coleção "CADERNOS DO CARIRI", iniciativa de membros da Faculdade de Filosofia do Crato e do Instituto Cultural do Cariri, lançou seu segundo livro. É de autoria do escritor e sanitarista — Dr. Herminio de Brito Conde, filho do Piauí, residente no Rio e muito ligado a Crato e à região caririense.

É possuidor de sólida cultura e tanto sabe manejar a pena, com primor, em assuntos científicos, como em ensaios históricos. Foi êle quem lançou, no Brasil, fazendo substancioso prefácio, a obra rara "VÁRIA FORTUNA DE UM SOLDADO PORTUGUÊS", que é espécie de autobiografia do Brigadeiro José da Cunha Fidié, o comandante luso que capitulou em Caxias, em 1823, diante dos independentistas, incluindo os expedicionários comandados pelo Capitão-Mor do Crato — José Pereira Filgueiras, e Tristão Gonçalves de Alencar Araripe.

"O Autor, para fazer justiça aos verdadeiros heróis da libertação do Maranhão, fez êste livro, há anos, e sômente agora é publicado. Chegou a época em que precisamos divulgar no possível, as lutas épicas que Crato e o Cariri desempenharam, em prol da independência do Brasil, entre 1817 e 1824, lutas essas que se prolongaram, mais ou menos, até à MENORIDADE de Pedro II. Por isso, a editora cratense CADERNOS DO CARIRI resolveu publicar o oportuníssimo trabalho do Dr. Conde".

"Independência no Nordeste", editado em 1961, tem 57 páginas, e oferece as seguintes conclusões:

1. O Nordeste não aderiu à independência: Construiu-a duramente no campo de luta.
2. Fidié, hábil militar luso, constituiu grave risco para a unidade brasileira ao ensejo da guerra da Independência no Nordeste.
3. Impõe-se a necessidade da revisão dos manuais de história no sentido de fazer incluir a campanha da Independência no Piauí, Ceará e Maranhão, como obra de sentimento nacional e do esforço conjugado das populações nordestinas chefiadas pelos patriotas Simpício Dias da Silva, Manuel de Souza Martins e José Pereira Filgueiras". (Pág. 57).

A série ORTOGRAFIA, dos Cadernos do Cariri, editou "Dom Melo", escrito pelo Revdmo. Mons. Silvano de Sousa, e "Monsenhor Joviniano Barreto", de autoria do Revdmo. Pe. Neri Feitosa.

Ainda oferecem interesse histórico as séries CULTURA POLÍTICA e ADMINISTRAÇÃO.

#### VIII — SUGESTÕES:

1. Que, na medida do possível, se faça um levantamento descritivo das historiografias regionais.
2. Que se funde e mantenha um Boletim da Historiografia Nordestina.
3. Que a Historiografia Nordestina seja tema permanente dos Simpósios de História do Nordeste.

# Os Vales do Sul do Estado e a Serra do Araripe

## Plano de Ação para seu Aproveitamento

ANTÔNIO DE ALENCAR ARARIPE

O plano de aproveitamento da vasta área de terras de aluvião, planas e profundas, que constituem os vales do Carás, Riacho de Porcos, Cariús, Machado e Bastiões, para a produção de gêneros alimentícios e materias primas em geral e do chapadão do Araripe, para multiplas finalidades agro-pecuárias, está consubstanciado nos Projetos Ns. 1.183/48 e 337/51, que oferecemos á consideração do Congresso Nacional e se converteram na Lei n. 1.785-F, de 29.12.52.

Damos, hoje, a devida divulgação ás justificativas que informaram êsse planejamento, cuja execução nos parece capaz de modificar, com profundidade, os aspectos da fisionomia economica da região, onde se acham situados ditos vales.

### JUSTIFICAÇÃO

O presente Projeto, apresentado mais ou meros nos mesmos termos, na legislatura anterior, quando recebeu o número 1.183-48 e obteve pareceres unânimes favoráveis das Comissões de Polígono da Sêca, Agricultura e Obras Públicas, deixou de chegar ao término do curso regimental, por falta de pronunciamento da Comissão de Finanças, na posse de cujo relator permaneceu por mais de um ano.

Consubstanciando uma série de providências do maior interesse para o aproveitamento das riquezas potenciais que oferece uma das regiões mais futuras do Nordeste, impõe-se renovar a sua apresentação, que anteriormente justifiquei nos seguintes termos:

"O Sr. Presidente da República,

em Mensagem dirigida ao Congresso Nacional a 14 de março dêste ano, salienta existirem no Nordeste regiões que estão a exigir maior soma de trabalhos e cuidados: são as suas áreas problemas", com peculiaridades definidas e problemas específicos entre as quais nomeia "a região do Cariri" (pág. 237).

Acha o Chefe da Nação que ali se encontra um dos setores especiais do desenvolvimento da zona da sêca, onde se fazem sentir as necessidades de uma aplicação concentrada de recursos financeiros e técnicos.

A procedência dêsse conceito emitido na aludida peça oficial não pode constituir objeto de dúvida para quem quer que se preocupe seriamente com os problemas relacionados com a recuperação econômica daquela parte do país".

O Cariri é de certo uma das

“áreas férteis”, isto é, um dos “espaços tropicais e fora dos trópicos, nos quais o Brasil poderá desenvolver enormemente sua agricultura”, conforme acentuou, em conferência sobre os “Problemas Econômicos Fundamentais do Brasil”, o governador fluminense Sr. Cel. Macedo Soares. (Vide o livro “Falando aos Fluminenses”, pág. 103).

Dá-nos o seu testemunho, em igual sentido, um técnico autorizado no assunto, o Sr. Vasconcelos Sobrinho, quando, em seu livro recentemente editado e tão bem acolhido. “As Regiões Naturais de Pernambuco, o Meio e a Civilização”, acentua a ingratidão da serra do Araripe, em relação a esse Estado, de vez que deixa escoar suas águas “para as bandas do Ceará, onde extensas planícies, as mais belas de todo o Nordeste”, se beneficiam amplamente.

Nesta várzea, adianta o mesmo escritor, “presente do Araripe ao cearense, planta-se a cana de açúcar intensamente e a produção do arroz atinge o nível mais alto do Nordeste” (pág. 63).

Realmente, a região do Cariri, em que se integram onze Municípios cearenses, destaca-se pela prodigiosa riqueza de seu solo e abundância de produção agrícola em parte assegurada, mesmo no rigor das crises climáticas, em face das fontes que surgem nos flancos da precitada serra e possibilitam a permanente irrigação.

Dai a sua justa e tradicional classificação de legítimo oásis dos sertões naquele setor do país, onde o índice de elevada densidade demográfica atesta a existência de firme apoio econômico à vida das populações ali fixadas.

2. O projeto destina-se sobretudo ao aproveitamento das enormes riquezas potenciais da região, mediante a execução de um plano de obras delineadas com apoio na experiência

e nos estudos das peculiaridades locais.

Surge, em primeiro lugar, o sistema de barragens submersas sucessivas no leito do rio Salgado, em seu percurso entre os Municípios de Missão Velha a Icó. Já ali se conta uma, ou outra barragem desse tipo, construída sem a técnica e os recursos exigidos, mas cuja utilidade bem serve de franco apoio à presente iniciativa.

O Departamento Nacional de Obras Contra as Secas, reconhece a grande importância dessa medida de combate aos efeitos das calamidades climáticas, segundo parecer que há pouco teve oportunidade de proferir a respeito.

3. Há no Cariri, rochas permeáveis, por sua constituição de arenitos tenros e areias, onde as águas pluviais se infiltram até espessas camadas de calcáreo, daí deslizando para formar inúmeras fontes.

É o que ocorre no chapadão do Araripe, de 150 quilômetros de extensão e 15 a 30 de largura mais ou menos, que contorna os Municípios da aludida região e se situa nas fronteiras com os Estados de Pernambuco e Piauí.

Ali realmente se verifica a existência de fontes perenes, resistentes às mais intensas secas, cujas águas abundantes desde tempos imemoriais vêm sendo utilizadas para a irrigação, por processos rotineiros, de vasta sorte de terras, onde se destaca o cultivo da cana de açúcar e do arroz. A forma por que se aplicam as águas em apreço bem nos faz rememorar ao que estava em voga, a respeito da “matéria”, nos domínios do pai Adão, observa o notável geólogo Euzébio de Oliveira.

O projeto substancia a providência de um sistema de canais para a racional distribuição dessas águas que sofrem imenso desperdício, em seu permanente contato com a ter-

ra e os raios solares, a serem conduzidas através as tradicionais "levadas".

Poupado a essa dupla absorção, o líquido cristalino que se desprende dos flancos do Araripe passaria a ser aplicado com muito melhores resultados econômicos.

Em meio onde se eleva ao da própria terra o valor da água é manifesto que se revestem da maior importância as medidas destinadas à sua proveitosa aplicação.

Foi isso o que com acerto compreendeu o Ministério da Agricultura, ao iniciar os estudos e projetos da canalização das águas das nascentes do Cariri, que, infelizmente, por falta de recursos, deixaram de prosseguir. O projeto, assegurando a esse e outros serviços a permanência exigida, atende a uma das solicitações mais imperiosas da recuperação da economia do interior do Nordeste.

Ao plano da construção dessa rede de canais das águas das fontes do Araripe se segue o aproveitamento das características geológicas especiais desse chapadão, para a abertura de fontes artificiais, mediante o processo das galerias filtrantes, iniciado, com êxito real, por técnicos oficiais do valor de Euzébio de Oliveira e Gerson Faria Alvim.

Os mananciais do Cariri poderão ser profundamente acrescidos, desde que se continue essa obra de catação, deixada a meio caminho, quando estava praticamente evidenciado seu resultado, graças à descontinuidade de ação administrativa. Eis o que visa o projeto, na letra D, I do artigo 10.:

O vale de Carás compreende uma extensa planície de 50 quilômetros, por 3 a 6 de largura, mais ou menos, banhada pelo rio de igual nome, em seu percurso através os municípios de Crato, Juazeiro e Missão Velha.

Constituído de terras afamadas

por sua fertilidade, presta-se admiravelmente ao intensivo cultivo de arroz, que ali é produzido em alta escala, nos anos de invernos regulares.

Essa produção, além de ficar cingida ao período das chuvas (janeiro a maio), vez por outra, se reduz, ou chega até a desaparecer, desde que escasseiem, ou faltem, totalmente, as quedas pluviométricas.

A retenção das águas dos Carás, mais ou menos à altura do sítio "Inchu", em Crato, e de alguns dos seus principais afluentes, em sistema que assegure um serviço permanente de irrigação do aludido vale, constitui uma realização de extraordinário alcance para o desenvolvimento daquele setor do Nordeste.

Aponta-se o Araripe como "um dos fenômenos mais impressionantes do sertão", ou seja, entre os expoentes máximos de sua natureza.

Arrojado Lisbôa nomeia essa serra, que se alça cêrca de mil metros sôbre a caatinga, como "o que havia de melhor entre os melhores trechos dos sertões nordestinos".

Eixo da distribuição das chuvas, depósito de imensa massa d'água em seu subsolo, em virtude da porosidade das camadas, sua altitude e grande extensão, o domínio do poder público sôbre suas terras e o caráter nacional de sua floresta — tudo concorre para lhe destacar o vulto dominador em pleno âmago do sertão.

O projeto, contém o plano a ser executado para o seu aproveitamento econômico. Já aludimos às providências, quanto às fontes naturais perenes e abundantes, que brotam em seus flancos, graças às características espécies da respectiva constituição geológica.

Voltamo-nos agora, à limitação de zonas destinadas à agricultura e à pecuária de modo a pôr ao abrigo das invasões do gado os roçados dos

plantadores humildes e desprotegidos.

A serra do Araripe é, no Nordeste, o maior centro produtor da farinha de mandioca, alimento básico das populações sertanejas.

Nos anos de invernos regulares, outras pequenas serras e brejos contribuem para abastecer o mercado naquelas paragens, desse gênero alimentício, mas, quando surgem as grandes estiagens climáticas, aí é para aquele tradicional celeiro que se voltam os consumidores de enorme orla dos sertões adjacentes.

Desse enunciado decorre a extraordinária importância de que se reveste, para a região, a obra de amparo ao cultivo da mandioca em meio tão propício.

Utilizada para a agricultura e a pecuária, a dita serra desde remotos tempos se constituiu objeto de constantes conflitos entre os que se consagram a essas atividades, obrigando a administração de Pernambuco à fixação das devidas zonas em 1928.

Preferido o recurso do "valado", em face das inconveniências que ofereciam as cercas de arame, de pedra ou nativa, construiu-se o mesmo, ali em uma extensão de 122 quilômetros.

Foi, assim que na parte correspondente ao território pernambucano se pôs termo ao dissídio que ameaçava, senão aniquilar, pelo menos reduzir, profundamente o cultivo da mandioca em seu legítimo "habitat".

Em artigo sobre "O Valado da Serra do Araripe e o Problema de sua restauração", inserto no Boletim da Secretaria de Agricultura de Pernambuco de junho de 1936, o engenheiro Moreira Reis mostra que essa discriminação de zonas assume o caráter de ato do "mais alto descortínio, suficiente, pelos efeitos econômicos que pode produzir, para recomendar uma administração e descrever tôdas as providências que ali fo-

ram tomadas, em harmonia com esse enunciado.

No Ceará perdura, no Araripe, esse lamentável estado de luta entre agricultores pobres e pecuaristas abastados, cujos gados constantemente destroem os roçados de mandioca.

Daí provém, com os conflitos, a queda vertiginosa da produção de farinha, desde que os plantadores se sentem ao desamparo de garantias.

Eis um problema momentoso, a cuja solução também se propõe o projeto.

Segundo vimos, as camadas superiores do Araripe são constituídas de um arenito que permite a infiltração das precipitações pluviométricas até atingir à região do conglomerático, de onde se desviam dando origem às nascentes.

Por aí se verifica que no alto do chapadão a falta de água é absoluta, só se obtendo a mesma, até para as necessidades comuns do abastecimento de seus habitantes, com os maiores sacrifícios.

A abertura de poços profundos para a colheita daquele líquido é uma exigência imposta à obra de racional aproveitamento de tão vasta área de terra.

A construção de "barreiros" é ali um recurso complementar ao suprimento d'água: constituem uma espécie de açude peculiar à serra onde, feita uma escavação mais ou menos profunda, formando pequena bacia, e bem recalçada a terra se garante a impermeabilidade de um depósito do líquido precioso.

Coroa essas providências o estabelecimento de um campo de demonstração agro-pecuária, que se destine a difundir os métodos racionais de cultura e criação, dando a devida assistência técnica às atividades desenvolvidas.

Falando sobre a necessidade de aparelhar a região com as reservas necessárias para enfrentar as longas

estíagens, mostra o Ministro José Américo, em seu livro "O Ministério da Viação no Governo Provisório", ser preciso criar, na mesma, em zonas privilegiadas de cada Estado sêco (como o é o vale do Cariri) apoios econômicos, que garantam transformar a sua atividade embrionária, em núcleos de técnica agrícola, em celeiros permanentes, como um dos maiores fatores de combate à crise de trabalho e à miséria da sêca.

Está dentro dêsse raciocínio seguro o delineamento do presente projeto, que, aprovado e pôsto em execução, acreditamos atender a palpitantes necessidades da região, em que se farão sentir os seus efeitos. Assim, já o julgou a Assemblêia Legislativa do Ceará, em voto unânime proferido.

Em 25 de outubro de 1949. -- A-lencar Araripe".

3 Parecem-me oportunos, sôbre o assunto, os novos esclarecimentos que ora passo a expor.

A utilidade das barragens subterrâneas e submersas, com processo rápido e econômico de armazenamento d'água, está exclusivamente demonstrado em trabalho inserto nos Anais do Instituto do Nordeste (ex-1949, 1 págs. 12 e segs.), de autoria do assistente-técnico do Serviço Agro-Industrial do DNOCS o engenheiro-agrônomo Carlos Bastos Tigre, em que me cabe destacar os incisivos tópicos que a seguir se lêem:

"Não havendo matas, paisagens e grandes lavouras permanentes no Nordeste e sendo a sua geografia e fisiografia impróprias à retenção de humidade por longo tempo a fornecida mais extensiva de armazenamento d'água no subsolo, seria por meio de barragens subterrâneas e submersas".

"O armazenamento d'água por meio de barragens submersas e subterrâneas é tão antigo quanto por barragens de superfície e se retomemos em pesquisa remota, iremos encontrar-lo já codificado e regulame-

tado nos tempos Hamurábicos".

Dominar essas águas, com sucessivas barragens submersas e subterrâneas é uma das grandes maneiras de como conseguir, rápida, econômica e praticamente a retenção efetiva dêsse precioso líquido".

A catação de água, mediante as galerias filtrantes, na Serra do Araripe, e a construção de uma rede de canais para a racional distribuição das que jorram das várias fontes sopedâneas da dita Serra, eis uma iniciativa destinada a surpreendentes resultados, segundo claramente se deduz dos termos da emenda à proposta orçamentária de 1949 e sua justificação, assim redigidas:

N.º 761

07 — Departamento Nacional da Produção Mineral:

01. Divisão de Águas:

2. Despesas diversas:

Consignação I — Encargos Diversos:

— Irrigação e energia hidráulica:

Inclua-se:

— Ceará:

a) Continuação dos serviços de catação de água, mediante as galerias filtrantes da Serra do Araripe, no Ceará ..... 1.500.000

b) Continuação dos serviços de estudos e projetos e construção de um sistema racional de canais das águas das fontes do sopé da serra do Araripe, no Ceará ... 1.500.000

#### JUSTIFICAÇÃO

A presente emenda, versa sôbre empreendimentos de extraordinária importância para o desenvolvimento do Nordeste.

Os estudos de captação de água subterrânea foram ali auspiciosos-

mente iniciados pelo antigo Serviço Geológico, sob a direção pessoal dos notáveis técnicos engenheiros Eusébio de Oliveira e Gerson Farias Alvim. Em entrevista dada, nessa Capital, ao diário "A Nação", de 18 de janeiro de 1933, sobre o assunto, assim se expressou o Dr. Eusébio de Oliveira, cientista de raras méritos, cuja memória ainda hoje se enaltece, com justiça:

"Não se encontrou ainda uma solução para o problema das secas por causa da descontinuidade que há em seu ataque, tendo sido suspensos por muitos anos os serviços da Inspeção, e não havendo uma orientação segura e permanente nesse combate, que devia ser uma de nossas preocupações capitais.

O trabalho científico já feito é muito grande, e sem êle não se poderia fazer obra pública com base sólida. Já percorreram a região comissões de engenheiros, geólogos, botânicos e outros, e há vinte anos atrás foram reunidos em volumes os relatórios apresentados, formando um excelente fundamento para qualquer solução que se queira dar à falta de água que torna aflitiva a situação do nordeste.

### UMA SOLUÇÃO

A catação das águas pluviais ou a perfuração de poços não só não deram resultado, — prosseguiu o nosso entrevistado — como também representam um pesado sacrificio para o país, sendo que esta última medida encontra até a impossibilidade material de motores que façam a elevação das águas.

Sempre me interessei por essas questões, que fazem, aliás parte do Serviço Geológico, e as insistentes referências à existência de água no subsolo, com as indicações da sua profundidade, possuídos todos os cientistas pela convicção de que só os poços conseguiriam fornecer água à

população nordestina, levaram-me a concluir que a solução seria outra, mais fácil e mais barata.

E daí a minha viagem àquela região, para verificar com meus próprios olhos, e no próprio local, a verdade da conclusão a que chegara.

### ÁGUA ABUNDANTE

Felizmente — continua o Doutor Eusébio de Oliveira — o meu raciocínio, diante da impressão causada pelo grande número de fontes e brejos que guarnecem as bordas da chapada do Araripe, da Serra Grande, e outras, era verdadeiro em sua simplicidade.

É relativametne grande a quantidade de água ali existente, e já o Dr. Tomás Pompeu, há muitos anos, observou que as fontes das proximidades do Crato levava, suas águas até Icó, muito distante, como se pode facilmente verificar. Hoje essas águas ficam nos arredores de Juazeiro, mais não por terem diminuído, e sim pelo sistema primitivo de irrigação usado pela população de Cariri que, é curioso o verificar-se, irrigam em excesso suas plantas, por processos que deviam ter sido usados por Adão...

É necessário que se orientem tecnicamente os proprietários das fontes, a fim de que sejam utilizadas de forma racional, de modo a se multiplicar a sua eficiência. Esses olhos d'água são de uma grande importância na vida da população rural nordestina e isso se verifica nas escrituras de compra e venda de terras, onde são especificadas minuciosamente com a declaração expressa do número de "telhas" que poderão catar. As horas de catação, por dia, e a quantidade do líquido são objeto de longas questões.

### A CHAPADA DO ARARIPE

— A natureza, — disse-nos sorrin-

do o Dr. Eusébio de Oliveira — ao lado do mal, em geral põe o remédio. Assim, em vários pontos do Nordeste, em plena zona das sêcas mais terríveis existem chapadas de arenito, de formação sedimentária, muito mais recente do que as rochas das cercanias, que constituem verdadeiros filtros e depósitos enormes de água puríssima.

Em alguns dêles, a camada permeável, constituída de um arenito amarelo de grau grosso, em posição quase horizontal, é tão saturado d'água que, ao passar-se a mão na rocha, tem-se a impressão de que a areia e a água são em partes iguais. O mais interessante, pela sua posição podendo servir de manancial aos Estados de Pernambuco, Ceará e Piauí, é o chapadão do Araripe.

A princípio, as sondagens não deram resultado, nessa Chapada. Isso se explica, como é fácil perceber-se, pela posição de suas camadas, como já disse, quase horizontais, não havendo o que se chama estrutura.

Para que a água jorrasse de seus poços, era preciso estabelecer-se um desequilíbrio nos depósitos subterrâneos, com a sua abertura, pelo princípio dos vasos comunicantes, a água brotaria pois que ela existe, formando, nas escarpas, como nas fontes do Batateira e do Granjeiro, verdadeiros regatos subterrâneos.

#### A FONTE DO GRANJEIRO

— Para explicar bem o que se dá com o Chapadão do Araripe — declaramos o nosso entrevistado, — é preciso usar de uma comparação um pouca tósca. É essa chapada como um grande depósito, uma caixa d'água de centenas de quilômetros quadrados. Está coberta por uma tampa de arenito, cuja espessura varia pouco, mas é bem grande, atingindo por exemplo, como foi verificado em Mauriti, cinquenta metros, em Brejo dos Santos, e em outros pontos oi-

tenta e mais metros, conforme se verificou em várias sondagens.

Tirar a água por cima, perfurando a tampa, seria muito dispendioso e praticamente irrealizável, pois seria necessário fazer subir o líquido. Mas dos lados pela própria natureza do terreno, e pela situação horizontal do lençol, êsse trabalho se torna prático e fácil: é só abrir torneiras.

Assim, o meu companheiro o geólogo Dr. Gerson de Faria Alvim e eu, nos interessamos primeiramente pela fonte do Granjeiro, situada na escarpa do Chapadão, cento e cinquenta metros abaixo do seu nível.

Fizemos um corte de oito metros, e as águas espalhadas em uma região, relativamente grande, foram tódas para êsse canal, onde instalamos um cano de 15 polegadas, pertencente ao serviço de abastecimento de Fortaleza. A água colhida ocupa 6 polegadas dêsse cano, dada a sua grande velocidade, e metade apenas bastará para o abastecimento da cidade do Crato, e as suas obras seriam suficientes para a instalação de uma usina de energia elétrica.

#### FONTES ARTIFICIAIS

— Mas, — continua o Dr. Eusébio de Oliveira — a fonte do Granjeiro é uma obra da natureza, e o que fizemos foi o seu simples aproveitamento sistematizado, ou melhor, o primeiro passo nesse sentido.

Queríamos verificar a possibilidade de se fazerem fontes artificiais e, a um quilômetro do Granjeiro, fizemos a nossa primeira tentativa, aproveitando um ôlho d'água insignificante. Com picaretas, alavancas, marretas e também as cuias da região, e o auxilio de dois caboclos, abriu-se uma galeria que atingiu, agora, 16 metros de entrada na escarpa do chapadão.

— Eis o resultado — exclama o

geólogo, mostrando-nos um telegrama do prefeito do Crato.

— A fonte, que era insignificante, possui já duas polegadas d'água, como me comunica o Dr. Antônio de Alencar Araripe, que nos auxiliou eficazmente, e continua êle próprio os serviços encetados, para o bem do Crato, cuja prefeitura dirige.

A sua municipalidade é proprietária da metade da fonte Granjeiro, sendo seu co-proprietário o Sr. Coronel Brito, que também acompanha os trabalhos.

A medida que a galeria avança, a quota d'água aumenta, e está dêsse modo, perfeitamente verificada a possibilidade da criação de fontes artificiais tão abundantes quanto as naturais.

#### CENTRO AGRÍCOLA DE 1a. ORDEM

A chapada tem cerca de trinta quilômetros de largura, e se estende por cerca de mil quilômetros quadrados.

Tudo indica, portanto, que se trata de um formidável reservatório d'água, um tronco de onde partirão rios perenes, que irão fertilizar grandes zonas dos três Estados já indicados.

Além das fontes, existem grandes brejais cujas águas poderão ser purificadas e aproveitadas, desde que se façam canais, que virão transformar seus alagadiços em terras de cultura.

Por todos os lados, existem terras lavráveis e a zona centralizada pelo Araripe pode tornar-se um centro agrícola de primeira ordem, com imensa produção. São terras de excelente qualidade, e nelas dá tudo.

#### VINTE CIDADES RENOVADAS

Mas não é só o Crato — continua ainda o Dr. Eusébio de Oliveira — que possui a sua fonte, distante setenta quilômetros, com uma diferença de 270 metros, muitas outras locali-

dades terão no seu manancial abundância capaz de fornecer o bastante para suas necessidades, como também de sustentarem usinas de energia e luz elétrica.

Barbalha, Araripe, Jardim Missão Nova, Santana, Exú Velho, esta de Pernambuco, vinte outros, têm as mesmas possibilidades.

Exú Velho, cidade pernambucana, por exemplo, na borda das caatingas, possui terras de lavoura de primeira qualidade, e não as aproveitada por impossibilidade de cultivo determinada pela falta d'água, e nas mesmas condições estão as cidades de Chapada Grande.

#### A FELICIDADE DO CABOCLO

Os habitantes da Chapada do Araripe — explica o nosso interlocutor — descem a serra para buscar água em dorso de jumentos.

Agora, com a sêca, os jumentos estão exaustos, e é o próprio homem que carrega os barris.

Tenho estudado um meio de fazer a água subir até lá, pondo em serviços a força das fontes das escarpas.

Perguntei a um caboclo — terminou o diretor do Serviço de Geologia — o que faria se eu levasse à chapada meia polegada d'água.

Ah! nem me fale dessa felicidade, exclamou êle!"

Não se poderia recorrer à atividade de maior relêvo para tão bem justificar o objetivo das dotações, ora propostas.

A Assembléia Legislativa do Ceará compreendeu o elevado alcance, a que as mesmas se destinam, tendo solicitado a essa Casa do Parlamento a aprovação de projeto, em que já nos batemos por medidas semelhantes.

Cabe pôr em foco que o Sr. Presidente da República, em sua Mensagem de 14 de março dêste ano, nomeia o Cariri como uma daquelas re-

giões do Ceará "para onde devem ser convertidos os recursos financeiros-técnicos da União, destinados ao desenvolvimento do Nordeste (veja as fôlhas 237 e segs.).

Ora não há serviço, naquela privilegiada região do Ceará, de maior importância para a recuperação de sua economia do que êsse da captação de novos mananciais de água e do racional aproveitamento dos que ali já se contam.

Sala das Sessões, 4 de julho de 1949 — Alencar Araripe.

4. Os objetivos do Projeto em parte já estão sendo alcançados mediante a inclusão de verbas na lei orçamentária de 1950 e 1951 para:

a) estudos e projetos de um sistema de açudes públicos no Riacho do Carás e seus principais afluentes, de modo a garantir a irrigação do respectivo vale, nos municípios de Crato, Juazeiro e Missão Velha;

b) prosseguimento dos serviços de catação d'água da Serra do Araripe e estudos e projetos para o aproveitamento racional das águas das fontes da mesma serra (Ministérios da Viação, verba 4, consignação VIII, e Agricultura, verba 3, consignação 1,59 — 02 — Div. Águas, 3).

O Orçamento de 1950 contem dotação destinada às barragens submersas no rio Salgado, e o do atual exercício reservou-as para os estudos e projetos dos açudes "Atalho" e "Várzea Alegre", nos vales do Riacho de Porcos e do Machado.

A respeito desses empreendimentos, abrangidos no Projeto, o que se visa, é assegurar a continuidade das respectivas obras. As medidas relativas ao aproveitamento econômico do vasto chapadão do Araripe, constituído de terras devolutas que se prolongam através as fronteiras do Ceará com Pernambuco e Piauí, encontram franco apoio nas sugestões expendidas em recente trabalho sobre a região, no qual se acentua: "Todos concordamos que para anular, em

parte, os efeitos desastrosos das secas periódicas que nos afligem, precisamos de "muitos açudes, pequenos e grandes", com seus complementos necessários, os canais de irrigação, de boas estradas de rodagem, de ensinar às massas rurais o modo de cultivar a terra, etc.

Quanto ao Cariri, "urge que façam água em cima do planalto do Araripe". Nosso matuto já inventou o "barreiro", buraco cavado no chão da chapada, batido a malho ou pisado a pata do gado, até a impermeabilidade do terreno.

Com alguns milhões de cruzeiros, não muitos, poderiam os governos constituir centenas desses pequenos lagos.

Se assim se fizesse, "veríamos multiplicar-se no chapadão, espantosamente, as lavras de mandioca, o pão do sertanejo, as do abacaxi, maniçoba, etc. Transformar-se-ia, também, a serra num dos maiores campos de criação de gado vacum de todo o nordeste brasileiro".

As águas das fontes das faldas do Araripe regam os sítios de ao sopé da chapada e os dos brejos que lhes ficam abaixo alguns quilômetros. Nesse trajeto "é natural se perca, por infiltração, considerável quantidade de água.

"Por que se não adotarem medidas que façam chegar aos brejos as águas das nascentes, sem essa grande perda?"

Se cavarmos "barreiros" em cima do chapadão, cercarmos de árvores as fontes sopedâneas desta, aproveitarmos, por um racional sistema de irrigação, toda a água que jorrar de seu bojo, extinguirmos, em fim, os formigueiros, será o maciço araripano um dos Maiores Elementos Contra os efeitos das secas que assolam um imenso trecho do território nacional" ("O Cariri", do Dr. Irineu Pinheiro, págs. 278-279).

O projeto n.º 1.183-48, ora renovado com sucinto aditamento, mere-

ceu voto unânime de aplausos da Assembléa Legislativa do Estado, cujos membros bem compreenderam a profunda repercussão que teriam na vida econômica cearense as medidas nele consubstanciadas.

O deputado Ademar Távora, penejador experimentado, que constantemente ilustra as páginas do diário fortalezense "O Povo", em artigo sobre "Projeto bem inspirado", depois de lhe exaltar o largo alcance dos objetivos, conclui:

"Cada uma daquelas medidas será de grande proveito para a economia cearense e, por isso, é de esperar-se que se converta em lei o projeto do deputado Alencar Araripe, não deixando o govêrno se transforme em letra morta, a autorização que lhe vai conceder o Congresso Nacional para devolver a esta terra, tantas vezes flagelada pelos elementos e mal-sinada pelos homens, uma pequena parte dos tributos que, mesmo suando sangue, os seus filhos anualmente pagam à nação".

5. A regularização dos rios no Nordeste é uma exigência para evitar as inundações e garantir a segurança das obras de irrigação, a que se pretende atender com a construção das barragens pertencentes aos diversos sistemas projetados na região.

As obras do sistema do Jaguaribe, em que se destaca a construção de Orós, com a capacidade de cêrca de 4 bilhões de metros cúbicos de água, dominarão o curso do mais importante rio do Ceará.

O Salgado, que se destaca em segundo lugar, entre os afluentes do Jaguaribe, reclama providências semelhantes para se libertar das inundações de tão danosas consequências.

O Inspetor das Sêcas, engenheiro Luís Vieira, em Relatório sobre os trabalhos realizados no triênio de 1931 a 1933, salienta a necessidade de reter as águas das enchentes do Salgado, onde se mostrar mais conveniente.

Afora o açude de Lima Campos, nenhum outro ali se construiu, ou ao menos se tinha projetado, até os últimos tempos.

Coube-me a iniciativa de obter dotações para os estudos e projetos, já concluídos e aprovados, dos açudes "Latão", em Santanópolis, e "Quixabinha", em Mauriti. O orçamento em vigor registra verbas para os estudos do "Várzea Alegre", no vale do Machado, e do "Atalho", no Riacho de Porcos, em Brejo Santo. Estão em via de conclusão os que também suscitamos, quanto ao "poço de Pedra", em Campos Sales.

Construam-se, além desses reservatórios, o "Poço da Volta", em Jati (Jardim), o "Vazante", em Mauriti, o "Riacho da Roça", em Quixará, o "Pilar", o "Bravas", e o "Fortuna", nos riachos desses nomes, em Assaré, e o "Felipe", em Jucás, todos da bacia do Salgado, e, assim estará "ipso facto" regularizado esse impetuoso curso d'água, e, ao mesmo tempo, garantida a irrigação de vasta sorte de terras da melhor qualidade ocupada por densa população tradicionalmente dedicada aos labores agrícolas.

O programa de obras enunciadas no presente projeto constitui um poderoso conjunto de medidas do mais elevado alcance, destinadas a transformar completamente o "facies" econômico e social da região em que tem de ser postas em prática.

O projeto estabelece meios eficazes para a criação de riquezas básicas onde domina o pauperismo, devido à inconstâncias climatéricas, cujos efeitos objetiva uma série de providências, a cuja execução sem dúvida está prêso o destino de imensos núcleos populacionais do interior.

E em nome dos vossos interesses das mesmas, que clamamos por sua aprovação.

Sala das Sessões, 8 de maio de 1951. — Alencar Araripe.

I — Pedro Gomes de Matos, o biógrafo de Capistrano de Abreu, enfeixou em volume a palestra com que tomou posse no Instituto Cultural do Cariri: "Gomes de Matos: O Advogado Que Marcou Uma Época", na qual, exalta, justiceiramente, o Gomez, figura inesquecível do Ceará pela cultura, pelos dons oratórios, pela bondade. O autor, escritor modesto, mas de qualidade excepcional de artista, para enriquecer o trabalho, transcreveu o depoimento de jornalistas e intelectuais que tiveram a felicidade de conhecê-lo de perto.

II — Do mesmo autor é o livreto "A Poesia Emocional de Pedro Mavignier", em que, à medida em que vai transcrevendo os sonetos, os vai comentando inteligentemente. É mais uma face desconhecida de Pedro Gomes de Matos, o de crítico literário. Esse folheto foi oportuno para que não ficassem esquecidos os sonetos de Pedro Mavignier, pessimistas como os de Augusto dos Anjos, mas banhados de verdadeira poesia.

III — Recebo o n.º 14 de Itaytera, a bela revista do Instituto Cultural do Cariri, com inúmeras colaborações. O General Raimundo Teles Pinheiro está presente nessas páginas com uma palestra intitulada "O Dia Santo da Pátria", na qual mais uma vez, êsse brilhante Soldado tece um hino ao Brasil. Há ou-

tros trabalhos de valor: "História da Indústria do Charque gaúcho fundada por um cearense"; "Eu conheci Antônio Silvano", de Raimundo Rocha (um parêntese: eu, Abdias Lima, também o conheci no Recife e com êle palestrei); o discurso do Prof. José Newton Alves de Sousa, saudando o escritor Tomé Cabral Santos, na ocasião em que êste tomava posse no Instituto Cultural do Cariri; a resposta do recipiendário. Itaytera tem como diretores J. de Figueiredo Filho, Pe. Antônio Gomes de Araújo, J. Lindemberg de Aquino, Raimundo de Oliveira Borges, Prof. José Newton Alves de Sousa e Jeferson de A. e Sousa, todos homens de letras.

—:—:—

"FATOS E DOCUMENTOS DO CEARÁ PROVINCIAL", de José Aurélio Saraiva Câmara, fixa uma época. Nele emerge do passado o Ceará, através de lutas e sofrimentos que bem o identifica como célula das mais atuantes na evolução do povo brasileiro.

Condensando fatos e documentos, com objetividade e critério, presta o autor valioso serviço às letras históricas.

Todo o século XIX, está no aludido livro: economicamente, politicamente, socialmente.

E além do enfoque das nossas condições climáticas, repelindo do meio o homem ao longo de duzentos anos, o espírito

# Euclides e o Sertão

PEDRO GOMES DE MATOS

Em "Euclides da Cunha, Um Civilizador do Cariri", J. de Figueiredo Filho, que se proclama "autêntico filho do âmagô do Nordeste", e cuja inteligência tem estado por inteiro a serviço do Cariri cearense, — mostra o pioneirismo com o qual Euclides da Cunha, n'OS SERTÕES, tornou conhecido o Nordeste brasileiro, não somente quanto à sua geografia, quanto à capacidade de luta do sertanejo contra o meio agressivo e hostil.

Não foi sem razão — e isso o acentua Figueiredo Filho — que Araripe Júnior anteviu em Euclides, além do escritor amadurecido, o homem que sentiu em sua plenitude a "alma do Nordeste".

Na magnífica síntese de Figueiredo Filho (Separata da "Revista de História", n.º 38 — São Paulo, 1970) — aparece o Nordeste tal como o descreve Euclides, trágico e bravo, com a legenda que por longos anos se fez desafio: — Estamos conde-

---

de liberdade reponta em tôdas as campanhas de que a Província participou, interiores e exteriores.

Fruto de exaustivas pesquisas, "Fatos e Documentos do Ceará Provincial", é trabalho de Mestre, de quem ama a historiografia, não como logografia, mas como ciência que ela o é.

(Correio do Ceará, 21.09.70).

P.G.M.

nados à civilização, ou progredimos, ou desaparecemos".

Sem aprofundar o mérito de certos temas, há no aludido trabalho de Figueiredo Filho opiniões valiosas, inclusive do ponto-de-vista político-religioso daquela privilegiada e discutida região do Nordeste brasileiro.

A título de exemplo, vale a afirmativa que se segue: "A cidade cearense (Juazeiro do Padre Cícero), não se revoltou contra o governo federal. Por incrível que seja, foi êste que a atirou contra o governo estadual do Ceará, o Tenente-Coronel Marcos Franco Rabêlo".

Na campanha de Canudos, observa com agudeza Figueiredo Filho, o Exército aprendeu uma lição que não constava dos seus manuais de Ensino de Guerra — o imprevisto das tropas de Antônio Conselheiro "entocadas em grotões, entrincheiradas em casebres destruídos, ou escondidas no mato, na vegetação xerófita". E aponta um paralelo: "A maior luta no Paraguai não foi a de derrotar o militar inimigo, e sim o de contrapor-se ao ambiente hostil desconhecido".

Parabenizo Figueiredo Filho, meu colega e amigo particular, pelo excelente trabalho que produziu, e estou em que Euclides foi um descobridor da alma nacional, sobretudo do sofrido povo do Nordeste.

## IRMANDADES —

### FELIX LIMA JÚNIOR

Poucos leigos têm escrito sobre o papel das irmandades na sociedade brasileira. No entanto, tiveram papel de relêvo em vilas, cidades, e até em capitais de grande proporção. E ainda hoje atuam regularmente, apesar das múltiplas sociedades que existem, em todos os sentidos, no mundo leigo. Fiquei deveras entusiasmado com o movimento vicentino de São Paulo, capital, onde assisti reuniões em salões grandes repletos e vi o bem que os membros das sociedades fazem, entre a população pobre.

Felix Lima Júnior, o bom escritor de Maceió, dos nossos bons colaboradores de fora, autor de vários livros, bem conhecidos, acaba de escrever opúsculo com o título "IRMANDADES", editado pelo Departamento de Ciência e Cultura da Secretaria da Educação e Cultura do Governo de Alagoas. É a história de suas irmandades e atuação no meio católico de Maceió, escrita com aquela linguagem simples e empolgante que tanto conhecemos e apreciamos através de edições de ITAYTERA. Em suma é êle dos principais e meticolosos pesquisadores históricos do Nordeste.

## PROTESTO JUDICIAL

Dr. José de Siqueira Cavalcanti é advogado, com vasta clientela, na capital de São Paulo. Muito conhecido no meio jurídico, acaba de lançar opúsculo, editado pela EMPRÊSA GRÁFICA DA REVISTA DOS TRIBUNAIS S.A. São seus co-autores, os advogados, Antônio dos Santos Oliveira, Maria Luiza Cavalcanti Azevedo, Evercor Fortes Salzano, e Mário Salman Filho. O trabalho, bem fundamentado, demonstrando conhecimentos jurídicos profundos, é o PROTESTO JUDICIAL INTERPOSTO PELO DR. KARL HEINZ GROBE CONTRA MANOEL SALA — São Paulo.

## TRADIÇÕES BRASILEIRAS

A escritora Maria Amália C. Giffoni é das grandes folcloristas paulistas. Acaba de escrever "TRADIÇÕES BRASILEIRAS", divididas em duas partes: "Manifestações Coreográficas Ligadas ao Trabalho" e "A Presença da Dança nas Cerimônias Nupciais e a sua Contribuição ao Namôro". É separata da "REVISTA DO INSTITUTO HISTÓRICO e GEOGRÁFICO DE SÃO PAULO". Demonstra inteligência e senso profundo de pesquisa. A gente lê tudo com agrado. Aliás é ela das melhores folcloristas de São Paulo e do Brasil.

Recife continua a ser o cenário de intenso movimento intelectual. Mário Souto Maior lançou agora ótimo livrinho de versos modernos, cada qual o melhor. Muitos são impregnados de sadio espiritualismo. Vejamos — “MÃOS VAZIAS”, jóia preciosa:

QUANDO UMA ESTRÉLA CADENTE RASGAR O CÉU  
E ME MOSTRAR O CAMINHO DA ETERNIDADE  
SEM AMOR, SEM CARINHO, SEM POESIA,  
— COMO OUSAREI ME APRESENTAR AO SENHOR?  
SE NADA FIZ POR SUA GLÓRIA  
SE NADA FIZ POR SEU AMOR  
E SE AGORA TRAGO MINHAS MÃOS VAZIAS?

### A REVOLUÇÃO DE 30 NO CEARÁ

No ano passado, editado, com esmero, pela Imprensa Universitária, em Fortaleza, foi lançada a REVOLUÇÃO DE 30 NO CEARÁ, livro que já se fazia necessário. Seu autor é nosso consócio Otacilio Anselmo e Silva, colaborador de “ITAYTERA”, ocupante da Cadeira n.º 7, que tem como patrono o poeta jardnense Barbosa de Freitas e autor consagrado de “PADRE CÍCERO — MITO E REALIDADE”.

Ele mesmo tomou parte ativa no levante do batalhão do Ceará que ficou acantonado em Sousa, na Paraíba. Descreve bem a conspiração nos quartéis. O contacto secreto dos oficiais que fizeram o movimento, sob mil vigilância dos elementos fiéis ao governo de então. No dia da eclosão da luta, em sintonia com o movimento que se deu em todo o Brasil a derrubar o Presidente Washington Luís, que represen-

tava um governo já impopularizado, escravizado à politicagem decaída, veio a reação do comandante do batalhão até à loucura, de seu comandante Pedro Ângelo, sendo assim sacrificado. Dali por diante foi marcha triunfal, até Fortaleza, onde foi empossado, como Interventor, o veterano revolucionário Dr. Manuel do Nascimento Fernandes Távora, irmão do chefe da rebelião do norte — General Juarez Távora.

Todos os acontecimentos são descritos com linguagem simples, baseados em seu testemunho, em documentos e na informação segura de bons companheiros da jornada vitoriosa de 1930. Na luta de Sousa, tomou parte o nosso conterrâneo — Tenente João de Pinho Pereira, com o devido destaque.

---

Anuncie em

“ITAYTERA”

# “Guerras Platinas no Segundo Reinado”

PEDRO GOMES DE MATOS

O Gen. Ramiundo Teles Pinheiro é um penitente no culto da Pátria, e a ela, ao longo de 30 anos de efetivo serviço na vida militar, já deu êle o máximo que pôde, já como Comandante do C.P.O.R./10, da Escola Preparatória de Cadetes e do Colégio Militar de Fortaleza, e já como Chefe do Estado-Maior da 10a. Região a das Sub-seções de História e Geografia, respectivamente, da 5a. Seção do Estado-Maior do Exército.

Sócio do Instituto Cultural do Cariri e sócio (correspondente) do Instituto do Ceará, às letras históricas, particularmente às que dizem respeito à Independência e aos sucessos político-militares do Segundo Reinado, tem o Gen. Teles Pinheiro emprestado uma eficiente colaboração inclusive como conferencista dos mais solicitados ao ensejo das solenes comemorações das nossas datas cívicas.

Extremamente modesto, aponta os seus trabalhos como frutos de compilação no que, aliás, revela, quando é o caso, a honestidade da qual não pode nem deve furtar-se o historiador. Mas os trabalhos do Gen. Teles não são, como êle o diz, meros arranjos ou compilações. Neles há sempre uma achega, uma observação, uma interpretação própria, de maneira a enriquecer temas à primeira vista sem maior interesse, por esgotados.

Embora a temática seja a mesma, o enfoque não se faz co-

mo se estivéssemos a ouvir um ritornelo. E nisso, precisamente, é que está o mérito, a capacidade do Gen. Teles Pinheiro. Nisso é que êle se revela artista, isto é, no apresentar, com nuances e perspectivas novas, os assuntos que aborda calcadas na melhor massa documentária. Essa a característica dos seus escritos.

Quanto mais comum a temática tanto mais se constitui ela um desafio às qualidades do escritor. Realmente, por mais trabalhado, há ainda e sempre um pouco de refino a dar ao minério, máxime quando o fato histórico envolve implicações geográficas, econômicas, sociais, políticas e estratégicas. Daí a inesgotável fonte de recursos que o Gen. Teles tem ao seu dispor, e da qual se serve para não cair no terra-terra, no lugar-comum.

“Guerras Platinas no Segundo Reinado — Projeção de Caxias na Guerra Contra o Governo do Paraguai” é o tema de uma palestra proferida a 18 de agosto último pelo Gen. Teles Pinheiro no “Programa Integração Cultural C. P. O. R. — U.F.C.”, a convite da Universidade Federal do Ceará. Lendo-a, já em plaqueta, por nímia gentileza do autor, em mim e mais uma vez, se firma a convicção de que o Gen. Raimundo Teles Pinheiro, como conferencista e como escritor, tem, entre outras, uma virtude: apresentar velhos temas de uma maneira nova.

# Poesia

LUCIA DORE

Ao Prof. Figueiredo Filho

*Vejo á minha frente um rosto  
Envolvido em serena bondade  
Seu riso frágil e meigo  
Retrata a sinceridade*

*Cabelo branco lhe enfeita  
A fronte nobre e altiva  
Olhando-o sintindo desejos  
Que êle muito tempo viva*

*Caráter firme, um passado limpo  
Tantos amigos, milhões de admiradores  
E professor seu dever cumpre  
Aos analfabetos leva luz e côres*

*Fitando êsse homem culto  
Tornei-me sua admiradora  
E guardando prá mim êsse exemplo  
Desejo ser boa professora*

*E como ele, encaminhar almas  
Pela estrada vasta do saber  
Até que minha visão se turve  
E as letras não mais possa ver.*

Crato, 8 de Janeiro de 1971

**OFICINA MECANICA**

---

**A Independente**

*Paulo Barbosa Amorim*

Especializada em soldas elétricas  
e oxigênio e torneamentos, etc.

Serviços em geral de TRATORES  
e MOTORES de todos os tipos

— Ainda confecciona móveis para Hospitais e  
Residências, Birou de Aço, Stand, expositor de  
todos os tipos, esquadrias, portas tipo sanfona,  
estruturas metálicas, com perfeição e garantia.

SINCERIDADE NOS NEGOCIOS !  
PONTUALIDADE NAS ENTREGAS !

**Rua Almirante Alexandrino, 708 / 714**

**FONE: 636**

**CRATO - Ceará**

# E. C. A. P.

Escritório de Contabilidade, Administração e Planejamento

DIREÇÃO DE

**RAIMUNDO CELESTINO DA COSTA**

TÉCNICO EM CONTABILIDADE

SUPERVISÃO DE

**JOSÉ PRIMO DE BRITO**

ECONOMISTA E TÉCNICO EM CONTABILIDADE

CONTABILIDADE

{ PÚBLICA

{ COMERCIAL

{ INDUSTRIAL

{ AGRO-PASTORIL

ORGANIZAÇÃO E MODIFICAÇÃO DE SOCIEDADES

DEFESAS DE MULTAS E RECURSOS FISCAIS

CONSULTAS E PARECERES FISCAIS, CONTÁBEIS, TRABALHISTAS

E PREVIDENCIÁRIOS

ASSESSORAMENTO MUNICIPAL

PLANEJAMENTO E

DEMAIS ASSUNTOS CORRELATOS

ACEITAMOS CHAMADOS PARA CIDADES CIRCUNVIZINHAS

RUA JOSÉ DE ALENCAR N.º 139

NO CRATO PARA SERVIR O CARIRI!